



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDREA DEL PILAR LOZANO BOHÓRQUEZ

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA
COLÔMBIA**

TEORIA, HISTÓRIA E SUBJETIVIDADES

RIO DE JANEIRO

2021

ANDREA DEL PILAR LOZANO BOHÓRQUEZ

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA
COLÔMBIA**

TEORIA, HISTÓRIA E SUBJETIVIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANDREA DEL PILAR LOZANO BOHÓRQUEZ

**O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA
COLÔMBIA**

TEORIA, HISTÓRIA E SUBJETIVIDADES

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/____

Professor Doutor:
Orientador – UNIRIO

Professor Doutor:
Sigla da Instituição

Professor Doutor:
UNIRIO

AGRADECIMENTOS

Escrever na distância não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se escreve sobre paz ao tempo que se lê nos jornais sobre um país que se dessangra. Estes anos de mestrado foram anos difíceis, não só por conta da pandemia, que fazia com que as saudades e a preocupação pela família e os amigos fosse maior; mas pela angústia que produzia ler o ressurgimento da violência e da repressão de um governo que pouco se importa por seu povo. Foi um pouco mais alentador, mas também agridoce, ver a maravilhosa insurreição popular que se foi formando nas ruas, nos bairros, e que embora as dolosas cifras da brutal repressão, representam a esperança de um país que não descansa, e continua sonhando melhores futuros. A todos eles, agradeço e reitero: “Posso estar longe, mas nunca estarei ausente”.

Também quero agradecer ao Brasil, país que me acolheu, e onde me senti como em casa desde o primeiro dia. À Casa do caminho que me permitiu vivenciar as realidades da ruralidade carioca; a Espanhol para todos e ao pessoal da Maré que me abriram as portas de compreensão das favelas; à Unirio, aos professores, aos colegas e a meu orientador que se aventurou a entrar num tema pouco explorado dentro do campo acadêmico da educação brasileira; À educação pública e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento, sem o qual, muitos conhecimentos morreriam antes de ser engendrados.

Agradeço também ao Liceo Fesan e à casa de acolhimento do Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, assim como às meninas e meninos que compartilharam comigo suas histórias, suas experiências, suas observações sobre o mundo e seus sonhos, eles também são esperança de um melhor amanhã.

Por último, agradeço a minha família. A meus pais pelo apoio incondicional nas aventuras que sempre estou empreendendo; ao Thalito por seu amor, companhia e compromisso inquebrantável, e à Ramona por acompanhar minhas longas horas de trabalho.

RESUMO

O presente trabalho expõe o processo de desenvolvimento da educação para a paz na Colômbia a partir da perspectiva processual de Norbert Elías, que considera tanto as mudanças nas estruturas sociais, como as transformações nas estruturas psicológicas. Consequentemente, e com base numa metodologia que combina a análise documental de fontes primárias e secundárias, com uma reconstrução autobiográfica, e rodadas de conversa e entrevistas semiestruturadas; analisamos três eixos de desenvolvimento articulados: 1. Conceptualização teórica: Perspectiva da paz positiva e pedagogias para a paz, que entendemos como uma mudança epistemológica inserida numa transição paradigmática; 2. Desenvolvimento histórico. Em nível global e regional, o vínculo entre a regulação transnacional realizada pela UNESCO a partir dos anos 80 e o desenvolvimento de políticas de memória e convivência escolar, bem como as experiências de educação popular e teologia da libertação na América Latina. No nível local, a articulação ao longo da história colombiana entre conflito, educação e pesquisa social, o que dá conta de uma paulatina transformação nas visões e articulação dos atores - grupos armados, políticos, acadêmicos, organizações de base - no posicionamento da educação para a paz como questão central nas políticas públicas, concretizada juridicamente a partir da constituição de 1991 e atingindo seu ápice a partir do acordo de paz de 2016. 3. Processos de subjetivação vistos a partir da experiência de vida da mesma pesquisadora, bem como na ótica dos alunos do Liceo Fesan e as meninas sob custódia de uma casa do Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, o que mostra que, independentemente da origem social, ou das diferentes trajetórias biográficas, a violência, o conflito e a paz na Colômbia têm permeado os modos em que os jovens pensam e sentem suas realidades.

Palavras chave: Colômbia. Educação para a paz. Processo de Desenvolvimento.

RESUMEN

El presente trabajo expone el proceso de desarrollo de la educación para la paz en Colombia desde la perspectiva procesual de Norbert Elías, que considera tanto los cambios en las estructuras sociales, como las transformaciones en las estructuras psicológicas. En consecuencia, y a partir de una metodología que combina el análisis documental de fuentes primarias y secundarias, con una reconstrucción autobiográfica, y ruedas de conversación y entrevistas semiestructuradas; Analizamos tres ejes articulados de desarrollo: 1. Conceptualización teórica: Perspectiva de paz positiva y pedagogías para la paz, lo que entendemos como un giro epistemológico inserto en una transición paradigmática; 2. Desarrollo histórico. En un nivel global y regional, el vínculo entre la regulación transnacional efectuada por la Unesco a partir de los años 80 y el desarrollo de políticas de memoria y convivencia escolar, así como experiencias de educación popular y teología de la liberación en América Latina. A nivel local, la articulación a lo largo de la historia colombiana entre conflicto, educación e investigación social, lo que da cuenta de una paulatina transformación en las visiones y articulación de los actores -grupos armados, políticos, académicos, organizaciones de base- en el posicionamiento de la educación para la paz como asunto central en tema de políticas públicas, concretizado legalmente a partir de la constitución de 1991 y alcanzando su punto máximo a partir del acuerdo de paz del 2016. 3. Procesos de subjetivación vistos desde la experiencia vital de la misma investigadora, así como desde la perspectiva de los estudiantes del Liceo Fesan y las niñas bajo custodia de una casa del Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, lo que da cuenta, que, sin importar el origen social, o las distintas trayectorias biográficas, la violencia, el conflicto y la paz en Colombia, han permeado las formas en que los jóvenes piensan y sienten sus realidades.

Palabras clave: Colombia. Educación para la paz. Proceso de Desarrollo.

ABSTRACT

This work espouses the development process of peace education in Colombia from the processual perspective of Norbert Elias, who considers both changes in social structures and transformations in psychological structures. In consequence and from a methodology that combines the analysis of primary and secondary bibliographical sources with an autobiographical reconstruction and conversation rounds and semi-structural interviews; We analyze three articulated axes of development: 1. Theoretical conceptualization: Perspective of positive peace and pedagogies for peace, which we understand as an epistemological turn inside of a paradigmatic transition; 2. Historical development. At a global and regional level, the link between transnational regulation and realized by Unesco from the '80s, and the development of memory policies and school coexistence, as well as experiences in popular education and liberation theology in Latin América. At a local level, the articulation throughout Colombian history between conflict, education and social research that accounts for a gradual transformation in the visions and the articulation of actors -arm groups, politics, academics, grassroots- in the positioning of peace education as a central issue in public politics, legally concretized as of the 1991 constitution and reaching its peak as of the 2016 peace agreement. 3. Subjectivation process seen from the vital experience of the same researcher, as well as, the perspective of Liceo Fesan students and girls in custody by Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, that shows that regardless of the social origin, or the different biography trajectories, the violence, the conflict, and the peace in Colombia have permeated the forms in which young people think and feel their realities.

Keywords: Colombia. Peace education. Development Process.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Triângulo da violência de Johan Galtung.....	23
Gráfico 2. Padrão Roda de Conversa Liceo Fesan.	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Cultura de guerra – cultura de paz. Fonte: Elaboração própria.	46
Tabela 2. Oferta de prostrados na Colômbia relacionados aos contextos de paz.....	94
Tabela 3. Dados demográficos pesquisa de campo. Fonte: Elaboração própria	106

SUMÁRIO

ADVERTÊNCIA AO LEITOR	12
INTRODUÇÃO	13
O PLANO TEÓRICO	17
CAPÍTULO 1 - DOS ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA AOS ESTUDOS SOBRE PAZ	17
1.1 Pesquisas sobre paz. Um giro epistemológico numa transição paradigmática.....	21
1.2 O que entendemos por paz?	25
CAPÍTULO 2 - ENTRE A EDUCAÇÃO PARA A PAZ E AS PEDAGOGIAS PARA A PAZ	27
2.1 Antecedentes da educação para a paz	28
2.1.1 Escola Nova	28
2.1.2 Unesco.....	29
2.1.3 A ciência da paz.....	29
2.1.4 Teoria Gandhiana	30
2.2 O que é a educação para a paz?	30
2.3 Fundamentos da educação para a paz.....	33
2.3.1 Paz positiva	33
2.3.2 Perspectiva criativa do conflito.....	33
2.3.3 Direitos Humanos, participação política e democracia.....	34
2.3.4 Desenvolvimento: humano e sustentável.....	34
2.3.5 O cotidiano como cenário de transformação cultural.....	35
2.4 Implicações educacionais	36
2.4.1 Estrutura e organização escolar.....	36
2.4.2 Metodologias	37
2.4.3 Avaliação.....	38
2.4.4 Educação com ênfase territorial e pedagogias para a paz.....	38
SOCIOGÊNESIS	41
CAPÍTULO 3 - A REGULAÇÃO TRANSNACIONAL E A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA AMÉRICA LATINA	41
3.1 Paz e educação na regulação transnacional	43
3.2 Educação para a paz na América Latina	48
3.2.1 Educação para a paz como assunto de políticas públicas	49
3.2.1.1 Memória. O reconhecimento das vítimas:.....	50
3.2.1.2 Convivência escolar. O conflito na escola:	52
3.2.2 Educação para a paz na educação não formal.....	56

3.2.2.1 Filosofia da libertação:.....	57
CAPÍTULO 4 - PENSANDO A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA COLÔMBIA	62
Antecedentes, história e alcances	62
4.1 Inícios e formas de nação.....	63
4.2 <i>La Violencia</i> e o novo panorama internacional.....	67
4.3 A insurgência, o sistema global e os <i>violentologos</i>	69
4.4 Novos atores no jogo	74
4.5 Esperanças e rupturas de paz	77
4.6 2010-2018 Novos ares de paz.....	85
4.7 As Cátedras de paz.....	89
4.8 Com Vistas no pós-conflito	92
4.9 Resumindo.....	95
PSICOGÊNESIS SOBRE O TRABALHO INTELECTUAL E OS PROCESSOS DE SUJETIVAÇÃO	97
CAPÍTULO 5 - O TRABALHO INTELECTUAL E O LUGAR DO PESQUISADOR. 97	
5.1 Uma licença autobiográfica	100
5.1.2 Entre brincadeiras próprias e alheias	102
CAPÍTULO 6 - SUBJETIVIDADES DOS JOVENS COLOMBIANOS DE HOJE Os estudantes do Liceo Fesan e as meninas do ICBF	105
6.1 Introdução etnográfica	107
6.2 I Momento.....	111
6.2.1 O que entendemos por violência e paz?.....	111
6.2.2 Entre a mediatização da violência e o dever ser dos discursos de paz.....	113
6.2.3 A questão venezuelana	115
6.2.4 Pobreza e marginalidade:	118
6.2.5 Sobre o conflito armado:	121
6.2.6 Política, participação e justiça. “¿Por qué los adultos votan tan mal?”	125
6.2.7 Género. O que é ser mulher? O que é ser homem?	129
6.3 II Momento	136
6.3.1 Reconhecendo os espaços. Cenários conflitivos ou violentos?	136
6.3.1.1 O espaço público.....	136
6.3.1.2 A Casa	142
6.3.1.3 A Escola.....	144
6.4 III Momento.....	147
6.4.1 A experiência pessoal como horizonte de compreensão e de ação	147
6.4.1.1 Resolução de conflitos	150
6.4.2 O aprendizado e o papel da escola	153

6.4.2.1 Reconhecimento do conflito armado:	153
6.4.2.2 Convivência, diálogo e resolução de conflitos:	154
A MODO DE CONCLUSÃO	158
REFERÊNCIAS	162
REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS	168
REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS	169
REFERÊNCIAS JORNALÍSTICAS	169
ANEXO A – INSTRUMENTOS DE PESQUISA	171
DADOS DEMOGRÁFICOS / PARTICIPANTES RODAS DE CONVERSA	171
IMAGENS RODAS DE CONVERSA	172
MODELO RODAS DE CONVERSA	173
MODELO DE ENTREVISTA	174
ANEXO B – TABLA CATEGORIAS E TRANSCRIPCIONES	175

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

A seguir você vai ler uma dissertação de mestrado que não só recolhe os resultados de uma pesquisa acadêmica, mas que expressa o lugar de fala de uma pesquisadora colombiana fazendo estudos de mestrado no Brasil, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em consequência, a dissertação faz parte de um processo de internacionalização, que também incorpora um processo de transcrição, pois ao ser construída numa língua diferente à da pesquisadora, adquire um trabalho duplo de construção narrativa dentro de um novo universo de linguagem.

Porém, é dado que se trata de uma análise sobre o caso colombiano, a maioria das fontes, incluindo os depoimentos dos jovens, foram consultadas em língua espanhola. Em definitivo, você vai ler um texto em português, em sua maioria, em espanhol.

INTRODUÇÃO

A violência não é um filme hollywoodiano, que reproduz a dicotomia simplificadora entre “bons” e “maus”. Por isso, são insuficientes medidas com ênfase apenas na segurança pública ou que advogam apenas a punição, cujo resultado é fazer dos presídios espaços onde, hoje, os jovens têm poucas oportunidades de se ressocializarem e de retornarem à sociedade de forma produtiva. A violência é um fenômeno complexo, muitas vezes naturalizado, que se manifesta de múltiplas formas (bullying, racismo, machismo, pobreza, assassinatos, etc.) a partir de três vértices: estrutural; direta; cultural. A violência cria subjetividades e imaginários que se manifestam na ação cotidiana dos indivíduos, que ora se localizam na posição de vítimas, ora na de agressores.

Ainda mais se pensamos a questão a partir do distanciamento que nos aportam os períodos de longa duração, veremos que atualmente desfrutamos das relações mais pacíficas, nunca antes estabelecidas, e a violência, como fenômeno social, é recente; quer dizer, só surge como fato social diferenciável -matéria de preocupação e compreensão- quando o Estado tenta monopolizá-la, e se dá uma “diferenciação” entre os espaços políticos e econômicos de interação social.

Nunca antes en la historia de la humanidad tantas personas, millones de personas, habían convivido de esta manera tan pacífica -es decir, excluyendo la violencia- que podemos observar en los grandes Estados y ciudades de nuestros días¹ (ELIAS, 1981, p.142).

Sendo assim, e entendendo esse processo de pacificação como um fenômeno não planejado, temos que cada sociedade tem criado os mecanismos de controle da violência que lhes são eficazes a cada momento de sua história e em função dos arranjos políticos vigentes. Assim, as normas sociais são internalizadas na psique dos indivíduos por meio da educação consciente e inconsciente de diretrizes, que pais e instituições educacionais transmitem aos filhos desde o nascimento. (Elias, 2016) Temos então como questão

¹ Pensar nestes termos não deve levar ao leitor na falsa ideia de cumplicidade e aceitação da violência. Pelo contrário, compreender os fatos sociais como eles são, nos leva a entender a complexidade do fenômeno como é, e a partir do conhecimento, ter maiores ferramentas de combate. Tal é, a nosso ver, o papel das ciências sociais, compreender para tentar fazer melhor.

fundamental a forma como o campo educativo – formal ou não – tem respondido à necessidade de convivência e pacificação.

Em consequência, e seguindo os planejamentos de Norbert Elias, vamos estudar não a violência em si mesma, mas os mecanismos pelos quais vão se pacificando as sociedades modernas, sendo que um campo onde se faz explícita esta máxima civilizatória é hoje a educação para a paz.

Mas como chegamos ao ponto de falar de educação para a paz? E quais têm sido suas implicações nas psiques individuais? Estas são as perguntas que guiam o presente trabalho e que tentamos equacionar a partir do sentido processual de Norbert Elias, o qual não só nos leva a pensar nas formas de configuração das estruturas sociais, mas também como as estruturas sociais de um grupo e de uma época estão profundamente imbricadas na estruturação dos indivíduos particulares e nas formas de autoconsciência humanas, diante de uma fina rede de regulações sociais que cobre todos os âmbitos da existência humana (ibid. 2016). Assim, a pergunta em relação à subjetividade e paz só pode ser entendida no marco da formação política estatal e na forma como este processo estrutura as personalidades e “estatiza as mentalidades”.

O trabalho está centrado na experiência colombiana, país historicamente marcado pela violência política e social. Desde seu período inicial, com as guerras civis próprias dos períodos pós-independentistas, passando pela violência *bipartidista* (1948 - 1958)², as lutas guerrilheiras³, a violência do narcotráfico nos anos 80, a proliferação de grupos paramilitares; até a perseguição, repressão, silenciamento e/ou assassinato seletivo de opositores políticos ou defensores de direitos humanos por “bandas criminais” em cumplicidade com agentes do Estado; sem esquecer das mortes violentas por intolerância. Tudo isso tem coexistido com as formas mais variadas de resistência de gerações após gerações que, embora se tenham educado em um contexto de violência generalizada, foram criando iniciativas de paz para fazer frente às violências que vivenciavam ao seu momento.

² Período conhecido como “La Violência”. As datas são marcadas no início com o assassinato do candidato presidencial Jorge Eliecer Gaitán e o final com a consolidação do “Frente Nacional” (Pacto de alternância do governo entre os dois partidos tradicionais: liberal e conservador). Neste contexto surgem guerrilhas como o M-19, a ANAPO, e as FARC. Sobre a violência na Colômbia: *Ocampo, J. (2008). Historia de las ideas políticas en Colombia. Colômbia. Taurus, Pensar y Universidad Javeriana.*

³ No sentido plural, pois as diferentes guerrilhas apresentam histórias, demandas e formas de luta diferentes.

É importante apresentar o processo de desenvolvimento que nos levou a falar de educação para a paz. Processo esse que implicou necessariamente uma mudança nas aproximações sobre o tema, assim como nas estruturas sociais e psíquicas dos colombianos. Em consequência, buscamos localizar no plano acadêmico a virada das pesquisas sobre violência para pesquisas sobre paz. As mudanças em matéria de decisões políticas que ocorreram na América Latina a partir de um contexto global, onde a regulação transnacional via UNESCO teve papel fundamental, mas que, por sua vez, e entendendo que não foi um processo de cima para baixo, foi alimentado pelas experiências de memória histórica, educação popular, e teologia da libertação, assim como os mecanismo de resistência em meio ao fogo cruzado, que criaram as pessoas mais afetadas pelos conflitos armados. Interessa ver no decorrer do percurso histórico colombiano, o desenvolvimento das redes que permitiram a configuração da educação para a paz como uma ferramenta na consolidação da paz como ideal supremo; Assim como a forma em que este processo tem afetado a forma como os jovens pensam, sentem e refletem sua realidade.

Este trabalho está dividido em três blocos de dois capítulos cada. No primeiro bloco -*O plano teórico*-, além de deixar claros os conceitos com os quais trabalhamos, queremos traçar o caminho percorrido no debate acadêmico que levou ao posicionamento das pesquisas sobre paz como uma mudança de perspectiva epistemológica circunscrita numa transição paradigmática que implica um compromisso ativo por parte do pesquisador. Assim como apresentar o que entendemos como educação para a paz e suas implicações, deixando aberto o debate contemporâneo das pedagogias para a paz, que reclamam o reconhecimento das formas de educação para a paz não hegemônicas. Esta discussão será desenvolvida nos capítulos 1 e 2.

Num segundo momento, entramos no caso concreto da *experiência histórica*. Desta forma, estudamos os eixos e aproximações que levaram à construção de uma educação para a paz na América Latina de forma geral, e no caso colombiano de forma particular. Assim, fazendo uso do conceito de regulação transnacional pretendemos revelar o link entre os discursos internacionais de direitos humanos e cultura de paz, com o desenvolvimento de políticas públicas em educação, que em comunhão com os processos históricos, sociais e culturais dos diferentes países da região, levaram a duas correntes de aproximação: Trabalhos de memória histórica e políticas de convivência escolar. Também reconhecemos neste processo, o importante aporte das experiências em

educação popular e teologia da libertação como referentes de pensamento na região. Já no caso colombiano, rastreamos o processo de desenvolvimento da educação para a paz, a partir da ligação de três contextos explicativos: Conflito armado, educação, e pesquisa social.

Finalmente, no terceiro bloco, entramos no plano da *experiência individual*, e a forma como essa experiência histórica vivida e herdada é incorporada, assumida e ressignificada por parte dos indivíduos, em outras palavras, buscamos dar conta das formas de subjetivação. Neste aspecto, e mantendo a concepção eliasiana como espinha dorsal, a pesquisadora expõe a forma como sua própria experiência se cruza com o objeto de estudo, levando-a a se apresentar como um ser senti-pensante, ligando a razão e a emoção nas suas observações. De outro lado, estabelecemos um diálogo com dois grupos de jovens entre 14 e 17 anos da Bogotá: Os estudantes do Liceo Fesan, e as meninas sob proteção do Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, cujos perfis foram eleitos propositalmente, pois entendemos a violência como um fenômeno que atinge todos os setores sociais.

Enquanto a questão metodológica, a maior parte do trabalho está construída a partir das análises de literatura especializada, assim como o uso de fontes jornalísticas, documentos oficiais e marcos normativos. Uma segunda parte, consta mais de um trabalho de reconstrução retrospectiva da própria trajetória biográfica da pesquisadora. E como um terceiro elemento, para dar conta do caráter subjetivo do processo, trabalhamos sob uma metodologia qualitativa fazendo uso de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas grupais como instrumentos de pesquisa.

Nas rodas de conversa indagamos sobre imaginários de violência e paz a partir de emoções, sensações, e representações, para depois conceitualizar, não só a partir destas duas categorias, mas dos conceitos de justiça e conflito. Do mesmo jeito, levamos os jovens a pensar além da violência direta, para o qual o uso de algumas imagens nos ajudou a refletir sobre diversos tipos de violência e suas percepções.

Para as entrevistas, elegemos 5 estudantes de cada grupo e indagamos sobre suas experiências, gerando um diálogo mais pessoal sobre a forma direta em que os atingem diversas problemáticas, refletindo as posições cambiantes entre vítimas e agressores, assim como os conflitos que se apresentam na sua cotidianidade e a forma como os resolvem; as entrevistas foram compostas de três fases: sentir, exercer e resolver.

O PLANO TEÓRICO

“Nuestros deseos de paz nos reclaman elaborar teorías de paz”

Francisco A. Muñoz

CAPÍTULO 1 - DOS ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA AOS ESTUDOS SOBRE PAZ

Partiremos do fato de que o ser humano está constituído biologicamente de tal jeito que é capaz dos atos mais absurdos, mas que é o meio social que estabelece condições necessárias para que estes processos biológicos finalizem, ou não, em atos ruins⁴. Em outras palavras, a agressão constitui uma disposição natural para ataque e defesa, instintiva nos animais, sendo regulada por dispositivos genéticos; já nos seres humanos, a regulação é dada pelas leis históricas da cultura, assim, no mundo humano, os impulsos agressivos continuam existindo, mas regulados por mecanismos sociais de origem cultural, sendo que tanto os impulsos como os mecanismos de controle têm significado para o indivíduo (Pino, 2007). Os conceitos e valores são aprendidos social e culturalmente e, com eles, o jeito como reagimos e resolvemos nossos estados emocionais, ou seja, o funcionamento biológico das emoções está condicionado pelo sistema social e cultural⁵. Além disso, a consideração de atuar – de forma ruim ou não – é relativa, pois a concepção do bem e do mal está estabelecida pela cosmovisão e o tempo histórico de cada cultura. Em suma, a violência se estabelece como parte da cultura e é exclusiva do ser humano.

O problema da violência é um problema social, mas também um problema sociológico, pois são muitas as abordagens nas Ciências Sociais sobre o tema. A teoria sociológica clássica, que concebia a violência como um elemento fundante do Estado e do poder, nos deixou definições que ainda circulam no campo acadêmico. As visões sobre a violência social e a preocupação com o delito nos permitiram entender o fenômeno como nocivo para a ordem social. Tanto as concepções economicistas do ator racional, como as da sociologia da violência, nos ajudaram a entender o problema nas suas duas

⁴ Se entende por atos ruins aqueles que atentam contra a integridade dos outros seres.

⁵ Na Declaração de Sevilla de 1986, um grupo composto por cientistas sociais e biólogos, estabeleceram a máxima de que a violência tem origens culturais e não biológicas.

partes: os que recebem a violência e os que exercem a violência, fazendo ênfases nas motivações dos primeiros, e das circunstâncias que fazem com que alguns grupos populacionais sejam mais propensos a ser vitimizados. No mesmo sentido, análises sobre o crime organizado e o estabelecimento de mecanismos privados de proteção e execução de justiça são cada vez mais incorporados como objetos de pesquisa nas diversas disciplinas do campo das Ciências Sociais.

Já nos estudos contemporâneos emerge a violência na vida cotidiana como objeto privilegiado de pesquisa, entendendo que esta produz subjetividades, se legitima e se faz rotineira. Além disso, se compõe de discursos e práticas utilizados por indivíduos e grupos com o propósito de reproduzir uma relação assimétrica de poder. A partir deste ponto de vista, a violência pode-se classificar segundo as formas que adota, como a violência contra as mulheres; a violência econômica por exploração; a violência política por ditaduras ou Estados de exceção; a violência social por deslocamentos populacionais ou execuções extrajudiciais; a violência escolar por assédio; a violência juvenil por danos à infraestrutura urbana, etc. No entanto, as fronteiras entre as violências são difusas, pois podem estar inter-relacionadas, porém em sua observação vai se desvelar uma lógica na qual uma forma de violência se apresentará como predominante segundo conjunturas específicas, escalas espaciais ou marcos de análises.

As concepções de Norbert Elias fornecem pistas importantes na conceitualização teórica da violência pela sua integração das estruturas sociais e psicológicas como uma das concepções mais completas para o estudo da violência como fenômeno humano. No mesmo sentido, Elias parte de um pressuposto essencial para nós, que é a concepção que pretende já não estudar a violência em si mesma, mas os mecanismos pelos quais vão se pacificando as sociedades modernas, nos termos de Elias, do processo civilizatório.

Normalmente, a la hora de investigar el problema de la violencia se sigue un enfoque erróneo. Se pregunta, por ejemplo, cómo es posible que los seres humanos dentro de una sociedad cometan asesinatos o se conviertan en hombres o mujeres terroristas. Cuando en realidad la pregunta debería ser enfocada de otra manera, de manera opuesta: ¿Cómo es posible que tantas personas convivan de manera -relativamente- tan pacífica, tal como ocurre en nuestra época en las grandes sociedades de los Estados de Europa, América, China y Rusia? Esto es digno de atención porque es insólito; es lo que se debería explicar. (ELIAS, 1981. p. 141)

Norbert Elias considerava que a violência se transformava com o processo civilizatório - que se desenvolve diante ciclos de violência e pacificações não lineais -,

supôs que a paixão dos seres humanos, e, com ela, a violência, seria aplacada no transcurso da civilização para possibilitar a vida social (Elias, 1989). Para o autor, a violência é um fenômeno de manifestação de existência humana presente em todos os períodos históricos, porém de maneiras distintas. Cada sociedade cria os mecanismos de domínio da violência que lhe sejam eficazes, entendendo que embora o processo seja o resultado da interdependência entre os indivíduos, enquanto social, possui regras que lhe são próprias e que não podem ser explicadas em função dos indivíduos. Neste sentido, vale a pena perguntar se a violência muda o comportamento na sociedade ou são as mudanças sociais as que alteram os níveis de violência legítima e ilegítima por parte dos que exercem o poder. Elias analisa, então, no longo período histórico, dois níveis distintos, porém inseparáveis, de observação, o indivíduo e a sociedade, que nomeia como processo civilizador.

Estudando os manuais de conduta franceses e alemães num período de longa duração, Elias analisa as relações entre as mudanças das estruturas sociais e as mudanças psicológicas ao longo do tempo e sua materialização nos modos de comportamento. Assim, descobre que entre os séculos XVI e XVII surge a necessidade de moldar o comportamento social. Este fenômeno não planejado é o resultado do processo de desenvolvimento das relações sociais, nas altas cortes inicia um processo de mudança das formas de controle social, agora a vergonha e o nojo são imperantes, produzindo, ao mesmo tempo, o controle da violência física e a pacificação das relações humanas. Em suma:

Durante um período de vários séculos o tipo de personalidade, primeiro da elite e depois dos setores médios, foi marcada pelo aumento do controle em público, pela diminuição da impulsividade e pela racionalização na maneira de viver {...} aumento dos níveis de autocontrole – gradual pacificação das interações cotidianas – e baixos níveis de comportamento violento. (FERREIRA, 2015, p. 174)

Em palavras de Elias:

Lo que sucede es que el campo de batalla se traslada al interior. El hombre tiene que resolver dentro de sí mismo una parte de las tensiones y de las pasiones que antiguamente se resolvían directamente en la lucha entre individuos. Las coacciones pacíficas que ejercen sobre él sus relaciones con los demás van incrustándose en su personalidad. Se consolida un aparato de costumbre peculiar, un “super-yo” específico que pretende regular, reformar o reprimir continuamente sus afectos de acuerdo con la estructura social. (ELIAS, 2008. p. 547)

Como mencionamos, este processo se dá em dois níveis, o individual e o social; nos termos de Elias, na Psicogênese -estrutura psicológica dos indivíduos, decisivamente associada às mudanças estruturais da organização social- e na Sociogênese -desenvolvimento ao longo prazo das estruturas sociais-. O primeiro está marcado pela internalização, disciplinarização de si e autocontrole. O segundo explica como a criação de novas instituições e a formação do Estado, possibilitaram o exercício do controle ou da civilização. Ao monopolizar a violência, pretendendo evitar a violência ilegítima ou ilegal no resto da sociedade, o Estado passa a criar uma sensação de segurança que modifica as estruturas psicológicas de seus membros e das inter-relações, modificando as pulsões violentas, as restrições emocionais e o aumento do autocontrole; “O medo do outro passa lentamente a ser substituído pelo medo de si mesmo; o afloramento de impulsos passou a ser ocultado pela vergonha e pelo medo do ridículo” (Ferreira, 2015), pois:

Los miedos de origen humano, los internos y los externos (...) Su intensidad, su forma y la función que cumplen en la organización espiritual del individuo dependen de la estructura de su sociedad y del destino que éste tenga en ella. (...) (Ninguna regulación) es posible sin que los seres humanos ejerzan coacciones reciprocas y cada una de estas coacciones se transforma en un miedo de uno u otro tipo en el espíritu del hombre coaccionado. (ELIAS, 2018. p. 627)

A união dos processos de psicogênese e Sociogênese se consolidam no indivíduo no *habitus*, que na sua vez se concretiza nas relações praticadas entre vários níveis de experiência, em outras palavras, o *habitus* é:

“Ligação entre a individualidade e a sociedade, descrevendo a maneira como são individualmente incorporadas as modalidades de percepção e de ação coletivamente desenvolvidas no sistema de interações. Por meio dele compreendemos que as escolhas dos atores sociais, suas emoções e as disposições vividas no nível individual são devidas também a processos coletivos de incorporação amplamente inconscientes” (FERREIRA, 2015, p. 181)

O processo civilizatório do qual nos fala Elias não é um processo linear, planejado nem racional; e para o tema que nos interessa, não quer dizer que a violência tem desaparecido das nossas sociedades. Pelo contrário, a violência enquanto fenômeno social é um fenômeno recente que só emerge como fato social diferenciável quando o Estado pretende monopolizá-la, criando uma diferenciação entre os espaços políticos e econômicos de diferenciação social (Bolivar, 2004), vivemos assim à diminuição da violência física e o controle dos impulsos, mas ao mesmo tempo, experimentamos a diversificação dos tipos de violência e coerção.

Cuando se constituye un monopolio de la violencia surgen espacios pacificados, ámbitos sociales que normalmente están libres de violencia. (...)

Ciertas formas de la violencia, que siempre han existido pero que, hasta entonces, solamente se daban conjuntamente con la violencia física, se separan de esta y quedan aisladas en los espacios pacificados. Las más visibles para la conciencia habitual de la época presente son la violencia y la coacción económicas. En realidad, lo que queda en los ámbitos humanos una vez que la violencia física inmediata se retira lentamente de la escena de la vida social cotidiana y solo funciona de forma mediatizada en la creación de costumbres, es un conjunto de diversos tipos de violencia y de coacción. (ELIAS, 2008, p. 541)

De forma definitiva, Elias nos leva a repensar os imaginários que temos construído sobre nossas sociedades, ao ver no decorrer histórico a forma como nós temos configurado, e a pensar não apenas na violência, mas na pacificação, e seu efeito sobre a sensibilidade e as emoções dos indivíduos, ao tempo que deixa abertas questões de análises atuais e pertinentes, como o questionamento da legitimidade do Estado e a monopolização da violência, quer dizer, uma análise sobre a extensão, expansão e capacidade do Estado para punir e disciplinar; os processos de internalização das normas de conduta nos indivíduos, famílias e grupos pequenos; as análises das relações –e mudanças das relações- entre elites e não elites, o que dá conta das diversas subalternidades com suas distintas sensibilidades; as formas como operam os medos enquanto protutores e reprodutores de coerções sociais; os tipos de violência e coerções das nossas sociedades atuais.

1.1 Pesquisas sobre paz. Um giro epistemológico numa transição paradigmática

Nossa pesquisa também se circunscreve numa forma, que já vislumbrava Norbert Elias⁶, de pensar os conflitos e os estudos sobre a violência, agora como estudos sobre paz. Assim, nos encontramos no campo de pesquisas sobre paz.

Em um primeiro momento, e com a I Guerra mundial como cenário, a intenção das pesquisas sobre paz era compreender os conflitos internacionais, procurando evitar uma II guerra mundial. A partir disto, no período (1930 a 1960) se define a paz como a ausência de guerra. Nesta perspectiva de “paz negativa”, os conflitos armados, as guerras, suas características, motivações, causas, etc. eram o objeto principal dos pesquisadores;

⁶ No mesmo Elias se pode ver uma aproximação na concepção de paz positiva -que veremos mais adiante-. Mas, como já vimos, Elias faz a separação entre violência direta e outras formas de coerção. No mesmo sentido, entende as guerras não só como o contrário da paz, mas como pequenas sociedades que fazem parte dos instrumentos de pacificação das grandes sociedades; e que não necessariamente implicam conflitos bélicos, mas que a tendência, é a constituição de monopólios por meio de outras formas de violências “menos perigosas”.

aparecem novos estudos como a polemologia (estudo da guerra), se cria a revista *Journal of Conflict Resolution* e aparece o primeiro *Center for Research on Conflict Resolution*. (Martinez Guzmán, 2001).

No ano de 1959, com a criação do *Peace Research Institute de Oslo* (PRIO), a ênfase muda e teóricos como Johan Galtung ampliam a concepção da paz como ausência de guerra, além de definir os conceitos da “paz positiva” como alternativa à violência estrutural. Em 1959 se cria o Instituto de pesquisa social da Noruega com a paz como elemento central; em 1964 se cria a *International Peace Research Association* (IPRA) e aparece a revista *Journal of Peace Research* (Martinez, 2001; Adarve, Gonzales e Guerrero, 2018).

Aqui aparece a visão que se tornaria hegemônica das pesquisas sobre paz tendo Johan Galtung como sua figura mais representativa. O sociólogo norueguês, observando diferentes formas em que se apresenta a violência, pretende teorizar a violência coletiva como uma via, entre outras, do conceito de conflito, além de apresentar algumas pistas para sua reconfiguração em termos de paz. O ponto de partida deste autor é que os conflitos, sejam micro, meso ou macro - dentro e entre indivíduos, dentro de cada Estado ou Nação, ou entre Estados, correspondentemente- são naturais, mas a violência não, e é o fracasso na transformação do conflito o que conduz à violência.

A violência pode ser direta ou indireta segundo a presença -ou ausência- de alguém que execute o ato violento. Está dividida em três categorias: 1. Violência direta, 2. Violência cultural, e 3. Violência estrutural. A primeira faz referência aos efeitos visíveis da violência, seja física ou verbal, como um acontecimento; A segunda, aponta para aqueles aspectos da cultura que justificam ou legitimam a violência direta ou estrutural, é invariável, e como a cultura base, de transformação lenta; A estrutural é a violência indireta originada pela injustiça e pela desigualdade como consequência da própria estrutura social, é uma violência que tem altos e baixos, de acordo com a conjuntura.

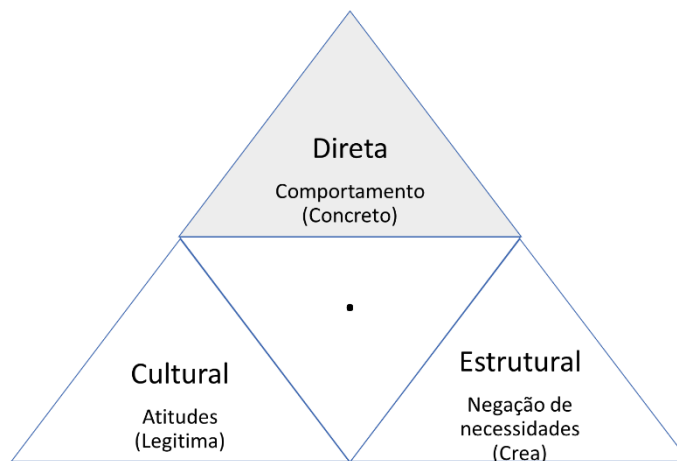


Gráfico 1. Triângulo da violência de Johan Galtung Fonte: Elaboração própria

Em concordância com o pensamento de Galtung, tratar os conflitos por meios não violentos, aprofundando na cultura e estrutura social, é fundamental para prever e resolver bolhas de violência. Portanto, quando aparecem desacordos entre as partes -conflitos-, se pode optar por manejá-los com empatia, não violência e criatividade, quer dizer, de forma pacífica; ou pelo contrário, por meios violentos, gerando novos ódios e desejos de vingança, estabelecendo deste modo uma espiral de violência. Claramente, a aposta deve estar na primeira via, e a tarefa deve ser edificar uma cultura de paz a partir da educação, que, como Galtung propõe, introduz conhecimentos e destrezas sobre paz e resolução pacífica de conflitos em todos os níveis de ensino, ao mesmo tempo que propaga uma idiosincrasia mundial baseada nos valores de paz, desenvolvimento, meio ambiente, democracia e direitos humanos.

Durante os anos 80, a guerra fria e a conseqüente corrida armamentista e nuclear levaram ao retrocesso dos estudos de paz, de novo com a concepção *de paz negativa*, mas com uma participação mais ativa dos movimentos sociais do que dos centros acadêmicos.

Num terceiro momento, que inicia nos anos 90 e chega até hoje, e que retoma a concepção de *paz positiva*, produzindo uma reflexão interna sobre os estudos de paz. A preocupação dos pesquisadores pelo etnocentrismo dá ênfases na transnacionalidade e multiculturalidade, pois os problemas atuais não se encaixam nos limites dos antigos estados-nação, são globais. Esta perspectiva se alimenta dos movimentos sociais, os aportes feministas, culturais e as críticas pós-modernas.

Quando os estudos sobre paz se consolidaram em pesquisas para a paz, Galtung, Rapoport e outros autores manifestaram as diferenças entre o modelo científico predominante e as novas necessidades epistemológicas das pesquisas de paz (Comins, 2003). Este processo

constitui um giro epistemológico que consiste basicamente em “*no focalizar nuestras investigaciones sobre la guerra sino sobre la paz*” (Martínez Guzmán, 2001, p.170) e que, numa perspectiva interdisciplinar, pretende estudar os conteúdos de uma cultura para a paz. Assim, o giro epistemológico apresenta quatro elementos fundamentais:

1. Frente a la objetividad, intersubjetividad e interpelación mutua
2. Sustituir la perspectiva del observador distante que adquiere conocimiento, por la del participante en procesos de reconstrucción de maneras de vivir en paz.
3. Superar la unilateralización de la razón, para hablar de las razones, los sentimientos, las emociones, el cariño y la ternura.
4. Reconstruir como instrumento de análisis y estudio la categoría de género. (MARTÍNEZ GUZMÁN, 2001, p.115).

Do mesmo modo, nos tempos atuais, a

“imprevisibilidade das ações violentas e a crescente consciência da impotência frente a elas estão gerando no imaginário coletivo e individual a representação da violência como uma força cega e incontrolável, diante da qual a única postura racional acaba sendo a lei do silêncio, a submissão às exigências do terror” (PINO, 2007, p. 764).

Tal problemática nos exige dos pesquisadores sobre o tema a necessidade de olhar a realidade com a intenção de transformá-la, o que representa uma ruptura com o pensamento moderno, e nos termos de Boaventura de Sousa Santos, uma transição paradigmática. Se trata assim da convergência de três tarefas fundamentais: As tarefas intelectuais (Onde estamos e para onde vamos?); as tarefas morais (De que lado estamos?) e as tarefas políticas (Como chegar lá?) (De Sousa Santos, 2001). Porém, não se trata só de um pensamento de alternativas, mas de um pensamento alternativo de alternativas, concepção inserida, a meu ver, na nova perspectiva das pesquisas de paz, que concebem os problemas com soluções possíveis e que no campo educativo, principalmente, desenvolvem as lutas necessárias para possibilitá-las. Assistimos assim a novos campos de pesquisas e práticas em cultura de paz e educação para paz, que levem à superação do que Francisco A. Muñoz⁷ concebe como “esquizofrenia cognitiva”, quer dizer, a dupla personalidade entre o que desejamos -a paz- e o que pensamos, vemos e falamos -a violência-. Em suma, estamos inseridos num giro epistemológico sobre as pesquisas – agora- de paz, e uma transição paradigmática nas Ciências Sociais, que estão em consonância com as novas formas de fazer pesquisa, agora orientada no modo de atuar

⁷ Diretor fundador do Instituto de paz e conflitos da Universidad de Granada, Espanha.

sobre, com e na procura de um mundo onde não recorremos à violência como a principal ou única forma de resolver nossos conflitos.

1.2 O que entendemos por paz?

PAZ. Valor humano, ideal regulatorio de la convivencia, derecho síntesis, expresión de justicia, resultado del desarrollo humano sostenible e integral

A partir das pesquisas sobre paz, podemos entender que como todo conceito, a paz tem sido interpretada de diferentes formas. Num primeiro momento temos a paz negativa influenciada pela tradição greco-romana “*pax*”, que faz referência à relação legal na manutenção da ordem, fazendo uso de estratégias militares na proteção e manutenção da segurança e do controle interno e externo, garantindo assim a ausência de violência (Lederach, 2000). Em outras palavras, a paz negativa é uma concepção que centra seus interesses na firmação de pactos para eliminar os conflitos e manter a ordem social, embora justificando o uso de mecanismos de repressão na manutenção da ordem interna, e da guerra na defesa territorial (Ramos, 2015).

Em contraposição à paz negativa, surge a paz positiva, que não rejeita o conflito, mas trabalha a partir deste para gerar novas formas de relacionamentos não violentos, pelo mesmo, a paz adquire um sentido mais amplo ao valorar a construção de paz do interior do indivíduo, retomar alguns elementos de culturas orientais e incluir conceitos de justiça social, direitos humanos, desenvolvimento humano e convivência pacífica. Na concepção positiva da paz não é suficiente combater a guerra e os conflitos; é preciso criar condições e mecanismos que garantam o bem-estar e qualidade de vida das pessoas. Assim, a paz positiva é:

...la ausencia de condiciones o circunstancias no deseadas (guerras, marginaciones, hambre, etc.), pero también es la presencia de condiciones y circunstancias deseadas. La paz positiva es la cooperación, es una asociación activa, caracterizada sobre todo por el mutuo beneficio de una relación positiva (LEDERACH, 2000, p. 37).

A partir da paz positiva, surgem duas novas conceitualizações, a paz imperfeita e a paz integral. A paz imperfeita se entende como um processo não acabado, e pelo tanto, em construção permanente, integrando limitantes e obstáculos. Não pretende solucionar os problemas da humanidade, mas tenta criar e recriar formas de enfrentá-los a partir dos

conflitos na compreensão das realidades locais e globais, proporcionando ações, valores e atitudes que permitam a construção de paz no convívio cotidiano, pois:

“la imperfección de la paz y la violencia formarían parte de una obligada convivencia: ninguna existe por sí misma, ambas formarían una matriz social en la que conviven todas las posibilidades. Es así como, se busca una articulación entre las prácticas sociales y las formas en que los sujetos se relacionan, promoviendo el bienestar para las comunidades desde una autogestión y liderazgo en la gestión de los conflictos. (MUÑOZ, 2004, p.62)

Por sua vez, a paz integral se refere ao equilíbrio entre as condições objetivas e subjetivas mínimas que uma pessoa, sociedade ou sistema requer para viver em ambientes de justiça, liberdade e dignidade; procurando a eliminação dos diferentes tipos de violência e incentivando a ação participativa e fundamentada num enfoque de direitos de todos os indivíduos (Sandoval, 2014).

Sem entrar em detalhes sobre o caso colombiano, tema sobre o qual falarei mais adiante, basta mencionar que a conceitualização com a qual se trabalham temas de paz na Colômbia atual é a paz integral, pois desde o discurso oficial se pretende a construção de uma paz integral, sustentável e duradoura. Da mesma forma, desde o plano da ação social, se busca a compreensão histórica do contexto, a construção das memórias individuais e coletivas a partir das experiências das vítimas, a construção de sociedades mais pluralistas e inclusivas baseadas numa cultura de paz que se consolide como princípios éticos, e a criação de políticas de paz com enfoque em direitos e justiça social (Arias, 2012).

Resumindo, a partir do visto, assim como em concordância com o giro epistemológico e paradigmático apresentado, esta pesquisa está construída a partir de duas perspectivas teóricas: A histórico-processual de Norbet Elias, que nos permite ver a questão num aspecto social e psicológico sempre presente no decorrer histórico, onde além do fenômeno per se, se quer ver o efeito sobre as sensibilidades e emoções dos indivíduos. E a perspectiva de paz positiva de Johan Galtung, a qual nos permite repensar a questão a partir de uma nova lógica, pois a ênfase no conflito, e na concepção da violência não como ausência deste, mas como um dos múltiplos efeitos da má gestão dos mesmos, permite repensar a questão já não a partir da violência, mas focando no conceito de paz, o que nos oferece, ao mesmo tempo, uma porta de entrada para analisar a questão no campo educativo a partir das construções em educação e pedagogias para a paz.

CAPÍTULO 2 - ENTRE A EDUCAÇÃO PARA A PAZ E AS PEDAGOGIAS PARA A PAZ

Vamos partir do entendimento da educação para a paz como uma proposta educativa heterogênea e em permanente construção, resultado de diversas perspectivas, campos educativos, institucionais, políticos, sociais e de pesquisa (Adarve, Gonzalez e Guerrero, 2018). De forma geral, a partir das pesquisas sobre paz, e entendendo-as no seu caráter ativo, surge a educação para a paz como um campo educativo que integra elementos escola-novistas, das pesquisas em cultura de paz da Unesco, dos postulados teóricos da paz positiva -Galtung, Muñoz, Fisas-, e da teoria gandhiana. Assim, a educação para a paz se apresenta como uma proposta filosófica, política e pedagogia, fundada na defesa ativa dos direitos humanos, no estabelecimento de relações democráticas baseadas na autonomia dos indivíduos, e a ação social em benefício dos outros como fim último. Se trata de um processo contínuo que partindo da paz positiva entende o conflito na sua capacidade criativa, e que analisando experiências reais, vai escalando do micro ao macro, criando um currículo transversal e interdisciplinar que com ajuda de métodos socioafetivos trabalha uma educação em valores de justiça, cooperação, solidariedade, respeito e compromisso.

Como vimos, as pesquisas sobre paz têm seus antecedentes no período posterior à I Guerra mundial, mas é no fim da II Guerra mundial que se criam organizações internacionais para mediar os conflitos entre nações, em consequência, as Nações Unidas e a Unesco, começam a configurar a educação para a paz por meio de conteúdos próprios da educação internacional e a educação em direitos humanos. Nos anos 60 o maior número de propostas veio de fontes norueguesas, e nos anos 70 se integram conteúdo da educação ambiental. Já nos anos 80 se deu um giro na educação para a paz e suas pedagogias, centrando a proposta na resolução de conflitos, onde o olhar se focalizou na convivência e o conflito como um aspecto inerente ao ser humano e sua cotidianidade, daí a necessidade de trabalhar tanto no conteúdo como na forma de construir paz, o que leva à necessidade de transversalizar os conteúdos, entendendo que o vínculo social como base do processo educativo, não se limita à escola como instituição social; neste sentido, a educação para a paz se nutre de diversas propostas, como as de María Montessori, Paulo Freire e Gandhi.

Assim, a educação para a paz tem ido beber no amplo trabalho dos movimentos sociais ao redor do mundo, que com a ênfase na construção de paz têm ido incorporando

elementos a partir da prática e da resistência, pois com os aportes dos trabalhos dos movimentos sociais se entende a educação como:

Medio de transformación social, escenario para construir relaciones de poder menos desiguales, más empáticas; una posibilidad para la liberación y el desarrollo de la potencialidad y autonomía humana; un contexto que debe armonizar fines y métodos; un proceso colectivo y de participación activa. (ADARVE, GONZALES E GUERRERO, 2018, p.64).

2.1 Antecedentes da educação para a paz

Antes de apresentar a educação para a paz em si mesma, é preciso estudar alguns dos que seriam seus antecedentes, fontes geradoras ou correntes, cada uma das quais aportaram elementos na consolidação do campo⁸. Assim, seguindo a Xesus Jares (2007), temos quatro ondas da educação para a paz: 1. Movimento pedagógico Escola Nova, 2. UNESCO, 3. Ciência da paz, 4. Teoria gandhiana.

2.1.1 Escola Nova

Surge no início do século XX, no contexto da eclosão das consequências socioeconômicas e morais da I guerra mundial. Este movimento, sob uma tradição humanista renovadora, critica os esquemas tradicionais autoritários e propõe uma concepção integral da educação. No fundo, representa também uma oposição entre a educação pública e laica que buscava se afirmar contra o ensino privado e religioso imperante, que atendia apenas as classes médias e altas.

Fazendo uma interpretação psicológica da guerra, faz um chamado a não realização do “instinto combativo” e canaliza-o nas crianças mediante atividades úteis, e não mediante a repressão das tendências espontâneas; otimismo e confiança são fruto de um trabalho necessário que se concretiza na vida diária. No mesmo sentido, se fundamenta no internacionalismo -educação para a compreensão internacional- como mecanismo para evitar a guerra.

⁸ Embora as diferentes correntes da educação para a paz tenham uma ordem cronológica, elas se complementam de diversas formas, tanto na prática como na teoria.

Entre as propostas didáticas criadas que são resgatadas pela educação para a paz, temos o ensino da constituição, os trabalhos com referências aos grandes pacifistas e iniciativas coletivas de paz, intercâmbios com centros educativos de outras nações, estudo crítico e objetivo das notícias internacionais, conhecimento histórico de outras nações, projeção de filmes, realização de estudos comparados, organização escolar de autogoverno, excursões, visitas e viagens, jornadas teatrais, musicais, esportivas, artísticas, etc.

2.1.2 Unesco

A onda representada pela Unesco tem como contexto o período posterior à II Guerra Mundial e promove a educação para os direitos humanos e para o desarmamento como ferramenta fundamental de transformação social.

Entre suas propostas didáticas estão o conhecimento de outras culturas e povos, e seu reconhecimento como patrimônio comum da humanidade; os princípios de solidariedade, democracia, liberdade e igualdade; assim como a cooperação com organizações internacionais. Todo o qual deu lugar ao plano de escolas associadas à Unesco (1953) com o propósito de trocar informação, técnicas e materiais.

2.1.3 A ciência da paz

Esta onda se dá a partir dos anos 60 com as pesquisas para a paz de Galtung, Muñoz e Fisas, entre outros, assim como os aportes da educação popular, a educação para o desenvolvimento, e a consolidação da Peace Education Commission (1975). Sua base está na reformulação do conceito de paz, o desenvolvimento da teoria do conflito e a unidade e mútua interação entre pesquisa, ação e educação para a paz.

Para Galtung (2011), a ciência para a paz, como toda ciência, tem uma combinação teórica e prática, e assim como nas ciências da saúde, se precisa de um diagnóstico e de uma terapia múltipla que integre uma fase de prevenção, uma terapia curativa e uma de terapia a longo prazo. Em consequência, estabelece três tipos de

práticas correspondentes: conciliação para os traumas do passado, mediação⁹ para os conflitos do presente e construção de projetos para o futuro¹⁰. Todas as quais devem estar integradas numa cooperação criativa, construtiva, criadora e concreta que permita entender a complexidade.

Quanto aos elementos pedagógicos, se tem a concepção do processo educacional como atividade política, a concepção global do mundo e a integração no processo global de mudança social, a ênfase nos métodos socioafetivos e a participação dos alunos, o enfoque interdisciplinar, a orientação para a ação e a coerência entre meios e fins, educar e viver.

2.1.4 Teoria Gandhiana

A teoria gandhiana parte da construção do pensamento e a prática ativa da não violência. Se baseia em dois princípios fundamentais: Satyagraha -Firmeza na verdade-, e Ahimsa -Ação sem violência-, assim como dá ênfase na autonomia pessoal, a autossuficiência, material e mental, e a capacidade de afirmação como caminhos para a liberdade. Seu fim último é harmonizar as quatro dimensões do ser: corpo, intelecto, sensibilidade e espírito.

Dá importância central que atribui à teoria do conflito e à aprendizagem de estratégias de luta não violentas, pois se deve educar no dever de desobedecer a ordens injustas e desrespeitosas, tendo em conta a concordância entre métodos e fins. Finalmente, defende a autoctonia cultural e a integração da comunidade no processo educacional.

2.2 O que é a educação para a paz?

A educação para a paz pode ser entendida como um campo inacabado e interdependente com a dinâmica da vida, dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais. Xesus Jares a define como:

⁹ A mediação de conflitos se diferencia da negociação enquanto o primeiro fomenta as perguntas, o diálogo e a busca mútua; a diferença do segundo que faz uso do debate e dos pontos de exclamação, e em últimas, pretende vencer ao outro.

¹⁰ O que integra o conceito de paz positiva enquanto cooperação por benefício mútuo e igual.

“um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizadores, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela” (JARES, 2007, p.79)

De outro lado, a educação para a paz implica o desenvolvimento integral do ser humano a partir de quatro aprendizagens básicas:

1. Aprender a ser: Capacidade de se reconhecer como indivíduo, atuar com autonomia e assumir responsabilidades
2. Aprender a conhecer: Permite compreender a realidade e desenvolver habilidades para aprender a aprender e adquirir conhecimentos ao longo da vida.
3. Aprender a fazer: Desenvolver competências para atuar e solucionar diferentes situações do entorno
4. Aprender a conviver: Desenvolver habilidades para a mútua compreensão, participação e cooperação. (Delors,1996, p.90.)

De Paz Abril (2007) acrescenta o aprender a transformar, como aquele que procura que os sujeitos atuem e se comprometam com a justiça e a solidariedade, pois cada pessoa deve se responsabilizar pelas suas decisões e contribuir ao melhoramento do entorno.

Sendo assim, como Lederach (2000) expressa, a educação para paz tem uma dupla finalidade:

“la investigación de los obstáculos y las causas que nos impiden lograr una condición de “elevada justicia y reducida violencia” y, por otra, el desarrollo de conocimientos, valores y capacidades para emprender y edificar el proceso que lleva hacia la más plena realización de la paz.” (LEDERACH, 2000. p. 52).

Então, a educação para a paz pretende educar a partir e para a ação em dois níveis: um de autorreflexão sobre os próprios comportamentos, compromissos e atitudes; e outro de formação de pessoas ativas e combativas; o que implica educar em valores como justiça, cooperação, solidariedade, compromisso, respeito, e autonomia pessoal e coletiva. No mesmo sentido, bebe de posturas críticas que questionam o conformismo e a obediência, tais como a tradição renovadora da escola do século XVII com representantes como Juan Amos Comenio, María Montessori, Adolfo Ferriere, e Celestin Freinet; a tradição do pensamento não violento de Mahatma Gandhi; o pensamento de

Lorenzo Milani, e suas posturas da desobediência como opção legítima; e a tradição do pensamento anarquista representado principalmente na figura de Francesc Ferrer i Guardia.

Por outra parte, a educação para a paz é uma educação voltada à compreensão internacional, aos direitos humanos, à cidadania democrática, à educação multicultural, à educação para o desarmamento ou prevenção do recrutamento forçado, à educação para o desenvolvimento, à educação para o conflito e educação para a convivência. Além disso, para Martinez (2016), a educação para a paz supõe:

- Cuestionar en profundidad los imaginarios, las simbologías y las significaciones a través de las cuales observamos y leemos la realidad.
- Transformar las gafas a través de las cuales interpretamos y damos sentido a lo que vivimos en la vida cotidiana y en las nuevas formas de hacer.
- Cambiar nuestros propios poderes. No son los discursos los que cambian la cultura, sino las prácticas
- Tumbar fronteras y muros de los espacios físicos y mentales
- No educar en la tolerancia, sino en la necesidad de lo distinto
- Flexibilizar permanente de nuestros propios límites
- Potenciar dimensiones horizontales de autoridad – mayor participación en la construcción de las normas flexibles
- Desarrollar autonomía – Reducir el miedo al castigo y relativizar la obediencia
- Deslegitimar todo tipo de violencia, sin excepción y permeando ámbitos cotidianos
- Entender la interdependencia de la vida y los derechos de la naturaleza (MARTINEZ, 2016, p.?).

Como o que se quer é fomentar e criar uma cultura de paz, uma educação neste sentido precisa do trabalho contínuo e permanente da sociedade como um todo, Estado, família, administrações educacionais, professores da educação formal e não formal, ONG's, comunidades organizadas, grupos indígenas, afrodescendentes, empresários, meios de comunicação, profissionais, artistas, cientistas, etc. Enfim, entender o trabalho pedagógico como um mecanismo terapêutico e a sociedade em conjunto como um educador coletivo.

No que refere à educação formal, se pretende que a educação para a paz esteja de forma transversal nos projetos pedagógicos, parâmetros curriculares, e programações da sala de aula em todas as etapas educativas. Quer dizer, mais que novos conteúdos a ser agregados aos já sobre sobrecarregados programas escolares, a educação para a paz supõe um novo enfoque interdisciplinar e integrador a ser trabalhado a partir das diversas áreas.

2.3 Fundamentos da educação para a paz

A luta pela paz, que não significa a luta pela abolição, nem sequer pela negação dos conflitos, e sim a confrontação justa, crítica dos mesmos e a busca de soluções corretas para eles, é uma exigência imperiosa de nossa época. No entanto, a paz não precede a justiça. Por isso, a melhor maneira de falar de paz é fazer justiça (FREIRE, 2001, p.143).

2.3.1 Paz positiva

A educação para a paz parte da concepção de paz positiva como antíteses da violência, não da guerra, pois a guerra é só um tipo de violência organizada. No mesmo sentido, trabalha na concepção ampla de violência/paz de Galtung, que entende a violência como um dos resultados possíveis, e pelo tanto evitável, da má-gestão dos conflitos, o que impede a realização humana. Assim, a primeira tarefa é tomar consciência das diferentes formas de violência para eliminá-las em maior ou menor medida.

2.3.2 Perspectiva criativa do conflito

A concepção do conflito é o eixo central da educação para a paz, compreensão baseada na análise sistemática das diferentes formas de violência no propósito de intervir diretamente nas problemáticas. Neste sentido, o primeiro é deixar do lado o dualismo do bom e o mal, do nós versus eles, do dentro e fora, pois esta dicotomia constitui a base de toda violência. As situações conflitivas bebem da diferença, que pode desencadear em enfrentamentos nascidos da pouca flexibilidade que temos para descobrir a diferença como fonte de aprendizagens e condição necessária da vida.

Então, um conflito é “um processo de incompatibilidade entre pessoas, grupos ou estruturas sociais, por meio do qual se afirmam ou percebem (diferença entre conflito real e falso conflito) interesses, valores e/ou aspirações contrárias.” (Jares, 2007). Em consequência, como Fisas afirma:

Educar para la paz no significa aplicar em fórmula mágica que convierta a las personas em gente pacífica. Educar para la paz, es más bien, tratar de estimular el conflicto, aceptarlo como algo consustancial a la naturaleza humana, pero desde una perspectiva positiva, creadora (FISAS, 1987 p. 258)

Assim, o conflito é utilizado didaticamente na educação para a paz como sensibilização social, como desenvolvimento de competências individuais e coletivas no uso de técnicas não violentas de resolução de conflitos, e como reflexão e valorização dos formatos organizacionais na ação educativa.

2.3.3 Direitos Humanos, participação política e democracia

Outra intenção dentro da educação para a paz é a renovação dos processos educativos a partir do diálogo e reconhecimento do outro, o que implica um novo olhar dos direitos como processos de emergência de novas subjetividades e cidadanias. Em consequência, implica também uma educação que ensine e fomente a tomada de decisões informadas, dialógicas e deliberativas, que, por sua vez, se constituam como um jeito de formar cidadãos ativos que participem diretamente na busca de soluções das problemáticas que atingem suas comunidades. Em outras palavras, se pretende a formação e participação política num contexto democrático, onde novas formas de participação, organização e exercício do poder permitam a toma de decisões coletivas na construção do bem-estar de uma sociedade diversa, pluralista e não violenta.

2.3.4 Desenvolvimento: humano e sustentável

Novos olhares de desenvolvimento são trabalhados na educação para a paz. O primeiro tem a ver com nossa relação com a natureza, neste sentido, além da concepção meio ambiental como direito humano, é precisa uma compreensão do território e da diversidade que inclua de maneira direta os impactos ambientais negativos que se tem desde os padrões de consumo, até a exploração mineira, os monocultivos de tipo industrial, entre outras problemáticas que atentam contra nossa saúde física e o equilíbrio ambiental do planeta.

Por outra parte, a educação para a paz trabalha desde o paradigma do desenvolvimento humano, como uma concepção cujo eixo central é o sujeito. Dito conceito está baseado em 5 pilares segundo o PNUD (2005):

- Novos conceitos de segurança. Ênfase nas pessoas, não nas nações.

- Novos modelos de desenvolvimento humano sustentável que promovam o investimento em potencial humano.
- Colaboração mercado-Estado. Eficiência do mercado com compaixão social
- Novas formas de governo nacional e global. Descentralização.
- Cooperação internacional mais centrada nas necessidades das pessoas do que nos Estados.

Assim, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considera variáveis sociais e culturais, além da econômica: 1. Expectativa de vida. 2. Taxa de alfabetização. 3. Taxa de matrícula combinada em educação fundamental, média e superior. E 4. Renda real medida em termos de paridade de poder aquisitivo.

2.3.5 O cotidiano como cenário de transformação cultural

De forma geral, a educação pretende transformar ou reafirmar os olhares a partir dos quais interpretamos e damos sentido à realidade que transitamos. Na educação para a paz, esse olhar é vitalista, quer dizer que o valor da vida é o centro a partir do qual sentimos e olhamos o mundo. Assim, se dirige a novas aprendizagens que potenciem a decisão de realizar transformações na procura do bom viver de todos. Isso implica uma integralidade que articule a multiplicidade de dinâmicas e relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e históricas, locais e globais, assim como os diversos atores insertos nessas dinâmicas.

Como indivíduos transitamos nesses cenários e nos relacionamos com diferentes atores o tempo todo, por isso, é nessas relações diárias que se devem ver a construção das novas relações de convivência que tecemos. Se trata da forma como cuida de mim mesma, do ambiente e dos outros; ao tempo de deslegitimar as relações de poder, dominação, controle e obediência, assim como a discriminação e a exclusão da diferença.

2.4 Implicações educacionais

Muitas aproximações teóricas têm denunciado a configuração violenta -e as formas de violência produzidas- da/na estrutura organizacional do sistema escolar como reflexo ou reprodução das geradas na estrutura social. No convívio cotidiano,

“A violência física direta, tem sido historicamente a grande resposta educativa da escola tradicional. O lema “as letras com sangue entram” encerra, em si mesmo um tratado de pedagogia violenta que, em grande medida, tem sido banido com maior ou menor convicção. No entanto, a violência verbal e sobretudo a que se refere a privação dos direitos humanos estão longe de ser superadas. Do mesmo modo, nas relações entre os alunos, nos espaços em que o poder dos professores é menos visível ou quase inexistente, as relações de força baseadas na violência física, continuam a existir.” (JARES, 2007, p..33)

Evitar o conflito é uma forma de manter o status quo e a forma de dominação por parte dos que detêm o poder, assim como um ato de submissão, acomodação ou estratégia para conseguir o reequilíbrio do poder por parte daqueles que não têm. Na educação para a paz se questionam essas práticas, assim como os modelos de ensino, enfoques e políticas que não procuram erradicar as práticas culturais que validam e sustentam as violências e as exclusões e que, afinal, se reproduzem dentro e a partir da natureza conflituosa da escola.

Em consequência, e considerando o novo enfoque que representa a educação para a paz, esta supõe mudanças na estrutura e organização escolar, nas metodologias de ensino, nas formas de avaliação, assim como exige o acesso à educação e ênfase territorial.

2.4.1 Estrutura e organização escolar

A estrutura organizativa dá conta das normas, estilo de direção, participação, comunicação, sistema de relações, delegação de funções, tratamento dos conflitos, avaliação institucional, entre outros elementos que constituem a coluna vertebral da escola. A educação para a paz nos convida a viver, mais que refletir sobre, é por isso que propõe uma renovação das estruturas organizacionais com relação aos valores e objetivos de um projeto de democratização, modificando os enfoques burocráticos e de culto à eficiência por outros descentralizados, participativos e democráticos.

No mesmo sentido, conteúdos disciplinares fundamentais guardam relação com o critério de construção compartilhada do conhecimento, que, por sua vez, constitui o eixo vinculante das atividades conjuntas entre estudantes, instituições educativas e sociedade. A educação para a paz mistura conceitos, ideias e atividades de sensibilização, divulgação e práticas pedagógicas da educação formal, não formal e informal.

2.4.2 Metodologias

Criar e implementar metodologias emocionais, participativas e dialogantes dentro de uma educação sensorial e experiencial que respeite a biodiversidade e desenvolva habilidades para a vida e novas sensibilidades a partir das artes, constitui outro dos elementos essenciais da educação para a paz. Se trata de metodologias didáticas e métodos socioafetivos que permitam o

“Desenvolvimento conjunto da intuição e do intelecto voltado a expandir nos alunos uma compreensão mais ampla, tanto de si mesmos quanto do outro, mediante a combinação de experiências reais e de análise”. (Unesco, 1983. Citado por JARES, 2007, p.60)

Por outro lado, se trabalha o método dialógico a partir de experiências, que pretendem estabelecer objetivos e processos a partir da vivência de uma experiência real ou simulada (estudo de caso), e a posterior descrição e análise que levem à tomada de decisões baseadas na empatia. Nestes exercícios não só se pretende resolver e refletir a partir dos conflitos, mas se busca, também, contrastar e generalizar a experiência vivida com situações exteriores à vida real, relacionando o nível micro com o meio e o macro, do indivíduo ou grupo à sociedade local, nacional ou internacional.

A pesquisa, o trabalho em equipe e a cooperação constituem os elementos formadores do outro eixo metodológico da educação para a paz. Aqui se pretende que o aluno assuma um papel ativo, planeje e desenvolva ações concretas a partir de projetos de pesquisa e de intervenção social a nível individual e coletivo com uma perspectiva de futuro.

Finalmente, práticas pedagógicas que indaguem, interroguem e aprofundem conteúdos sobre problemáticas e acontecimentos que violem os direitos humanos numa

perspectiva pluridimensional, assim como uma educação em valores de convivência, solidariedade, justiça, verdade, multiculturalidade, entre outros, no cotidiano das práticas sociais, são essenciais nesta forma de educação.

2.4.3 Avaliação

A avaliação na educação para a paz deve manter a coerência entre o currículo explícito e o oculto. Em consequência, deve considerar tanto as questões didáticas e organizacionais como as sociais, políticas e filosóficas que interveem. Da mesma forma, a avaliação deve ser fruto de um diálogo compartilhado onde prime o processo, mais do que os resultados, e que dê preferência ao qualitativo, e não ao quantitativo.

2.4.4 Educação com ênfase territorial e pedagogias para a paz

Um programa em educação para a paz deve responder às necessidades do contexto, partir do conhecimento e construir, com a participação das comunidades, estratégias, ferramentas, vias e processos simples de trabalho cooperativo que ajudem no desenvolvimento de habilidades que permitam vivenciar valores e práticas de paz.

A partir desta reflexão, gera-se uma discussão sobre o porquê, para que, e através de quais meios educar para a paz. Assim, surge o conceito da Pedagogia para a paz, como uma forma de refletir sobre o exercício de ensinar e aprender a construir paz, ressaltando o balanço entre conteúdos e métodos no processo educativo, buscando integrar o meio - no caso a educação- como vínculo social, e o fim, a construção de paz como base da paz mesma. (Adarve, Gonzales e Guerrero, 2018). Em outras palavras, falar de pedagogias para a paz significa dar ênfase no caráter regional e contextual do qual partem as iniciativas, as quais começaram em diferentes momentos e cenários ao nível global.

A difusão da literatura sobre pedagogias para a paz localiza-se na década de 1980, principalmente na Espanha com a *Red andaluza de investigación de la paz y los derechos humanos* e o *Plan Andaluz para la cultura de paz y la no violencia*, assim como o *Instituto de la paz y los conflictos de Granada*, entre outros. (Valencia, Corredor, Jimenez, Rios e Salcedo, 2016) Posteriormente, entre a década de 1990 e 2000 as discussões se orientam

para o conceito de culturas de paz (Adarve, Gonzales e Guerrero, 2018) e entram no panorama as cátedras de paz da Unesco. Atualmente, a partir dos estudos pós-coloniais, surgem críticas ao que se considera a “paz liberal” ou “paz noratlantica”, ao considerar que as hipóteses sobre as quais se sustentam não correspondem as realidades locais dos contextos de conflito armado e os processos de negociação para seu fim. Cruz e Fontan (2014) consideram o modelo como etnocêntrico e reprodutor de uma hegemonia nos estudos e práticas das pedagogias para a paz na América Latina e o sul global.

Históricamente se han privilegiado las teorías del norte occidental, desarrollistas, cartesianas, como por ejemplo el pensamiento binario de la paz positiva y negativa de Johan Galtung (1967), y neoliberales, universalizando los derechos humanos y los valores democráticos, desconociendo los contextos locales, lo que Richmond llama de paz liberal. Esta paz hegemónica funciona mediante una lógica de dominación que ignora procesos locales y cotidianos, marginando concepciones de pedagogías para la paz y de paz provenientes del sur global y de visiones no académicas. (CRUZ; FONTAN, 2014, p.68).

Ao meu modo de ver, embora concorde com a necessidade de recolher e sistematizar as formas de construção de paz a partir dos territórios, uma análise sobre a educação de paz não se pode desligar da concepção de paz hegemônica, pois, desde o campo institucional, na concepção dos acordos de paz, das políticas públicas e do desenvolvimento da educação para a paz na educação formal, essa concepção de paz continua sendo imperante. Os discursos em educação para a paz continuam se baseando em estas concepções, e pelo tanto, todo intento por explicar o processo de desenvolvimento da educação para a paz, tem que incorporar tanto as visões “desde acima” que constituem o sustento das políticas públicas, como as realidades concretas de construção social na margem das instituições estatais.

No mesmo sentido, não considero que exista uma tensão entre as concepções teóricas sobre a paz e a construção de paz a partir dos territórios. Pelo contrário, considero que são concepções dialógicas, que se nutrem mutuamente, que apresentam complementariedade e que o trabalho de pesquisadores e ativistas é precisamente a criação de pontes de comunicação e visibilidade entre os enfoques local-comunitário e global-internacional, elemento já estabelecido nas pesquisas de paz desde os anos 80.

Estes elementos se apresentam como janelas de possibilidade de construção de diversos tipos de paz tendo como referência a cotidianidade, na especificidade dos contextos locais, mas, ao mesmo tempo, no diálogo, permitindo articulações com análises

globais e maior visibilidade, o que aporta no estabelecimento de redes, na concretude de programas nacionais -com enfoque territorial-, e, em suma, na transformação das realidades.

O caso colombiano, por exemplo, nos leva à necessidade de uma pedagogia territorial que construa socialmente os currículos nas bases da territorialidade e diversidade, misturando conhecimentos comuns, estudos obrigatórios e valores compartilhados com o corpo de conhecimentos, habilidades, aptidões e capacidades construídas socialmente em cada região. Ao mesmo tempo que aspectos estruturais como igualdade, justiça, poder e democracia; culturais como valores e princípios de civilidade, sensibilidade moral, diálogo, competências e capacidades cidadãos e interculturalidade; e aspectos diretos como mecanismos de resolução de conflitos, justiça transicional e restaurativa, memória, reconstrução do tecido social, perdão e reconciliação. Todos esses são elementos-chave deste processo, o qual veremos com maior profundidade adiante. Mas antes disto e em concordância com o caráter processual do trabalho, veremos como tem sido adotada, pensada e vivida a educação para a paz no contexto regional latino-americano, assim como os mecanismos que permitiram esse trânsito, o qual localizamos a partir da regulação transacional.

SOCIOGÉNESIS O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

AMÉRICA LATINA – COLÔMBIA

CAPÍTULO 3 - A REGULAÇÃO TRANSNACIONAL E A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA AMÉRICA LATINA

“Lo universal no son los derechos humanos, (forma particular de encaminar los antagonismos sociales), Sino la idea o la intuición de dignidad humana (...) En términos generales podríamos caracterizar ese universalismo como las plurales y diferenciadas formas de luchar por conseguir un lugar en el mundo” (FLORES, S/D)

Nos tempos da globalização, não é um segredo para ninguém que as agendas políticas nacionais não só obedecem as problemáticas internas dos países, mas que estão ligadas a um marco regulatório internacional, isto é mais claro no aspecto das relações internacionais ou da economia, mas quando se fala do tema no campo educativo esses processos são mais complexos e nem sempre tão perceptíveis, pois alguns não o percebem, outros o defendem, pensando mais na gestão e na produtividade, e outros o denunciam como um elemento que vai na contramão da gestão democrática e da autodeterminação dos povos.

Sem se fazer um elogio ou uma condenação da globalização, entender esse processo, com seus matizes, é fundamental quando se fala de qualquer fato social contemporâneo. Para Cesar Augusto Aguirre (2016), são sete os modelos a partir dos quais se percebe a globalização na relação com o campo educativo, e que vão desde a visão *humanista*, que pretende acrescentar as capacidades humanas de forma equitativa, até a *crítica normativa*, que se manifesta como uma oposição aberta à globalização. Entre os outros modelos temos: *O economicista*, que pretende a melhora da competitividade econômica diante uma força laboral capacitada e a promoção de uma democracia que diminua as desigualdades sociais; *A inserção imperativa*, que sob o componente econômico, avalia a pertinência da educação e a transformação dos modelos de aprendizagem como mecanismos para igualar oportunidades, respondendo à urgência das economias nacionais na inserção no concerto global, mas advogando pelos valores sociais que salvaguardem a identidade cultural de cada país ou região; *O interacionista*, representado principalmente pela Unesco, que apresenta uma visão de reforma que

analisa e procura objetivos comuns nos níveis regionais, ao mesmo tempo que defende a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação nas aulas como elemento essencial; *A mundialização alternativa*, que acha a globalização como uma possibilidade para gerar uma cidadania global fundada em valores de solidariedade e cooperação; e *A crítica analítica*, que concebe a globalização como uma ferramenta de controle social, pois as políticas educativas têm tido que aceitar os imperativos da inserção global, as novas formas de regulação e a adoção de novas tecnologia, ignorando as necessidades regionais e as demandas de democratização e justiça global.

Sem fazer uma análise exaustiva dos diversos modelos, devemos reconhecer que embora a ligação da educação aos interesses econômicos tenha confluído para o uso de avaliação via provas estandardizadas e para uma maior atenção à forma como os sistemas educativos reproduzem as desigualdades ligadas à divisão internacional do trabalho, também temos que reconhecer que foi a partir da globalização que se deu uma aproximação e reconhecimento de outros grupos que pensavam questões semelhantes no que se refere ao enfrentamento da violência e que surgiram e/ou se difundiram conceitos-chave, como identidade e diversidade, elementos centrais que, posteriormente, deram vida aos direitos humanos de terceira geração e que permitiram a luta pelos direitos de grupos nunca antes pensados dentro das agendas políticas.

Assim, a diversidade parte da noção de diferença entre seres exterior e simbolicamente diversos e se entende, então, como se deu a construção histórica, social, cultural e política das diferenças nos contextos de relações de poder (Pabis e De Souza, 2014). A tarefa no marco dos direitos humanos está na forma como propõe como se deve respeitar as diferenças, mas, ao mesmo tempo, integrá-las numa unidade que não anule as múltiplas identidades, trajetórias (pessoais, familiares, nacionais), demandas, problemáticas, inquietudes, etnicidades e, em suma, os diferentes modos como as comunidades se posicionam frente a suas realidades. Compreender e respeitar as diferenças e, mais que isso, valorizar a diversidade como algo positivo constituem fundamentos dessa vertente teórica.

A identidade, por sua vez, pode ser entendida como um processo em constante reconstrução, justamente por criar uma ideia de pertencimento sobre aquilo que nós mesmos somos com relação aos outros, quer dizer, aquilo que nos diferencia de outros com relação ao que fazemos, sentimos e como nos situamos. Naturalmente, esse

engajamento a grupos e valores muda ao longo de uma trajetória de vida. Em consequência, nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas pelas mesmas trajetórias vitais e os diferentes contextos nos quais nós desenvolvemos. Nesse sentido, somos portadores de várias identidades, muitas das quais podem ser transitórias e que são ativadas segundo o marco de ação, os interesses e o contexto.

Para entender o processo do qual estamos falando, especialmente no campo das políticas públicas em educação, precisamos fazer uso de um conceito: *regulação transnacional*, a qual entendemos como:

O conjunto de normas, discursos e instrumentos que são produzidos e circulam nos fóruns de decisão e consulta internacionais, no domínio da educação, e que são tomados como obrigação ou legitimação para serem adotados ao nível do funcionamento do sistema educativo” (BARROSO, 2016, p.44).

Assim, o posicionamento de uma agenda global que reconheça a diversidade dos povos e o valor das minorias, continua a ser a máxima moral contemporânea, bandeira que representa a base da educação para a paz. Dito isto, vamos fazer uma contextualização da forma como no marco da globalização, a regulação transnacional, efetuada principalmente pela Unesco, permitiu e alimentou a emergência e desenvolvimento dos estudos e projetos sobre educação para a paz na América Latina.

3.1 Paz e educação na regulação transnacional

“Se a educação não é a solução para acabar com a violência, sem educação a violência não tem solução, nem a curto, nem a longo prazo” (PINO, 2007, p. 784)

Os anos 80 são considerados, do ponto de vista econômico, a década perdida da América Latina. Altos índices de endividamento – dívidas externas impagáveis – com níveis muito baixos de crescimento econômico, déficits fiscais e volatilidade inflacionária e cambial levaram a uma profunda desfragmentação social, com aumento do desemprego e da violência social, problemas que afetaram diretamente as juventudes latino-americanas, em um sem sabor e perspectiva de “Não futuro”, nas palavras de Vitor Gaviria, diretor do filme *Rodrigo D. No futuro*, se tratava de “unos muchachos que tenían

muy claro que ellos no tenían futuro, tampoco tenían pasado, no veían sombra ni reflejo, vivían en un presente ansioso, al borde de la experiencia de la muerte”¹¹.

Nos anos 90, surge o antídoto, a resposta política, educação e trabalho são vistos como a panaceia e políticas públicas dirigidas à juventude são criadas pelo poder público, mas sem o reconhecimento deste segmento populacional como um ator específico de direitos. Eram políticas formuladas *para* a juventude, mas sem a participação dos próprios jovens. A ruptura, e consequente desilusão desta promessa, ficou registrada na música dos *prisioneros*:

El futuro no es ninguno de los prometidos en los doce juegos,
A otros le enseñaron secretos que a ti no,
A otros dieron de verdad esa cosa llamada educación
Ellos pedían esfuerzo, ellos pedían dedicación
¿Y para qué? Para terminar bailando y pateando piedras
(Los prisioneros, 1986¹²)

Neste aspecto, é interessante ver a radiografia que se apresenta no informe da Unesco de 1997 sobre a situação da América Latina e que constitui a base que legitima a urgência do “fomento de una cultura de paz, basada en el respeto a los derechos humanos, la democracia, la tolerancia, la diversidad cultural y la reconciliación” (Unesco, 1997).

Neste informe se revela a preocupação pelos diversos tipos de conflitos na região, os quais são: Entre grupos armados, guerrilhas e guerras civis, como nos casos da Guatemala, Nicarágua, Colômbia, Peru, México e o El Salvador; pelos referendos limítrofes e seus conflitos potenciais por assuntos territoriais e fronteiriços; a potencialidade de conflitos étnicos, pois com o fim da Guerra Fria se deu uma eclosão das contradições de tipo cultural e civilizatório; e a violência do crime organizado e o combate às máfias do narcotráfico “depredadores de recursos del patrimonio cultural y natural”. No mesmo sentido, ressalta-se o papel do Estado como ator direto de conflito e, em consequência, se procura sua ação direta em dois eixos:

¹¹ O filme reflexa aqueles que numa posição vulnerável, evidenciaram e denunciaram por meio de novas linguagens suas condições de vida, condições que “no permiten una conversación verdadera entre la periferia marginada y el centro de las lógicas modernas y capitalistas. Evidencia el disenso de un contrato social roto, malgastado y falaz” (Gutiérrez García, 2016),

¹² “El baile de los que sobran” voltou a ser ouvida nas ruas chilenas e colombianas, e se consolidou como um elemento ritualístico das manifestações populares -principalmente juvenis- nos protestos que se levaram a cabo durante os anos 2019-2020. É interessante ver como essa desilusão se mantém viva em algumas esferas juvenis, e como os elementos simbólicos ligam esses sentires no caso latino-americano.

1. Violência estrutural, pobreza extrema, exclusão política e marginalidade econômica. Aqui se pede aos Estados que estimulem políticas coerentes e de grande alcance para promover o desenvolvimento, principalmente no campo da saúde e da educação.

2. Governabilidade. A legitimidade dos governos depende da capacidade que têm de satisfazer as demandas da maioria da população. Caso contrário, é normal prever conflitos e irrupções sociais que arriscam a própria governabilidade democrática

Como vias de solução, o informe prevê processos de integração regional que estabeleçam responsabilidades compartilhadas em quanto a prevenção e castigo da violência, o que permitiria a construção de uma paz positiva, entendida a partir da perspectiva de Galtung:

“Condiciones apropiadas para la satisfacción de las necesidades humanas, convivencia armónica -paz social- gracias a la disminución de las desigualdades, al desarrollo humano sostenible, al respeto a los derechos humanos, a la vigencia del estado de derecho y la existencia de un régimen político democrático.” (Unesco, 1997, p, 12)

No mesmo sentido, nesse período também assistimos a emergência dos direitos humanos da terceira geração. Se na primeira geração -direitos civis e políticos- que se apresentavam como os direitos individuais da burguesia contra o poder do Estado reivindicados na Revolução Francesa e Norte-Americana, a liberdade era o elemento essencial; na segunda geração –direitos econômicos, sociais e culturais- reivindicados nas revoluções socialistas, a igualdade será o fundamental¹³; na terceira geração –direitos coletivos- que valorizam a diferença dos grupos sociais, o eixo principal é a solidariedade, dando lugar ‘à incorporação de múltiplos sujeitos, demandas coletivas e ampliação do espaço público, que se traduz em direitos ao desenvolvimento, à paz, à autodeterminação dos povos, ao meio ambiente, entre outros. (Novaes, 2011; Comins, 2003). Esses direitos se materializam em termos globais por meio de acordos internacionais e o conceito de juventude ganha lugar como sujeito de direitos enquanto “recurso cultural acionado (e ‘des’acionado) de acordo com circunstâncias e demandas em jogo”. (Novaes, 2011)

¹³ A união destas duas gerações de direitos dá lugar ‘a Declaração de 1948 da ONU, direitos individuais dentro do contexto dos Estados Nação.

No ano 2000, na resolução para o ano internacional da cultura de paz proclamado pela UNESCO, a ONU apresenta a cultura de paz enquanto contrário dialético à cultura da guerra (ONU, 1999)

Cultura de Guerra	Cultura de Paz
- Armamentos e soldados	- Desarmamento e segurança
- Controle de informação	- Livre fluxo de informação
- Identificação do inimigo	- Compreensão, tolerância e solidariedade
- Governo autoritário	- Participação democrática
- Exploração de personas	- Direitos humanos
- Exploração do meio ambiente	- Desenvolvimento sustentável e equitativo
- Educação para a guerra	- Educação para a paz
- Dominação masculina	- Equidade entre mulheres e homens

Tabela 1. Cultura de guerra – cultura de paz. Fonte: Elaboração própria.

Em consequência, no manuscrito da UNESCO, assinado no mesmo ano em Paris por um grupo de prêmios Nobel de paz reunidos no aniversário da Declaração Universal de Direitos Humanos, se estabelecem seis elementos do que se entende por cultura de paz:

1. Respetar la vida y dignidad de cada persona sin discriminación ni prejuicios
2. Rechazar la violencia con la práctica de la no violencia activa
3. Liberar mi generosidad compartiendo con los demás mi tiempo y mis recursos para terminar con la exclusión, la injusticia y la opresión política y económica
4. Escuchar para comprenderse, defendiendo la libertad de expresión y la diversidad cultural
5. Preservar el planeta promoviendo un consumo responsable y que tenga en cuenta las formas de vida de la Tierra
6. Reinventar la solidaridad contribuyendo al desarrollo de la comunidad con la plena participación de las mujeres y respeto a los principios democráticos. (UNESCO, 2000, p. ?)

Daqui surge o Manifesto 2000, que assinado por mais de 75 milhões de pessoas ao redor do mundo¹⁴ constituía um compromisso no cultivo da cultura de paz na vida cotidiana. (Adams, 2016). Igualmente, se cria o Culture of peace News network, com a

¹⁴ 11,8 milhões na Colômbia, 40% da sua população no momento.

intenção de compartilhar informação sobre o que as pessoas ou diferentes grupos ao redor do mundo fazem para promover uma cultura de paz.

Finalmente, e como resultado e acompanhando todo este processo, temos no plano acadêmico as cátedras Unesco, os seminários, mestrados, programas educativos e a universidade para a paz, que abriram espaço ao campo de estudos da educação para a paz na América Latina, mas que, embora o amplo trabalho, continua a ser um campo marginal e subsidiário na seleção de conteúdo dentro do sistema educativo formal.

Por outra parte, entendendo que o Estado-Nação não tem monopolizado a cultura da guerra¹⁵ ao longo da história; que o motivo principal, embora não declarado, das forças armadas é a defesa do poder do Estado contra a oposição interna; e que nos Estados falidos da nossa América se compete com forças criminais militares ou violentas dentro dos limites do Estado; Temos que o Estado se pode desvincular do assassinato em massa com aparente impunidade em termos de concepções institucionais de justiça e responsabilidade política. (Adams, 2016).

Em consequência, surgem as redes globais de comissões de paz, vinculadas às comissões locais, que permitem um trabalho sólido e autônomo de construção de paz, que não depende unicamente dos governos nacionais para a construção e manutenção da paz.

De outro lado, no trabalho de base, temos os inúmeros projetos que se espalharam pelo continente com apoio de organizações não governamentais no desenvolvimento de diversos movimentos sociais, os quais, por sua vez, aportaram desde a prática de novos conteúdos aos conceitos de direitos humanos como diversidade, inclusão, paz, cidadania, entre outros; enriquecidos também com a emergência e/ou afirmação de novos movimentos, como os indígenas, feministas e ecologistas; todos os quais foram fundamentais na transição democrática pós-ditadura.

Para o caso latino-americano, a saída das ditaduras militares significou um redirecionamento das políticas educativas em duas vias: a entrada em vigência das políticas neoliberais, e uma moderada abertura à sociedade civil como motor de mudanças. Surgem, assim, experiências de educação em direitos humanos como meio para evitar as ditaduras, os conflitos armados e as “falsas democracias” (Magendzo, 2009). A educação em direitos humanos se vê, então, como uma ponte entre a educação

¹⁵ Concepção clássica Weberiana

formal e a educação popular. Abraham Magendzo (2009) explica que, nos anos 80, a educação em direitos humanos procurou a expansão e legitimação dos direitos humanos; nos 90, desenvolveu metodologias, recursos e serviços didáticos; para no começo do século XXI, promover ativamente políticas públicas, controle das obrigações do Estado e desenvolvimento de propostas pedagógicas globais (Magendzo, 2009).

Por outro lado, Tuvilla (2004) expõe que existem algumas características fundamentais do desenvolvimento da educação em direitos humanos que se pode relacionar com a educação para a paz em América Latina:

1. Surge de la práctica social de la educación no formal y se consolida en los sistemas de educación formal después de alcanzados diferentes acuerdos de paz y transiciones democráticas.
2. Existe un amplio y fuerte movimiento de organizaciones no gubernamentales y sociedad civil organizada que trabajan en este ámbito, y que gracias al apoyo de organismos internacionales pudieron llevar a cabo sus fines educativos.
3. Los aportes metodológicos han sido variados e importantes. (TUVILLA, 2004, p. 45)

3.2 Educação para a paz na América Latina

Falar da América Latina é falar de uma história carregada de conflitos bélicos, governos autoritários, ditaduras militares e omissão de direitos econômicos, sociais e culturais; assim como de violações sistemáticas aos direitos civis e políticos, o que dá conta de um panorama de impunidade que vai desde a origem colonial e chega até nossos dias. Contudo, falar da América Latina é, também, reconhecer o trabalho incansável de gerações inteiras, que embora tenham crescido em contextos violentos têm contribuído na construção de paz a partir de diversos setores.

No plano da educação, temos experiências que são tão diversas como os contextos históricos, sociais e culturais nos quais surgem, ao mesmo tempo que correspondem a elementos conjunturais e demandas sociais específicas. Dar conta de todas elas resulta uma tarefa impossível, mas é cada vez maior o interesse da produção acadêmica que dão visibilidade a experiências inovadoras. Pesquisadores como Alicia Cabezudo, Cruz, Casas-Casas, Palevi; assim como organizações como a Unesco e a OIM (Organização Internacional para as Migrações) são algumas das propostas que tentam integrar as pesquisas e experiências sobre paz ao nível regional. No mesmo sentido, temos que

reconhecer a *Comisión Nacional Permanente de Educación para la Paz* (1986), e as pesquisas de Felipe Mac Gregor recolhidas na *Asociación peruana de estudios para la paz* (APEP), como centros de pesquisa pioneiros da educação para a paz na região (ADARVE, GONZALES E GUERRERO, 2018).

3.2.1 Educação para a paz como assunto de políticas públicas

Como já mencionamos, existem diferenças de enfoques da educação para a paz em relação ao contexto. Na Europa se inicia pelas demandas de desarmamento ante a preocupação pelo risco nuclear, os complexos militares e industriais, o desenvolvimento tecnológico sem controle, e a contaminação ambiental. Hoje, frente ao panorama migratório e ao desemprego, a educação para a paz é fundamental para trabalhar temas de direitos humanos que lutem contra o racismo, a xenofobia e o avanço de ideologias autoritárias, se convertendo num eixo didático transversal em muitos planos curriculares. (CABEZUDO, 2012).

No caso latino-americano, vamos partir da base que países com um forte trabalho de reconstrução de memória histórica, seja no marco da uma pós-ditadura (exemplo, Argentina ou Chile), ou de um pós-conflito, como no caso da Colômbia, Peru e El Salvador, posicionaram o tema na agenda política e acadêmica, embora só como auxiliar nos currículos escolares¹⁶. Contudo, este tipo de posicionamento implica uma maior reflexão dos temas-chave da educação para a paz, um maior compromisso da sociedade em geral, políticas públicas e leis sobre o tema, e estudos de pós-graduação específicos na área, assim como maior circulação de conhecimentos e experiências entre diversas propostas. No mesmo sentido, a educação para a convivência ganha um papel central nos estatutos educativos, principalmente a partir dos anos 80, que como vimos, coincide com o período no qual se integram elementos de conflito e convivência as pesquisas sobre paz, e no qual o trabalho da Unesco começa a ser visível na região; sendo que para o caso latino-americano, Chile e Colômbia foram os países que mais se esforçaram em implementar políticas que eduquem para e na convivência. Em consequência, duas

¹⁶ A educação para a paz e os direitos humanos resulta uma necessidade social e um imperativo moral inquestionável no campo educativo latino-americano, embora continue sendo um campo de estudos marginal e subsidiário da seleção de conteúdos no sistema educativo formal, necessário, mas aleatório, importante, mas não essencial, presente, mas ausente, que enobrece os discursos sem conceber alternativas da formação ética e cidadã de professores e alunos. (CABEZUDO, 2012)

categorias representam a Educação para a paz como assunto de políticas públicas¹⁷ em comunhão com iniciativas da sociedade civil no caso latino-americano¹⁸: Memória e Convivência.

3.2.1.1 Memória. O reconhecimento das vítimas:

“La memoria nos recuerda que jamás somos los mismos, (...) que la naturaleza humana, en líneas generales, está cambiando incesantemente, que ninguno de nosotros es el mismo ahora que cuando era pequeño, ni siquiera el mismo de ayer por la noche antes de ir a dormir.” (ACUÑA,2009. p. 104)

Os estudos sobre a memória surgem como um elemento essencial na reparação às vítimas de um evento traumático, sejam contextos de regimes e ditaduras, como no caso da Argentina, Guatemala, e o Chile, ou contextos de conflito armado, como foi o caso da Colômbia, o Peru, o El Salvador e Nicarágua.¹⁹

Os projetos pretendem principalmente lutar contra o esquecimento e garantir a não repetição dos atos violentos, reconhecendo que as dinâmicas de exclusão, medo e desconfiança deixaram feridas no tecido social. Então, se trata da construção de uma cultura de paz numa perspectiva de defesa e promoção dos direitos humanos que reconhece e acompanha as vítimas, assim como procura a transformação não violenta dos conflitos em todos os seus níveis. Deste modo, o significado da paz se transforma e se redefine como:

“La capacidad y habilidad de transformar los conflictos, para que, en vez de tener una expresión violenta y destructiva, las situaciones de conflicto puedan ser oportunidades creativas, de encuentro, comunicación, cambio, adaptación e intercambio” (Ibid. 2009. p. 99)

Na sua vez, a educação para a paz se concebe como uma educação no conflito e para o conflito, que possibilita a procura de respostas não violentas e mecanismos de

¹⁷ Entendemos as políticas públicas como a sistematização de processos de negociação pública de sentidos. (Lopez, 2014).

¹⁸ É importante mencionar que os anos 90 representaram um clima de reformas e modernização no campo educativo latino-americano, alentado tanto por fatores externos como por decisões políticas internas.

¹⁹ Vale a pena mencionar que nos trabalhos de memória, o Estado também se reconhece como ator do conflito, seja por ação direta, terrorismo de Estado, ou por inação e ineficácia no seu papel como garante de direitos.

gestão dos conflitos no interior das comunidades, trazendo a experiência como fonte de saber e conhecimento.

“La experiencia no nos hace expertos, en el sentido que no nos ayuda a resolver definitivamente los problemas, porque los problemas fundamentales de la vida no se pueden resolver. La experiencia no es un manual a consultar (...) pero a pesar de esto, la experiencia es una fuente de aprendizaje, de formación” (Ibid. 2009. p. 116)

Assim, entendendo a memória (individual, coletiva e histórica)²⁰ como base do desenvolvimento social, são expostos cinco propósitos essenciais:

1. Criar histórias orais para fortalecer a memória histórica sobre o conflito. “Las personas apropian subjetivamente los significados disponibles en su cultura y, en dicha apropiación, ellas mismas los recrean de modo narrativo y contribuyen a la pervivencia y transformación cultural” (Cabezudo, 2012)
2. Conscientizar para a não repetição do conflito
3. Defender e proteger os direitos das vítimas (Dignificá-las)
4. Preservar a memória do conflito armado (Causas e efeitos)
5. Criar espaços e homenagens para o reconhecimento das vítimas (O lugar das artes)

Surgem, assim, as pedagogias sobre memória, utilizando ferramentas que possibilitam a construção de uma nova história a partir dos relatos e das memórias individuais dos que têm enfrentado situações de opressão, com o propósito de reconhecê-los e visibilizá-los, e assim, eliminar a cultura do silêncio. Para Sacavino (2014) se trata de:

1. Generar análisis y reflexión a partir de las múltiples historias que han sido silenciadas
2. Generar diálogos con la memoria que a su vez permitan situarse dentro del proceso histórico y caminar hacia la transformación colectiva. (SACAVINO, 2014, p.79)

Em consequência, temos experiências de processos de simbolização de tipo monumental, artístico e escolar, que com um caráter formativo, procuram estabelecer relações não só entre os agentes-chave das comunidades, mas entre o velho e o novo, o conhecido e o desconhecido, o que foi e o que pode ser, o saber cotidiano e o saber científico. Programas como “Nunca más”, implementados em vários países da região nos

²⁰ Para aprofundar os estudos sobre memória ver os trabalhos de Maurice Halbwachs e Hannah Arendt. Para o caso colombiano, ver as pesquisas do Centro Nacional de Memória Histórica.

períodos pós-ditaduras; ou os trabalhos adiantados pelo Centro de Memória Histórica da Colômbia, dão conta desde trabalho. Assim, diante metodologias participativas se pretende lembrar o passado criticamente, formar para a ação presente e construir sociedades mais democráticas e pacíficas para o futuro, cenário onde o papel das artes é vital, pois é

“(…) generador del desarrollo de la expresión creativa natural que todo ser trae consigo, y estimula tanto las cualidades como los valores sociales, morales y la autoestima. Además, tiene la finalidad de introducir al educador y al educando en la ardua y fascinante tarea de la creatividad, la sensibilidad, la apreciación artística y la expresión, factores que contribuyen al espíritu creativo y social de todo individuo” (Ibid. 2009. p. 143)

3.2.1.2 Convivência escolar. O conflito na escola:

É também ao final dos anos 80 que a América Latina teve uma importante expansão nas matrículas na educação básica e no ensino médio, levando a que setores antes excluídos do processo de escolarização acessassem o sistema educativo, configurando-se essa convivência inédita entre classes sociais como um tema de vital importância. Não se tratava, então, de que o sistema educativo tivesse como objetivo o combate à violência (função própria das forças policiais e do sistema judicial), mas de buscar a construção e garantir as condições que permitissem o bom convívio e a segurança das comunidades educativas. Em suma, se tratava de “aprender a conviver” como um fim inquestionável da educação. É importante estudar a diversidade de compreensões e propósitos das políticas públicas desse período, pois deles dependem as distintas estratégias e intervenções.

Macarena Morales e Veronica Lopez (2019) estudaram 19 documentos dos países da região, avaliando a concepção que têm sobre a convivência escolar, para estabelecer quatro categorias gerais: Democracia, Segurança Cidadã, Saúde mental infanto-juvenil, e managerialista.

A concepção democrática, presente nos documentos da Costa Rica, El Salvador, Uruguai e Venezuela, se fundamenta na educação para a paz e para a cidadania, que se caracteriza pela reforma integral do currículo, fortalecendo as capacidades dos atores educativos e as organizações escolares na instauração de práticas e culturas institucionais democráticas, quer dizer, aquelas que propiciam instâncias de participação.

Esta concepção da convivência escolar democrática é própria e particular da hispano-américa sob o ideário de que uma convivência escolar pacífica e participativa daria as garantias para que a comunidade educativa recobrasse seus direitos fundamentais, desenvolvendo capacidades de coesão, representação e inclusão social que permitissem a reconstrução da democracia, deixando para trás ditaduras militares, guerras civis, violência e insurreições (Ibid. 2019). Com uma incidência positiva nos resultados, esta visão parte do reconhecimento à diversidade e à ação coletiva na construção de uma paz duradoura que fomente as relações humanas inclusivas e distribua o poder de tomada de decisões.

A ênfase na segurança cidadã está presente nos documentos da Bolívia, Cuba, República Dominicana, Guatemala e Paraguai e pretende a prevenção da violência escolar e do delito, gerando parâmetros de disciplina escolar que integrem a graduação de faltas e sanções, assim como sistemas de denúncias; desta forma, se concebe a convivência como um estado de disciplina e segurança na escola.

Quando se fala de saúde mental infanto-juvenil, se fala de um modelo preventivo que promova habilidades e comportamentos positivos, assim como ofereça atenção psicossocial aos estudantes e famílias envolvidas em conflitos ou agressões. Nesta perspectiva mais ligada à psicologia, estão os documentos da Argentina, Equador e Honduras, que buscam dar conta da intenção por desenvolver habilidades individuais para a interação social e o bom estado psicológico dos estudantes com relação à agressividade e controle de impulsos.

Finalmente, as pesquisadoras identificam a noção managerialista como aquela que combina as estratégias de segurança cidadã com as de saúde mental, numa estandardização de processos e prestação de contas com altas consequências. Nos documentos do Brasil, Chile, Colômbia, México, Nicarágua e Peru se entende a convivência como um estado de disciplina na escola, baseado na estandardização da gestão institucional racional e estratégica diante uma série de ações planejadas e reportadas. É um enfoque mais administrativo, onde a escola está sob a supervisão do governo central e submetida a consequências institucionais de reforço e castigo pelo cumprimento ou descumprimento de normativas e padrões.

Contudo, a convivência escolar é um problema que vai além do espaço escolar, por isso, precisa do trabalho conjunto da comunidade educativa, entendida em sentido

amplo: membros de governo, diretivos, professores, estudantes, pais de família, entre outros.

Neste sentido, temos que as posturas com o foco no controle da violência apresentam uma visão estreita, pois ao trabalhar só com os estudantes com “problemas de disciplina” se deixa de lado a gestão com e para a comunidade escolar, o qual se traduz numa paz efêmera difícil de manter sem mecanismos regulatórios. Aliás, estas políticas com ênfases no controle da conduta e as sanções, apresentam efeitos negativos, pois longe de resolver a violência escolar, a piora promovendo e reforçando práticas antidemocráticas e de exclusão.

“La educación para la convivencia implica muchos cambios, no sólo de contenidos sino de actitudes. Requiere una predisposición a atender las necesidades individuales y colectivas, presentar un clima de trabajo saludable y a generar cada vez más espacios para que los vínculos de afecto y cooperación se afiancen.” (ZARITZKY, 1999, p.171)

Por outra parte, aquelas visões que priorizam a capacitação de alguns poucos, favorecem uma gestão centralizada nos que lidam melhor com as habilidades, questão pouco prática e sustentável no dia a dia da escola.

Do outro lado, criar ferramentas para romper com o ciclo da violência e construir uma cultura de paz é a perspectiva da convivência democrática, que com uma gestão participativa e enfocada no desenvolvimento da comunidade dá protagonismo à ação de diversos atores educativos e ao desenvolvimento de um currículo para a paz e para a cidadania.

No caso colombiano, a legislação em matéria de convivência escolar é bastante ampla, Consuelo Arce e Janeth Gonzalez, duas pesquisadoras da Universidad del Tolima, nos oferecem um material importante que permite ver o conceito de convivência no marco legal, assim como os aspetos organizativos do “Sistema Nacional de Convivencia Escolar y Formación para el Ejercicio de los Derechos Humanos, la Educación para la Sexualidad y la Prevención y Mitigación de la Violencia Escolar”. (Arce e Gonzalez, 2014)

Para o “Ministerio de Educación Nacional de Colombia”, a violência é entendida como os comportamentos não instintivos produto de processos de privação, frustração e socialização; Por outro lado, se parte de duas dimensões: a realidade social do país e a responsabilidade da escola na formação de cidadãos capazes de exercer a democracia, respeitar os direitos humanos e ter a capacidade de conviver e se relacionar com os outros

de forma respeitosa a partir dos referentes éticos, culturais e normativos, assim como as competências, habilidades e capacidades dos indivíduos para interatuar construtivamente (Ibid. 2014. p.62); enfim, se entende a convivência como um estilo de vida produto da aprendizagem.

A atuação do Ministério da Educação se sustenta na Constituição política da Colômbia (1991) que deixa como tarefa da educação formar para a paz e para a convivência, em um plano de formação democrática na diversidade, diferença, conflito e não violência; e a Lei Geral de Educação nº 115 de 1995 dá sustento a essa visão ao estabelecer que o papel da a formação é fomentar o respeito à vida e aos direitos humanos.

Dito isso, a Lei sobre Violência Escolar entende o bom convívio como:

“La coexistencia pacífica de los miembros de una comunidad educativa, que supone una interrelación positiva entre ellos y permite el adecuado cumplimiento de los objetivos educativos en un clima que propicia el desarrollo integral de los estudiantes” Ibid. 2014 p.63).

Apresenta um enfoque formativo: Ensinar e apreender uma soma de conhecimentos, habilidades e valores que permitam pôr em prática a vida em paz e harmonia com os outros; e uma dimensão preventiva: Desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam formar pessoas autônomas, capazes de tomar decisões pessoais e de se antecipar a situações que ameacem ou alterem a aprendizagem da convivência. (Ibid. 2014)

Do mesmo modo, a Lei 715 de 2001 estabelece os regulamentos quanto aos recursos para a prestação de serviços educativos, apresentando no decreto nº 1860 sobre as pautas para a construção dos manuais de convivência escolar.

Em 2011, é consagrada a Política Educativa para a formação Escolar na Convivência, cujo enfoque é a educação para a paz e a convivência no âmbito da educação formal em três eixos essenciais: Formativo, participativo e de compromisso, reconhecendo a todos os atores da comunidade educativa como sujeitos de direitos e deveres.

Complementando o marco legal, o Ministerio de Educación Nacional oferece documentos dos lineamentos curriculares nas áreas de constituição política e democrática, educação ética e em valores humanos, ferramentas para abordar, debater e refletir.

Por sua vez, a Lei nº 1620 de março de 2013 cria o “Sistema Nacional de Convivencia Escolar y Formación para el ejercicio de los derechos humanos, la educación para la sexualidad y la prevención y mitigación de la violencia escolar”, estabelecendo como objetivos a contribuição na formação de cidadãos ativos e na construção de uma sociedade democrática, participativa, pluralista e intercultural, assim como a promoção e fortalecimento da formação cidadã e o exercício dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos dos estudantes, além da prevenção e mitigação da violência escolar e a gravidez adolescente. Igualmente, no plano organizativo estabelece três níveis de administração: 1) Nacional, conformado pelo comité nacional de convivência escolar; 2) territorial, que consta dos comitês municipais, distritais e departamentais de convivência; 3) e o escolar com seu comité de convivência. Vale a pena mencionar que todos os comitês estão integrados pela comunidade em sentido amplo, quer dizer, representantes de governo, instituições públicas e privadas, diretivos, professores, estudantes, pais de família, ex-alunos, entre outros.

Finalmente, temos que reconhecer que as leis e as políticas públicas têm um peso de autoridade no fazer educativo pois são só um marco de possibilidade de ação, se misturando com os sentidos populares de cada comunidade escolar. Daí a importância dos estudos de caso, pois constituem uma janela aos modos como princípios e práticas são percebidos e incidem no contexto escolar diante os múltiplos processos de execução. Por isso, não é estranho encontrar diversos modelos dos apresentados numa mesma experiência nacional, ou inclusive, numa mesma escola. Diversidade que deve ser entendida no diálogo necessário entre os que tomam as decisões e os envolvidos nelas.

3.2.2 Educação para a paz na educação não formal

“Nadie libera a nadie, ni nadie se libera solo.
Los hombres se liberan en comunión”
“Nadie educa a nadie, nadie se educa a sí mismo.
Los hombres se educan entre si con la mediación del mundo” (FREIRE, 2005, p.37)

Na perspectiva de Gomes (2013), a Educação América Latina tem servido muito mais para manter a hegemonia cultural de uma elite branca, machista, heterossexual e cristã legitimada nas ideias de uma modernidade nunca consolidada, criou sistemas educativos que se fundamentam na violência cultural e institucionalizam a violência

estrutural, exclusão social, por meio da escola pública oficial. Na contramão, propostas de educação para a paz por parte de pedagogos, pesquisadores, líderes comunitários, estudantes e sindicalistas têm sido desenvolvidas no continente como uma forma de denúncia e criação de ações concretas no combate aos diferentes tipos de violência, pois devemos entender a educação para a paz como uma educação que não se interessa só pelo conhecimento, mas que habilita para a ação, o pensamento crítico e o trabalho coletivo. Em outras palavras, uma educação vista para transformar as violências estruturais e culturais que se manifestam diante das violências diretas.

A educação para a paz se nutre destas experiências, que se apresentam como uma construção histórica que surge de forma paralela aos sistemas educativos formais desde diferentes setores marginados das políticas educativas, e que pouco a pouco, logra acessar e se instaurar nos sistemas educativos formais. Entendemos assim a educação não formal como todos os processos educativos que procuram habilitar no curto, meio e longo prazo, em campos de interesse e necessidade para as pessoas e sociedades cujas demandas não foram satisfeitas pela ação do Estado no sistema educativo formal. Os referentes mais importantes para o caso latino-americano são a Educação Popular e a Teologia da libertação, que embora não sejam concepções de educação para a paz per se, apresentam elementos de aproximação importantes para entender outras vias da forma como tem sido pensada a educação para a paz na América Latina.

3.2.2.1 Filosofia da libertação:

Entre as décadas de 1950 e 1970, se estabelece o modelo desenvolvimentista na América Latina, que para o campo educacional defendia a ampliação do sistema educativo para que os setores marginados se integrassem e contribuíssem para a modernização econômica. Na teoria, a educação era vista tanto como um meio para a formação de trabalhadores qualificados, como uma forma de ascensão social, na prática, os problemas se acentuavam, era necessária um cambio profundo na estrutura social do sistema político, social e econômico, na educação, era preciso superar as ideias tradicionais fundadas no liberalismo, positivismo, modernização e desenvolvimentismo. (Gómez, 2013; Cunha, 1989)

Em consequência, reconhecendo a pedagogia da desumanização como aquela que cria um homem passivo, desvalorizado, com dependência emocional e orientado para os outros, (Freire, 1973 citado por Gomez, 2013) surge a filosofia da humanização como aquela que pretende a libertação do pensamento colonial manifestado em âmbitos sociais, culturais, econômicos e políticos que foi imposto por pequenas elites durante séculos, o que no campo educativo, implica uma ruptura com o pensamento liberal-positivista, se trata então da tarefa histórica e humanística de se libertar e libertar aos opressores. (Freire, 1973)

Assim, surge a educação popular nos anos sessenta, que com Paulo Freire como seu maior expoente se entende como um movimento educativo e uma proposta filosófico-política e pedagógica inclusiva e integradora das bases sociais subalternas, excluídas dos sistemas educativos, sociais, econômicos, políticos e culturais. No caso colombiano, a educação popular se materializou em espaços de formação cívicos e camponeses, assim como programas de alfabetização inspirados na tradição freiriana (Adarve, Gonzalez e Guerrero, 2018) funcionando como uma estratégia emancipatória e autônoma nos espaços onde o Estado não faz presença, nem oferece acesso à educação.

Entre seus princípios se encontram a integralidade, a ênfase na participação, a relação entre o processo educativo e organizativo, a produção e ampliação coletiva do conhecimento e importância da prática; que por meio do diálogo e o encontro com o outro, pretende integrar o comunitário com o pessoal e o afetivo com o intelectual. Nas palavras de Adarve, Gonzalez e Guerrero (2018), se trata de uma:

Apuesta política que busca transformar la realidad y desafiar los esquemas tradicionales de la educación a través de la construcción colectiva del conocimiento, desde los saberes cotidianos y las relaciones horizontales entre profesores y estudiantes. (ADARVE; GONZALEZ; GUERRERO, 2018, p.68)

Em outra via, e partir do Concílio Vaticano II (1968), assim como da Declaração de Medellín (1970), surge desde o interior da Igreja Católica toda uma nova concepção do seu papel no mundo, estabelecendo um alinhamento geral na criação e desenvolvimento das comunidades eclesiais de base (CEB), e deixando claro a opção preferencial da igreja pelos pobres. Este movimento, conhecido como a Teologia da Libertação, marcou uma importante etapa no pensamento social de um continente tradicional e maioritariamente católico, pois para ser um bom católico era necessário um

papel ativo nas transformações sociais em benefício dos mais necessitados, nomes como Arnulfo Romero ou Camilo Torres são referência deste movimento.

Em suma, temos que a Educação para a Paz na América Latina, tanto ao nível teórico como prático, na educação formal ou informal, pretende alcançar:

Diálogos internacionais por meio do reconhecimento e prática de direitos fundamentais, integração social e cultural, vivência da democracia plena, desenvolvimento sustentável, e realização das aspirações pessoais e coletivas.

Temas como a Reconciliação, sob o reconhecimento dos danos mútuos causados, a educação se apresenta como um meio para restaurar e estabelecer compromissos de não repetição, reconstrução do passado, reconhecimento do presente e projeção ao futuro.

Assim como a Identidade, aqui a intenção é desconstruir e reconstruir identidades pluriculturais, multilinguísticas e heterogêneas. Se parte, então, do contexto sociocultural dos indivíduos para dar significados a suas próprias representações, criando pontes entre a escola e a realidade, pois a “identidad es el antídoto de la pérdida de sí mismo y del escepticismo; es sinónimo de recuperación del sentido existencial.” (Devés Valdés, 2003. Citado por Gómez, 2013).

Além do foco na Diversidade e Integração, ao reconhecer a existência de diferentes grupos sociais com seus próprios espaços, tempos, e identidades, às vezes compartilhadas, das quais se deve partir na geração de diálogos que permitam alcançar consensos úteis para o bem-estar coletivo.

Ênfase no Desenvolvimento Humanizador, que entende a paz como promotora do desenvolvimento humano sustentável enquanto possibilita o desenvolvimento pleno do potencial humano ao nível pessoal e coletivo.

Resolução e transformação de conflitos por meios não violentos, entendendo o conflito como inerente à condição humana, ensinando mecanismos de transformação de conflitos tanto internos como externos, ressaltando também, as atitudes críticas no reclamo e exigência de direitos.

Democracia no fortalecimento de processos de gestão, assim como a participação afetiva e ativa dos cidadãos insertos numa sociedade civil que decide e cria mecanismos participativos e inclusivos na exigência do cumprimento pleno dos seus direitos.

Resumindo, temos que a educação para a paz na América Latina se tem desenvolvido como uma resposta dada a partir do espaço educativo, formal e não formal, a uma história de violações sistemáticas a partir da ruptura do Estado de Direito, seja pelo abandono do Estado ou pelo estabelecimento de golpes antidemocráticos ou ditaduras militares desde finais dos anos 60. Nas décadas posteriores, a educação para a paz foi se alimentando do avanço de propostas de paz e resolução de conflitos por via pacífica nos tratados internacionais, desenvolvendo maior conhecimento sobre os problemas e promovendo mudanças nas legislações nacionais, sejam para reparar as vítimas via processos de memória e/ou para educar as novas gerações para se relacionar de formas mais democráticas.

Assim, no campo educativo encontramos disciplinas com diversos nomes (educação democrática, educação cívica, instrução cívica, formação cidadã, etc.) cujos conteúdos curriculares têm como objetivo a aquisição de uma série de valores e normas de comportamento vinculados a valores e princípios éticos presentes nos direitos humanos e na defesa da justiça e da equidade, sendo que disciplinas como história, geografia, economia, literatura e artes se constituem como áreas de apoio nos eixos que se apresentam como integradores na implementação destes conteúdos nos modelos pedagógicos. Embora os avanços neste sentido, o questionamento que resulta é se realmente este tipo de valores e condutas se aprendem com aulas específicas no tema, ou se trata mais de um trabalho cotidiano que deva ser visto de forma transversal nos currículos escolares e no fazer diário da comunidade escolar pensada em sentido amplo.

Respondendo a este questionamento, surgem perspectivas que defendem que assumam cada vez mais um papel ativo como agentes colaboradores e transformadores através das diferentes ações e projetos, valorizando o trabalho conjunto de estudantes, pais, educadores, sociedade civil, ONGs, igrejas, entre outros, na criação de projetos sobre problemáticas da realidade, conduzindo os estudantes a estabelecer um contato direito muito enriquecedor do aprender na prática, identificando problemas, procurando alternativas e criando ações concretas; em outras palavras, ensina aos jovens a agir como cidadãos ativos ao construir processos de democracia direta.

Democracia, conceito que dever ser entendido além do sentido político abstrato, e posto em prática como conceito ágil e dinamizador na superação dos métodos autoritários de gestão educativa, ideias de autonomia, responsabilidade e diálogo, os quais constituem aportes da educação para a paz nos diversos contextos educativos, e que

permitem sustentar, desenvolver e educar com e para a democracia, única forma de construir uma paz com equidade e justiça social que nos faça livres, pois ...

“La libertad significa una participación en continua expansión, como resultante de un compromiso activo con la realidad social.” E “El aprendizaje es una apropiación instrumental de la realidad para actuar en ella” (CABEZUDO,2012, p.?)

Em suma, neste capítulo vimos conceitos chave que se estabelecem no plano global e se articulam a processos locais e regionais tanto no plano acadêmico como legislativo, num processo de regulação transnacional. Nesta medida, conceitos como diversidade, identidade e direitos humanos são fundamentais na educação para a paz, mas temos que ver o que acontece além do discurso, pois por exemplo

“Los derechos humanos hoy están ampliamente aceptados en su enunciado, pero la profundización del modelo neoliberal hace que se incumplan en la práctica, (...) o que faz com que tenham (...) sufrido un vaciamiento de sentido” (KLAINER, 2000, p.25)

Assim, os incentivos, foros de debate, e discursos da UNESCO desde os anos 80 sobre cultura de paz e direitos humanos, constituíram o link que permitiu e incentivou, não só a entrada da educação para a paz no contexto latino-americano, mas as discussões sobre direitos humanos, e com isto, processos que articularam a educação formal com as experiências próprias da educação popular. Porém, hoje o trabalho continua sendo a construção de diálogos e propostas conjuntas que articulem as visões globais, mas se projetando a objetivos regionais. Tendo como premissa que a educação para a paz está sempre em relação com a construção de sociedades, mas justas e igualitárias, em suma, não se pode falar de educação para a paz sem falar de justiça social.

CAPÍTULO 4 - PENSANDO A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA COLÔMBIA

Antecedentes, história e alcances

Assistindo o discurso de algumas dissidências das FARC, que decidiram voltar à luta armada como consequência -ou com o pretexto- do incumprimento por parte do Estado do pactuado em Havana em 2016, não foi uma surpresa ouvir os nomes de Bolívar e Santander para reivindicar posições, cores e bandeiras em um campo de combate. No vídeo que dura aproximadamente 30 minutos, os guerrilheiros se reconhecem e se declaram como os herdeiros de Bolívar que lutam contra a oligarquia santanderista.

Sem entrar em uma análise sobre sua veracidade histórica, este fato nos permite ilustrar três elementos: 1. A forma como alguns setores continuam pensando no conflito como um jogo de duas partes (bons e maus), sem reconhecer a complexidade do fenômeno; 2. A Colômbia, ao longo da sua história, vem reciclando conflitos que, ao não ser resolvidos, têm permitido o escalonamento do conflito armado e o surgimento de novas formas de conflito; 3. Desde a independência, ordem e violência estão unidos como duas faces de uma mesma realidade.

Contudo, não é possível caracterizar a cultura política colombiana só a partir do fenômeno da violência, pois é fácil encontrar os mais variados esforços e iniciativas para fugir e resistir à guerra, e tratar de construir novas formas de solidariedade e participação cidadã, (Herrera, Pinilla e Infante, 2001) ainda mais nas zonas de conflito armado. Estas estratégias comunitárias têm negociado, ao longo do território colombiano, suas próprias pazes, imperfeitas, heterogêneas e cheias de recursos locais. (Cruz, 2012. Citado por: Adarve, Gonzalez e Guerrero, 2018). Segundo Cruz (ibid. 2018), a Colômbia é o país com maior número de movimentos pela paz no mundo; mobilização dada principalmente nas zonas rurais, a partir de iniciativas culturais, educativas e esportivas, as quais têm adotado múltiplas formas de protesto contra a violência e buscado a promoção da paz. Assim então, a Colômbia oscila entre duas tendências: 1. Democratização da sociedade e consolidação de uma cultura aberta a diferença; e 2. A fragmentação dos interesses,

rejeição de toda forma de regulação institucional, e violência. (Herrera, Pinilla e Infante, 2001. Pg. 43)

Neste capítulo, vamos ver os elementos que foram se entretecendo para permitir a aparição da educação para a paz como campo de discussão acadêmica, pedagógica e política na Colômbia. Para isto, vamos fazer uso de três contextos explicativos: Conflito armado, Educação e Pesquisa Social.

Entendemos os contextos explicativos na proposta de Saúl Franco (2003) como aqueles que dão conta das condições de possibilidade, das relações e das explicações lógicas de um fenômeno. Em consequência, se quer ver no decorrer histórico da Colômbia a inter-relação das condições estruturais e dos processos conjunturais, superando e estabelecendo um ponto intermediário entre o causalismo e a descrição, que numa postura mais compreensiva estabelece as condições de possibilidade histórica, sua dinâmica, suas tendências, suas consequências, seus possíveis mecanismos e estratégias de transformação ou, em outras palavras, nos ajuda a resgatar o sentido processual.

4.1 Inícios e formas de nação

A educação durante o período colonial (1492-1820) estava regida pelo dogma católico, e se destinava principalmente à formação da elite *criolla*²¹ e espanhola. Por sua parte, comunidades religiosas como os jesuítas, franciscanos e domínicos educavam em valores de obediência, submissão, austeridade e resignação.

Já no período republicano (1820-1840), a educação napoleônica com ideias ilustradas de liberdade, igualdade e justiça, privilegia o pacto social e o racionalismo no domínio sobre a natureza e os homens. O catolicismo continua sendo um eixo forte, mas a educação se assume como uma política de Estado, na função pública de formar novas gerações. Em consequência, a partir do ano 1821, o método lancasteriano ganha força, e se estabelecem as Escolas Normais (Botero, 2005).

Desde meados do século XIX até a primeira metade do XX, a educação esteve submetida ao pêndulo da política *bipartidista*. Do período da modernidade, que integra o

²¹ Se conhecem como criollos, os filhos de espanhóis nascidos da América. Constituíram as elites da hispano américa, só abaixo dos espanhóis peninsulares.

modelo liberal e a *Regeneração*, se pode ver a incapacidade dos partidos políticos na administração do exercício educativo do país. Entre os problemas deste período, encontramos a falta de professores preparados, a descentralização do sistema educativo, a pouca prioridade na educação, a falta de recursos e as guerras intestinas.

Contudo, a intenção a partir daquele período esteve marcada pela formação de bons cidadãos, e seu reconhecimento como sujeitos de deveres e direitos com o Estado. Assim, no 1850 os liberais descentralizam os processos formativos e, em 1870, estabelecem a educação primária gratuita, obrigatória e laica.

Em contrapartida, em 1886 se promulga uma nova constituição -obra máxima da *Regeneração*- e, em 1887, se firma o *concordato*, pacto sob o qual a educação volta a ser regida pelos preceitos da igreja católica, dando poder aos bispos da vigilância na supervisão de docentes e eleição de textos escolares.

No período que vai desde 1890 até 1920, assistimos ao primeiro movimento de desenvolvimento industrial e a demanda então, passa a se formar operários capacitados nos ofícios manuais, obedientes e disciplinados. E se trata assim de “Pedagogizar o corpo e a alma”. Porém, a Guerra dos Mil Dias (1899-1903) deixa o país arrasado, suspenso no seu desenvolvimento econômico e mutilado com a perda do Panamá. Assim, a partir de 1903, se dá um esforço por reorganizar o sistema educativo, e sob a lei nº 39 de 1903 se ratifica o pactuado no Concordato e a Regeneração (Moreno, 2017).

As guerras civis do século XIX constituíam rivalidades no interior da oligarquia dominante em temas como o papel da igreja e suas relações com o Estado, a organização política (centralismo ou federalismo), a abolição da escravidão, entre outras. Isto quer dizer que estavam determinadas pelos contextos sociopolíticos regionais ou nacionais, ligadas às relações de poder e domínio,

las rivalidades acontecieron entre grupos sociales que ocupaban un mismo status social, así pues, la clase dominante asumió tanto la dirección política como la dirección militar guerrillista (SÁNCHEZ, 2007, p. 18).

Já nos anos 30, sob a *República Liberal* (1930-1945), com a chegada da era industrial e a acumulação de capital, se criaram novas elites de proprietários de terras²²,

²² Processo que se vá consolidando, não só com os herdeiros das elites coloniais, mas desde finais do S. XIX, com a consolidação da fazenda cafeeira, as empresas artesanais e o valor do enriquecimento.

comerciantes e industriais, assim como se deram mudanças estruturais na área política, social e econômica.

Com a *Revolución em marcha* de Alfonso Lopez Pumarejo (1934-1938), o liberalismo adotou parte do discurso do partido comunista e de setores abertamente marxistas que levaram a reformas constitucionais relacionadas com as exigências econômicas, políticas e sociais de uma proposta socialdemocrata.

No plano educativo, e com o panorama internacional da Escola Nova e sua pedagogia ativa²³, assim como as ideias do Manifesto de Córdoba²⁴ (1918) -eixos do movimento reformista colocados em prática no *Gimnasio Modeno* (fundado em 1914) - (Botero, 2005), as mudanças no plano educativo, levaram à ampliação da cobertura escolar, ao reconhecimento das mulheres na educação superior universitária, ao estabelecimento de escolas mistas e à propagação da liberdade de culto nas instituições escolares. No mesmo sentido, se formalizou o caráter estatal da *Universidad Nacional* e da *Escuela Normal Superior*, que junto com o posterior *Instituto Etnológico Nacional* (1941), e a *Contraloría General de la República*, formariam um pequeno grupo de profissionais dedicados à Antropologia, Economia e História, (Jaramillo, 1970, citado por: Cartagena, 2016), e abririam o campo das Ciências Sociais como fontes de legitimidade para dar conta da realidade econômica, social e política do país. (Cartagena, 2016) Elemento que se nutria com o paulatino acesso dos setores urbanos das classes médias na universidade.

Por outra parte, se garantiram direitos à classe trabalhadora, como a legalização da instituição do sindicato, a função social da propriedade, o direito de greve, associação, intervenção do Estado na economia, sufrágio universal para homens, entre outras medidas.

Tudo isto, além da proposta de uma reforma agrária com o objetivo de melhorar a distribuição da terra, levou a uma forte oposição de diversos setores da classe terratenente e da igreja católica, e dos sectarismos políticos das diversas organizações

²³ A pedagogia ativa dá conta do papel ativo do estudante, e a importância da observação e a experimentação no desenvolvimento científico, tecnológico, social e humano num processo onde o professor se apresenta como guia e colaborador da aprendizagem.

²⁴ Entre as ideias principais do Manifesto de Córdoba, estava o papel da universidade no trânsito de uma educação confessional, autoritária e tradicional para outra moderna, científica e autônoma.

regionais a se envolveram em um enfrentamento aberto, nas zonas rurais e urbanas, entre liberais e conservadores. (Urrego, 2002, citado por: Cartagena, 2016)

Por outro lado, nos anos 40, aparece no panorama a obrigatoriedade do ensino de história. Uma história renkeana, patriótica e lineal, que procura datas e pais fundadores. A intenção é educar no respeito e obediência, reconhecendo os heróis da pátria e criando uma identidade nacional, assim como hábitos democráticos que afastem o uso da violência como ferramenta de imposição política. Neste contexto, a violência é pensada como o produto da ignorância e o desconhecimento da luta independentista. Em consequência, se quer diminuir a confrontação *bipartidista* e persuadir ao povo da impertinência do levantamento e o desconhecimento das hierarquias seculares que existem (Moreno, 2017).

Em 1946, retorna o conservadorismo na cabeça de Mariano Ospina Perez, o que agudizou a tensão política e social com múltiplas manifestações de greves e movimentos de trabalhadores; situação que se intensificou com a suspensão da pessoa jurídica da *Confederación de Trabajadores Colombianos*. Ante este panorama, surge a imagem do Jorge Eliecer Gaitán como líder único do partido liberal.

Até aqui temos que a educação não foi um fator importante no cenário político, que a escola reproduzia as lógicas clericais com a participação aberta da igreja católica nos enfrentamentos políticos e suas decisões²⁵, marcando processos de ódio e ruptura entre opositos políticos. Nesta medida, o conflito armado interno permeou todas as práticas sociais que tivessem podido ser moderadoras do avanço do processo educativo. De igual maneira, a forma como se desenvolveu a violência, estabeleceu a

Legitimidad de la acción punitiva contra el “opositor” político y la “privatización” de la aplicación de la justicia (...) De esta forma, el choque entre campesinos liberales y conservadores no solo incluyó el castigo ejemplarizante del adversario, sino que incorporó dentro de la cultura política una vía personal para la resolución de conflictos. (URREGO, 2002, p.115 citado por CARTAGENA 2016)

²⁵ Como um fato histórico, em setembro de 2017, um grupo de católicos composto por clérigos, religiosas e laicos, fizeram um evento simbólico com a participação das vítimas do conflito armado, no qual pediram perdão pela ação da igreja católica na exacerbação da violência em Colômbia, fazendo ênfases na sua participação como ator de violência neste período histórico.

4.2 *La Violencia* e o novo panorama internacional

Terminamos os anos 40 com o prelúdio do que será conhecido no campo historiográfico como *La Violencia*. (Ortiz, 1994; Peñaranda, 2007; Sánchez, 2007) O assassinato do *caudillo* liberal, Jorge Eliecer Gaitán e o consequente *colombianazo*²⁶ em 1948, que somado aos câmbios de governos no período 1930 – 1946²⁷, se reconhecem então como os antecedentes diretos da primeira onda de violência.

As guerras do século XIX, terminaram “desplegándose hacia sectores, actividades y territorios que en principio no tenían relación con el conflicto armado, pero que terminaban articulándose con él” (Uribe, 2003, p. 29). Em consequência, nesse período assistimos a uma rivalidade que embora dirigida ideológica e politicamente pelas classes dominantes -dirigentes dos partidos liberal e conservador-, não se desenvolve no interior das elites, mas sob a direção do plano militar é efetuada de forma particular sobre os setores *campesinos*. Neste sentido,

La crisis entre las clases dominantes y las clases subalternas que tomó fuerza durante los años treinta y cuarenta (...) levou a (...) un estallido hacia los años cincuenta a modo de confrontación abierta (Cartagena, 2016)

O anterior também da conta da mudança da violência gerada pelo bipartidismo nas grandes cidades às regiões, a qual, a partir dos anos 50 se estabeleceu formalmente nas zonas rurais.

A historiografia oficial estabelece o período de *La Violencia* entre 1948 y 1957, etapa conflitiva que se inicia a morte de Jorge Eliecer Gaitán em 9 de abril e que finaliza com a caída do regime do militar Gustavo Rojas Pinilla e a posterior aliança política conhecida como Frente Nacional, em 1957, um acordo de paridade entre os dois partidos tradicionais, baseado na alternância da presidência durante um período de 16 anos, quatro anos cada um, e a distribuição paritária dos outros cargos públicos.

²⁶ Embora o nome mais comum deste fato tenha sido o de *Bogotazo*, o conceito *colombianazo* recolhe pesquisas posteriores sobre as experiências e manifestações de insurreição popular que sucederam ao assassinato do Jorge Eliecer Gaitán nas diversas regiões do país. Levantamentos que se deram contra as instituições públicas, o presidente e os dirigentes do partido conservador, acusando-os como autores intelectuais do assassinato ao líder liberal.

²⁷ Estes câmbios de governo estão marcados pelo esgotamento da hegemonia conservadora, o estabelecimento da República liberal (1930), o retorno dos conservadores em 1946.

Assim, a década dos 50 se divide em duas ondas de violência. Da primeira, (1949 – 1953) temos o saldo de 16.219 mortos só na região do Tolima. E a segunda (1954-1958) com o crescimento paulatino do fenômeno, apresentando cifras de 193.017 mortos em todo o território nacional (Grupo de Memória Histórica, 2013).

Com relação à escola, assistimos um retrocesso das ideias reformistas dos anos 30-40. A coexistência da mentalidade religiosa pré-moderna com a instrumentalização capitalista, levou a que sob o governo do conservador Laureano Gomez, que só durou um ano no cargo (1950-1951), se dera uma acomodação da pedagogia ativa ao discurso da pedagogia católica, assim, “*Pese al discurso oficial, en Colombia no existia un proyecto público de pedagogía activa*” (Botero, 2005, pp.8). Por outro lado, com relação ao ensino da história, vemos o início de um trânsito lento de uma história que tenta criar sentimentos de obediência e admiração aos heróis e a pátria, para um relato histórico que busca mostrar as bondades da democracia liberal e o sistema de desenvolvimento capitalista (Moreno, 2017).

Em suma, a educação colombiana, e principalmente o ensino da história neste período, não está muito interessada na análise dos problemas próprios do caso colombiano. Assim, no que diz respeito as respostas da escola à violência imperante, podemos dizer que a geração que estava na escola não era a mesma que reproduzia a violência, contudo, o processo educativo não gerou resultados diferentes no futuro mais próximo, e embora o crescimento da universalização dos processos educativos, não se percebe uma desaceleração da guerra (ibid. 2017).

Por outro lado, a partir dos anos 50, e em um processo que chega até hoje, vemos a importância da educação como mecanismo de desenvolvimento social, assistimos assim ao início de uma agenda de regulação transacional por parte de organismos internacionais como a Unesco, a OEA, e a Cepal; que a partir da década dos 50, integra ideias de condutismo -controle da conduta- e taylorismo, privilegiando a instrução sobre a educação, e validando a ciência e a tecnologia como meio e fim. Este processo também levou ao crescimento dos indicadores educativos, uma expansão de matrículas primárias e secundárias, e o aumento de professores e estabelecimentos educativos. Mas continuava reproduzindo uma educação confessional e institucionalizava a subalternidade com a promoção de interesses compensatórios no detrimento de interesses emancipatórios, na mesma via, se instaurava uma gestão tecnocrática, gerencial e empresarial, assim como a ampliação da educação privada em detrimento da pública.

De outro lado, este período é caracterizado por Marco Palácios (2003) como o de maior sectarismo e força destrutiva no país, pois, citando a Jaramillo:

aparecieron vigorizados los denominados “bandoleros” y “pájaros”: grupos de sicarios pagados por los directorios políticos que azotaron a las regiones y localidades (JARAMILLO, 2011, p. 69)

Assim, o nomeado historiador, estende a data de finalização da *Violencia* até 1964, momento no qual se combinam estratégias de anistia e reinserção à vida civil das “bandas” e grupos armados. (Palacios, 2003) No mesmo sentido, é interessante observar como com a repartição partidária dos cargos públicos, assim como os pactos de perdão e esquecimento celebrados pelos líderes políticos durante o *Frente Nacional*, foi perdendo sentido a mútua inculpação dos partidos e o discurso mudou para um “todos somos culpados”.

4.3 A insurgência, o sistema global e os *violentologos*

Durante os anos 60, se incentiva a massificação da escola com jornadas duplas e triplas, juntamente com a aparição da televisão educativa e se criam instituições de ensino técnico como o SENA e o INEM, de avaliações estandardizadas como o ICFES, de entidades financiadoras como o ICETEX, e entidades promotoras de pesquisa como COLCIENCIAS. Na mesma via, se intensificam as visões tayloristas que veem a educação como parte do processo produtivo e que com ajuda do capital transnacional e em consequência, com o seguimento das recomendações próprias dos empréstimos das entidades financeiras, levaram ao controle técnico da atividade humana e ao fordismo - divisão sistemática de tarefas- na divisão entre instituições educativas -os que pensam e os que executam-, perdendo assim a capacidade crítica e a instalação de uma “ditadura tecnocrática” de currículos feitos por grupos autônomos e abstratos (Botero, 2005).

Contudo, nas décadas do 60 e 70, se deu uma profunda expansão do sistema universitário, dada a necessidade de incorporar as classes médias para a consolidação do capitalismo, e que como dizíamos, levou a um processo de estratificação das instituições educativas, se diferenciando pela origem social da sua população estudantil e as diversas qualidades acadêmicas (ibid. 2005). Este fenômeno, também levou à criação de institutos e centros de pesquisa privados, regidos pelas leis do mercado, que se converteram, em

boa medida, em centros de consultoria governamental (Leal, 1988, citado por: Botero, 2005).

Para o ano de 1959, a sociologia logra sua autonomia, e se fundam três escolas, uma na Universidad Nacional, outra na Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá e outra na Pontificia Bolivariana do Medellín (Cartagena, 2016), todas as quais tinham como objetivo

formar investigadores en ciencias sociales, calificar recursos humanos para realizar proyectos de cambio a nivel local, regional y nacional y desarrollar habilidades para el diseño de estrategias de planificación social. (CARTAGENA, 2016, p.74)

Vemos assim como o ponto central desta disciplina era formar especialistas capazes de dar conta das complexidades dos fenômenos de uma sociedade em mudança. Em palavras de Obregon (1987): “los sociólogos se perciben a sí mismos como “técnicos” que pondrán su saber científico al servicio de la transformación social”.

Em consequência, a Sociologia surge como ciência na Colômbia com a intenção de questionar o papel da universidade na produção de ciência, cultura e tecnologia, o que a leva a criar diálogos interdisciplinares com economistas, historiadores, antropólogos e geógrafos em temas como o desenvolvimento agrário e industrial; os movimentos camponeses e operários; a educação, a modernização e a ação comunal; e claro, a análise da violência com a intenção de explicar, diagnosticar e propor às instituições do Estado alternativas frente à realidade conflitiva do país. (Sánchez, 1998; Cataño, 1989; citado por: Cartagena, 2016).

Também surge a *Asociación Colombiana de Sociología*, e dois importantes centros de pesquisa vinculados à igreja católica: O CINEP (1959) –*Centro de Investigación Social y Educación Popular*– e o *Centro de Investigaciones Sociales* do Arzobispado (1959). Assim como se organizam o *I Congreso Nacional de Sociología en Bogotá* e o *VII Congreso Latinoamericano de Sociología* (1964) (Cataño, 2008; citado por Cartagena, 2016).

Agora bem, em todo este processo, as figuras do Orlando Fals Borda e Camilo Torres, pensadores formados nos Estados Unidos e na Bélgica, consequentemente, foram fundamentais, não só por serem os pais fundadores da Sociologia na Colômbia, mas pelos seus compromissos tanto acadêmicos como políticos, que os levaram a assumir visões

diferentes sobre as soluções que atingiam o país. Camilo Torres decidiu levar até as últimas consequências seu compromisso com a luta e, como “bom cristão”, não temia a morte e foi morto no primeiro combate como membro armado do ELN, se convertendo num ícone libertário na região. Por sua vez, Orlando Fals Borda, trabalhou ativamente na compreensão do conflito na Colômbia e no direcionamento dos três elementos que para o que para ele devia ser o trabalho sociológico: um trabalho comprometido com as lutas sociais, uma pesquisa participativa (IAP) e um pesquisador “sentipensante”.

No que refere ao ensino de História, se dá uma coexistência entre o orgulho do passado pré-hispânico e a exaltação das epopeias emancipatórias, fundadas numa tradição civilista em defesa das instituições republicanas. A intenção era a formação, ao mesmo tempo, da nação e do sentimento patriótico entre os cidadãos (MORENO, 2017).

Por outro lado, assim como se alimentou o discurso da democracia e o desenvolvimentismo, também, surgiram e cresceram movimentos sociais, e se fundaram as guerrilhas das FARC (1964), ELN (1964), e EPL (1967), iniciando um processo de transição da violência bipartidista à subversiva, sobre a qual o Grupo de Memória Histórica localiza no período entre 1958 e 1986.

La violencia se alimentó de la inequidad social y económica que, junto a los rencores de la violencia partidista y el monopolio democrático instaurado por el Frente Nacional (1958-1974), incentivaron las resistencias armadas propuestas por las comunidades campesinas y algunos intelectuales del país. (GRUPO DE MEMÓRIA HISTÓRICA, 2013, p. 112)

No mesmo sentido, Arocha (1995), citado por Cartagena, 2016) explica que a violência dos anos 50, que em princípio era partidária e interpelava a capacidade do sistema político para se ampliar, gerou no seu interior um cenário conflitivo insurrecional, onde as forças insurgentes de camponeses substituíram a perspectiva da incorporação ao poder por uma perspectiva de substituição do poder, exigindo a capacidade do sistema político já não para se ampliar, mas para se transformar. Sobre isto, Valencia e Ortega nos falam da militarização da política e a relativa despolitização da vida social, onde os grupos armados de organizações de resistências de camponeses nas diferentes regiões do país e a confrontação entre os partidos políticos tradicionais e seus suportes armados levaram a um processo de *bandolerización*, que terminou sendo a ponte, ou cadeia de transmissão entre as duas violências.

Como mencionamos, nesse período as Ciências Sociais adquirem maior legitimidade para refletir sobre as realidades do país, e o livro inaugural *La Violencia en Colombia (1962)*, publicado por Germán Guzmán, Orlando Fals Borda y Eduardo Umaña Luna, estabelece o primeiro esforço por globalizar o fenômeno da violência e acessar a ele por meio da descrição detalhada, fazendo uso das técnicas e metodologias próprias das Ciências Sociais, quer dizer, construído a partir de um trabalho de campo que reconhece o impacto da violência sobre as classes populares, especificamente na mentalidade e consciência política dos setores camponeses da Colômbia; trabalho feito a partir de entrevistas num percorrido pelas zonas mais afetadas pelo conflito armado (CARTAGENA, 2016).

As análises que se tinham até o momento vinham da literatura, das crônicas ou dos discursos políticos. Assim, como expõe Catalina Cartagena, antes do livro de Guzman, Borda e Umaña, as novelas eram utilizadas para dar a conhecer o fenômeno das torturas, massacres e assassinatos aos que eram submetidos os camponeses nas zonas rurais; os contos ou crônicas testemunhais expressavam com um sentido crítico e autocritico os sentires e as vivências dos próprios atores, guerrilheiros, soldados os civis partícipes do conflito; e os artigos de opinião ou livros escritos usando recursos jornalísticos argumentavam a partir de uma posição partidária sobre as responsabilidades e irresponsabilidades do partido político contrário à interpretação de datas e acontecimentos concretos. Em suma, uma produção e reflexão que se centrava na busca de responsabilidades individuais e coletiva que estabelece uma narrativa de “bons” e “maus”, e como o expressa Ortiz (1994):

(...) con contadas excepciones, expresa algún tipo de vínculo orgánico o afectividad con uno de los bandos en pugna. (...) Sus autores son dirigentes de los partidos, funcionarios del gobierno, abogados, periodistas o combatientes de las fuerzas legales o ilegales. (ORTIZ, 1994, p.383)

Assim, como reconhece Cartagena (2016), o citado livro:

Se convierte en la primera aproximación académica que utiliza un enfoque interdisciplinario, pues además de la Sociología apela a las Ciencias Políticas y al Derecho. En un segundo plano, el objetivo de sistematicidad conduce a los autores a delimitar temporalmente el fenómeno (1948-1958) aunque reconociendo, desde una perspectiva histórica, la necesidad de remontarse años atrás para encontrar causas y explicaciones. En tercer lugar, se produce una configuración espacial del problema dando lugar a una primaria regionalización del fenómeno y a una consideración de la variable geográfica. (CARTAGENA, 2016, p. 4)

Em consequência, naqueles anos é que se inicia o campo de pesquisas conhecido como *violentologia*, quer dizer, o estabelecimento da violência como objeto de pesquisa pelas comunidades científicas²⁸, como ilustra Zuleta (2006):

Por un lado, seleccionaron y pusieron en relación una serie de eventos a los que asignaron ordenamientos cronológicos, espacios geográficos de manifestación y actores específicos; y por otro, les atribuyeron categorías explicativas, y lógicas organizacionales y conectivas. (ZULETA, 2006, p.78)

A partir deste momento, com maior força nos anos 80, e com uma interpretação da violência como a acumulação de disfunções em todas as instituições fundamentais, é que se dá uma numerosa produção acadêmica sobre a violência. Publicações, congressos nacionais, simpósios internacionais, que contavam não só com o crescente interesse do público receptor, mas iam renovando, reconfigurando e atualizando o campo, em relação às novas tendências e enfoques de pesquisas, assim como discutindo as conjunturas políticas que iam integrando temas, como as guerrilhas, as anistias, os processos de paz, as reinserções, as reformas agrárias, o paramilitarismo, entre outros temas.

Sendo assim, Sánchez (2007) caracteriza três tendências de análise na violentologia:

1. O trânsito da análise da violência como conjuntura política (1945-1958), para análises de perspectivas de longa duração, nas quais se entende a violência como um fenômeno estrutural na evolução política e social do país. Esta tendência se subdivide em dois movimentos: a. Movimento para atrás, que quer estudar a permanência da guerra irregular na Colômbia; e b. O Movimento para adiante, que avalia o impacto da situação política contemporânea para os anos 80.

2. Deslocamento dos estudos globalizantes para estudos regionais e unidades temáticas ou conjunturais específicas.

3. Gradual desprendimento do economicismo dominante na produção dos anos 70, que estuda o fenômeno no marco da dupla violência/capitalismo. Ganhando espaço as determinações políticas, sociais e culturais do fenômeno.

²⁸ Como antecedentes de um enfoque científico externo às ciências sociais, poderíamos citar a *Comisión Investigadora de las Causas Actuales de la Violencia*, estabelecida por ordem da Junta Militar no decreto 0942 de 1958; e o ciclo de conferências “*Radiografía del odio en Colombia*” inaugurado pela sociedade colombiana de psiquiatria em 1959.

Tendências que vão ganhando força a partir das diferentes disciplinas que reclamam o fenômeno como objeto de pesquisa, como o apresenta Zuleta (2006):

Para los años sesenta, la Violencia es problema de la Sociología, de ahí que su primaria interpretación se haga a partir de propuestas globales que intentan brindar una visión panorámica del fenómeno. Desde finales de los sesenta y durante los setenta, se vuelve objeto de la Economía y la Pedagogía; a finales de los setenta vuelve a las Ciencias Políticas y a la Antropología; por último, en los años ochenta, se aborda el fenómeno desde la Historia, la Filosofía y de nuevo la Sociología. (ZULETA, 2006, p.39)

No campo político e social, nos anos 70 se funda a guerrilha do M-19 (1974) e, de forma paralela, entra no jogo o fenômeno do narcotráfico, inicialmente de maconha e posteriormente de cocaína, que trazem consigo a entrada de grandes quantidades de dólares, assim como o surgimento das posteriormente conhecidas máfias criminosas “Cartel de Cali” e “Cartel de Medellín”. Já no final da década, no marco da doutrina de segurança nacional dos Estados Unidos, o presidente Julio César Turbay²⁹ promulga o *Estatuto de seguridad*, um regime penal de segurança cujo propósito era fazer contrapeso aos grupos insurgentes, regular e proibir o protesto social, e frear o crescimento de grupos guerrilheiros.

Como elemento de destaque no campo educativo, os anos 70 iniciam com a consulta a alguns intelectuais na construção de um novo olhar sob a perspectiva da “Nova História”, como uma tentativa de reforma curricular que redimensionasse o papel do ensino da História, porém a visão da nação e seu desenvolvimento político continuaram sendo privilegiados, apesar das tentativas de inovar os processos de ensino-aprendizagem e a incorporação dos modelos de pedagogia ativa (Moreno, 2017). Já no final dos anos 70 até meados dos anos 80, os indicadores de crescimento se estancaram e o discurso passou da cobertura à qualidade, levando a uma reorganização do sistema educativo, sua descentralização e o diálogo com o grêmio docente para sua profissionalização.

4.4 Novos atores no jogo

No panorama dos anos 80 vemos uma expansão do conflito armado, um alto grau de fragmentação social e o recrudescimento da violência como produto das alianças entre máfias do narcotráfico com grupos armados, fenômeno conhecido como

²⁹ Presidente da Colômbia no período de 1978 - 1982

narcoterrorismo. Assistimos, também, ao crescimento dos grupos insurgentes e a múltiplas tensões sociais estimuladas pela incompetência dos governos na administração das flutuações monetárias. Por outro lado, ao final da década, sob o governo do Virgílio Barco³⁰, se firma o acordo de paz com o M-19 (1990) e se adiantam negociações de desmobilização³¹ com as guerrilhas que faziam parte da *Cordinadora Guerrillera Simón Bolívar*³², com a exceção das FARC e o ELN; Mas a não consolidação de acordos com as FARC e o ELN, as desmobilizações parciais que deixaram dissidências ativas³³, assim como o genocídio do partido político da *Unión Patriótica* revelaram a debilidade do Estado colombiano por dar conta dos processos de paz.

No campo educativo, agências multilaterais entram a fortalecer o vínculo da educação com o sistema produtivo e se pretende uma formação integral para o sistema mundo e a globalização. Na gestão educativa, vemos como vão desaparecendo os poderes autônomos nacionais que se vão convertendo em agentes locais do domínio abstrato do capital e do mercado, se dando assim uma transição de uma imposição e autoritarismo didático, a uma imposição de centros hegemônicos (BOTERO, 2005).

Por outro lado, o ensino de história e geografia se integram em um conhecimento que vai do internacional ao local, fortalecendo a história universal, mas reduzindo a história nacional à reprodução acrítica de textos escolares que desconhecem o papel da história crítica e a construção coletiva da memória nacional. Em suma, se continua favorecendo uma identidade nacional baseada na história libertadora, e o resgate do pluriétnico e multicultural, mas que não tem em conta as lógicas do conflito armado interno e seu desenvolvimento.

Com o panorama de um país que se desagrega numa guerra fratricida, produto do terrorismo do narcotráfico, e que mostra abertamente a possibilidade do extermínio como uma forma de fazer política na aliança paramilitarismo-setores da classe política e narcotráfico, que se pode ilustrar no genocídio de um partido político inteiro, e em uma eleição presidencial com o saldo de três candidatos assassinados, surge uma proliferação

³⁰ Presidente da Colômbia no período 1986-1990

³¹ Os acordos de paz com o EPL, PRT e o Quintín Lame serão firmados em 1991.

³² A *Coordinadora Guerrillera*, foi um grupo que pretendia unificar a ação dos movimentos guerrilheiros: *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia-Ejército del Pueblo (FARC-EP)*, *Ejército de Liberación Nacional (ELN)*, *Ejército Popular de Liberación (EPL)*, *M-19*, *Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT)*, e *Movimiento Armado Quintín Lame*.

³³ O EPL por exemplo, embora a desmobilização de mais de 2000 de seus integrantes, é uma guerrilha que continua ativa até hoje na região do Catatumbo, na fronteira colombo-venezuelana.

de imagens de violência que vão alimentando a idealização da corrupção e a ideia do “menor esforço”. Assistimos então a uma mudança nos valores estéticos, produto de uma cultura de consumo que bebe do discurso televisivo mafioso, muitas vezes absurdo e fantasioso, e que se enraíza no mais profundo da cultura colombiana, se manifestando, como expõe Michael Taussig, na *“profunda atracción por el uso de armas, el uso indiscriminado de la violencia, los carros blindados, las masacres o el cambio del cuerpo a través de la generalización de extremas medidas de cirugía plástica”*. (TAUSSING, CITADO POR VIDAL, 2015)

No mesmo sentido, as relações violentas, caracterizadas pelo predomínio intencionado da força para consecução de fins, se converteram em predominantes tanto nos espaços da vida pública como nos espaços da vida privada, e exercida tanto nas interações políticas como nos familiares, laborais e esportivas. De forma ilustrativa, o homicídio se acelerou a partir da metade dos anos 80 e com 28.284 homicídios em 1991, se alcançou o maior nível registrado até o momento. (Franco, 2003). Para 1992 -primeiro ano da nova constituição- se registra o maior número de mortes por motivos político-sociais. (ibid. 2003) Neste cenário se identificam três processos como determinantes da violência: A agudização do conflito armado, a expansão e confronto policial no narcotráfico³⁴ e a virada neoliberal³⁵.

Todo isto faz com que a perspectiva acadêmica deixasse de falar da violência e começasse a falar das violências, no plural, dando espaço a explicações que vão além da dimensão política partidária, e considerando outras modalidades relacionadas aos fatores socioeconômicos, das lutas de posse de terra, e sinalizando a violência sociocultural na defesa de uma ordem moral e social (Cartagena, 2016) Nesta medida, Ramírez (2002) resume o análises historiográfico da seguinte forma:

A la guerra civil le dimos una calificación y un tiempo preciso de desenvolvimiento: “guerras civiles del siglo XIX”, y al conflicto de mediados del siglo XX le otorgamos una presentación ortográfica particular: La Violencia (con mayúsculas), esto último para diferenciarla de los conflictos anteriores en términos cronológicos y de la violencia reciente y particular emergida a partir de los años ochenta. (RAMIREZ, 2002, p. 67)

³⁴ Processo dado no marco da “Guerra integral” do governo do Cesar Gaviria (1990-1994) no confronto direto aos chefes dos *carteles* do narcotráfico.

³⁵ Entendemos neoliberalismo, nos termos de Franco Agudelo (2003), como: “La competencia como fuerza dinamizadora social, en el mercado como escenario central de las interacciones sociales, en la privatización de lo público y en una relativa reducción del Estado, asignándole una función de predominio económico en especial en la regulación del mercado”.

Por outro lado, e como mencionamos, a mobilização pela paz no espaço comunitário e desde os movimentos sociais, tem longa data no território colombiano. Uma infinidade de grupos tem criado diversas manifestações e formas de resistência no meio da violência³⁶, mobilizações que têm criado suas próprias pedagogias de paz. Assim, como afirma Cruz (2012, Citado por: Adarve, Gonzalez e Guerrero, 2018), a Colômbia é o único país que tem desenvolvido pedagogias para a paz no meio de um conflito armado, -processo que geralmente se dá no período de pós-conflito-. Contudo, por seu caráter não formal, surgindo à margem da academia e sem apoio estatal ou institucional, muitas vezes não são entendidas como tal e são invisibilizadas.

Em consequência, nos anos 80 se cria a semana pela paz, uma iniciativa que buscava dar apoio e visibilizar as pequenas iniciativas das comunidades ou organizações de base que protestavam pacificamente frente à violência; proposta que posteriormente vai dar força à construção da *Red Nacional de Iniciativas por la paz* REDEPAZ (1994), um encontro nacional no que participam líderes sociais, movimentos, coletivos, instituições educativas, ONG's, universidades, igrejas, entre outras organizações construtoras de paz; cujo fim último é reconhecer a liderança da sociedade civil nos temas de paz.

Assim, se fecha um pouco depois do que marca o tempo cronológico, não só uma “década perdida” no plano econômico, mas uma das décadas, se não a mais, agitada, violenta³⁷, mediática, mercantilizada, e, porém, de resistência na história colombiana.

4.5 Esperanças e rupturas de paz

A luta dos movimentos sociais, e a pressão dos jovens estudantes no ato conhecido como a “séptima papeleta”³⁸ levaram à consolidação de um novo pacto social. A

³⁶ Educar, fazer política, protestar, organizar e resistir se reconhecem como diversas categorias de mobilização pela paz.

³⁷ Em 1988 se registra o maior número de homicídios políticos no período: 2738; e os homicídios por intolerância político-social chegam a representar o 20% do total de homicídios. (Juanito) O qual se explica, como se falou, pela convergência das primeiras eleições populares de *alcaldes municipales*, a guerra sucia contra a *Union Patriótica*, o incremento dos massacres, e o narcoterrorismo urbano.

³⁸ A *Séptima Papeleta* foi uma proposta que surgiu do movimento estudantil de diferentes universidades, públicas e privadas, do país. Consistiu em incluir um sétimo voto nas eleições legislativas e de governos locais de 1990. Neste papel, não previsto oficialmente, se pedia a criação de uma assembleia constituinte visando a consolidação de um novo pacto social, dado que a constituição de 1886 se considerava obsoleta para enfrentar os novos desafios do país.

constituição de 1991 não só deixou para trás a arcaica constituição de 1886, mas integrou novos setores antes excluídos das decisões políticas³⁹, reconheceu direitos a populações indígenas, negras e raizales⁴⁰ deu jurisdições especiais aos territórios indígenas e coletivos, e criou ferramentas para a participação dos cidadãos, entre outras ações.

Na nova Carta política também se estabelecem processos de informalização da justiça e métodos alternativos de solução de conflitos, onde se concebem as comunidades como instâncias aptas na resolução dos seus conflitos sem a intervenção do poder judicial, temos assim os juízes de paz e seu trabalho como conciliadores, terceiros acompanhantes e colaboradores na transação ou concertação direta.

No mesmo sentido, as ações dos movimentos sociais dos anos 60, 70 e 80 podem ser entendidos como antecedentes da institucionalização de uma educação para a paz e a democracia no país. Assim mesmo, dos acordos políticos no período 1989-1994, surgem inúmeros projetos educativos dirigidos à reincorporação de ex-combatentes na vida civil. Projetos principalmente de dois tipos: os que procuram a adaptação e ampliação de oportunidades laborais na vida civil, com atenção psicossocial, trabalhos de alfabetização e validação da escola básica e secundária, capacitação na execução de projetos de economia solidaria e desempenho de ofícios, e assinatura de créditos para estudos técnicos, tecnológicos e universitários. E os projetos que buscam uma formação política, como, por exemplo, o conhecimento da administração pública e a estrutura orgânica do Estado, ou a divulgação da nova Constituição e a promoção da participação cidadã e defesa dos direitos humanos.

Nesse panorama, na Carta Magna de 1991 se dá origem ao marco jurídico da educação para a paz, pois se reconhece a paz como valor supremo enquanto direito e dever, e se estabelece o compromisso do sistema educativo na formação no respeito aos direitos humanos, a paz, e a democracia. Consta na *Constitución Política de Colombia* (1991):

“Es un fin esencial del Estado (...) mantener la integridad territorial y asegurar la convivencia pacífica y la vigencia de un orden justo” (Artigo 2)

“La paz es un derecho y un deber de obligatorio cumplimiento” (Artigo 22)

“En todas las instituciones de educación, oficiales o privadas, serán obligatorios el estudio de la Constitución y la Instrucción Cívica. Así mismo

³⁹ Para o caso que nos interessa, é interessante mencionar a participação de ex-combatentes do M-19 e o EPL na redação da carta magna.

⁴⁰ Comunidade étnica afro-anglo-antillana. Originários de San Andrés, Providencia e Santa Catalina.

se fomentarán prácticas democráticas para el aprendizaje de los principios y valores de la participación ciudadana. El Estado divulgará la Constitución.”

“La educación formará al colombiano en el respeto a los derechos humanos, a la paz y a la democracia; y en la práctica del trabajo y la recreación, para el mejoramiento cultural, científico, tecnológico y para la protección del ambiente” (Artigo 67)

“Es deber de la persona y el ciudadano (...) Defender y difundir los derechos humanos como fundamento de la convivencia pacífica; Participar en la vida política, cívica y comunitaria del país; 6. Propender al logro y mantenimiento de la paz” (Artigo 95, Numeráis 4 y 5) (COLOMBIA, Artigo 41)

Ainda no ano de 1991, se cria o *Programa de Pedagogía para la paz y la Reconciliación Nacional*, o qual permitiu que pessoas que entrassem nos acordos de paz tivessem a validação do ensino básico e médio, o que facilitou seu ingresso na universidade e a formação de empresas produtivas.

Já na lei geral de educação (Lei 115 de 1994) se estabelece a formação para a paz, a convivência e os direitos humanos como finalidade, a formação ética e moral dos estudantes como objetivo e a formação de cidadãos capazes de resolver conflitos de forma pacífica como eixo curricular.

Com base na mesma lei, nos lineamentos gerais para estabelecimentos educativos públicos, privados, comunitários, solidários, cooperativos ou sem ânimo de lucro (decreto 1860 de agosto de 1994) se integram outros elementos que são vitais numa educação para a paz. Assim, alguns dos elementos que devem fazer parte do Projeto educativo institucional são:

6. Las acciones pedagógicas relacionadas con la educación para el ejercicio de la democracia, para la educación sexual, para el uso del tiempo libre, para el aprovechamiento y conservación del ambiente y, en general, para los valores humanos.

7. El reglamento o manual de convivencia y el reglamento para docentes.

8. Los órganos, funciones y forma de integración del Gobierno Escolar.

10. Los procedimientos para relacionarse con otras organizaciones sociales, tales como los medios de comunicación masiva, las agremiaciones, los sindicatos y las instituciones comunitarios.

12. Las estrategias para articular la institución educativa con las expresiones culturales locales y regionales. (COLOMBIA, 1994)

Daqui surgem elementos fundamentais que existem até hoje, como o que tem a ver com o governo escolar, os manuais de convivência escolar, o serviço de orientação escolar e o serviço social obrigatório.

No manual de convivência se definem os direitos e deveres dos estudantes e suas relações com a comunidade educativa, contemplando elementos de higiene pessoal, saúde e prevenção de consumo de substâncias psicoativas, bom uso e conservação dos bens e instalações da escola, pautas de comportamento, normas de conduta, procedimentos para a resolução de conflitos -incluindo instâncias de diálogo e conciliação-, definição de sanções disciplinares e regras para a eleição dos representantes escolares, entre outras. Assim, com o propósito de integrar e dar voz às diferentes instâncias da comunidade educativa, o governo escolar deve estar integrado por estudantes, mães e pais de família, docentes, diretivos e egressos.

O serviço de orientação estudantil por sua parte, tem o objetivo geral de contribuir ao pleno desenvolvimento da personalidade, principalmente no que tem a ver com tomada de decisões; solução de conflitos e problemas individuais, familiares e grupais; participação acadêmica, social e comunitária; e desenvolvimento de valores.

Na mesma linha, o serviço social estudantil obrigatório se cria como um componente curricular exigido na formação integral dos estudantes do ensino médio com o objetivo de:

Integrarse a la comunidad para contribuir a su mejoramiento social, cultural y económico, colaborando en los proyectos y trabajos que lleva a cabo y desarrollar valores de solidaridad y conocimientos del educando respecto a su entorno social. (Lei 115 de 1994)

O qual permite a:

Construcción de su identidad cultural, nacional, regional y local, (...) el desarrollo del proceso educativo de los educandos, no sólo en el establecimiento educativo, sino también en el contexto familiar, en el ambiente y en la sociedad. (Lei 115 de 1994)

Em consequência, na resolução 4210 de 1996 se apresentam como objetivos principais:

1. Sensibilizar al educando frente a las necesidades, intereses, problemas y potencialidades de la comunidad, para que adquiera y desarrolle compromisos y actitudes en relación con el mejoramiento de la misma.
2. Contribuir al desarrollo de la solidaridad, la tolerancia, la cooperación, el respeto a los demás, la responsabilidad y el compromiso con su entorno social.
3. Promover acciones educativas orientadas a la construcción de un espíritu de servicio para el mejoramiento permanente de la comunidad y a la prevención integral de problemas socialmente relevantes.
4. Promover la aplicación de conocimientos y habilidades logrados en áreas obligatorias y optativas definidas en el plan de estudios que favorezcan el desarrollo social y cultural de las comunidades.

5. Fomentar la práctica del trabajo y del aprovechamiento del tiempo libre, como derechos que permiten la dignificación de la persona y el mejoramiento de su nivel de vida. (RESOLUCIÓN 4210. MEN, 1996)

Já em 1996, o *Ministerio Nacional de Educacion* cria o *Programa de educación para la convivencia pacífica*, projeto de caráter semi-escolarizado que procurava a promoção da convivência, da participação democrática, do conhecimento e solução de problemáticas locais, assim como a continuidade no sistema educativo de jovens e adultos; conjunto de iniciativas que possibilitou a reflexão sobre os acordos de paz nas práticas educativas. No mesmo ano, no plano decenal de educação 1996-2005 se estabelece que:

“La educación debe contribuir en forma eficaz y sistemática a la profundización de la democracia, la participación ciudadana, la construcción de una cultura de convivencia y respeto de los derechos humanos y a la conquista de la paz (...)”. (Ministerio de Educación Nacional, Republica de Colombia, 1996)

Em suma, temos que nos anos 90 a educação para a paz na Colômbia já constitui um campo de interesse não só da sociedade civil, mas da institucionalidade pública. A propósito desse elemento, escreviam Mejia y Restrepo (1997) que mais de 500 instituições, entre ONG's, universidades, organizações gremiais, e organizações governamentais e não governamentais estavam trabalhando em distintas políticas, programas e projetos de ação social em torno da educação para a democracia e a resolução de conflitos, dando ênfase em aspetos como educação para a paz, pedagogia constitucional, negociação de conflitos, reinserção social, e especializações universitárias nestas áreas. (Mejia y Restrepo, 1997. Citado por Herrera, Pinilla e Infante, 2001)

Posteriormente, Andrés Pastrana⁴¹ é eleito com promessas de paz e inicia diálogos com a guerrilha das FARC, processo que não tem sucesso pela falta de vontade por parte das FARC e a concessão de terras sem controle por parte do Estado, que entre outras coisas, deixaram como resultado o fortalecimento de um grupo armado que desvirtuava seus propósitos iniciais com o ataque indiscriminado de civis e atos terroristas ao longo do país. De forma alterna, o fenômeno do *paramilitarismo* se reorganiza numa estrutura central, assim, as *Autodefensas Unidas de Colombia* (1997) começam sua primeira arremetida com uma violência e brutalidade nunca antes vista, que não só deixa as maiores cifras de deslocamento forçado, mas que muda o cenário político, produtivo e da

⁴¹ Presidente no período 1998 – 2002

propriedade rural na Colômbia⁴² (Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación, 2010).

Como resposta, depois do fracasso nas negociações de paz e da ofensiva das FARC se acelerou uma cruzada diplomática que ganharia vida no *Plan Colombia*, um acordo de cooperação com o governo dos Estados Unidos para combater o narcotráfico e que, na prática, tem significado mais de 10.000 milhões de dólares dos EUA e 14.000 do pressuposto nacional na reengenharia das Forças militares (compra de arsenal e multiplicação de membros ativos), convertendo a Colômbia num modelo de exportação de segurança (EL TIEMPO, 2016).

Em suma, temos que embora tenha havido grandes avanços com a constituição de 1991, as últimas décadas do século XX deixam um país fragmentado pela escassa unidade simbólica da nação e submerso em uma crise política e social marcada pelo individualismo e a ineficácia dos partidos políticos tradicionais em responder às demandas políticas e sociais.

Nos anos 2000, com um discurso muito diferente ao discurso inicial do seu antecessor, e como representante de um partido político não tradicional, é eleito Alvaro Uribe⁴³, alinhado ao discurso do George Bush de combate ao terrorismo, promete mão firme no combate à insurgência dos agora considerados grupos terroristas.

Em consequência, a política *de Seguridad Democrática*, eixo do governo Uribe, se estabelece como uma política de Estado que busca fortalecer as atividades e a presença dos órgãos de segurança ao longo do território nacional, ao mesmo tempo que entende como dever da sociedade a participação no combate aos grupos armados ilegais, elemento que não deixa de ter similitudes com a doutrina de Segurança Nacional e que, na prática, implicou o ataque, estigmatização e abuso de força contra os movimentos sociais, indígenas, camponeses e afro-colombianos; assim como as execuções extrajudiciais -

⁴² O fenômeno do pramilitarismo não é algo novo desta época, pois encontramos mais de 100 grupos paramilitares desde os anos 60, mas neste período encontramos uma organização com um mando central, que embora independente do Estado, recebe um acúmulo de apoios das elites políticas locais e regionais, parte das forças armadas nacionais, o setor dos pecuaristas e dos narcotraficantes. Para ampliar, pode consultar os informes do Centro de Memoria histórica, da Revista Noche y Niebla, ou da Fundación paz y reconciliación.

⁴³ Presidente da Colômbia no período 2002-2006; reeleito, depois de uma reforma constitucional, para o período 2006 - 2010. Reconhecido pela prensa nacional e internacional, como o político mais influente do século XXI na Colômbia.

falsos positivos- de 6402 civis no período 2002-2008 (Jurisdicción Especial para la Paz, 2021) a mãos das forças militares⁴⁴.

No que concerne diretamente a FARC, se cria o *Plan patriota*, conhecida como a maior ofensiva militar contra esta guerrilha, e cujo objetivo era, basicamente, recuperar o controle do território sob sua influência.

Por outro lado, entre os anos de 2003 e 2006 se dá a desmobilização das *Autodefensas Unidas de Colombia*, que embora com seu pouco alcance e efetividade⁴⁵, deixou um marco jurídico importante, como a lei nº 975 de 2005 ou *Ley de justicia y paz*, uma normatividade com a intenção de facilitar um cenário de justiça transicional atrativo para os atores do conflito, e que permitia iniciar um processo de busca de verdade, justiça e reparação das vítimas do *paramilitarismo*.

Nesse contexto, e como parte da *Ley de justicia y paz*, se cria em 2005 a *Comisión Nacional de reparación y reconciliación*, um time de trabalho sobre memória histórica com o propósito de analisar a violência no país desde o início do conflito armado, sem o prejuízo de definição de um período histórico. Na mesma linha, procurava garantir às vítimas sua participação nos processos judiciais e a realização dos seus direitos, dar seguimento e verificação aos processos de reincorporação dos desmobilizados e adiantar ações nacionais de reconciliação no propósito da não repetição dos atos violentos.

No plano educativo, e com base na lei 1164 de 2007, se cria o serviço social obrigatório para egressos dos programas de educação superior nas áreas da saúde com o objetivo de:

- a) Mejorar el acceso y calidad de los servicios de salud, especialmente en poblaciones deprimidas urbanas y rurales o de difícil acceso a los servicios de salud
- b) Estimular una adecuada distribución geográfica del talento humano en salud.
- e) Propiciar espacios para el desarrollo personal y profesional del talento

⁴⁴ Se trata principalmente de jovens de origens populares que foram enganados com ofertas de empregos, assassinados ilegalmente pelo exército, e apresentados como baixas em combate, todo para demonstrar resultados no combate as guerrilhas e/ou em troca de benefícios como promoções e férias. Embora este fenômeno se apresenta na Colômbia desde os anos 80, a cifra do período 2002-2008 é alarmante, pois constitui o 78% do histórico total registrado, e comparado com as 3100 desapareições e assassinatos durante os 17 anos da ditadura do Pinochet, representa o duplo de casos na metade do tempo.

⁴⁵ Falamos do pouco alcance, porque desde antes de concluído o processo de desmobilização, começam a aparecer estruturas armadas, fortemente vinculadas ao narcotráfico, nas zonas onde atuavam as autodefesas. Deixando que, embora a desmobilização de alguns membros, e a extradição de alguns dos líderes; do 27% das reincidências registradas, 80% eram membros dos mandos meios, assim, as AUC só se fragmentaram e continuaram suas operações sob bandas criminais chamadas de BACRIM, continuando sua atividade agora como mercenários e reprodutores da triada Classe política -Paramilitarismo- Violência política. (Fundación paz y reconciliación)

humano que inicia su vida laboral en el sector salud. (RESOLUCIÓN 00001058 de 2010)

Por outro lado, se cria o *Sistema Nacional de Convivencia Escolar y Formación para el Ejercicio de los Derechos Humanos, la Educación para la Sexualidad y la Prevención y Mitigación de la Violencia Escolar* (Lei 1620 de 2013), tema do qual falamos no capítulo anterior, mas que vale a pena lembrar, já que estabelece como objetivos a contribuição na formação de cidadãos ativos na construção de uma sociedade democrática. No mesmo sentido, o plano decenal de educação (2006-2016) estabelece que a educação na sua função social:

Debe contribuir a la transformación de la realidad social, política y económica del país, al logro de la paz, a la superación de la pobreza y la exclusión, a la reconstrucción del tejido social y al fomento de los valores democráticos, y a la formación de ciudadanos libres, solidarios y autónomos. (MEN, 2006)

A década do Álvaro Uribe, eleito senador no 2014 e 2018⁴⁶, deixa um país sumamente dividido no âmbito social, econômico e emocional entre *uribistas* -que reconhecem os avanços em segurança e investimento estrangeiro- e *anti-uribistas*, que denunciam as violações de direitos humanos, a relação do ex-presidente com massacres paramilitares, seus nexos com o paramilitarismo, a interceptação ilegal a opositores e jornalistas por parte do já inexistente *Departamento Administrativo de Seguridad (DAS)*, as execuções extrajudiciais, e os escândalos de corrupção como a *yidispolitica*, *parapolitica*⁴⁷ e *agro ingreso seguro*, tudo o qual se reflete nos mais de 28 processos contra ele. (RCN Radio, 2018)

Vemos assim, a manutenção de uma prolongada situação de violência política e de conflito armado interno, por vezes não reconhecida pelo Estado, que tem deixado números alarmantes de vítimas de crimes, como o deslocamento forçado, assassinatos seletivos, desaparecimentos forçados, execuções extrajudiciais e ameaças contra a população civil. Por isso, não deixa de ser dicotômico e paradoxal que a partir do campo educativo

⁴⁶ Álvaro Uribe renuncia ao senado depois das medidas de arresto domiciliar preventivo expedidas pela *Corte Suprema de Justicia*. Hoje se encontra livre e seus processos passaram a ser investigados por outras instituições.

⁴⁷ Sobre o fenômeno da parapolitica é interessante observar que as únicas leis que os parapolíticos votavam como bloco eram as relacionadas à legalização da desapropriação dos mais de 6 milhões de hectares de terras tiradas à força dos pequenos produtores. Em consequência, não é supressivo que os herdeiros dos processados por parapolitica, hoje senadores, estejam contra a implementação do processo de paz do 2016, pois como parte dos acordos se estabelece o compromisso pela restituição de terras as vítimas.

se fale de direitos humanos e participação cidadã, sem que isso implique uma reflexão profunda sobre o conflito armado interno, seus atores, suas dinâmicas, e o reconhecimento e valorização das vítimas. Conceitos como direitos humanos, democracia e participação se veem então esvaziados de valor, sendo usados mais para enobrecer discursos e cumprir parâmetros internacionais do que para realmente formar um novo pacto social.

Contudo, a partir dos anos 90 aumentam as pesquisas sobre paz, e a partir dos anos 2000 se deu uma expansão de publicações de textos sobre projetos educativos ou pedagógicos em relação à paz. Instituições educativas como a *Pontificia Universidad Javeriana* e a *Universidad Pedagógica Nacional*; organizações como o *Centro Cristiano Justicia paz y Acción No-Violenta (JUSTAPAZ)*, ou o *Instituto de Estudios para el Desarrollo y la paz (IDEPAZ)*, entre infinidade de outras instituições, em conjunto com o trabalho de instituições educativas sob a premissa de reduzir a violência na sala de aula e se centrar na aprendizagem de valores democráticos e cidadãos, em correlação a um projeto de Estado com um marco legal específico, deixam uma infinidade de documentos institucionais, cadernos ou manuais pedagógicos de organizações públicas e privadas como o Ministerio de Educación Nacional (MEN), Centro de Educación e Investigación Popular (CINEP), Alianza Educación para la Construcción de culturas de paz, Agencia de Cooperación Técnica Alemana (GIZ), e Programa Participación Ciudadana para la Paz (PACI-PAZ) (Casas-Casas, 2008), entre outros.

4.6 2010-2018 Novos ares de paz

Na segunda década dos anos 2000 assistimos um novo cenário internacional, o primeiro presidente negro nos Estados Unidos, a continuidade dos governos progressistas na América Latina e um acúmulo de trabalhos sobre cultura de paz ao redor do mundo com apoio da Unesco. Na Colômbia, se iniciam aproximações de diálogos de paz com as FARC, uma guerrilha agora debilitada, e vão se preparando o cenário para que a Colômbia inteira mude seu discurso belicista por um de reconciliação.

Em consequência, e contra os interesses dos *parapolíticos*, no ano 2011 se cria a lei de vítimas e restituição de terras (lei nº 1448), que integra medidas de atenção, assistência e reparação integral às vítimas do conflito armado, voltada para a busca da verdade, justiça e reparação com garantia na não reparação, assim como medidas

judiciais, administrativas, sociais e econômicas, individuais e coletivas, em benefício das vítimas no marco da justiça transicional, justiça que entendemos como:

Conjunto de medidas que se implementan para hacer frente al legado de los abusos masivos de derechos humanos, y que incluye, por lo general, el enjuiciamiento penal de los responsables, la búsqueda de la verdad, las reparaciones y varias formas de reformas institucionales. (...) Proceso de transición de una sociedad que está superando un conflicto a la consolidación de un estado de derecho efectivo o de normatividad jurídica. (DE GREIFF, 2009, p.11).

A base da justiça transicional com a qual se trabalha é da justiça restaurativa, quer dizer, aquela que, ao contrário da justiça retributiva que só quer processar aos criminosos, procura restaurar a legitimidade dos governos e instituições, assim como procurar a verdade sobre os fatos violentos. Na mesma via, e como iniciativa dos movimentos sociais, surge a proposta de uma justiça recuperativa, como aquela que busca a recuperação das dimensões éticas e sociais da política, recuperando a dignidade humana, a governança e a lei, se trata, então, de uma justiça que a partir dos tribunais locais e dos foros públicos da sociedade civil pretende dar mais valor à transformação de quem erra do que seu castigo (Herrera, Pinilla e Infante, 2001).

Já em 2012 se iniciam as negociações⁴⁸ entre o governo do presidente Juan Manuel Santos⁴⁹ e as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia -FARC-EP*⁵⁰. Nessas negociações que duraram mais de 4 anos, assim como em todas as negociações de paz que terminam em um documento assinado, as duas partes reconhecem que não vão conseguir derrotar seu oponente pelas vias armadas e, em consequência, assumem que a única possibilidade é o diálogo. Desta forma, as duas partes estabeleceram um plano de trabalho para o início das conversações que iniciaram em Oslo, Noruega, mas que se desenvolveram em Havana, Cuba, com os governos da Cuba e a Noruega como garantidores, e o Chile e a Venezuela como observadores.

A visão geral das negociações, que dialoga com uma perspectiva de paz integral, era que o motivo e causa da permanência da violência e o conflito armado na Colômbia

⁴⁸ O governo do Juan Manuel Santos, também inicia diálogos de paz com a guerrilha do ELN, mas estas não continuam pela falta de vontade por parte da guerrilha que continua suas ações armadas, rompendo os cesses ao fogo e a não manifestação de gestos de paz.

⁴⁹ Presidente da Colômbia em dois períodos consecutivos que vão do 2010 ao 2018. Ganhador do prêmio novel de paz por seu trabalho no processo e assinatura dos acordos de paz com a guerrilha das FARC.

⁵⁰ Negociações que procuram acabar com mais de 60 anos de confrontação armada, e que recolhe a somatória das lições aprendidas dos 11 processos de paz anteriores com diferentes grupos armados.

obedecem a três causas estruturais principais, a saber: o acesso e uso de terras; a participação política e democracia social; e as economias ilegais. Em consequência, no acordo final se estabeleceram 143 medidas, programas, planos, projetos, e reformas legislativas, 14 referidas aos atores da guerra -FARC e forças militares-, e 128 orientadas à melhoria da sociedade colombiana e à superação das causas estruturais da guerra; que se dividiram nos 6 capítulos do acordo:

1. Hacia un Nuevo Campo Colombiano: Reforma Rural Integral
2. Participación política: Apertura democrática para construir la paz
3. Fin del Conflicto. Cese al fuego y de hostilidades bilateral y definitivo. Dejación de las armas
4. Solución al Problema de las Drogas Ilícitas
5. Acuerdo sobre las Víctimas del Conflicto: “Sistema Integral de Verdad, Justicia, Reparación y No Repetición”, incluyendo la Jurisdicción Especial para la Paz; y Compromiso sobre Derechos Humanos
6. Implementación, verificación y refrendación
(Acuerdo final para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera)

Neste contexto, no ano 2013 se publica o informe *¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad*, documento elaborado pelo *Grupo de memória histórica da Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación* na lei nº 975, em marco do 2005. Um grupo composto por diversos intelectuais com o propósito de elaborar e divulgar uma narrativa sobre o conflito armado que estabeleça e identifique os motivos, interesses e intenções dos diferentes grupos e atores participantes. No mesmo sentido, e como forma de reparação, este texto, buscava documentar a violência desde a memória, privilegiando as vozes das vítimas e sua compreensão das experiências, as afetações e os impactos na vivência individual e coletiva. Assim, se recolheram os últimos 50 anos da violência na Colômbia, mostrando a utilização da população civil como objetivo militar no percurso histórico da guerra no país.

Neste ponto, queremos ressaltar que junto com o conflito armado, o trabalho educativo pela paz vem se transformando. Inicialmente, e desde suas origens, uma grande parte do trabalho em educação e pedagogias de paz surgiu nos territórios, a partir e para as comunidades, em cenários não formais e com nomes e práticas que incluem uma definição mais ampla do trabalho educativo pela paz. (Adarve, Gonzalez e Guerrero,

2018) Estas iniciativas da sociedade civil constituem a base do que se tem sido institucionalizando no âmbito formal da educação e, principalmente, a partir dos acordos de paz da Havana, como a educação para a paz.

Em consequência, a academia, que historicamente tinha dado ênfase nas causas e fatos de violência, viraram o olhar para as resistências e propostas de construção de paz dos movimentos e comunidades locais⁵¹. Assim, temos que a educação para a paz na Colômbia tem sido definida pelo contexto mesmo do país e pelas dinâmicas do seu conflito armado, como um espaço prático, dinâmico e em constante câmbio, que se nutre das experiências dos diferentes campos do saber e das propostas em pedagogias para a paz que surgem nos territórios e dão conta de uma multiplicidade de cosmovisões, se consolidam, então, duas linhas dialógicas entre si: 1. Direitos humanos, valores democráticos e cidadãos, e 2. Iniciativas que surgem nas e para as comunidades no seu território como práticas de resistência, bem-estar e convívio de povos indígenas, camponeses, negros e movimentos sociais; que, por sua vez, se integram nas que Adarve, Gonzalez e Guerrero (2018) reconhecem como as três linhas de estudos sobre paz:

- Aquella que surge de los centros internacionales de estudios sobre Colombia
- La que se enfoca en la educación para la paz y los movimientos sociales (desarrollados en escenarios locales y en centros pensamiento e investigación)
- Estudios sobre las negociaciones y los acuerdos de paz (ADARVE; GONZALEZ; GUERRERO, 2018, p. 65)

Sob este cenário, surge um ambiente de debate e reflexão a partir de diferentes setores sobre a forma de integrar a sociedade colombiana toda nas negociações, assim como criar as bases de um pós-conflito, eixo fundamental no sucesso dos acordos e sua implementação. Surgem, assim, múltiplas iniciativas e organizações dedicadas ao tema da paz⁵², impulsionando importantes mobilizações. Algumas dessas iniciativas independentes, cidadãs e comunitárias emergiram com o propósito específico de fazer pedagogia presentes nos acordos, quer dizer, divulgar e explicar o acordado, com vistas a um maior entendimento, um debate aberto e um voto consciente em favor da paz no plebiscito.

⁵¹ Experiencias ainda por sistematizar

⁵² Entre estas iniciativas temos tanto propostas comunitárias e cidadãs, como governamentais e institucionais, algumas das quais continuam ativas e outras já se acabaram, mas que estabeleceram amplos debates com funcionamentos distintos em diversos espaços sociais.

O plebiscito se constituía, então, como um elemento de legitimação dos acordos na base democrática. Desta forma, os colombianos foram convidados a ler os acordos finais e eleger nas urnas se estavam a favor ou contra o pactuado. Embora o incansável trabalho das organizações pela paz, as notícias falsas, a desinformação e a excessiva confiança dos setores a favor do acordo levaram a uma vitória estreita do “Não” no plebiscito, mas depois de breves ajustes o acordo foi assinado em 2016.

Este evento revela que a construção de paz é, e sempre tem sido, um campo de combate em um país onde muitos setores se beneficiam das economias da guerra. Mas, ao mesmo tempo, que a consolidação de movimentos sociais em paralelo às negociações políticas, tem fortalecido a sociedade civil, aumentando sua capacidade de decisão na reconstrução de um projeto político nacional. As negociações de paz, principalmente seu caráter participativo, abriram um panorama de discussão sobre a “Colômbia que se quer” e, no caso dos movimentos sociais, um campo de oportunidades para serem ouvidos, visibilizados e terem seus projetos apoiados.

4.7 As Cátedras de paz

No plano educativo, e tendo como exemplos as experiências internacionais de outros países que fizeram cátedras na escola como uma forma de reconhecer, refletir e trabalhar a memória coletiva de um passado doloroso, surgem as *Cátedras de Paz* como uma iniciativa do Ministério de educação para entender e ensinar uma história reflexiva sobre o conflito, assim como criar ambientes mais pacíficos nos centros educativos. Na lei nº 1732 de 2014, do Ministerio de Educación, se estabelece a obrigatoriedade da Cátedra de Paz em todas as instituições de educação pré-escolar, básica, média e universitária pública ou privada do país. E, posteriormente, no decreto nº 1038 de 2015, que regulamenta a lei nº 1732 e se apresenta como objetivo:

“fomentar el proceso de apropiación de conocimientos y competencias relacionados con el territorio, la cultura, el contexto económico y social y la memoria histórica, con propósito de reconstruir el tejido social, promover la prosperidad general y garantizar la efectividad los principios, derechos y deberes consagrados en la Constitución.” (Ministerio de Educación Nacional de Colombia, 2015)

São objetivos fundamentais das cátedras: a aprendizagem, reflexão e diálogo sobre os seguintes eixos:

1. Cultura y Paz: Sentido y vivencia de los valores ciudadanos, los Derechos Humanos, el Derecho Internacional Humanitario, la participación democrática, la prevención de la violencia y la resolución pacífica de los conflictos.

2. Educación para la paz: Apropriación de conocimientos y competencias ciudadanas para la convivencia pacífica, la participación democrática, la construcción de equidad, el respeto por la pluralidad, los Derechos Humanos y el Derecho Internacional Humanitario.

3. Desarrollo sostenible: Aquel que conduce al crecimiento económico, la elevación de la calidad de la vida y al bienestar social, sin agotar la base de recursos naturales renovables en que se sustenta, ni deteriorar el ambiente o el derecho de las generaciones futuras a utilizarlo para la satisfacción de sus propias necesidades, de acuerdo con el artículo 3 de la Ley 99 de 1993. (Ministerio de Educación Nacional de Colombia, 2015)

Para sua implementação⁵³, a lei postula que as escolas deverão incorporar a cátedra de paz em alguma destas áreas fundamentais: a) Ciências Sociais, História, Geografia, Constituição Política e Democracia, b) Ciências Naturais e Educação Ambiental, ou c) Educação Ética e Valores Humanos.

Igualmente, no artigo 4, estabelece que deverão desenvolver pelo menos duas das seguintes temáticas:

a) Justiça e Direitos Humanos, b) Uso sustentável dos recursos naturais. c) Proteção das riquezas culturais e naturais da Nação. d) Resolução pacífica de conflitos. e) Prevenção de assédio escolar. f) Diversidade e pluralidade. g) Participação política. h) Memória histórica. i) Dilemas morais. j) Projetos de impacto social. k) História dos acordos de paz nacionais e internacionais. l) Projetos de vida e prevenção de riscos.

O artigo 5 consagra o relacionado à forma de avaliação, tarefa do ICFES, a qual deverão integrar no componente de competências cidadãs nas provas saber 11, e as provas de qualidade da educação básica primária e secundária.

Finalmente, no relacionado à formação docente, a lei indica que é tarefa de cada entidade territorial financiar, projetar e identificar a cada dois anos a necessidade de formação de docentes e diretivos nas áreas de direitos humanos, cultura de paz e competências cidadãs para convivência pacífica, assim como avaliar o seu impacto.

⁵³ Respeitando a autonomia universitária, cada universidade poderá definir os conteúdos curriculares das cátedras.

Contudo, embora o avanço da lei na reflexão sobre a necessidade de construção de uma Colômbia mais pacífica, se dá uma dupla racionalidade com relação ao conteúdo dos estândares básicos⁵⁴ de Competências nas Ciências Sociais, devida aos contextos próprios nos quais foram concebidos os princípios básicos das Cátedras de Paz; Assim, seguindo a linha de Barroso (2016) enquanto a formas de racionalidade, entendo os princípios básicos numa racionalidade administrativa que se pensa o interesse público, e neste caso específico, a administração ou gerenciamento da memória histórica nas escolas colombianas, que no marco da *Seguridad Democrática* tinha maior sentido na criação de inimigos comuns. Pelo contrário, as Cátedras de Paz surgem num contexto de conciliação e pacificação da sociedade em todos os níveis, pensando no bem público e, no caso, obedecendo a uma racionalidade pedagógica, pois eram tarefas fundamentais refletir sobre o conflito e nosso papel nele, assim como o reconhecimento das vítimas e a identificação dos vitimados além dos armados e o importante papel da educação na formação das novas gerações para o pós-conflito.

É por isso que uma das grandes tarefas, não só das cátedras, mas da educação para a paz na Colômbia é a desconstrução da imagem do inimigo comum, quer dizer, acabar com a polarização extrema com a qual temos aprendido a conviver ao longo da nossa história (bolivarianos-santanderistas / centralistas-federalista / liberales-conservadores / guerrilleros-paramilitares / izquierda-derecha / uribistas-antiuribistas) e entender essas perspectivas como imagens que nutrem o círculo da violência. E, na contramão, construir culturas de paz onde a empatia faz parte de todas as relações, permitindo-nos ter uma conexão com as outras pessoas, vivendo e sentido sua humanidade acima de bandeiras ou posições políticas.

De outro lado, o mesmo Ministerio de Educación reconhece a importância de transversalizar o tema da paz no campo educativo e estabelece que:

La catedra debe pasar por la formación ciudadana en los colegios para promover la convivencia escolar, la reconciliación, los derechos a la verdad y la no repetición; a través de asignaturas como Ética y Valores, Constitución y Democracia, mediante la incorporación en temas como ciencias sociales, naturales o lenguajes a través de proyectos transversales en sexualidad, educación ambiental, derechos humanos, entre otros. (ADARVE, GONZÁLEZ E GUERRERO, 2018, p.66)

⁵⁴ Se trata de uma guia sobre o que os estudantes devem saber, e saber fazer com o que aprendem. Ministério de Educação, 2004.

Neste sentido, deve-se reavaliar a importância de manter uma correspondência entre as Cátedras de Paz e as competências em ciências sociais. Nestas últimas, não se tem conteúdo específico relacionado ao conflito armado; o qual é paradoxal, pois conteúdo necessário nesta disciplina são optativos na cátedra, por exemplo, Memória histórica e História dos acordos de paz. Por outro lado, dentro dos temas obrigatórios para 10º e 11º, 4 de 30 são relacionados ao conflito armado. Mas nesta narrativa se privilegia a visão do vitimador, fazendo ênfase nos atores do conflito -guerrilheiros, narcotraficantes e paramilitares-, onde é importante destacar a exclusão intencional das forças do Estado. Pelo lado das vítimas, a única menção que se faz é no caso do deslocamento forçado, invisibilizando assim outros tipos de vítimas e suas formas de luta e resistência.

A escola joga um papel fundamental porque nela se materializa boa parte das possibilidades de construir cenários de intercâmbio e participação democrática; motivo pelo qual, a construção de paz desde a escola não se pode deixar só numa cátedra. A transversalização é, então, um desafio que não só implica a criação de projetos educativos articulados, mas a coordenação de atores e de diferentes níveis educativos em sintonia com o âmbito nacional; e ainda mais importante, transcender os espaços formais de educação para reconhecer e incluir os espaços não formais, informais, cotidianos e comunitários, evitando re-processos e integrando noções diversas de paz que emergem nos contextos locais.

4.8 Com Vistas no pós-conflito

A parte mais difícil dos acordos de paz não é conciliar ideologias contrárias, e obviamente, o conflito não termina com uma assinatura. Pelo contrário, experiências de outras latitudes nos advertem do período posterior, como o de maior risco, e, portanto, importante na construção de paz. Se trata do período no qual se dá o titânico trabalho de reconstruir um país, a partir das bases mesmas que ocasionavam o conflito, de materializar na prática concreta medidas que levem à construção de uma paz integral com justiça social. Os acordos são, assim, um roteiro base do trabalho.

No que se refere à construção de paz a partir da educação, os acordos de paz assinados em Havana (2016), quando fala sobre vítimas, e em relação ao plano nacional em direitos humanos deixou consignado:

Fortalecimiento del proceso de implementación del Plan Nacional de Educación en Derechos Humanos mediante:

- La inclusión del acuerdo final y del informe final de la Comisión para el Esclarecimiento de la Verdad, la Convivencia y la no Repetición al Plan Nacional de Educación en derechos humanos.
- La articulación con los programas de promoción de cultura política democrática y participativa del punto de participación política, en particular para la superación de la estigmatización asociada al conflicto.
- El fortalecimiento de las medias de educación no formal a través de la puesta en marcha de campañas públicas de reconocimiento de los derechos humanos y prevención de su violación.

(Acuerdo final para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera)

Pensando nesse amplo processo que constitui o pós-conflito, as universidades vinham trabalhando na contextualização de uma universidade nos marcos de transformação regional e nacional, a partir da geração de conhecimento como expressão da sua responsabilidade social, consolidando a pesquisa, como um dispositivo mediador tanto da produção de conhecimento como das ações de intervenção a partir das transformações que exige o momento histórico. Em consequência, no campo da educação se repensam novas posições de observação e construção de teorias não só da educação, mas da relação da educação com outros campos. Assim, surgem estudos de pós-graduação ao redor da linha de pedagogia e educação para a paz em cenários de pós-conflito que apropriam uma concepção curricular flexível, contextual, dialógica, sistêmica, inter e transdisciplinar, pensada desde uma perspectiva crítico social (Valencia, Corredor, Jimenez, De los Rios e Salcedo, 2016).

Nombre del programa	Nombre de la institución	Sector	Área de conocimiento	Núcleo básico del conocimiento – nbc	Número créditos	Número de periodos de duración	Periodos de duración
Especialización en educación para la paz y la convivencia	Universidad Libre	P	Ciencias de la educación	Educación	30	4	Trimestral
Especialización en conflictos armados y paz	Universidad de los Andes	P	Ciencias sociales y humanas	Derecho y afines	20	2	Semestral
Especialización en cultura de paz y derecho internacional humanitario	Pontificia Universidad Javeriana	P	Ciencias sociales y humanas	Derecho y afines	20	2	Semestral
Maestría en conflicto social y construcción de paz	Universidad de Cartagena	O	Ciencias sociales y humanas	Sociología, trabajo social y afines	53	4	Semestral
Maestría en conflicto y paz	Universidad de Medellín	P	Ciencias sociales y humanas	Ciencia política, relaciones internacionales	48	4	Semestral
Maestría en derechos humanos y cultura de paz	Pontificia Universidad Javeriana	P	Ciencias sociales y humanas	Ciencia política, relaciones internacionales	46	3	Semestral
Maestría en educación y cultura de paz	Universidad Surcolombiana	O	Ciencias de la educación	Educación	48	4	Semestral
Maestría en estudios de paz y resolución de conflictos	Pontificia Universidad Javeriana	P	Ciencias sociales y humanas	Ciencia política, relaciones internacionales	40	4	Semestral
Maestría en paz, desarrollo y resolución de conflictos	Universidad de Pamplona	O	Ciencias sociales y humanas	Ciencia política, relaciones internacionales	48	4	Semestral

Fuente: SNIES. Ministerio de Educación Nacional. Tabla elaborada por el grupo de investigación RELEDUC

Tabela 2. Oferta de prostrados na Colômbia relacionados aos contextos de paz

Embora as dificuldades dos acordos, e ainda mais do pós-conflito, o processo de paz gerou debates necessários nunca antes expostos na arena pública, redirecionou a política permitindo que se falasse de temas antes apagados pela violência e a manutenção de inimigos, iniciou reformas estruturais e saldou uma dívida social com diversos setores, principalmente com as vítimas, reconhecendo-as e redignificando-as. No campo educativo, permitiu a consolidação de um processo que se vinha gestando desde os anos 90, mas que recobrou vida na educação para a paz como eixo fundamental para ser pensado e debatido tanto na academia como no dia a dia escolar, o papel da educação na pacificação e reconciliação da sociedade colombiana.

4.9 Resumindo...

Falar de paz na Colômbia implica necessariamente falar de violência política e conflito armado, a primeira entendida como:

Aquella ejercida como medio de lucha político-social, ya sea con el fin de mantener, modificar, sustituir o destruir un modelo de Estado o de sociedad, o también, con el fin de destruir o reprimir a un grupo humano con identidad dentro de la sociedad por su afinidad social, política, gremial, étnica, racial, religiosa, cultural o ideológica, esté o no organizado. (CINEP, 1994, p.3)

Quanto ao conflito armado, falamos de uma das confrontações armadas de mais longa duração no mundo, o que lhe outorga um caráter de complexidade sem precedentes, dada a dimensão geográfica, a grande quantidade de atores, a diversidade de interesses - que vão além dos políticos, e se “entremezclan confusamente con los intereses privados, el narcotráfico, la corrupción y la delincuencia común, entre otros”. (D. Pecauc, 2001), e a multiplicidade de dimensões e os fatores que o condicionam.

Tudo isto, nos deixa um panorama de autoritarismo, violência e guerra como recursos comuns no fazer político que se alimenta da polarização e da tradição de vencedores e vencidos. Contudo, na outra face da moeda, os movimentos sociais, e sua maior compreensão das realidades nacionais, têm recuperando a democracia como ideal estratégico e em uma tarefa heroica de resistência que vem construindo suas próprias interpretações e seus próprios mecanismos, entre esses, suas próprias pedagogias de paz. Em sintonia, essas reflexões sobre a realidade nacional têm constituído uma temática fundamental nos fazeres das Ciências Sociais. Em consequência, intelectuais e especialista não só têm feito pesquisas para o entendimento do fenômeno, mas participado de diversas formas -vinculação estatal, comissões de verdade, entre outras – com o propósito de contribuir com o bom término das negociações e a construção de paz.

No que tem a ver com a escola, seja pelos baixos índices de escolaridade e a impossibilidade estrutural de chegar aos diferentes cenários espaciais do país, pela forma como se tem ensinado uma história reprodutora de estigmas que reforçam preconceitos, ou pela pouca intencionalidade política de utilizar a educação para mediar o fenômeno da violência e gerar reflexões com relação ao conflito armado, a escola teve pouca ingerência na progressiva naturalização da violência. Só a partir dos anos 90, se torna manifesto o

interesse nesta comunhão e só a partir dos anos 2000 se estabelecem leis sobre educação para a convivência e os direitos humanos, mas é na segunda década deste século, e a partir das negociações de paz entre o governo colombiano e a guerrilha das FARC, quando se faz explícito o papel das instituições educativas como construtoras de paz.

Em suma, vimos como na Colômbia, em cada época existem relações conflituosas heterogêneas com diversos alcances, que se vão interligando numa linha de rupturas e continuidades. Em consequência, a violência na Colômbia tem variáveis tanto sociais como políticas, econômicas e culturais, mas não se trata de o campo educativo ter que dar conta da solução a um problema estrutural desenvolvido ao longo dos séculos. Contudo, é interessante ver como na história nacional, vai emergindo, seja a partir de grupos de base ou das reflexões da academia, o interesse por compreender o fenômeno e criar alternativas de solução, onde a educação se apresenta como uma ferramenta essencial. Assim, estes trabalhos a partir dos movimentos sociais, se articulando a um discurso internacional de paz, que por sua vez, nutre as questões da academia, que se colocam no diálogo em cada processo de paz, e que têm se incorporando no exercício pedagógico da educação formal, são elementos que configuram o que entendemos como Educação para a paz na Colômbia.

PSICOGÉNESIS SOBRE O TRABALHO INTELECTUAL E OS PROCESSOS DE SUJETIVAÇÃO

CAPÍTULO 5 - O TRABALHO INTELECTUAL E O LUGAR DO PESQUISADOR

Como vimos, a violência e o conflito armado na Colômbia são fenômenos complexos que têm suas raízes na interligação de diversos fatores que, em cada momento, se relacionam e se sentem de maneiras muito diferentes. São fenômenos intrincados também na sua dinâmica, na medida em que as forças, os interesses, os cenários e as respostas dos diversos atores vão tendo ritmos, direções e modalidades também múltiplas, cambiantes e, às vezes, imprevisíveis. Tudo isso, faz com que penetre quase a totalidade dos espaços, tempos e cenários da vida individual e social e, em consequência, seja quase impossível encontrar indivíduos, lugares e organizações cuja história recente não esteja relacionada com algum processo ou acontecimento violento, o que, por sua vez, tem contribuído de forma significativa para modificar suas expectativas, ambiente e formas de ação.

Em consequência, a escola não é um espaço alheio a esta dinâmica, pelo contrário, é reflexo e reprodutora de violência, seja produto dos conflitos dentro da instituição educativa, da relação instituição escolar-comunidade, ou do conflito dentro do ordenamento das relações de dominação (Herrera, Pinilla e Infante, 2001.) Desta forma, a escola sempre tem estado inserida tanto em conflitos produto das relações interpessoais e afetivas, como daqueles que são produtos dos requerimentos que a sociedade exige da educação. Sobre este último, para alguns grupos, a educação deve se despolitizar e ser funcional aos valores e linhas de autoridade existentes. Ao mesmo tempo que, para outros, deve ser um exercício político de construção de identidade, cidadania e liberdade. Assim, por ser um cenário de permanente conflito, a escola é, também, um espaço de ação e formação que questiona esses conflitos e experimenta diversas formas para sua resolução.

Foi assim como vimos na arena pública colombiana o reconhecimento das carências e deficiências de conteúdo, modelos pedagógicos, cobertura e qualidade do campo educativo como corresponsáveis pela dinâmica da violência, mas, também, a intencionalidade de propor reformas substanciais na educação formal como parte de uma política de paz no processo de superação da violência. E também foi assim como a escola

e seus atores ganharam uma relevância evidente como espaço de reprodução social de formulação de políticas educativas e da inserção de intelectuais e acadêmicos no processo, que dão conta de um interesse por construir uma cultura de paz baseada no reconhecimento histórico do conflito armado e na necessidade de levar seus aprendizados ao entorno escolar, constituindo bases sólidas que nos permitam resolver nossos conflitos sem fazer uso da violência.

Em suma, ao se reconhecer o papel fundamental da educação e da escola nos processos de recuperação da memória histórica, de construção de práticas democráticas e de resolução de conflitos por meios não violentos, tudo que se cobra é que desempenhe também um papel fundamental em processos de transição, pós-conflito e criação de paz, sendo que:

... la función esencial de la educación en el desarrollo continuo de la persona y las sociedades, no como un remedio milagroso (...) sino como una vía, ciertamente entre otras, pero más que otras, el servicio de un desarrollo humano más armonioso, más genuino, para hacer retroceder la pobreza, la exclusión, las incomprensiones, las opresiones, las guerras, etc. (DELORS, 1996; citado por HERNANDEZ, 2014, p.47)

Como os estudantes têm se apropriado do discurso da educação para a paz? Como este discurso tem afetado as representações que se fazem sobre a violência e a paz? Como ganha vida no seu fazer cotidiano? Como resolvem seus conflitos? Quais são os elementos conjunturais que identificam como violentos? Quais suas propostas na consolidação de uma cultura de paz? Estas são as perguntas a partir das quais se desenvolve este capítulo, que explora os processos de subjetivação e individuação.

Neste sentido, queremos lembrar a relação entre as estruturas do tecido humano e os processos de individuação. A aceitação de um código social representa a realização das estruturas de poder cambiantes. Por sua vez, as normas dos códigos se convertem em hábitos sociais nos indivíduos. Neste processo, dois elementos são fundamentais: a rede de relações e a educação em sentido amplo.

“La red de relaciones que se establece en la etapa más influyente del hombre, en la infancia y la adolescencia, constituye su estructura individual, el aparato psíquico de cada individuo como relación entre su super yo y su centro instintivo (...) Esta estructura individual se consolida como un aparato de costumbre que se manifiesta y se desarrolla en todas las demás relaciones con los otros individuos” (ELIAS, 2008. p. 549)

Desta forma, entendemos que as categorias psíquicas não são naturais, mas sim que essas redes de relações existem no interior de cada ser humano e, com elas, a estrutura de controle pulsional, transformando os desejos pessoais, moldando os instintos e pensamentos, em suma, os tipos de individualidades que se produzem (Kaplan, 2008). Em outras palavras, nossos hábitos comportamentais e mentais, quer dizer, nossa estrutura de personalidade tem inscritas nossas interações sociais passadas.

El sujeto es complejo, sus relaciones están estrechamente conectadas con sus historias, experiencias, sensibilidades, corporeidades, prácticas, y por sus expectativas de mundo, de ahí que las construcciones que genera con los otros son diversas, conflictivas, afectivas, y por supuesto demandantes, lo que exige una negociación permanente de sentidos y apuesta de vida. (ORTEGA; HERRERA, 2012. p. 99)

Como resultado, a margem de decisão do indivíduo dependendo da estrutura da sua sociedade e de suas possibilidades de ação, serão desiguais segundo a posição social e a época histórica na qual se encontre. E é nessas negociações permanentes de sentido que podemos rastrear o processo de individuação, entendendo-o enquanto configuração como sujeitos a partir da apropriação, recreação e reelaboração, através das práticas sociais e da interação com outros sujeitos, das significações culturais que permitem compreender e processar as próprias experiências, dar sentido às formas de atuar e delimitar os termos das interações sociais. Só assim poderemos entender o porquê termos chegado a ser o que somos, não só como indivíduos, mas como sociedades.

“Lo que los sujetos sienten como más natural, como lo más suyo y más propio, como aquello que no les ha sido dado, sino que les pertenece, sus sensaciones, emociones y desagradados, todo aquello de lo que echan mano para constituirse a sí mismos, todo eso ha sido producido en un ejercicio de dominación política. Saberlo transforma las condiciones del juego, pues es la “inconsciencia la que es cómplice del determinismo”. (BOLÍVAR, 2004. p. 13)

Finalmente, com medo a ser reiterativos, e a maneira de resumo, queremos recordar que:

Los esquemas de comportamiento de nuestra sociedad, que se inculcan al individuo a través de la modelación desde pequeño como una especie de segunda naturaleza y se mantienen vivos por medio del control social poderoso y muy estrictamente organizado, no puede entenderse en virtud de fines humanos generales y ahistóricos, sino como resultado de un proceso histórico, derivado del sentido general de la historia occidental, de las formas específicas de relación que se producen en tal proceso, y de la fuerza de las interdependencias que en él se transforman y se constituyen. Al igual que el

conjunto de la orientación de nuestro comportamiento y del entramado general de nuestras funciones espirituales, estos esquemas son polifacéticos: en su constitución y en su reproducción participan los impulsos emocionales tanto como las funciones racionales, instintivas y relacionadas con el yo. (ELÍAS, 2008. p. 624)

Agora bem, antes de entrar na análise de experiências alheias, me permito dar consequência a uma ideia explícita no próprio Norbert Elias, que expõe a estreita ligação entre as perguntas próprias do pesquisador e sua trajetória social e intelectual. Sendo preciso desvelar as relações de sentido entre as biografias pessoais e intelectuais e o interesse pelas perguntas sobre as condições de possibilidade da reprodução e produção social. O qual implica que, estudar a subjetividade social, requer o compromisso ao longo do processo da prática científica com um olhar sobre a própria subjetividade. Assim, sendo coerente com este ditado, apresento um breve relato autobiográfico no qual se podem ver alguns elementos que explicam o porquê dos questionamentos deste trabalho, e em definitivo, no qual indago e exponho minha própria subjetividade e o lugar a partir do qual me permito falar.

5.1 Uma licença autobiográfica

Nasci no ano de 1992, um ano onde vivemos uma hora mais cedo produto da hora Gaviria⁵⁵, só um ano depois de assinada a constituição de 1991, fruto do poder dos movimentos estudantis, e um ano antes da morte de Pablo Escobar, temido e famoso narcotraficante, que catapultou a Medellín como a cidade mais violenta do mundo em 1991.

Uma década convulsionada quando entrávamos nos avatares do neoliberalismo que desmoronava nossa incipiente indústria e acrescentava novas diferenças sociais, uma década na qual se declaravam guerras abertas ao narcotráfico e a insurgência armada que, curiosamente, iniciavam um trânsito para fazer parte de um mesmo fenômeno.

Contudo, aquela também foi uma década que trouxe novidades, muito por via de uma nova cultura pop, transição tecnológica, televisão aberta ... Tudo o que fez com que tivesse uma infância feliz, que dançava ao ritmo da Shakira, e pudesse desfrutar das férias

⁵⁵ No 1992 uma crise energética levou ao presidente Cesar Gaviria a tomar medidas de racionamento e adotar um “horário de verão” conhecido como hora Gaviria.

no sítio do tio ou na fazenda dos avós, por sorte, pertos de Bogotá, em um período onde viajar de carro pela Colômbia podia se converter em toda uma aventura de sobrevivência.

Lembro que minha família, conservadora por tradição, falava muito sobre política, sobre quem votar, sobre a economia, sobre a condição dos camponeses, sobre a direção que devia ter o país... Lembro que a cada tanto meu avô relembra histórias da violência bipartidista, que meu pai nascido em Villarica Tolima, militar de profissão, e hoje asilado político, mencionava o implacável que devia ser o Estado no combate à insurgência, e de como tinha perdido terras nas planícies e um cunhado nas mãos dos “bandoleiros”. Lembro do interessante que despertavam essas discussões, especialmente quando um tio, ex-militante do M-19, fazia parte da mesa. Lembro, também, da angústia da família quando dois tios foram sequestrados em diferentes circunstâncias; lembro do segundo trabalho da minha mãe, educando crianças de rua; lembro da minha avó fazendo comida para 200 pessoas que chegavam de diferentes partes da *vereda* para passar uma novena conosco, lembro de nós, irmãos e tios, andando de *jeep* ou a cavalo pelas *veredas*, dando presentes para as crianças no Natal. Lembro de Nocaima, e de todas essas lembranças que suas montanhas me trazem.

Da Bogotá, lembro dos amigos, da escola, das festas... Lembro que participei do conselho juvenil do condomínio, que fui representante em *tercero de primaria*, e *personera* no último ano do governo escolar, que tentei aprender violão na casa cultural de Suba e que adorava as horas de conto na biblioteca do bairro; todas estas iniciativas que surgiram dessa parte da Colômbia, que sempre tem querido construir paz a partir da cultura.

Lembro do punk e das movidas juvenis, dos sonhos de revolução e das músicas estridentes que canalizavam a ira contida pelas misérias sociais que víamos ao redor, lembro que sempre falavam que punks, skinheads, rastas, emos, hardcores, rudes, metaleiros, e em geral, os diversos grupos de culturas urbanas não se falavam entre si, e seus encontros sempre terminavam em briga; mas que, pelo menos no meu bairro, todos coexistiam, todos éramos amigos, e em cada *toke*⁵⁶, fosse organizado pela prefeitura local, ou pela iniciativa das bandas, se podiam ouvir as mais variadas variantes do rock, e sem importar a vestimenta, todos *parchabamos*⁵⁷, num ambiente de camaradagem juvenil.

⁵⁶ Show de música underground

⁵⁷ Encontro de jovens

Acho que tudo isso fez com que me interessasse por compreender o mundo e, mais que isso, que tentasse fazer algo para muda-lo. Acho que por isso estudei Sociologia, estudei História e decidi fazer meu estagio numa zona vermelha, que me permitiu não só sentir o que significa viver o conflito armado, mas ver e participar de iniciativas de mulheres, de camponeses, de professores, em suma, de iniciativas de construção paz. Acho que, por tudo isso, continuo explorando alternativas de compreensão sempre propositivas, pois estou convencida de que, ao fazer parte do mundo social que estudamos, criamos a sociedade tanto como ela nos cria a nós, e que as análises que desenvolvemos também fazem parte da sua transformação, pois:

Todo grupo social se apropria de una manera u otra del conocimiento que sobre lo social le incumbe, cualquiera que sea su naturaleza y su origen. Esta apropiación tiene consecuencias sobre sus prácticas sociales y sobre los productos del saber (VALENCIA; CORREDOR; JIMÉNEZ; DE LOS RÍOS; SALCEDO, 2016. p.137)

Acho que por isso é impossível não fazer pesquisas “sentipensantes”, que são aquelas que buscam conectar a razão ao coração e, em consequência, decidi exibir um pouco do sentimento por trás do pensamento.

5.1.2 Entre brincadeiras próprias e alheias

Sem fazer propriamente uma análise sobre o papel do jogo, ou suas representações, só gostaria de apresentar três histórias pessoais, à maneira de ilustração, sobre a forma como a violência e o conflito na Colômbia permeiam as subjetividades dos seus cidadãos, sem importar as diferenças geográficas ou sociais.

História 1.

Quando era criança gostava de brincar de escola, organizava meus bonequinhos e no meu quadro branco repassava a lição que eu mais tinha gostado da semana. Algumas vezes, meu irmão cruzava sua brincadeira com a minha e chegava gritando na minha “sala de aula”: *-Salgan todos, esto es uma toma guerrillera*, e meus bonequinhos voavam pelo quarto. Passo seguinte, eu chorava, minha mãe implicava com ele, e depois todo se solucionava com um sorvete no parque.

História 2.

Muitos anos depois, em 2013, fui morar no sul da Colômbia para fazer o estágio da faculdade. Assim foi, e percorrendo suas veredas conheci Nariño e o sul do Cauca, território com mais cultivos de uso ilícito do país, presença de todos os grupos armados e um dois mais estigmatizados, porém com as iniciativas mais incríveis de resistência e construção de paz.

Um dia, após um fechamento de um grupo de poupança e crédito, que era um grande motivo de celebração para os participantes, observei o jogo das crianças correndo na grama e, para minha surpresa, estavam brincando de guerrilhas, os grãos de café faziam de balas que “disparavam uns contra os outros”, e os tufo de grama cortada faziam de trincheiras. Para mim, não tinha forma mais caricaturesca de representar uma janela disso que é a Colômbia: Café, guerra e esperança no contexto rural.

História 3.

Depois de terminar minha faculdade, entrei numa organização na qual trabalhávamos como professores em contextos rurais. Assim foi que cheguei a Urabá Antioqueño, região com uma população majoritariamente negra, com uma economia baseada principalmente em monoculturas de banana, e com uma forte presença de grupos paramilitares. O trabalho não foi nada fácil, e na busca por alternativas para ganhar aos meus estudantes fiz uma atividade com colheres de plástico; mas, para meu pânico e surpresa, algumas crianças convertiam as colherinhas em facas imaginárias, e abrindo a blusa do uniforme escolar, brincavam de gangues amedrontando a seus colegas. Por sorte, o incidente, não “cobrou feridos”, e se converteu em uma oportunidade para conhecer e compreender melhor a realidade dessas crianças, estabelecer reflexões grupais, e iniciar o trabalho educativo.

Conclusão:

Estas histórias não são novidade, e com certeza, qualquer bom observador pode encontrar este tipo de experiências na sua realidade mais próxima. Mas, a partir delas, quero ilustrar a forma como o contexto nacional faz com que crianças tão diferentes, e com trajetórias biográficas tão diversas, como são meninos da classe média urbana de Bogotá, filhos de camponeses em Nariño, ou estudantes negros em Urabá, reproduzam o

mesmo jogo. Como não fazer isso quando é o que vemos e ouvimos direta ou indiretamente? o que isso nos diz como nação? não será tempo de mudar o jogo?

CAPÍTULO 6 - SUBJETIVIDADES DOS JOVENS COLOMBIANOS DE HOJE

Os estudantes do Liceo Fesan e as meninas do ICBF

“Muchas de las conversaciones u opiniones que hemos dado han sido así: No es por quitarle derechos a los venezolanos, pero... No es por ser homofóbico, pero... No es por decir que el grafiti está mal, pero... O sea, nosotros tomamos la violencia y la transformamos en nuestras opiniones e ideas.” (Depoimento LF)

Os resultados aqui apresentados derivam das rodas de conversa e de entrevistas semiestruturadas realizadas em duas instituições educativas de Bogotá: O *Colégio Liceo Fesan*, escola privada com uma visão de educação integral; e a casa de acolhimento⁵⁸ do *Instituto Colombiano de Bienestar Familiar*, no qual moram temporariamente, às vezes contra sua vontade, e como medida de proteção, menores infratores com problemas de convivência familiar ou sem adultos responsáveis por sua custódia.

O perfil e o paralelo entre as duas instituições são importantes, pois na Colômbia a falta de democratização, gratuidade e universalização da educação fez com que a divisão e diferenciação entre o sistema educacional público e o privado seja muito marcante. No mesmo sentido, a eleição dos dois perfis foi de propósito, pois um dos pontos que se tentado estabelecer neste trabalho é que a violência é um fenômeno que nos atinge a todos, e os estudos tradicionais deste fenômeno como um elemento próprio das classes populares não têm permitido ver o problema na sua dimensão real. Este fato leva também a um posicionamento político de pensar que, se a violência é um fenômeno que nos atinge a todos, a construção de paz também é, em consequência, um fenômeno que exige o trabalho de todos, e para todos, por igual, daí a importância das políticas públicas em educação para a paz com alcance nacional.

Contudo, nos dois centros educativos estamos falando de jovens entre 14 e 17 anos, mestiços⁵⁹, maioritariamente mulheres no caso do ICBF, e maioritariamente homens no caso do Liceo Fesan.

⁵⁸ Por motivos de segurança, não estamos autorizados a dar o nome da casa.

⁵⁹ Um elemento interessante foi a autodeclaração de pertencimento ao grupo étnico indígena (1), e ao grupo afrocolombiano (2), embora não fossem visíveis rasgos fenotípicos desta inscrição.

Dados demográficos			
Liceo Fesan		ICBF	
Idade		Idade	
		14	2
15	4	15	4
16	5	16	2
17	1	17	2
Estrato Socioeconomico		Estrato Socioeconomico	
		Ns/Nr	2
2	2	2	1
3	6	3	6
4	2	4	1
Gênero		Gênero	
Femenino	3	Femenino	9
Masculino	7	Masculino	1
Religiao		Religiao	
Católico	1	Católico	2
Sí, sin aclarar	1	Cristiano	4
Ninguna	8	Ninguna	2
		Sí, sin aclarar	2
Atividade econômica		Atividade econômica	
No	9	No	9
Sí, sin aclarar	1	Sí, sin aclarar	1
Declaración étnica		Declaración étnica	
Afro	1	Afro	1
Indígena	1		
Ninguna	8	Ninguna	9

Tabela 3. Dados demográficos pesquisa de campo. Fonte: Elaboração própria

Um primeiro elemento a ser mencionado é que, apesar do contraste com relação ao tipo de educação e a trajetória familiar, os jovens das duas escolas não são de setores socioeconômicos tão diferentes. Nas duas escolas vemos a participação de jovens que se situam no estrato⁶⁰ 2 até o 4, o que os leva a se posicionar entre as Camadas baixas e médias da sociedade. Este elemento está ligado às análises que, como veremos mais adiante, pode nos levar a sustentar que a violência direta não é um fenômeno exclusivo dos setores populares, e que são mais determinantes outros elementos em jogo.

Com relação à pergunta sobre religião, vemos um contraste, pois enquanto a maioria dos estudantes do LF se declara não religiosos, os jovens do ICBF se

⁶⁰ O conceito de “estrato socioeconómico”, surge como base do sistema de subsídios cruzados para os serviços públicos na Colômbia, esquema sob o qual são classificadas as viviendas de 1 a 6, com o propósito de que os pagos aos serviços públicos dos estratos 5 e 6 subsidiem os estratos 1 a 3. A mesma classificação é a base sob a qual se focalizam políticas públicas e subsídios de outro tipo. Porém, este conceito se tem estendido no imaginário como uma distinção entre classes sociais que faz referência aos indivíduos diretamente e se relaciona aos aspectos da cultura, como a forma de vestir, falar, se comportar, etc.

reconheceram, maioritariamente, como religiosos. Sem aprofundar o tema, um olhar superficial a partir da literatura sociológica (Giddens; Simmel; Durkheim; Lozano, 2016) nos leva a ter como hipóteses a importância da religião enquanto horizonte de sentido ao vivenciar eventos traumáticos e ressignificá-los, questão de vital importância na trajetória das meninas do ICBF.

Nas rodas de conversa – que contaram com a participação de 10 estudantes por cada centro educativo – levantamos algumas questões sobre concepções de violência e paz a partir de emoções, sensações e representações, para somente depois conceitualizar, não só a partir destas duas categorias, mas dos conceitos de justiça e conflito. Do mesmo jeito, levamos os jovens a pensar além da violência direta, para o qual o uso de algumas imagens nos ajudou a refletir sobre diversos tipos de violência e suas percepções. Vale aclarar que em todo este processo a intenção foi refletir a partir das experiências mesmas dos jovens, alternando questões entre o nível mundial, nacional, local, escolar, familiar, etc. Finalmente, ouvimos as Contribuições dos participantes na formação e consolidação de uma cultura de paz.

Em um segundo momento, elegemos 5 estudantes de cada grupo e indagamos sobre suas experiências por meio de entrevistas semiestruturadas, gerando um diálogo mais pessoal sobre a forma direta em que os atingem diversas problemáticas, refletindo as posições cambiantes entre vítimas e agressores, assim como os conflitos que se apresentam na sua cotidianidade e a forma como os resolvem; sentir, exercer e resolver, são, então, os três momentos da entrevista que nos permitiram adentrar nas suas experiências e trajetórias pessoais.

6.1 Introdução etnográfica

Aos dois centros educativos cheguei cedo de manhã, a melhor hora para trabalhar com adolescentes, segundo minha experiência pessoal. No Liceo Fesan o corre-corre das crianças chegando nos ônibus escolares, alguns andando em companhia dos seus cuidadores, e outros poucos com pressa para não perder a primeira hora de aula. No ICBF, o silêncio próprio de uma casa que ainda está acordando.

Nas duas instituições me senti como em casa, e o cenário se prestava para o bom desenvolvimento da atividade, uma sala, no caso do ICBF, e um auditório no Liceo Fesan.

Não era a primeira vez que estava em uma casa de acolhimento, pois como parte do serviço social obrigatório na minha escola fazíamos aulas de reforço escolar a meninas da nossa mesma idade numa casa do ICBF. Isso, e as saias xadrez correndo pelo LF, fez com que as duas visitas me transportassem diretamente para a minha adolescência no meu período escolar.

Prontos para iniciar, nos sentamos formando um círculo e começamos nossa conversa. Para quebrar o gelo lhes falei do meu propósito com a visita, conversamos um pouco sobre o Brasil e até falamos um pouquinho de português. As conversas foram bem ativas e os jovens estavam dispostos a participar.

O primeiro que observei foi a forma de expressão dos participantes. Talvez pela presença da professora de ética, ou porque tem ido incorporando um discurso sobre o tema, no LF os estudantes falavam com conceitos e categorias próprias das Ciências Sociais; no ICBF falavam com mais gírias e com a comodidade de quem fala com uma amiga, realmente sentiam-se gratas porque estavam com a visita de uma pessoa nova que quebrasse com a rotina da casa.

De outro lado, observei como no LF se autorregulavam na hora de falar, cada um respeitando a fala do outro e pedindo -ou cedendo- a palavra. Já no ICBF imperava a voz mais alta e, às vezes, eu tinha que intervir para dar vozes a todos, e que a discussão não fosse monopolizada pelas mesmas meninas; contudo, no ICBF as opiniões eram mais coesas, e no início, parecia que algumas meninas tentavam não entrar em contradição com o propósito de não gerar uma discussão com as outras companheiras, posteriormente, e lembrando o propósito do trabalho, se foram soltando e falaram com maior liberdade.

No ICBF, as falas faziam maior uso da primeira pessoa e não tinham maior problema em falar abertamente das suas experiências, ao qual já estão acostumadas, pois, afinal, todos estão ali porque sofreram violências de diversos tipos, e nos trabalhos com os educadores, exploram diversas interpretações sobre esses fatos. Pelo contrário, no LF falavam mais a partir do que dever ser, e se fazia explícito o caráter acadêmico das suas observações, o que fazia com que a maioria das questões chegasse a um ponto de relativização caracterizado pelo “depende”, que dava conta dos diferentes pontos de vista a partir dos quais uma problemática pode ser analisada.

Um elemento interessante no LF foi ver como as falas de alguns participantes iam mudando conforme a fala dos seus companheiros lhes faziam refletir outros pontos de

vista. A partir disto, identifico a modo de “tipo de ideal”, três tipos de participantes nesta conversa: 1. O progressista. Um estudante cuja família comparte os valores democráticos que ele defende, fala abertamente de diversidade e diferença, viaja constantemente, e participa de passeatas e manifestações públicas. 2. O conservador. Vem de uma família religiosa e posiciona-se constantemente pela defesa dos valores e princípios perdidos - termos que usa constantemente-. 3. Os maleáveis, maioria do grupo, que se debatem entre as ideias conservadores -imperantes nas falas que vem a partir do sentido comum-, e as ideias de diversidade que propõe a escola e o discurso da educação para a paz. Sendo assim, no LF, algumas discussões tinham o seguinte padrão:

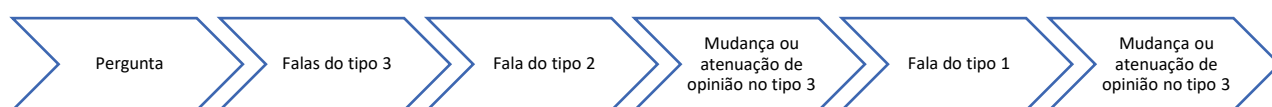


Gráfico 2. Padrão Roda de Conversa Liceo Fesan. Fonte: Elaboração própria

Para exemplificar este elemento, olhemos um debate que se deu ao redor da questão de gênero. Inicialmente vemos alguns depoimentos das falas do tipo dois:

“Lo que pasa es que hay muchas contradicciones. Pero eso surge de la falta de principios y de respeto que se presenta en la sociedad. Porque por ejemplo para mí... Yo no sé si puedo decir que soy homofóbica, a mí no me gusta eso, pero trato de tolerarlo. (...) No voy a hacer nada en contra de ellos, pero tampoco voy a favor de ellos”

“Ellos también están frente a una sociedad que tiene una idea diferente respecto a ellos. Digamos que yo venga con mi novio y me bese al frente de ellos, puede que de pronto para ellos también es mal visto, pues a mí tampoco me va a gustar que una mujer con otra mujer se bese al frente mío, porque no”

“A veces también depende desde el punto de vista que se vea, por ejemplo, por mi parte que yo soy una persona muy católica, viendo eso por la iglesia esta extremadamente mal porque es algo que nosotros aceptamos por las leyes de nuestro creador, una persona que... no sé cómo representarlo; pero no está bien visto que eso... Por ejemplo, en mi familia todo eso está muy mal visto, no es aceptado”

A continuación segue algumas falas do tipo 3:

“Si nos obligan a verlo muy normal también nos estarían vulnerando a nosotros. Ese es el punto, dejarlos a ellos y que nos dejen pensar lo que nosotros queremos”

“Yo pienso que no importa lo que tú pienses siempre que no le hagas daño a alguien. Si no le haces daño pues está bien, piensa lo que quieras. Tolerar”

Depois de um tempo de discussão, temos uma fala do tipo 1:

“Nosotros manejamos la información de acuerdo a lo que pensamos. Lo que acaban de decir es como: yo no soy machista pero no estoy de acuerdo en que una niña ande con una falda arriba de la rodilla porque se le alcanza a ver la pierna, y eso es malo, y según la idea y los principios que tenemos eso sería malo porque está mostrando piel. Eso es exactamente lo que acaba de pasar. Pero de acuerdo con lo que nosotros nos formamos como personas, lo defendemos. Eso es lo que acaba de pasar.

¿Como lo tomarían? ¡Ah! ¡Es que yo no considero que una niña deba salir con una ombliguera que no le tape el ombligo porque está mostrando piel! Y según la idea de los viejitos, si un ancianito ve a una niña con la camisa por acá se va a indisponer, porque es la idea que tiene la sociedad. Es exactamente lo que acaba de pasar”

Em resposta, se apresenta uma atenuação nas falas do tipo 3:

“Todos los puntos son importantes de cierto modo. Ese es el problema, no reconocer esto por la idea que tiene la sociedad, eso es una exclusión y eso es una forma de violencia”

“Pero creo que no es tu opinión sobre eso sino la capacidad que tienes para aceptarlo”

“Lo que pasa es que nosotros tenemos que crear nuestra idea frente a eso, no podemos dejarnos llevar frente a los demás”

“Es como en qué entorno te quedas. Yo soy muy liberal frente al tema de la homofobia, y me gusta mucho no comer entero; pero lo que dice él, es muy católico y tiene una familia muy católica, entonces por eso tampoco lo acepta mucho; porque pues en su religión y eso no es bien visto. O sea, es cuestión de perspectiva”

Por outro lado, como os mesmos estudantes reconhecem, os indivíduos não têm um mundo de experiência só, pelo contrário, constantemente se movimentam entre diferentes círculos sociais, com lógicas distintas e que, às vezes, resultam contrapostas. Assim,

La idea del sujeto como una unidad orientada por unos referentes más o menos estables, articulados, y en cierto sentido, públicos, es más una aspiración y una creencia propia de la sociedad burguesa que un dato de la sociedad. (BOLIVAR, 2004, p.?).

Nessa vivência com os outros, o indivíduo participa de distintos espaços sociais, as vezes contraditórios, que vão ter forças distintas sobre suas biografias, e em suma, na sua constituição como indivíduos. Todo o qual resulta mais importante ainda na

adolescência, pois é o período da vida onde mais mudanças hormonais e sociais temos, é o trânsito da infância à vida adulta, e estamos na configuração de elementos que vão definir nossa identidade.

“Yo creo que el que se forma como persona eres tú, tú tomas la decisión de qué es lo que aceptas para formarte como persona, miras qué es bueno y qué es malo según tu perspectiva, tus principios y tus valores. Obviamente las personas alrededor, tu familia, tus docentes, tus amigos, tus compañeros, van a influir mucho en tu educación, en tu personalidad, en tu educación en general, pero es como tú mismo puedas formarte” (Depoimento LF)

Daí que, o que vamos analisar não são ideias fixas, pelo contrário, são ideias em construção a partir do contraste entre os diferentes mundos de sentido. Sendo assim, as categorias que vamos desenvolver não foram construídas a priori, mas são o resultado das reflexões que os próprios estudantes fizeram a partir das imagens provocadoras.

6.2 I Momento.

6.2.1 O que entendemos por violência e paz?

Como se mencionou, na primeira parte da atividade, pedimos aos participantes que fechassem os olhos, pensassem nas palavras: violência e paz. E que, em seguida, que falassem das imagens, sensações e emoções que lhes produziam, assim como que tentassem associá-las com cores, cheiros, sabores...

Cores vermelhas, pretas e verdes; imagens de guerra, armas, sangue, mortos, famílias correndo, maltrato, fogo e discussão; sentimento de raiva, dor, impotência, tristeza e exclusão, cheiros podres e sensações de náuseas. Suas palavras pareciam descrever um filme de terror.

Em contraste, cores brancas, amarelas, azuis (cor de esperança?) levavam a sensações de felicidade, tranquilidade, harmonia, câmbio, segurança e plenitude. Imagens como as de um pombo branco, um cartaz com a bandeira da Colômbia, um bom café na humildade da roça colombiana, uma boa comida em família, um transporte público sem brigas e um dia de trabalho sem discórdias traziam reflexos da realidade que se quer, e até deixavam liberdade para a imaginação “*Y si las nubes fueran de colores ¿Se imaginan?*”

Não deixa de ser interessante que nas visões de paz apareçam elementos como o pombo branco, os cartazes com bandeiras, e a imagem da roça colombiana, que constituem referenciais diretos às lutas pela paz no meio do conflito armado. Posteriormente, quando tentamos colocar todas essas sensações em palavras, observamos o contraste entre os dois espaços. No LF, já se tinha uma ideia formada sobre estes conceitos, assim, se reconhecia a violência como:

Un mecanismo de defensa, solo que lo hemos sabido controlar con el pasar del tiempo (...) O más que sobrevivencia es como egoísmo, como que todas las personas tienden a ser egoístas para llegar a un fin, por beneficio propio. (Depoimento, LF)

Neste depoimento, se pode observar uma discussão clássica sobre se a violência é um fenômeno biológico ou cultural, ainda mais, se concebe a paz em termos civilizatórios – e sob uma valoração ética positiva –, assim, se pensa a pacificação como:

El cambio de algo más arcaico a algo más moderno. Por ejemplo, la civilización, que, del simple hecho de pelearse entre tribus, empezaron el intercambio de mercancías y así... O sea, es como de un paso arcaico a un paso un poco más civilizado. Ya se utilizó ese pensamiento arcaico y ahora hay que formar unas ideas (...) Así mismo como va progresando una sociedad, van progresando los métodos para solucionar los problemas lo mejor posible. Entonces yo creo que uno como humanidad cambia su concepto de solucionar y puede ver varios caminos para llegar a un fin. (Depoimento, LF)

Por outro lado, neste intento de definição, as visões de paz positiva e negativa, e, portanto, uma reflexão sobre o conceito de conflito, apareceram como um determinante:

- El estado donde haya carencia de conflictos.
- ¡Nooooo! Porque siempre van a haber conflictos.
- Sería la buena resolución de conflictos.
- Yo diría no tanto la ausencia de conflictos sino la ausencia de violencia para resolver conflictos.
- Es que siempre va a haber violencia, es como evitar la violencia, pero siempre va a haber.

(Depoimentos, LF)

Já no ICBF, falar destes temas fazia parte do campo neto da experiência, de algo que se sente, e em consequência, se fazia...

Difícil la definición porque está presente de muchas formas, toma muchos disfraces. Las que más nos afectan: Pobreza, violencia sexual, intrafamiliar, de los derechos... Discriminación, bullying, ¡Todas!

(Depoimentos, ICBF)

No mesmo sentido, falar de paz para elas nos levava a pensar na concepção de paz integral, que exige um compromisso e uma mudança que, necessariamente, implica uma luta de todos, se trata, então, de garantir direitos e estabelecer uma ordem, que começa inclusive dentro da mesma casa...

-Cuando no hacen cumplir algo, aquí pelan y cumplen. Aquí en la fundación. No pelear, sino hablar. O sea, cuando se habla se llega a un acuerdo; y eso todas lo tenemos claro.

-Pero es que... Si yo coloco y la otra parte no, si no colaboramos todos, no va a funcionar nada. Por ejemplo, cuando piden silencio y todas se callan, y dos o tres siguen hablando. ¿Cómo nos va beneficiar a todas si ellas no ponen de su parte? Entonces la idea sería aportar y colaborar todas porque el beneficio no es para una sola, sino para todas. Y la idea no es quedar una bien, sino todas. Es igual que afuera, si unos quieren la paz y otros no, si no todos no están de acuerdo, obviamente nunca va a haber una paz.

(Depoimentos, ICBF)

6.2.2 Entre a mediatização da violência e o dever ser dos discursos de paz

Una vez paso eso, hace poquito, lo vi en noticias, en televisión.

-¿No se vio esa? ¿la de colmenares? -Sí, muchas cosas quedan impunes - O pagan para poder salir de la prisión

-¿Se acuerda lo que le conté del violador que lo cogieron y le dieron duro? Es que en noticias salió un señor que había violado a un perrito y fue la policía y lo saco y casi lo matan.

(Depoimentos, ICBF)

Muitas das discussões vinham das experiências vistas a partir de uma tela de tv. Nesta medida, observamos uma disputa discursiva entre o caráter midiático dos fenômenos violentos e o dever ser dos discursos de paz, reproduzidos principalmente na escola. Em outras palavras, assistimos a um constante bombardeio midiático de violências que contrasta muito com os discursos que apelam a uma resolução pacífica dos conflitos.

Digamos que nosotros los colombianos no es que seamos intolerantes, lo que pasa es que nosotros tenemos unos medios de comunicación amarillistas también. El día que nosotros no escuchamos violencia decimos: Las noticias no estuvieron buenas; y resulta que no es así. (Professora, LF)

Isto põe de manifesto que os meios de comunicação têm se constituído não só como fontes de informação, mas como uma fonte de sentidos e significados. Por exemplo, no ICBF, como elas mesmas nos contaram, as meninas passam longas horas assistindo a tv como forma de entretenimento; novelas, noticiários e filmes fazem parte do cardápio

onde *La vendedora de rosas*, *Sin senos no hay paraiso* e *La rosa de Guadalupe* se colocam bem no ranking de preferências. O que lhes permite ter uma porta de contato com a realidade fora da casa, - lembrando que estamos falando de meninas sob custódia, pelo qual o uso de telefones e redes sociais estão proibidas – mas, ao mesmo tempo, faz com que estejam expostas a umas narrativas que, sem um controle de conteúdo ou uma reflexão posterior, as expõe à reprodução de elementos que vão na contramão do proposito mesmo da fundação.

Ampliando esta visão, temos que a internet também se apresenta como um cenário de reprodução constante de imagens violentas as quais estamos expostos diariamente.

- En internet tú puedes encontrar una gran variedad. Hay desde... lo que sea. De hecho, hay una parte de internet especializada en eso, donde te muestran contenido violento. Y hay gente que compra para que hagan eso, o sea, es como un servicio, como tipo un Netflix.

-Yo los he visto, pero muy superficial, porque es inevitable, incluso cuando estoy en Facebook, que casi nunca estoy, tú puedes ver videos, así como gore, se llama así.

(Depoimentos, LF)

O interessante deste ponto é que, sem fazer valorações éticas, os mesmos jovens se apresentam como críticos da forma como se consome a informação e as consequências que ela traz, assim como seu papel na constituição das subjetividades e nos processos de individuação.

-Pues no sé si se han dado cuenta, pero de todo lo que hemos hablado, los medios de comunicación son los que tienen la principal influencia en nuestras decisiones, e nos puede llevar a tomar una decisión.

-Entonces lo que dice él: -Si yo crecí en las afueras del país y vi que el M-19 hacía cosas buenas por nosotros, pues obviamente voy a tener una buena opinión. Pero si yo me quedo en lo que muestran los medios, de que el palacio, de que todas las muertes, pues probablemente voy a tener esas ganas de venganza, por así decirlo, y de hacer justicia por mano propia.

-Porque son los medios de comunicación los que nos hacen como ver un punto específico, y es el punto que ellos quieren hacer ver, no lo que se debe mostrar.

(Depoimentos, LF)

Do anterior não fica muito claro quem são eles, nem que é o que é “*lo que se debe mostrar*”; mas um caso prático em relação a este tema que surgiu das conversas foi a estigmatização no atendimento aos migrantes venezuelanos.

6.2.3 A questão venezuelana

A Colômbia e a Venezuela dividem uma origem comum, características culturais similares e uma fronteira de 2.219km, que constitui a maior fronteira que os dois países têm com alguma outra nação. Tudo isto faz com que as migrações entre as duas nações tenham sido constantes desde tempos coloniais⁶¹. Mas, a partir de 2010, e alimentada pela crise no país bolivariano, a imigração de venezuelanos na Colômbia -pouco acostumada a um fluxo alto de migrantes- cresceu de forma exponencial, sendo que hoje se estimam aproximadamente 2 milhões de imigrantes e refugiados venezuelanos no território nacional (Granja, 2019), se constituindo como o maior receptor de imigrantes venezuelanos no mundo.

Desde os tempos do chavismo, as relações diplomáticas entre a Colômbia e a Venezuela não foram as melhores, fechamentos constantes das fronteiras e discursos acusatórios de um lado e do outro, faziam parte do repertório. Isto levou a que na mídia colombiana se falasse o tempo todo da chamada “questão venezuelana”, geralmente com assombro, medo e terror. Programas televisivos como “La noche”, ou “Bayly”, e secções exclusivas para o tema nos noticiários, alimentaram um discurso que se defendia também na arena política onde expressões como “castro-chavismo” e teorias sem fundamentos como as dos “infiltrados venezuelanos” nas mobilizações e protestos sociais de 2019-2020, têm se popularizado, fazendo com que sejam usadas tanto nos meios de comunicação como nos discursos políticos e nas falas rotineiras dos colombianos sobre o tema.




Imagem usada na roda de conversa

-Cuando los echan de ... lo qué pasó en Venezuela ... por ese Maduro ... ¿Cómo se llama? ¿Inmigraciones?

-Maduro hambriento ese, el presidente de Venezuela.

-No solo el de Venezuela, porque muchos presidentes son así. Hasta el de acá es así.

-Sí, pero el de Venezuela es el que es más descarado.

(Depoimentos, ICBF)

Contudo, com as migrações em massa, se somaram dois elementos dicotômicos a este cobrimento mediático e perspectiva a partir da opinião pública. Por um lado, vemos

⁶¹ Lembrando que o que hoje conhecemos como a Venezuela e a Colômbia constituíram o mesmo território até 1830.

um constante “La culpa es de los venezolanos” para falar de violência, roubos e vandalismo; e, por outro, um “Ahora todo es para los venezolanos”, que cria um receio na população ao se sentir abandonadas pelos benefícios sociais do Estado em detrimento dos recém-chegados.

- (Sobre um roubo) -Me llegaron dos venezolanos y me cogieron contra una reja y me pegaron y que les diera todo (...) creo que fue más como para satisfacer la necesidad que tienen ellos. (Entrevista, LF)

-Lo que pasa es que ahorita el presidente se está centrando más en la sociedad que está llegando, más en los venezolanos que en los colombianos. Y le están prestando más beneficios a ellos, beneficios que les hacen falta a los colombianos. Y no es malo, o sea, no es malo que quieran ayudar a gente externa del país, pero nos están quitando beneficios, y pues se está mostrando que hay preferencia por ellos cuando por los colombianos no se está haciendo lo mismo.

-Yo creo que el gobierno y los medios de comunicación se han encargado de que los colombianos le cojan cierto odio o fastidio a los venezolanos, por lo que dijo ahorita: que más trabajo para los venezolanos.

(Depoimentos, LF)

Se analisamos estas perspectivas, vemos que destoam muito da realidade, pois se estima que 90% dos imigrantes venezuelanos trabalham na informalidade e 56% não têm status migratório regular (Pardo, 2021), o que não lhes permite o acesso a serviços sociais e econômicos do Estado, ou impede o aluguel de uma casa, a opção de abrir uma conta bancária ou o acesso ao sistema público de saúde. No mesmo sentido, se vemos a cifras de criminalidade, temos que 96% dos delitos na Colômbia foram cometidos por colombianos e que 3,6% que representam a população venezuelana no país, só 0,63% dos delitos foram cometidos por venezuelanos, sendo que 20% das capturas foram por invasão ao espaço público, quer dizer, por trabalho informal. (Gutierrez, 2020) Contudo, meios de comunicação e discursos políticos têm alimentado uma imagem distorcida da realidade,⁶² que se reproduz na escola por parte de alguns docentes.

Lo que tenemos ahora por ejemplo con Venezuela. ¿Qué está pasando? Nosotros decimos: Bueno, ¿Qué está haciendo el gobierno? ¿Qué estamos haciendo nosotros mismos para controlar eso? Y nosotros ahora tenemos violencia y decimos: ¡Ah no, es que son los venezolanos!, les echamos la culpa. (...) Y bueno, ¿Qué está pasando con la economía de todo el país, el desempleo? Eso también genera violencia. Porque si el mismo gobierno no

⁶² Outra mostra visível deste elemento foi, por exemplo, segundo o barómetro de xenofobia, o aumento de rejeição aos estrangeiros em um 83%, após declarações da prefeita da Bogotá que conectavam o aumento da criminalidade com os imigrantes venezuelanos. Etiquetas de ódio como “venezolanos hijueputas”, “limpeza social” y “matando a venecos”, contrastavam com mensagens positivas que denunciavam o caráter xenófobo das conversas em línea como “xenofobia”, “discursos de odio” e “Hermanos venezolanos”. (Gutierrez, 2020)

controla esa migración, pues Colombia se va a hacer internamente más violento.

Hace unos días había unas colas interminables para empleo que hicieron en Corferias, y uno decía: La mayoría de empleos fueron para venezolanos, y ¿qué pasa con la gente colombiana?

Nosotros veíamos por ejemplo anoche en la Guajira tienen campamentos de todos los venezolanos, y ¿qué pasa con los niños de la Guajira que se están muriendo de hambre? Entonces todo eso es lo que genera internamente también violencia.

(Professora LF)

Para os estudantes do LF, mostrar as ajudas aos venezuelanos faz parte de uma estratégia do governo nacional por “limpar a imagem” que se tem da Colômbia no exterior.

- Obviamente el hecho de que el gobierno se preocupe por los venezolanos, no solo por el hecho de que sean venezolanos sino por un trasfondo internacional. Porque estas noticias que estamos viendo de “apoyo a los venezolanos” en el exterior lo muestran el doble, porque eso beneficia al país. Parece que el gobierno se interesara más por la visión que tiene el mundo del país que por arreglar la situación del país.

-Yo diría que no es culpa de los venezolanos que el gobierno le esté dando la mayoría a ellos; es culpa del gobierno, porque no sabe poner prioridades. Y bueno sí, puede que esté cambiando la imagen, pero está solo cambiando lo que dicen los demás países sobre nosotros, pero acá la desigualdad sigue igual.

(Depoimentos, LF)

Este elemento chamou nossa atenção, porque, de modo geral, representa a constante tarefa que tem Colômbia, e os colombianos, no exterior, por desconstruir preconceitos históricos. Ao mesmo tempo que expõe uma sensação de desilusão frente às expectativas levantadas pelos discursos de paz e desenvolvimento na esfera política interna.

-Porque ya Colombia de por sí, ha tenido fama de narcos, ha tenido fama de violencia... Y así haya pasado hace mucho tiempo, tú vas y le preguntas a un extranjero y qué dice: o narcos o café. Lo que yo pienso es que el gobierno está tratando de limpiar esa imagen como un país violento, como un país que impulsa la paz, e impulsa el apoyo a los países vecinos; aun así, la situación del país no sea favorable, optima, para hacer este tipo de cosas.

-Es básicamente lo que hizo el gobierno Santos, que mostró, y se trató de demostrar los procesos de paz. Eso fue noticias internacionales, amarillistas internacionales, (...) que fue lo que terminó en Santos con el novel.

(Depoimentos, ICBF)

Já vimos as percepções sobre a população venezuelana na Colômbia. Mas o que significa ser uma jovem venezuelana na Colômbia? No ICBF, tivemos a oportunidade de explorar esta realidade.

Luisa é uma menina de 17 anos, que, como milhões, saiu da Venezuela pelos conflitos sociais, políticos e econômicos, porque, em palavras dela: “sabía que nunca iba a tener la vida que quiero estando en Venezuela; y tampoco la voy a tener si me quedo en Colombia”. Ela chegou sozinha em Bogotá, onde a polícia, ao ver que ela não tinha destino nem conhecidos, decidiu levá-la ao centro de emergência, e posteriormente à casa de acolhimento. Quando falamos grupalmente sobre a questão migratória, ela expressava que os imigrantes são “La gente que le niegan la entrada a un país y hasta los humillan o los golpean”, no mesmo sentido, quando falamos pessoalmente com ela, suas palavras davam conta da difícil travessia e das diferentes formas nas quais se tem sentido vulnerabilizada.

Yo tuve una buena infancia, pero tuve una adolescencia muy difícil. He tenido una adolescencia difícil. Por todo, por las personas que he tenido que conocer, por el entorno en el que me he tenido que rodear, por... no sé, por muchas cosas, por las circunstancias que me han tocado. (...) Es que uno tiene que cuidarse mucho de las personas, no hay nada más destructivo en el mundo que las personas. (...) Las personas son crueles, el mundo está envenenado. (...) Hay muchas personas que han sido inhumanas conmigo. Lo que me han hecho y me han dicho. Cosas fuertes. (...) Me gustaría tener una vida agradable, una vida donde yo pueda estar tranquila, donde no tenga que lidiar con violencia, que no tenga que salir a la calle y ver cómo la gente se agrede, se vulneran sus derechos, es racista, es intolerante. (...) Conmigo ha sido violenta mucha gente, su intención ha sido dañarme.

En mi país me siento insegura, y aquí también. Este no es un buen país para vivir. Tiene muchos problemas, y problemas que nunca se resuelven y que quizá no se vayan a resolver en mucho tiempo. Yo acá veo características que antes veía allá. Y esos problemas los pueden llevar a un colapso y que terminen igual o peor que nosotros. Yo no me quiero quedar en este país.

A Venezuela tampoco volvería, pero tampoco me quiero quedar acá.

(Entrevista ICBF)

6.2.4 Pobreza e marginalidade:

Quando perguntamos às meninas do ICBF sobre o tipo de violência que mais as atingia, não duvidaram em falar da pobreza. Pelo contrário, quando os estudantes do LF falavam da pobreza, o faziam como algo externo, usando o “eles” em contraposição ao “nós”, e reproduzindo o estigma clássico de pobreza-marginalidade e delinquência, embora as posições flutuaram entre o mecanismo de sobrevivência -forma de satisfazer

necessidades-, o infantilismo -não entendem e não sabem o que estão fazendo-, e o ator racional fácil -uma decisão tomada com base em um cálculo racional de consequências, optando pela “via fácil”-.

Sobrevivência:

-Yo diría que es en sí el instinto de supervivencia, salir de ahí y cambiar de vida, no se toman buenas decisiones. Y pues las decisiones ahí no se toman porque sean buenas o malas; de ahí surge también el crimen. Son personas pobres que buscan... tienen necesidades.

-Aquí se nota que la sociedad marginal que, con base en la necesidad, desemboca en violencia para sobrevivir.

-Con tal de salir de ese entorno, ellos se arreglan a lo que sea, cualquier opción de salir de esa pobreza inminente.

(Depoimentos, LF)

Infantilismo:

-Las personas que nacen en condición de pobreza, piensan que cuando llega un ente, sea malo o bueno, porque ellos no saben distinguir lo malo, o sea... una persona que les diga que los puede sacar de la pobreza; ellos no van a entender, no van a ponerse a pensar si lo que están haciendo está bien, si lo que les proponen estos entes es bueno o no, sino que están pensando en los beneficios que pueda llevar tener o contribuir a esta causa de los entes.

-El problema de la marginalidad es la facilidad como estas personas pueden ser manipuladas y conducidas a hacer malos actos y malas decisiones en torno de una posibilidad de cambiar.

(Depoimentos, LF)

Ator racional facilista:

-Para buscar su bienestar. Esas personas sí saben lo que están haciendo. Por ejemplo, si la mafia o la guerrilla los invita, obviamente sí saben que van a poder matar, que van a poder hacer un montón de males a las personas y a la sociedad a futuro, pero yo pienso que más que en ese momento poder comer, es como salir de la pobreza del modo más fácil.

-Yo pienso que la sociedad colombiana tiende a ser más facilista, por ejemplo, la gente en condición de calle tiende a ser más facilista en sí porque busca la primera opción que se le presente. A pesar de que sea malo, porque ya como que normalizan eso.

(Depoimentos, LF)

Muito diferentes foram as observações das meninas do ICBF sobre o tema, que criando histórias hipotéticas, falaram das possíveis causas por trás das imagens, as quais falam das suas próprias experiências, vistas ou sentidas.

-Es violencia porque están en la calle, y si están en la calle es por algo. Porque tuvieron violencia en algo lado y terminaron donde están.



Imagem usada na roda de conversa

- Yo me imagino por ejemplo que el niño tenía a sus papás, pero digamos el papá le pego a la mamá y la mamá por no dejarse pegar se fue de la casa y no tuvo ya con que mantener al hijo. Y el hijo está en la calle porque como el papá no dejó trabajar a la mamá, no tiene ni los recursos para cuidar al hijo y por eso está en la calle.

-O de pronto no es la mamá sino una señora que le ayuda.

-No, yo pienso que digamos los desplazaron y quizás el papá pues no... Los desplazaron de la ciudad, o del pueblo, o la finca. Digamos, llegan muchos paramilitares y empiezan a desplazar a la gente, se llevan a veces a los niños que ya están más grandes.

(Depoimentos, ICBF)

Nos dois contextos a pobreza e a marginalidade, é percebido como um problema a ser resolvido. Porém, os estudantes do Liceo Fesan, se posicionam no lugar de “ajudadores”, enquanto as meninas do ICBF, se localizam como receptoras dessa ajuda.



Imagem usada na roda de conversa

-Los que están parados les están ofreciendo comida

-Hay personas que son empáticas, pero otras que son humillativas

-A veces no se dejan ayudar. Por el miedo, se sienten amenazados, de que les hagan daño o les echen en cara ... Los menosprecian.

(Depoimentos, ICBF)

-Lo que pasa es que acá en Colombia hay mucha diferencia de clases sociales. Y nosotros como sociedad vemos muy normal ver a una señora en la calle con un niño pidiendo monedas. Lo vemos muy normal, puede que le demos la moneda, pero no buscamos la manera de decirle mira: puedes venir a esto para que te ayuden, para que te den comida, podemos darles ropa que ya no utilizamos... Muchos beneficios que poderlos darles a ellos; pero nosotros como sociedad lo vemos muy normal.

-Pero digamos cuando una persona de esas no tiene trabajo y llega a tu empresa y te presenta una carta. ¿Tú vas a dejarlo trabajar con esa presencia que tiene? Tú no lo vas a hacer.

(Depoimentos, LF)

No mesmo sentido, em alguns casos se relega a problemática a uma questão de governo:

-Yo digo que el gobierno o la política debe recaer sobre esas personas que son afectadas. Y hay muchas veces, muchas situaciones, muchos casos que no dan una solución. Las dejan ahí en vano, en la calle.

-Igual ahí se ve la desigualdad, una familia viviendo en un basurero. Y de por sí eso ya conlleva a que sea discriminada, excluida o marginada de una sociedad, porque no tiene recursos o está en extrema pobreza.

(Depoimentos, LF)

E em outras, se recai na estigmatização da pobreza, ao entender a mesma como uma questão de simples eleição.

-Pero es que estas personas no tienen como la facilidad o la condición de salir de la pobreza, como una forma en que se eduquen o el Estado las ayude, como educación pública gratis... En ese sentido no tienen. Y obviamente cuando no tengo esta posibilidad, no tengo más alternativas, obviamente voy a recurrir como a lo más fácil y lo más rápido.

-Pero depende, porque a veces puede tener las posibilidades, pero ya se acostumbró a eso. -Ajá, eso es lo que yo digo.

(Depoimentos, LF)

Outro elemento interessante foi a relação que se estabeleceram nos dois grupos entre pobreza-marginalidade e conflito armado para falar das vítimas, muito menos presente na mídia e no tratamento do conflito como matéria de pesquisa.

- ¿Son desplazados no? (Depoimento, ICBF)

- Yo tomo esa imagen como las consecuencias que trae la violencia en sí. Digamos los grupos armados, el desplazamiento, lo de Venezuela que llegan acá. Eso también genera desigualdad de derechos. Y al ver que es un problema social que lo generan grupos armados y todo eso.

- La gran mayoría de personas reclutadas en una guerrilla, probablemente ni siquiera entiendan el concepto de guerrilla, o por lo que están peleando, a ellos les hicieron pensar que es una forma de salir de la marginalidad.

(Despoimentos, LF)

6.2.5 Sobre o conflito armado:

Embora não se tenham apresentado imagens com relação ao conflito armado, depoimentos com relação a este fenômeno não foram surpreendentes, pois, como colombianos, quando falamos de violência e paz, necessariamente temos que falar do nosso conflito armado. Os jovens com os quais conversamos nasceram depois dos anos 2000, quando o clima político e a percepção do conflito armado mudaram consideravelmente. Lembremos que sua vida transcorreu entre a política de *seguridad democrática* e o processo de paz; quer dizer, com uns grupos armados ilegais mais débeis -o que significa menos atos terroristas, como bombas e massacres por parte destes grupos-, e a construção ou a tentativa de mudança do discurso do inimigo comum. Elemento muito claro quando vemos o contraste entre os depoimentos da professora e um estudante do LF.

Yo recordé ahorita con los muchachos que yo estaba en 11 en un pueblo. Y en ese momento la guerrilla se tomaba los pueblos.

Un día cualquiera llaman: ¡Se entró la guerrilla!, y destruyó el pueblo totalmente. Ellos bombardeaban con cilindros. Muchachos que hasta ahora iniciaban su proceso en la policía. Uno salía a la calle y... a uno eso nunca se le va a olvidar, porque era joven. Entonces en ese momento uno encontraba los pedazos de policías destruidos completamente. Ellos bajaban la bandera de la policía de Colombia y subían la de ellos, izar la bandera para ellos era un honor, acabar con los pueblos. (Professora LF)

Nosotros, o pues en general yo creo que nadie de acá ha vivido como que, no sé... ver la guerrilla pasar, como que lo recluten. Digamos nosotros no tuvimos que vivir esa época de los carros bomba acá en Bogotá, y eso hizo que nosotros tuviéramos una posición frente al contexto histórico de la violencia en Colombia.

Entonces nosotros entendemos la violencia y los procesos que ha pasado Colombia, desde nuestra posición social, nuestra posición económica y cultural, que hemos vivido a través del tiempo, a través del cambio... Diferente a una persona por ejemplo que venga de un pueblo a Bogotá, que venga a hablar de sus experiencias frente a lo que ha vivido en otras partes de nuestra misma Colombia. (Depoimento, LF)

Contudo, as observações nas duas instituições são contrastantes, indo de um quase total desconhecimento do fenômeno no caso do ICBF, para a complexa reflexão sobre as causas históricas do conflito armado no caso do LF.

- ¿Por qué se agarraron? jum... es que eso fue hace rato. ¿Eso no fue por un conflicto armado? Porque tenían mucha gente secuestrada y ellos querían. Es que... ¿cómo se llama la otra parte? Es como las FARC, no sé... Yo no entiendo lo de la guerrilla y eso, yo no entiendo nada de eso. (Depoimentos, ICBF)

-La razón de ser de las guerrillas, la razón de ser de los paramilitares, todo eso tiene un motivo, tiene un conflicto surgente de una necesidad que se quiere suplir, o de la falta de algo que se cree necesario. Por ejemplo: poder, comida, que el gobierno haga más intervenciones con los campesinos.

-En Colombia la violencia es parte de una tendencia histórica. Ya hemos habituado tanto el conflicto, que el mero hecho de crear algo lleva mucha guerra. Por ejemplo, para fundar nuestra nación hubo varios factores de conflicto, y había intereses políticos. Por ejemplo, la guerra de los mil días, el frente nacional. Todos esos fueron factores que no normalizaron, sino que regularon, que dijeron que los colombianos podíamos ser violentos.

-De hecho, hay una concepción social de que si usted no está de acuerdo conmigo tenemos que irnos a los golpes, o yo soy más barón que usted. Y pues la única manera de evitar eso es educando a la gente; ahí ya veríamos las soluciones que serían intervenciones educativas o planes de acción para abordar esas problemáticas. (Depoimentos, LF)

Isto se explica por duas causas principais que vimos no capítulo anterior: 1. O conflito armado colombiano tem tido como cenário principal as zonas rurais do país,

sendo que em grandes cidades como em Bogotá, se sinta pouco a experiência direta e se reconheça a problemática mais pelo telejornal; 2. Uma das tarefas da escola nos últimos anos, e principalmente a partir das Cátedras de Paz, tem sido reconhecer e analisar o conflito armado na sua dinâmica histórica.

Sendo assim, as meninas do ICBF, ao não terem acesso a uma educação formal contínua, continuam reconhecendo o conflito armado como algo presente na história nacional, mas sem ser matéria de análise; contrário ao caso do LF, onde as Cátedras de Paz e as disciplinas de Ciências Sociais, ética, e constituição política têm produzido análises do conflito armado como um dos seus eixos centrais.

- Las FARC tiene mucha gente secuestrada, y la parte de acá quiere hacer la paz para que los suelten.

- Ellos secuestraban a la gente para ponerlos a trabajar en el monte ¿no? Para que fueran rehenes, y pues si se mueren, se mueren y ya. Y pues digamos como que los secuestraron, y las familias de esas personas estaban buscando la paz para que se los pudieran devolver; y ellos pedían creo que plata ¿no? Pedían cierta cantidad de dinero para que les hiciera de vuelta de las personas. O les tenían que pagar para que les devolvieran a los cadáveres si ya estaban muertos.

- Es que aún hay muchos grupos armados. Por ejemplo, la vez pasada vi en el periódico que acá también, en ciudad bolívar ... Hay como muchas cosas de esas armadas, pero digamos como que una vez negociaron con alguien, creo que fue un presidente, ese man... ¿Santrich? Es el que más hace esas cosas de las fuerzas armadas y todo eso... Y creo que él había dicho que para que soltara a toda la gente le tenían que dar una cierta cantidad de dinero pero que tenían que cerrar esa organización, pero él no acepto.

- Pero del ELN creo que era

- Pero él perteneció a un grupo que estaban buscando para hacer ese dialogo. (Depoimentos, ICBF)

El problema de esas guerrillas es que cuando fueron creadas tenían una razón de ser, esa razón ha sido tergiversada por diferentes motivos. Porque ellos estaban peleando por unos ideales que se fueron transformando en otra cosa. O sea, se fue transformando esa necesidad, no porque se haya acabado esa necesidad sino porque ellos encontraron otra necesidad, otro trasfondo de hacer las cosas. Por ejemplo, las rutas del narcotráfico. ¿Qué tiene que ver eso con los campesinos y con los derechos de los campesinos? Nada. Pero ellos tenían ese trasfondo por debajo, la necesidad del control del poder, y con una imagen que sea positiva, no solo para reclutar más personas, sino para hacerse como algo diferente. (Depoimentos, LF)

A partir deste elemento, podemos observar duas narrativas diferentes que persistem, de modo geral, na opinião pública colombiana. Uma que tenta entender a violência política, suas causas, seu desenvolvimento e suas consequências, fazendo a distinção entre os diferentes atores e momentos históricos; e outra que tem mais ênfase nos atos violentos -mais televisados- dos grupos guerrilheiros sem fazer uma distinção entre os mesmos. Contudo, nos dois casos se continua reproduzindo uma visão de “bons e maus”.

- ¿Cómo podríamos solucionar el conflicto armado? Es que eso es lo que yo estoy diciendo. Que se sentaran los de las fuerzas armadas y... ¿Cómo es que son los buenos? O sea, ellos son lo malo, porque ellos son los que reclutan a la gente y todo eso. ¿Pero entonces nuestra parte cómo es que se llama? El gobierno, por así decirlo. Bueno la JEP y todo eso.
- Hay malos porque les toca, no porque quieran ser... Digamos cuando los reclutan, muchas veces los ponen a matar y ellos no quieren, y lo hacen obligados.
- Lo bueno sería que ellos se entregaran a la gente sin pedir nada a cambio, porque están afectando es a familias y a las personas que metieron en eso. Lo bueno sería soltar a toda esa gente porque no solo se están perjudicando ellos sino familias, y hasta la misma persona que tienen de rehén. (Depoimentos, ICBF)

El M-19 tiene un fuerte contraste, ya que fue el grupo que hizo la toma del palacio de justicia, y bajo ese nombre se creó mucho dolor y mucho sufrimiento. Pero si nosotros nos vamos a las periferias del país, o en Bogotá, ciudad bolívar y que tales, podemos ver que para ellos ese grupo no es malo, los ayudaban, entonces tienen como un buen punto de referencia. Entonces esa ambigüedad de que fuimos violentos, pero hacemos algo bien y ya. Es esa ambigüedad que podemos tener con esas ideas. (Depoimento, LF)

Do mesmo jeito, o contraste das observações persiste no que tem a ver com o processo de paz entre as FARC e o governo de Juan Manuel Santos, indo de uma narrativa que vai se criando a partir elementos ouvidos ou lidos em telejornais e imprensa escrita - caso do ICBF-, até um trabalho de estudo sobre o processo e posterior acordo de paz -LF-

- El tratado de paz ... pero jum...
 - Como lo de la ONU o la OEA
 - ¿Lo de la JEP de qué es? ¿Eso es de otra parte?
 - El proceso fue entre las FARC, bueno los actores armados de Colombia y pues el gobierno.
 - Creo que hubo un acuerdo de aquí y de allá. Un acuerdo en que ellos entregaban toda la gente que tenían de rehenes y se les daban cierta cantidad de dinero, pero si nos devolvían a la cantidad de personas que habían secuestrado.
 - Y ellos tenían que cerrar toda la banda, que cierren esa cadena de estar secuestrando más gente, que dejaran todo eso ahí. Y no lo quisieron hacer, y es que eso fue hace mucho, y entregaron solo como dos rehenes que tenían y eso se veía cuando bajaban del avioncito y ...
- (Depoimentos, ICBF)

Digamos en los puntos del acuerdo de paz, hay un punto dedicado exclusivamente para el campo, y se centra en un desarrollo estructural y todo. Y haz de cuenta, ¿Eso por qué tiene que estar ahí? Uno se pregunta. Y te das cuenta que ellos peleaban era por eso, porque los campesinos tuvieran sus derechos, tuvieran buenas vías, tuvieran todo en sus buenas condiciones. Porque antes... bueno, ahora también, el campo está básicamente abandonado, el campesino no puede competir con las grandes multinacionales. O sea, básicamente la guerrilla tiene como motivo eso, y uno básicamente lo ignoraba. (Depoimento, LF)

A consequência dessas perspectivas temos dois tipos de balanço: um que se expressa no descrédito do valor do processo e acordo de paz. E outro que valoriza o processo de pacificação, principalmente a partir do campo acadêmico e educativo, porém reconhecendo que a informação e a história são um campo de batalha”⁶³

-Pero eso parece un proceso de guerra lo que está pasando en Colombia. Las noticias y todo lo que está pasando. Pasa de todo ... Los venezolanos con los niños en las manos, y que se los llevan a trabajar.

-Ellos lo que tienen es plata y gente que les ayude a matar gente. ¿Por qué el ejército casi nunca los coge a ellos? O sea, casi nunca se ve “Capturamos a un grupo de FARC” -Yo creo que les tienen miedo. (Depoimentos, ICBF)

-Yo creo que algo ha cambiado ya con el tiempo y la implementación de la educación para la paz, con la implementación de diálogos, con la implementación de investigaciones acerca del tema, de cómo nos ha afectado a nosotros, en especial a las zonas rurales y a las zonas más olvidadas de Colombia.

-Entonces estos medios de difusión como Twitter, Facebook, ellos también tienen cierto punto que hacen ver las noticias desde su punto de vista, amarillista. Por ejemplo, la información que da una persona que se nota que ha apoyado, o bueno, que se ha sabido que apoya a los paramilitares, él va a dar su versión de la historia en torno a favorecer primero a los grupos paramilitares y desfavorecer a las FARC. O las personas que piensan que la razón de ser de una guerrilla es válida, van a invalidar cualquier acción que haga el gobierno o los paramilitares a favor de hacer ver su versión de la historia como si fuera la correcta; sabiendo que por parte y parte ha sido un montón de errores, por parte y parte han tenido razones que los han llevado a acciones equivocadas. (Depoimento, LF)

6.2.6 Política, participação e justiça. “¿Por qué los adultos votan tan mal?”

“Hubo un tiempo donde disque hubo un presidente que era muy bueno”
(Depoimento, ICBF)

Os jovens com os quais conversamos não são alheios aos eventos políticos ao seu redor. Embora eles não participem diretamente nas eleições de representantes, já têm uma ideia formada da política, que os remete a pensar em fenômenos de clientelismo, populismo e corrupção, elementos fortemente arraigados na nossa cultura política, produto de um desenvolvimento histórico baseado nos patronatos regionais, e cuja análise

⁶³ Alegoria ao professor Enzo Traverso e seu livro titulado: La historia como campo de batalla. Interpretar las violencias del siglo XX.

perpassa o objetivo desde trabalho, mas cabe ilustrar como essas ideias se reproduzem nos imaginários que se têm ao falar da política.



Imagem usada na roda de conversa

-La política es muy sucia

-El hombre gordo es como el presidente, está comiéndose el mundo.

-Prometen, pero no cumplen. Todos dicen un poco de cosas para que uno vote, pero no hacen nada. Nuestras opiniones no cuentan.

-Es que yo creo que eso es de una familia. El alcalde es hijo de alcalde. Eso es una familia de corruptos. Lo único que quieren es plata.

-Es que a veces las propuestas no vienen de ellos mismos, vienen de otras personas. Por eso hacen una junta.

(Depoimentos, ICBF)

A nosotros nos pueden mostrar muchas cosas, pero también pueden estar confabulados para mostrar esas cosas. Digamos, los políticos quieren mostrar su lado bueno, y tampoco nosotros sabemos si está haciendo algo malo en el momento. (Depoimento, LF)

Estas ideias remarcam uma desilusão frente às instituições democráticas e um descrédito da participação por meio do sufrágio. Que, na verdade, vendo os constantes casos de “clanes” e “carteles” dedicados à compra de votos acabam mostrando que esse sentimento tem fundamentos sólidos⁶⁴.

- Yo siempre he dicho que eso es manipulación. Porque por ejemplo esas votaciones yo no creo que las hagan como la misma gente ... Digamos, como el voto. No se dio cuenta Petrosqui con el Duque -ushh ese Duque me cae tan mal, es que ese es el más corrupto- digamos, hicieron las votaciones y Petro tenía buenas propuestas, y ¿por qué escogieron a Duque?

- (Sobre a compra de votos) Eso lo hacen calladitos. Porque digamos antes de la votación, siempre hacen una junta para decidir qué opciones poner. Entonces no siempre viene del presidente todo. (Depoimentos, ICBF)

La gente cuando está en ese tipo de necesidad no piensa qué es correcto y qué es malo. Sino que piensa en salir de ahí. Por ejemplo, cuando los políticos están haciendo campaña y le ofrecen plata por votos, la gente que está sufriendo hambre no se va a poner a pensar en el mañana sino en que puede comer ese día. Pero no debería ser así. (Depoimento, LF)

No mesmo sentido, reconhecem essas problemáticas como parte das causas da violência histórica e atual da Colômbia.

⁶⁴Ja falamos da parapolítica, mas para citar outros exemplos, poderíamos falar de casos emblemáticos como “El proceso 8000” que vinculava diretamente dinheiros do Cartel de Cali com a eleição presidencial do Ernesto Samper, ou o caso mais recente de Nene política que vincula dinheiros do narcotraficante Nene Hernandez e a família Char -“Caciques” políticos da Costa Caribe-, com a compra de votos para a eleição presidencial do hoje presidente Iván Duque.

Es el populismo que tienen los actores políticos con respecto a esto, que hay que ser como el cacique, ese representante que quiere salvarlos a todos, y pues... esto en ciertos aspectos es bueno porque las personas tienen un representante importante, pero el problema es que eso también puede desembocar en más violencia.

Por ejemplo, Jorge Eliecer Gaitán era un caudillo importante, pero entonces quiso que, si lo mataban, se vengara su muerte. Eso me parece un poco contradictorio. El mero hecho de que se quiera paz, se quiera un cambio, pero se quiera que venguen su muerte.

(Depoimento, LF)

La corrupción tiene todo que ver con la violencia, porque en cada votación violan muchos derechos y prometen cambio que no hacen. Por ejemplo, violan el derecho al trabajo porque hay mucho desempleo. (Depoimento, ICBF)

Contudo, apesar do descrédito pelas instituições e pela macropolítica, os jovens reconhecem a importância da participação e da construção de uma democracia não só representativa, mas direta, quer dizer, onde sejam os próprios cidadãos que assumam o controle das decisões que os afetam. Em outras palavras, reconhecem o valor da construção de paz a partir da base, trabalho que, como vimos em um capítulo anterior, tem longa data na Colômbia, embora as dificuldades e perigos que isso representa em um país com taxas tão alarmantes de violência política⁶⁵.

-Lo que pasa es que nuestra sociedad es un poco cobarde también, porque nos quedamos con lo superficial, y no tomamos por decisión propia investigar, o tomarnos a pecho lo que está pasando en el momento. Criticamos mucho pero no tratamos de hacer algo al respecto. O sea, no buscamos una solución, sino que criticamos para que otros busquen una solución.

-Y aquí por ejemplo respecto a un líder social, que es una persona del común, que quiere hacer algo en pro de la comunidad. Si hace bien esa acción, lo matan. Esa es una pérdida importante para la comunidad, pero esa comunidad va a seguir por el mismo camino del cambio. Entonces la gracia no es tomar como un caudillo, o una persona que diga: “yo los voy a salvar de todo”. Sino que la misma comunidad intente salvarse, o sea, que cada uno intente hacer algo, no que todo se lo dejemos a él. (Depoimentos, LF)

Ante todo este panorama, fica uma incógnita sobre a percepção de justiça. Elemento que revelou a mesma tendência que vimos em outros tópicos, a saber: os estudantes do LF falam mais a partir de uma apreciação teórica do que dever ser. Pelo contrário, as meninas do ICBF falam a partir de suas experiências, assim, a representação da justiça no LF está ligada à imagem da deusa grega com a venda nos olhos e a balança

⁶⁵ Só para dar uma cifra, segundo o Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz (Indepaz), no corrido do 2021 (até o 8 de março) 31 líderes sociais e 10 ex-combatentes assinantes do acordo de paz, têm sido assassinados. Cifras que se somam aos 971 assassinatos de líderes sociais registrados desde a firma do acordo de paz até outubro do 2020.

nas mãos; enquanto para as meninas do ICBF, está representada nas instituições e organismos aos quais têm acudido ou chegado para resolver seus próprios problemas.

-Yo creo que la justicia es algo muy imparcial, por eso la imagen que se representa de ella es ciega. Porque tiene que ser muy objetiva, no es favoritista en las decisiones que se toman. Tendría que ser así.

-La justicia es juzgar los hechos. Porque si nosotros nos ponemos a juzgar nuestras convicciones, ahí es cuando fallamos y lo hacemos injusto. Por eso es que está la balanza y la persona ciega, que representa la objetividad. La balanza se mueve con relación a lo más pesado, así funcionan los hechos sin basarse en las convicciones personales de nadie. (Depoimentos, LF)

-La casa de la justicia es una cosa del gobierno, como del distrito, y uno va allá y es como ir a la policía. Yo una vez fui allá porque me robaron el perrito que tenía y fui a un CAI de policía y me dijeron que tenía que ir a allá a poner una denuncia. Y pues allá la puse y pusieron una querrela y propusieron un acuerdo... Citaron a la persona para que se hiciera un acuerdo, una conciliación.

-Y va gente que no tiene trabajo, y van allá y hacen como papeles para que les ayuden a conseguir un trabajo, cosas así.

-Aunque no se hizo justicia, me quedé sin perrito. (Depoimentos, ICBF)

As discussões no LF giraram ao redor da relação entre justiça e igualdade, uma dupla que consideram irreconciliável e, em consequência, utópica.

-Yo creo que la justicia en las decisiones que se toman debe darles beneficios a todas las personas. Es difícil que todo el mundo llegue a un acuerdo, es difícil que todo el mundo esté conforme con lo que se presenta, es que acá en Colombia yo creo que es muy difícil llegar a una justicia absoluta. Pero seamos sinceros, no todas las personas van a estar de acuerdo. Hacer una síntesis. Unificar los ideales de todas las personas y buscar algo común entre todas las ideas

-Yo creo que no hay justicia por el mismo hecho, es muy subjetiva. Entonces, siembre va a haber algo injusto en lo justo, porque nunca va a haber un equilibrio total para todo el mundo. Entonces digamos que encontraste una moneda, eso puede ser justo si la usas para el bien, pero puede ser injusto con la persona que la perdió.

-La justicia es plausible pero no factible. La justicia depende de quién lo mire. Por ejemplo, eso me parece injusto, pero desde un punto de vista global es justo. (Depoimentos, LF)

Por outro lado, temos que lembrar que as meninas do ICBF estão sob proteção do Estado, quer dizer, estão inseridas no sistema de justiça colombiano sob a figura de proteção à infância e adolescência. Daí que seu conhecimento prático das estruturas de justiça seja maior.

- (La justicia) La representan los defensores o los jueces. Es como acá, acá el que aboga por nosotros es el defensor de familia, y él es el que dice si nos

vamos o no nos vamos. Siempre tienen que escuchar las dos opiniones, la de su mamá y la suya.

-También cuando estamos afuera también hace justicia la familia. Bueno, algunas personas. Igual ellos también piden reportes. (Depoimentos, ICBF)

No mesmo sentido, as meninas do ICBF foram violentadas de diferentes maneiras e como parte do seu processo restaurativo e de superação dos traumas vividos, o fazer justiça se revela como um elemento essencial.

(Sobre seu estuprador) Ahora está en la cárcel, le dieron 18 años de condena. Antes sentía un peso horrible, sentía mucho coraje, sentía miedo; pero ya después del tiempo me fueron haciendo pruebas de ... y me ha funcionado. (Entrevista, ICBF)

Porém, ao sentir sua passagem pela casa como um castigo, em muitos casos se sentem como sofrendo uma forma de injustiça.

En el caso de un niño al que han violado, debería haber justicia. Es que por ejemplo aquí hay casos de niños que los han abusado. Y ellos son los que están acá, y los que hicieron el daño están afuera como si nada; cuando debería ser al revés: La persona que les hizo daño estar en la cárcel, no el niño estar acá. O solo contentan a los ciudadanos diciendo que cogieron a la persona, pero en 5 años vuelven a salir y vuelven a violar. Deberían darles cadena perpetua, o como los años antiguos que los electrocutaban. (Depoimento, ICBF)

Ou, em casos piores, a mesma vítima ao ser novamente vitimizada pelo abandono, se auto responsabiliza pela violência sofrida:

Los que vinimos por comportamiento que estamos acá si somos culpables. Porque digamos, cómo van a encerrar a su papá si por ejemplo su papá le está dando todo, lo estaba educando, y usted no quiso, usted sol. (Depoimento, ICBF)

Si pudiera devolver el tiempo sería no haber dicho ninguna mentira y estaría ahorita con mi papá. Porque yo sé que, a pesar de eso (0 estupro), él no lo hizo porque él quería, sino porque... Es que mi papá es vicioso, él es alcohólico, fuma cigarrillo y echa de todo, y pues yo digo que fue eso.

Fue solo una vez. Pero... yo no culpo a mi papá de eso, pero yo tuve el error de decirle a la profesora. Eso es lo malo de algunas personas, que se quedan calladas y cuando hablan ya es tarde, y pues yo me quedé callada y cuando hablé pues ya se fue, y pues yo no veo a mi papá hace 6 años. (Entrevista, ICBF)

6.2.7 Género. O que é ser mulher? O que é ser homem?

“No hay una forma de ser mujer, no hay una forma de ser hombre. De hecho, el mismo concepto de hombre y mujer es un error de una imposición social” (Depoimento, LF)

O tema mais explorado pelos jovens das duas instituições foi a questão de gênero, referido principalmente no que se relaciona com a figura do homem e da mulher. Foi muito interessante observar como uma mesma imagem pode ser interpretada desde lentes de experiências tão diferentes. A imagem de uma mulher com uma mão cobrindo sua boca, foi interpretada por uma menina do LF como a forma em que se coíbe as mulheres de expressar suas ideias, enquanto para uma menina do ICBF era claro que se tratava de uma vítima de abuso sexual com medo de falar.



Imagem usada na roda de conversa

Callarla. Que no tenga el derecho sobre sí misma. Pero las mujeres también pueden tener un punto de vista sobre todo lo que está pasando y ellas también pueden tener su poder de decir y decidir qué es lo que eligen y qué es lo correcto para hacer. Entonces en nuestra sociedad todavía existen los señalamientos y la desigualdad sobre este género. (Depoimento, LF)

Aquí la están abusando y ella está callando todo. Aunque el abuso sexual está entre hombres y mujeres por igual, solo que las mujeres hablan y los hombres callan. (Depoimento, ICBF)

De igual forma, a partir da imagem de “Bety la fea”, a telenovela colombiana mais assistida na história do país, a reflexão do ICBF se deu a partir da exploração laboral; no caso do LF, se pensou mais na concepção de beleza e amor.



Imagem usada na roda de conversa

Pero a fin de cuentas lo que nos muestra esa novela fue que tuvo que cambiar su imagen para ser aceptada por el hombre que amaba. Ya es algo muy normalizado en la sociedad colombiana, y lo hacen ver que tiene que ser así para que sea correcto. (Depoimento LF)

Esto es discriminación a la mujer y violencia laboral. (Depoimento ICBF)

Assim, e dando consequência a essa observação, quando indagamos pelo papel da mulher na sociedade, os estudantes -principalmente as meninas- do LF, falaram de padrões de beleza, enquanto as meninas no ICBF falaram da função social da mulher. Este elemento se apresenta como um reflexo das mulheres ao seu redor, principalmente suas mães. No caso do ICBF, falamos de estruturas patriarcais mais fortes, de mães solteiras com vários filhos de diferentes parceiros, que tiveram seu primeiro filho na adolescência, e para as quais o acesso à educação se apresenta como um desafio. Pelo

contrário, para os estudantes do LF o acesso da mulher à educação e ao mercado formal de trabalho já são fatos reconhecidos, sendo que esta mesma posição cobre da mulher a conformidade de um padrão estético, o que não quer dizer que, do outro lado, esteja livre desta pressão, mas passa a um segundo plano, pela exigência e necessidade de garantir outros elementos.



Imagem usada na roda de conversa

Estereotipos: Esto ha venido desde siempre, la cultura de decir que las mujeres son delicadas, tiene que ser así, tal cosa. Y es algo como muy estúpido, es decir, tienes que hacer esto que está bien, no puedes hacer nada más aparte de esto; y si no lo haces no eres una mujer buena. -Tú tienes que plancharte el cabello, tú tienes que maquillarte para verte bonita... Uno tiene que sentirse bien consigo misma para mostrar el bienestar a los demás, si uno no está bien consigo misma, obviamente las otras personas van a recaer en ti y van a sentir tu energía, por decirlo así. (Depoimento, LF)

El ideal de la mujer según la sociedad es que sea femenina, delicada, limpia, pulcra... Que no tiene que trabajar, que no puede estudiar, que tiene que estar en casa y cuidar a los niños y hacer las labores del hogar. Nuestro ideal son las que salieron adelante sin que un hombre las mantuviera, las que son más independientes y autosuficientes. (Depoimento, ICBF)

Estas exigências de gênero são reproduzidas no mesmo núcleo familiar e constituem uma forma de agressão, que vivida pelas mesmas jovens as leva a se sentir inconformes consigo mesmas e a posteriores quadros de ansiedade e depressão.

Creo que todos hemos sido víctimas de violencia indirecta. A mí me hicieron violencia psicológica, entonces yo cambié y me dio depresión y todo ese tipo de cosas. Y fue por parte de mi familia. Fue como... te falta esto, te falta tal cosa y aja; o como estás gorda y así. Me decían como no comas tal cosa, baja de peso... jajaja. Entonces eso me afectó directamente a pesar de que ellos no lo hicieran con esa intención.

Yo misma me culpaba porque yo lo había tomado a mal. Porque digamos que yo soy de las que aprendí con eso que tú debes quererte a ti mismo para querer a los demás y para tener paz con los demás, entonces tú debes comenzar por un dialogo contigo mismo. O sea, como una introspectiva de todo lo que haces y pensar más allá de lo que te dicen y tomar criterio propio. (Entrevista, LF)

Por outro lado, quando indagamos pela imagem da masculinidade, se revelaram tanto exigências como coibições sociais. E em cujas apreciações se vê de novo o contraste entre a questão da externalização, no caso do LF, e da forma como se vivência no plano econômico e ao interior do lar.



-También a muchos hombres. Si visten rosado son gays, si caminan de cierta forma también tienen que ser así. Y son ciertos miedos que se les han enseñado a las personas, de tener que ser de una forma para formar parte de la sociedad. (Depoimento, LF)

Imagem usada na roda de conversa



Imagem usada na roda de conversa

-El hombre tiene que trabajar, sacar la cara por la casa. Muchas veces se dedican a trabajar y a no dejar trabajar a las mujeres y a tenerla de manteca en la casa.

-Pero eso no pasa siempre. Muchas veces las mujeres pasan a hacer el lugar de los hombres.

- En una casa deben aportar los dos, con respeto, con responsabilidad; pero la sociedad no dice nada jaja

-No tienen que estar a cada rato encima de la mujer. Lo digo porque, por ejemplo, a mi no me gustaría tener a mi mujer y estar todo el tiempo encima de ella. Yo la trataría como debe ser, dejarla libre, no tengo que estar reclamándole cosas.

(Depoimentos, ICBF)

Indagando por esses referentes diretos de masculinidades, nos encontramos com a figura paterna como eixo central. Mas, no caso do ICBF, se trata de uma figura criada a partir de diferentes cuidadores, como o pai biológico, os -diferentes- padrastos, ou tios, os quais na maioria dos casos -3 das 5 entrevistas- foram as pessoas que exerceram violência sexual contra elas, e violência física contra suas mães.

-A varias compañeras de Medellín, les ha pasado que el propio papá, o el padrastro les decía que no podían estudiar porque se tenían que quedar en la casa haciendo aseo y tenían que cuidar de los niños; o a veces las violaban y las dejaban embarazadas, les pegaban por no hacer las cosas. (Entrevista, ICBF)

-Hubo un tiempo en que hubo un conflicto con mi padrastro y mi mamá, que mi padrastro le pegaba a mi mamá. Y entonces eso me dio mucha rabia, que yo fui a defender a mi mamá y no pude porque mi padrastro también me pegó a mí. Entonces no podía hacer nada ahí. (Entrevista, ICBF)

-A veces cuando están en drogas comienzan a decir que uno tiene que trabajar, que uno tiene que cuidar, que cocinar, que limpiar la casa.

-No solo cuando están en drogas. (Depoimentos, ICBF)

Porém, como um processo de reconciliação, reconhecem a problemática como parte da cultura na qual estamos inseridos e a reprodução de comportamentos que naturalizamos desde a primeira infância.

-Eso también va desde la casa. Porque si usted como hombre ve desde pequeño a su papá que es machista con su mamá, usted va a hacer lo mismo. El niño va a ser igual al papá, porque uno casi siempre toma los ejemplos de los papás.

-Muchas personas ven la figura de un hombre como machista porque se han visto muchos casos. Ya las personas están acostumbradas a ver así las cosas. Ver al papá como un machista. (Depoimentos, ICBF)

Nesse mesmo processo, algumas experiências posteriores têm-lhes permitido ter uma visão mais positiva sobre as relações homem – mulher.

Ahora que mi mamá está con mi padrastro (otro hombre). Como le diría yo ... Él es muy bueno con nosotros, él nos da consejos y todo. Sobre el machismo, a él no le gusta eso. Antes él me da consejos de que nunca le vaya a pegar a una mujer, que tal cosa. Mi padrastro me dice que no hay que tratar mal a la mujer, que, si yo llego a tratar mal a una mujer, es como si estuviera tratando mal a mi mamá. (Entrevista, ICBF)

-Digamos mi padrastro es muy respetuoso con nosotros. Mi padrastro trabaja y también deja que mi mamá trabaje y no nos dice por ejemplo vístase así o así. Solo que cuando digamos uno ya está muy mostrona, él le dice vaya y póngase otra cosa.

-A mí también, me dejan crecer libremente, si yo me visto cortico no me dicen nada. Pero para qué, son muy respetuosos. (Depoimentos, ICBF)

Finalmente, se reconhecem a si mesmas enquanto mulheres, como reprodutoras dos estereótipos que recaem sobre elas, embora os avanços nos últimos tempos.

-Yo creo que las mismas mujeres crean estereotipos entre mujeres y los mismos hombres entre los hombres. Digamos la fuerza de las mujeres no es la misma que la de los hombres, y bueno, sí, se tiene el concepto biológico que es verdad, pero las mujeres tienden a decir: Yo no puedo hacer esto entonces hazlo tú porque tú eres hombre y tú puedes. (Depoimento, LF)

-El machismo también se ve entre mujeres. Antes había más, pero ahora las mujeres se han rebelado, y hay muchas organizaciones y grupos de feminismo y todo eso.

-Ha disminuido, pero sigue existiendo. (Depoimentos, ICBF)

De outro lado, a conversa no LF, que se estava desenvolvendo principalmente pelas meninas, teve um giro quando se fez uso do conceito “feminismo”, momento a partir do qual os meninos acompanharam a discussão tentando estabelecer diferenças entre a boa e a ruim concepção da categoria. Assim, o “mau feminismo” seria a origem de uma divisão e ódio entre gêneros, e, portanto, violento em si mesmo.

-Pero feminista no es algo malo. O bueno, no como se tiene pensado, planeado y como son las bases, no es algo malo. El problema es cuando tergiversamos el concepto de feminismo con las mujeres que se pintan de verde y salen desnudas a correr por la calle. Eso no es feminismo. No es feminismo la mujer que dice: Yo odio a los hombres. Eso es otro tipo de violencia utilizada de fondo para supuestamente la liberación femenina, que no es cierto. Ninguna forma de odio ante el otro género puede ser justificada.

Es cierto que la mujer a través de los años ha tenido una escala diferente en la sociedad, por ejemplo, una mujer hace 100 años que era dedicada a tener niños,

a cuidar la casa, no sé qué. Cuando la sociedad se da cuenta que la mujer tiene ciertas limitaciones sociales, entonces utilizan esa razón para hacer violencia contra el otro género.

-El feminismo, es bueno en el sentido en que sí busca igualdad, y no que busca denigrar al hombre, al otro género. Porque digamos que en muchos casos no contratan mujeres porque si quedan embarazadas tienen que pagarle la “esta” de maternidad. Ahí está el punto, se tiene que buscar que quiten esas cosas, que cambie esa diferencia social; no que tengan que diferenciar un homicidio o un feminicidio, cosas así, eso es sexista. ¿Porque qué diferencia hay entre matar a un hombre y matar a una mujer? No debería haber ninguna. Diferente de la licencia de maternidad de una mujer que acabó de dar a luz. ¡Un proceso biológico que casi la mata! ¿Si me entiende? (Depoimentos, LF)

Assim, de novo se observa o poder da mídia e da imagem direta televisada, onde é mais factível assistir imagens violentas de manifestações que de trabalhos e projetos feministas. No mesmo sentido, e com similitude ao observado na questão dos imigrantes, parece que quando um grupo social alcança o reconhecimento do Estado como setor prioritário na elaboração de políticas públicas se cria uma espécie de receio ao entendê-lo como favoritismo em detrimento dos direitos -próprios- universais. Esta sensação pode ser explicada em uma não distinção entre duas categorias que uma menina do ICBF descreve muito bem: *“Necesitamos equidad, lo que cada uno necessita; diferente de igualdad, lo mismo para todos”*. Só para ilustrar o falado, a continuação a discussão sobre feminicídio:

- Yo creo que el concepto de feminicidio se le ha dado para darle un poco más de popularidad entre la gente. Para que la gente tenga más empatía frente a eso porque ya se ha vuelto un caso que ha pasado a mayores. Yo no estoy diciendo que esté bien, pero estoy diciendo que lo hicieron para hacerlo un hecho más popular, para que la gente sienta más empatía frente a eso.

-Es que ese es el problema, un esposo mata a la mujer por un ataque de celos. Ese mismo personaje no va a hacer lo mismo con un hombre, ¿Si me entiendes? Por ejemplo, una noticia que sea: Una mujer fue violada y fue matada. Se considera feminicidio porque la razón de que haya sido matada y violada es porque fue mujer.

-Sí, pero es como no darles más superioridad a las mujeres que a los hombres, sino que pasó un homicidio y tiene que ser resuelto.

-Exacto, que se le dé la misma importancia, que no nos enfocemos en el nombre sino en el hecho, y cómo hacemos justicia.

-El ejemplo más claro es cuando el marido golpea a su mujer. El tipo es un desgraciado, es una mala persona. Pero si es al revés, el hombre es un tonto porque se dejó pegar.

- Si, si yo como esposo mato a mi mujer yo quedo mal, si mi mujer me mata a mi yo...

- Aja, tú mal porque la provocaste a que te matara ella. (Depoimentos, LF)

Outro elemento interessante, já que contamos com a participação da professora de ética durante uma parte da conversa no LF, é o que entendemos como conflitos geracionais que às vezes se apresenta entre professores e estudantes, e que ilustraremos a partir de uma discussão sobre o reggaetón⁶⁶. A diferença se iniciou a partir da posição da professora que descrevia algumas músicas como pejorativas para as mulheres, mas, gostosas e ouvidas principalmente por elas.

Yo pensaba, por ejemplo, la música del reggaetón, diferentes tipos de música que denigran a la mujer. Y usted ve en un concierto las mujeres se enloquecen cantando esa música, sabiendo que la están maltratando. Y uno no escucha tanto a los hombres cantar esas canciones de esas personas que denigran tanto a la mujer. Entonces nosotras decimos bueno, la violencia. Me gusta que hablen mal de mí, me gusta que me digan cosas inadecuadas, entonces uno dice bueno, yo exijo el respeto, pero ¿cómo de doy a respetar? Nosotros tenemos que saber, ser consientes, pensar en lo que estamos expresando, en lo que estamos diciendo. La música la cantan las niñas a voz populi, pero no se han sentado a decir: Oiga cómo es que me están diciendo tanta grosería, me están maltratando tanto... y nosotros alabamos a esos cantantes. (Depoimento, professora LF)

Sem fazer uma valorização do conteúdo lírico do reggaeton, uso este exemplo para ilustrar a forma como os professores e suas cargas valorativas os fazem assumir, por vezes, um papel de guardiões da “moral perdida”, sem entrar em um diálogo com o estudante sobre as visões e manifestações diferentes que trazem consigo a cada geração e a cada época. Mostra evidentemente que este elemento é a incompreensão do sentido que adquirem algumas manifestações para os estudantes ou a incomodidade dos mesmos para expressar uma visão contrária ao docente.

- Lo que pasa es que eso ya se hace como normal en nosotros. Pero también es la forma como nos hacen ver las cosas. Digamos en una canción de reggaetón que tenga esas letras, uno no se pone a analizar la letra, sino uno solamente la disfruta (...). O sea, no toda la música es fea, no todo el reggaetón es feo, es chévere.

- Ya que no está la profesora. La verdad no lo quería decir porque no sé, no quería decir eso. Creo que el concepto que ella uso es muy feminista, ya que ella dijo que el reggaetón básicamente ofende el concepto que se tiene de una mujer, no sé, al hablar de una manera extrovertida y eso. Pero yo personalmente, creo y considero que no tiene que ser así, eso depende del punto de vista de la persona que lo analice. Si todas las mujeres tuvieran ese estereotipo, no existirían cantantes mujeres de reggaetón que puede que hablen igual o utilicen diferentes expresiones, pero al fin y al cabo llegan al mismo punto. O sea, creo que ese es un estereotipo más que se está creando en la sociedad. (Depoimentos, LF)

⁶⁶ Estilo de música popular entre os jovens Latino-americanos, principalmente dos países caribenhos.

Extrapolando este elemento do conflito geracional no plano das relações familiares e sociais, os mesmos estudantes expressam a dificuldade desses canais de diálogo, mas assumem como um compromisso próprio a mudança de certas ideais generalizadas e naturalizadas historicamente.

-Es algo que con el tiempo se ha intentado sacar, como esa concepción tan conservadora que se ha tenido a lo largo del tiempo, pero ha sido muy complicado porque muchas personas ya tienen un concepto, entonces se queda muy arraigado.

-No están dispuestos a escuchar nuevas ideas, y no te escuchan, van a decir que tú no sabes nada...

-Tienen una perspectiva, y yo creo que esto ha venido desde siempre, la cultura de decir que algo tiene que ser así. Y nosotros somos “la generación que va a cambiar el futuro”, nosotros tenemos que empezar a cambiar esas ideas. (Depoimento, LF)

6.3 II Momento

6.3.1 Reconhecendo os espaços. Cenários conflitivos ou violentos?

A partir das rodas de conversa e entrevistas, identificamos três espaços como cenários que se apresentam mais hostis, conflitivos e/ou violentos para os jovens: O espaço público, o lar e a escola.

6.3.1.1 O espaço público

As grandes cidades latino-americanas se caracterizam pelas elevadas cifras de violência, sendo que a segurança é um dos temas que mais preocupa a seus habitantes. Em Bogotá, segundo a *Encuesta de Percepción y Victimización de la Cámara de Comercio de Bogotá 2020*, 76% dos pesquisados consideram que se deu um aumento na insegurança, embora só 17% expressaram ser vítimas de um delito. Nossos jovens não são alheios a esta percepção e consideram o simples fato de morar na cidade como um potencial para ser vítimas de violência.

El mero hecho de vivir en Bogotá. Uno puede sentirse víctima o victimario de la violencia en nuestras acciones cotidianas, como puede ser en el transporte público, no sé, el diario vivir y que una persona se acerque. Pero eso viene influido porque somos inseguros, por nuestro pasado.

Pero me siento más propenso a ser vulnerado en las periferias, o en las zonas donde se presente el consumo de sustancias psicoactivas. (Entrevista, LF)

Si de aquí no me sacan, de aquí nunca me voy. Porque primero, no conozco Bogotá, y me da mucho miedo porque hay muchos peligros. Me sentiría muy insegura de salir. Y cuando me saquen, yo saldría con alguien, acompañada, porque me daría mucho miedo, porque me sentiría muy insegura. Porque hay mucho robo, y a veces los hombres cogen a las niñas para prostituir las...

Yo me llevo algo de Bogotá porque las personas aquí son muy groseras, tienen muchas mañas, como por ejemplo robar, pelearse sin ningún sentido. Bogotá trae mala suerte porque me entraron aquí. (Entrevista, ICBF)

Segundo a pesquisa citada, a rua se consolida como o espaço público mais inseguro, o que se valida com os depoimentos dos estudantes, que expressaram se sentir vulneráveis por serem testemunhas ou vítimas neste espaço, seja pelos roubos, intolerância entre condutores ou nas constantes passeatas ou protestos que se apresentam na capital.



Imagem usada na roda de conversa

-Este país es más chirri... No tienen tolerancia, saben que hay trancón, pero todos se pasan.

-También en la calle, pasan y lo empujan a uno y no les importa tratar a la mujer como se les da la gana y se van. (Depoimentos, ICBF)

Yo he sido testigo de robo. Bueno, a un familiar. Saliendo del 24 de diciembre le robaron el celular, y todo lo que tenía, lo apuñalaron, le dañaron la mano. (Entrevista LF)

Hasta por la calle uno ven personas peleando. No a diario, pero sí con frecuencia.

Una experiencia es que yo iba en un Uber tranquilo. Entonces había un trancón, y hay unos indigentes que paran los carros para que otros pasen. Entonces yo estaba ahí, y el man le pegó feo al espejo del carro, y se bajaron y se comenzaron a dar. Era el carro en el que yo iba.

También me han robado. Una vez me cogieron tres manes y fue feo. Aquí cerquita al Refus, un man me cogió por detrás con una navaja, un puñal, y me sacaron todo, y otros dos casi me pegan. (Entrevista, LF)

Me siento inseguro en la calle, en las marchas por las protestas. De pronto personas hacen comentarios fuera de lugar que depende de la manera como lo tomen puede desencadenar conflictos bélicos, conflictos de violencia.

También he visto como utilizan la violencia verbal contra una persona o contra un grupo de personas, lo he visto por ejemplo en la calle, en las marchas, en las protestas. Personas tratan mal a los protestantes, y los protestantes utilizan ese mismo método de violencia para tratar mal a las personas que no están a favor de las protestas. (Entrevista, LF)

Outro cenário de vulnerabilidade, segundo a experiência dos jovens, representa o bairro, principalmente os bairros populares ou de periferia, onde o controle territorial é exercido muitas vezes por gangues ou grupos criminais.

Una vez que estaba visitando a unos parientes en Medellín. Estábamos en una comuna y dos grupos de personas en la calle empezaron la balacera. Era un enfrentamiento de bandas por control territorial del narcotráfico, de los problemas sociales que hay por ahí, por ese tipo de zonas en la ciudad de Medellín. (Entrevista, LF)

Fui víctima de violencia urbana una vez que dos sujetos estaban jugando con un arma cortopunzante y decidieron corretearme, como dicen ellos. Agradezco mi situación, porque no fue más allá, no trascendió a un apuñalamiento o como se ve en las periferias del país. No puedo inducir el cómo se sienten ellos por el mero hecho de corretear, pero me imagino que tenían la idea de: Yo soy macho y ese chino me corre. (Entrevista, LF)

En Cali se ve mucho eso. Por ejemplo, en una cuadra está el que manda, el que pone el pecho con el amigo. El que manda en toda una cuadra mata, o golpea, o agrede física o verbalmente. Eso es por territorios, si usted está en el territorio de la otra persona, o se enoja, o hace otra cosa, lo matan. Algunos, no todos son así. (Depoimento, ICBF)

Este fato, somado a uma sensação de injustiça e descredito pelas instituições, dá espaço ao fenômeno e legitimação da justiça por conta própria.

-Por eso mucha gente toma la justicia en las manos. Porque a veces los policías, o ni siquiera los policías sino la fiscalía ¿De qué le sirve a la policía cogerlos si la fiscalía o el juez no lo va a condenar?

-Es que es por eso, porque la justicia no hace nada. La sociedad está cansada de que no hagan nada, por eso ellos mismos lo hacen.

-Pero es peligroso, porque tiene consecuencias legales y pueden hacerle daño a las personas que toman la justicia por sus manos.

-Pero digamos, piense en la persona a la que mataron, ¿debe ser duro!(Depoimentos, ICBF)

Em termos eliasianos, diríamos que a não monopolização da violência por parte do Estado deixa aberto um cenário onde outros atores entram em uma luta pelo controle do território. O que, por sua vez, ao não estar legitimado, faz com que os civis respondam de forma igualmente violenta. Mas, e quando as mesmas forças do Estado deixam de ser legítimas?

Me siento inseguro con las personas de la fuerza pública. Con las personas que hacen parte de grupos armados. Son esos dos los grupos con los que me siento vulnerable de alguna manera. (Entrevista, LF)

Segundo a *Encuesta de percepcion y victimizacion de Bogotá 2020*, só 3 de cada 10 das pessoas pesquisadas que acudiram na polícia avaliaram o serviço como bom, as atenções por ligações de emergências foram avaliadas em 41% como ruins e a ação que consideram deve ser priorizada para melhorar a segurança é “*Acabar con la corrupción de la policía*” 43%. No caso dos nossos jovens, a tendência é a mesma, quando se perguntou às meninas do ICBF sobre a imagem que têm da polícia os descreveram como animais e corruptos, embora considerem que “*las mujeres policías no son corruptas. Entienden los problemas y son mas justas*”. Porém, nos contaram algumas situações para argumentar as apreciações.



Imagem usada na roda de conversa

-Llega un policía y uno está en el parque. Y yo lo digo porque uno está sentado en el parque tranquilo, hablando con sus amigos y ya llega la policía a correrlo a uno de ahí, sabiendo que uno no está haciendo nada. Entonces si llega un policía y le dice a usted: ¡váyase de acá! y lo empieza a tratar a uno mal, entonces, uno tampoco le va a responder diciéndole: “Sí señor agente, ya me voy”

-Yo también los he visto sacando a los vendedores ambulantes que no tienen más recursos. He visto que corren los carritos que es el único sustento que tiene la persona para darle a la familia. Pero eso es lo que el gobierno no ve, porque hay mucho desempleo y ellos tienen que hacer eso. Entonces ahí es cuando yo digo que es como el círculo vicioso, una cosa conlleva a otra. Entonces eso es del gobierno, pero también tiene que ver con la policía, con el ESMAD⁶⁷, con todo eso.

-Muchas veces corren a las personas injustamente, pero a veces justamente porque... Digamos, nosotros somos adolescentes, y muchas veces comentemos errores en la calle. Y obviamente, como uno es menor de edad, a los que les toca pagar es a los papás, ¿si me entiende? (Depoimentos, ICBF)

Não obstante, esta visão negativa da polícia continua sendo um debate aberto na Colômbia, onde escândalos de corrupção, abuso de força, detenções arbitrárias, estupros e assassinatos fazem parte do prontuário da instituição, reconhecidos por muitos como

⁶⁷ Escuadrón Móvil Antidisturbios (ESMAD) criada como uma medida transitória de apoio à polícia em 1999. Hoje, 20 anos depois, ainda ativo, recaem sobre ele graves denúncias de violações a direitos humanos, que entre outras coisas, segundo o informe Silencio Oficial da ONG Temblores, deixam mais de 34 mortes. (Uniandes, 2019)

erros na estrutura, objetivo e treinamento da força pública; e para outros, só um caso de “maçãs podres” que atentam contra o bom nome da instituição⁶⁸.

- Es que ustedes dicen que no piensan porque no los entienden. Donde los entendiéramos créame que todo cambiaria. Porque ellos también buscan métodos.

- ¿Y si ellos también pensarán en nosotros? O sea, ellos también cambiar con nosotros. No nosotros hablar con ellos para que ellos cambien.

-Es que ellos no siempre tienen la culpa. Pues como no los entendemos los juzgamos mucho.

- ¿Pero por qué ellos no nos entienden a nosotros?

- De pronto porque también les mostramos el maltrato y no el cariño a la persona. Cuando ya hay un abuso, entonces eso ya es un error de él, no de nosotros. (Depoimentos, ICBF)

Outro debate aberto tem a ver com as fronteiras entre o espaço público e privado, e os usos que se lhe pode dar - o que está permitido e o que não - entrando em uma luta constante pela apropriação e ressignificação dos espaços públicos. Por exemplo, os jovens querem “curtir” nos parques, ouvir música e beber um pouco, o que para pessoas mais conservadoras representa um cenário que perturba -espaço de improdutividade, de “maconheiros” -. Estou caricaturizando um pouco, mas, como já observamos nos depoimentos anteriores, os parques, por exemplo, se apresentam como um espaço de luta entre os policiais que querem fazer cumprir o código legal e os jovens que só querem “curtir” em um espaço que sentem como seu.

Outra expressão desta disputa sobre o espaço público, encontramos no grafitti e a questão que sempre levanta: arte, expressão ou vandalismo? As observações dos nossos grupos dão conta desta disputa. Para os estudantes do LF, tudo dependia de uma valorização artística ou não; enquanto para as meninas do ICBF, ao serem elas mesmas participantes desta prática, o entendiam como uma forma de expressão ante à impossibilidade por outras vias.

⁶⁸ Um evento posterior a nosso trabalho de campo reflexa a exacerbação dessa inconformidade com a instituição policial. Em setembro de 2019 a morte de Javier Ordoñez - detido por violar as medidas de quarentena- a mãos da polícia, se viralizou num vídeo onde se vê claramente o total estado de indefesa do homem que rogava por sua vida. Despertando assim a indignação dos cidadãos em diferentes cidades do país que saíram às ruas para protestar contra a brutalidade policial. Os protestos, que se desenvolveram durante vários dias, principalmente nos bairros, e frente aos centros de atenção imediata (CAI), deixaram um saldo de pelo menos 13 mortos -entre 17 e 27 anos- mais de 400 feridos (France24), além de queimas e danos de infraestrutura aos CAI, transporte público, e espaços comerciais, assim como múltiplas denúncias de abuso e uso de armas de fogo -não convencionais- por parte da força pública.



Imagem usada na roda de conversa

-Lo que yo pienso es que, si el muro es público, le pertenece al Estado y es de todos, pero si tú estás digamos manchando un muro, sería vandalismo, y ya estaría quitando un derecho.

-Es que lo que importa es en dónde y qué es el grafiti, porque hay muchos grafitis que son un rallón diciendo un nombre; en cambio hay otros que piden permiso en las paredes, son un dibujo que tiene que ver con una crítica social o algo así, que principalmente es de lo que se hacen los grafitis. Pero si es un rallón sin sentido es vandalismo. (Depoimentos, LF)

-Están tapando lo que hizo para expresarse por medio de una pared. No se pueden expresar. Si no lo pueden hacer hablando, lo pueden hacer pintando o dibujando, o haciendo grafitis. Para mí eso es violencia, no los están dejando expresar cómo son.

-Mi hermano es grafitero y a nosotros muchas veces la policía iba y nos corría de allá. Entonces como que no nos dejan expresar como somos. (Depoimentos, ICBF)

Finalmente, pensando no espaço público como um cenário onde todos nos apresentamos para um público maior, assim como pensando na nossa história e nessas estruturas coloniais tão interiorizadas na nossa sociedade, aquelas que falam dos sobrenomes e das aparências como uma máxima não deixa de ser supressivo que a forma de vestir se converta em um elemento discriminatório.

Uno no tiene que juzgar por la vestimenta ni nada, pero digamos uno si se siente como limitado, o como nervioso al ver personas mal vestidas o que tienen un aspecto no... Y ahí es donde yo digo: ¡uyyy que miedo! (Entrevista, LF)

Assim, uma prática relativamente comum nas grandes cidades do país tem sido o estabelecimento de barreiras discriminatórias ou fronteiras simbólicas que avaliam a aparência e se representam na frase “Nos reservamos el derecho de admisión”



Imagem usada na roda de conversa

-Uno ve eso por ejemplo en establecimientos, o por ejemplo en las discotecas. Significa que las personas evalúan tu apariencia física, el contexto cultural en el que vives, y de acuerdo a eso deciden si tú entras o no tienes el derecho a estar allá. Por ejemplo, hay muchos bares que, si tú no te ves bien, si tú no te ves top, no entras.

-O nos reservamos el derecho de admisión y porque eres morenito no entras. Entonces sí, ellos te juzgan, es una forma de violencia pasiva.

- Una vez nos pasó. Nosotros fuimos a un restaurante en la playa y nos dijeron: Nos reservamos el derecho de su admisión. Y no nos dejaron entrar por estar en pantaloneta y en chanclas. Y entonces nos tocó buscar otro restaurante. Porque ellos consideran que andar en un día como de 30 grados centígrados en pantaloneta y chanclas está mal. (Depoimentos, LF)

-Eso es que la entrada es solo para ciertas personas, preferencias. O como que tiene que ir bien vestido, si no, no lo dejan entrar.

-Muchas veces los dejan entrar, pero con sobornos, con cierta cantidad de plata

-También pasaba con los tatuajes y eso. Antes decían que uno no podía estar tatuado, porque si iba a pedir empleo en una empresa no lo recibían por tener tatuajes. Eso también es discriminación. Y ahora creo que existe una ley donde ya no pueden discriminar a la gente por tener tatuajes (Depoimentos, ICBF)

6.3.1.2 A Casa

Conviver com outros é uma necessidade do ser humano, mas nunca tem sido uma tarefa fácil. Para Elias (citado por Bolivar, 2004), cada criança tem que alcançar o nível de autocontrole e regulação pulsional que os adultos alcançam na sua sociedade, sendo que tal autocontrole é inicialmente coação externa por parte dos cuidadores. Desse processo, surgem conflitos cujo desenvolvimento pode ser pacífico ou violento; e como reconhece o mesmo Elias, certo grão de autocontrole e domínio nos procedimentos, mas não é garantia de que a violência será excluída do conjunto das relações sociais. Com nossos jovens vimos isso, conflitos ao interior da casa que vão desde uma simples discussão, e são bem resolvidos, até outros que chegam a níveis patológicos.

Peleo con mi hermano por bobadas, por cosas simples y como ¡Quítese! Pero entre hermanos normal y todo bien. En mi casa alguna vez con mi mamá porque no hago oficio o cosas así pero ya, nada más. Yo le digo: Ya voy mami, y ya. (Entrevista, LF)

En la familia la convivencia y la comunicación. Digamos, su mamá le dice que no salga, y usted mete la pata y se sale. Ahí no hay comunicación, hay como un choque. Y al otro día las mentiras...

O que digamos estás peleando con tu mamá y te diga que eres “yo no sé qué cuantas”, “no hace nada en la casa”, y pues yo le respondo. Entonces ahí no hay comunicación. Y eso tampoco es convivencia. (Depoimentos, ICBF)

Yo me fui de la casa porque estaba aburrido de tantos gritos de mi mamá y todo, por peleas con mi mamá. (Entrevista, ICBF)

Na Colômbia, a violência intrafamiliar⁶⁹ é o segundo delito mais denunciado depois do furto. Condições socioemocionais, econômicas e elementos culturais na sociedade fazem com que mulheres e crianças sejam os mais vitimizados, embora exista uma subnotificação onde nem todos os casos são denunciados, estudados ou pesquisados.

⁶⁹ A violência intrafamiliar na Colômbia incrementou num 175% durante a quarentena segundo o observatório colombiano das mulheres com base nas ligações recebidas na linha 155. Para ver cifras do período 2020-2021 visite sismamujer.org

(Acis, 2020) Assim, em 2019 se realizaram 28.277 exames médicos legais em pessoas vítimas de violência intrafamiliar, sendo que 37,02% eram de casos contra crianças e adolescentes (Diakonia, 2020)

Nosso trabalho se realizou em uma casa de acolhimento para menores vítimas de diferentes tipos de violência, abandono ou que por má convivência, foram colocadas sob custódia por petição dos seus cuidadores. Em outras palavras, nossa pesquisa integrou vítimas diretas de violência intrafamiliar. O que quer dizer que para estas meninas, o lugar de maior risco representava seu próprio lar, onde os agressores são os próprios cuidadores.

Llegué por maltrato por parte de mi mamá. Mi papá expuso el caso y por eso estoy acá. Los conflictos en mi casa eran más que nada porque mi mamá a veces llegaba brava, llegaba al acto de pegarme o gritarme y maltratarme. (Entrevista, ICBF)

Si mi mamá y mi papá estuvieran juntos mi mamá sufriría de maltrato por él, porque mi papá le pegaba mucho, a nosotras también nos pegaba mucho. Pero ¿si ha visto que hay mamás que se van, pero siempre se van con sus hijos? Mi mamá no, mi mamá nos dejó tiradas, a mi hermana la vendió y a mí me entregó a bienestar. (Entrevista, ICBF)

Enquanto a violência sexual, temos que para 2019 se realizaram 26.158 exames médico-legais por supostos fatos de violência sexual. Desta cifra, 86,1% correspondem a mulheres, e dessa população de mulheres, 85,59% dos casos corresponderam a crianças e adolescentes, sendo as meninas entre 10 e 14 anos as mais afetadas (48,50%) (Diakonia, 2020).

A mí me pasó por un tío. El esposo de mi tía. Pero solo fueron tocamientos. No fue penetración. Eso fue en los cumpleaños de mi tía, él estaba borracho. yo estaba durmiendo, estaba quieta, no estaba haciendo nada para insinuar. Además, realmente por qué lo tienen que hacer, no sé qué se les pasa por la cabeza si ellos saben que eso realmente está mal por qué lo hacen. (Entrevista, ICBF)

Mi papá y un señor abusaron de mí. También fue violento con mi hermana, ella fue la primera, y después fui yo. No sé, es que mi papá en esas estaba borracho, y cuando lo del señor yo tenía tres años, de eso no me acuerdo bien.

Yo tenía 8 años cuando sentí que le estaba haciendo algo a mi hermana. Porque todos los días la llamaba y la llevaba a la cama, pero yo no sabía que era. Cuando él la llamaba por las noches y a mí me mandaba a acostar, y cuando yo me entraba a bañar a Natalia la llevaban otra vez al cuarto. Y cuando Natalia se entraba a bañar, mi papá entraba con ella. (Entrevista, ICBF)

Por outro lado, nas entrevistas com os estudantes do LF, observamos que a violência intrafamiliar não é uma problemática que seja alheia e que embora percebam sua casa como um espaço de tranquilidade, nela também são testemunhas e vítimas de

fatos violentos. Porém, seus depoimentos hesitantes e justificantes levam a pensar no encobrimento da real magnitude dos eventos e na dificuldade de expressar a problemática publicamente.

-En mi casa cuando también se agreden... fisi... psicológicamente. Supongo que es más indirecta, más hablada, más como: No, tú no puedes, tú eres bruta. Y eso también es violencia.

O como no mostrar afecto, no es una violencia como muy directa, pero igual es violencia porque se supone que es alguien importante para ti que debe mostrarte afecto, entonces... No lo vivo yo, pero sé que se vive, jajaja. (Entrevista, LF)

En mi familia se puede decir que sí, pero más que todo por el alcohol. Pero así violencia, violencia, no.

Lo que pasa es que el alcohol te altera mucho, y puede haber muchas diferencias, entonces tú no estás consciente de lo que haces. Entonces... se puede decir que... es plenamente por el alcohol. O sea, que como no estás consiente de lo que haces, puedes decir cualquier cosa y les molesta a otros, y puede llegar a un conflicto de violencia física y verbal.

Como ha pasado repetitivamente... ¡no tanto!, pero en varias ocasiones. Entonces uno ya sabe el factor que hace que eso se genere, y dejar de consumir alcohol puede ser una solución a eso. (Entrevista, LF)

6.3.1.3 A Escola

“Yo creo que el colegio tiene un papel muy importante en el conflicto, puede tanto generarlos como resolverlos” (Depoimento, LF)

Como temos mencionado ao longo deste trabalho, o campo educativo sempre tem sido um cenário de disputas narrativas. No mesmo sentido, se pensamos nos lugares onde a educação formal ganha vida hoje - escolas, institutos, universidades, etc.- os reconhecemos como espaços onde a coexistência de diferentes trajetórias vitais, com diferentes valores, ideias e ideais construídos se encontram, dialogam e entram em conflito, muitos dos quais podem desencadear em atos violentos e muitos dos outros podem simplesmente ser ferramentas de reflexão para a análise e configuração de identidades.

Tergo conflictos personales con personas que piensan diferente a mí. Conflictos a veces con los profesores que de pronto puede haber una mala interpretación de los términos, cosas así. Yo no diría tanto conflictos sino desacuerdos. Por ejemplo, que estas en clase y tú tienes una idea y el otro compañero tiene otra idea. (Entrevista LF)

Acá en el colegio, por ejemplo, hay conflicto de ideas. Muchas veces porque no estamos de acuerdo con las opiniones de otra persona. Entonces muchas veces tiendes a violentarla para que utilice tu misma idea, o se guie de tu misma idea para crecer, o para decir algo. (Entrevista, LF)

Estes elementos foram mencionados por nossos jovens, que reconhecem a escola como espaços de conflitos constantes e, por vezes, de violência.

El colegio es un espacio violento. No por el hecho de que me vayan a hacer bullying o algo así, sino porque es un lugar donde chocan muchos pensamientos. Entonces puede haber muchos conflictos de diferentes maneras. No he sido víctima, pero sí he visto como hacen mucha violencia, por decirlo así. Molestando a alguien, no sé, que se pelean dos, que se tratan mal, cosas así. (Entrevista, LF)

Acá en el colegio se han presentado varias peleas físicas entre dos niños, dos niñas, entre una niña y un niño. Se han presentado varios tipos de violencia por conflictos personales que han tenido a través del tiempo. (Entrevista, LF)

Ante este panorama, a mediação dos professores e da instituição é fundamental, pois da visão que se tenha -uma perspectiva positiva ou negativa do conflito- depende sua procura e seu trabalho com fins pedagógicos ou sua estigmatização e coerção, o que leva a um desconhecimento da diversidade dos estudantes -e suas ideias- o que em si mesmo se reconhece pelos estudantes como violento.

-Ahorita mismo puede ser como un espacio abierto, porque estamos compartiendo nuestra opinión, nuestras ideas, sin violentarnos. Pero los espacios educativos en general nooo. ¡Jamás!

-Yo diría que un espacio educativo donde se brinde a cada uno el derecho de expresar su opinión, no como los de ahora que es todo tan estricto.

-Yo creo que el sistema educativo jamás pretendió que cada persona fuera diferente, sino que querían llevarnos a todos por el mismo objetivo, entonces es imposible. Y están como pretendiendo que todos sean iguales, cuando eso no se puede.

-Es que el espacio educativo en este momento tiene personas muy diferentes, y nosotros estamos creciendo, estamos tomando nuestro camino, eso hace que estemos en constante ... confundidos, muy confundidos. Entonces fácilmente uno tiende a estar en puntos de vida diferentes a otros; y cualquier cosa choca, choca, y choca. Y en un espacio educativo no puede haber paz, jamás. (Depoimentos, LF)

Já mencionamos o que consideramos conflitos geracionais que se apresentam entre estudantes e professores. Mas, em outras ocasiões, estes conflitos podem surgir de simples desencontros ou da estrutura organizacional mesma. De qualquer maneira, na resolução do conflito, e na satisfação das duas partes com essa resolução, está a chave para uma boa convivência ou, pelo contrário, alimentar receios e possíveis expressões violentas. De igual forma, não se pode esquecer que se ensina também com o exemplo e que os estudantes são os principais observadores.

Yo tuve un problema aquí con la profesora de informática, que se perdió mi cuaderno. Y ahí yo intenté hablar con la profesora, pero no llegamos a nada,

entonces me tocó ir con el director de curso, y el conducto regular que le enseñan acá. Pero todo bien, se solucionó. (Entrevista, LF)

Acá hay mucho problema, la comunicación es muy mala. Digamos, a mí no me importa cuánto tiempo me dejen encerrada, pero sin mi hermana yo no puedo. Cuando llegué, me dijeron que yo tenía el derecho de llamar a un familiar, y yo les dije que tenía a mi abuelita y a mi hermana, pero que a la que quería llamar era a mi hermana, pero ni siquiera me dieron la llamada. Ella es lo único que me da fuerza para levantarme todos los días y mire. Eso se lo he repetido a la psicóloga y es como si yo le hablara a la pared. Me dijeron que de pronto la vería en 7 meses, pero es que eso es mucho para mí. (Entrevista, ICBF)

El problema es que el grupo de abajo se queda en el problema y no sale del problema. Así le demos solución a algo, como que ya nos cargamos y nos llenamos de rencores con la otra persona y nos quedamos así, botándole como la mala a tal persona. (Depoimento, ICBF)

-Nuestra relación con los trabajadores es chévere, las peleas son bobas, pero siempre nos quedamos en el problema.

-Es que si los adultos también dieran ejemplo... Entre ellos no se ayudan, solo una persona hace el trabajo y la otra como que no y tal. Es evidente, uno se da cuenta. (Depoimentos, ICBF)

Agora bem, no ICBF estamos falando de meninas que sofreram violência, e muitas das quais entraram por problemas de convivência, por isso não é uma surpresa que ao compartilhar o dia a dia, e no processo de dar conta das suas emoções, para sanar feridas do passado ou aprender a conviver, se reproduzam e se recriem eventos conflituos.

-Entre nosotras hasta por una silla, por un tapete, por el horario de televisión... Nos tratamos mal, con groserías, ofendiéndonos.

-Aquí adentro la convivencia y la tolerancia son malas. Por ejemplo, usted me cae mal, y a usted le hacen hasta lo imposible, se le puede armar el boroló.

(Depoimentos, ICBF)

-Acá, digamos si alguien me miró mal, yo digo: vea me miró mal; Entonces voy a hacer pelea; porque muchas son así. Pero pues digamos, yo sé que me mira mal, pero pues no le pongo como mucha atención. (Entrevista, ICBF)

Sob as condições mencionadas, além do cenário de confinamento, as meninas têm que contrastar sua imagem frente à nova realidade, assim e segundo a Romero⁷⁰ (2019), o evento as levará a:

Poner en prácticas conductas de repliegue (cautela, temor, congraciamiento, sumisión, etc.) a fin de conocer los códigos de conducta, lograr la aceptación o evitar daños. O bien, a conductas de colonización (arrojo, confrontación,

⁷⁰ A propósito da estrutura e dinâmica dos sujeitos em privação de liberdade.

beligerancia, búsqueda de alianzas, etc.) para posicionarse en el estatus deseado.

É assim como encontramos uma subdivisão por grupos, e o estabelecimento de estruturas de poder no interior da casa, que estabelecem hierarquias, e se apresentam como um fator a mais que altera a convivência, sendo, muitas vezes, a origem de confrontações violentas.

-Es que ya hay como un monopolio, un mando de todas. Entonces ya es como si las cosas fueran de una, lo manejamos como si fuera una cárcel y no debería ser así, entonces peleamos. (Depoimento, ICBF)

-Y las palabras. Que ella me dijo que tenía que hablarle bien, si no, no le hablara. O sea, si hay unas que como que buscan llegan por unas cosas que ... llegan ya a buscar como conflicto; entonces chocan demasiado con eso. (Entrevista, ICBF)

Como vimos, os conflitos podem aparecer pela confrontação de ideias estudante-estudante, discussões estudante-professor, ou entre grupos diferentes de jovens. Assim, também temos que reconhecer que muitos destes eventos podem ser alimentados pela mesma estrutura da organização educativa.

Durante nossas conversas, surgiu uma discussão entre meninas de andares diferentes estabelecidos pela equipe psicossocial como estratégia para melhorar o comportamento na casa. As meninas “de cima” recebem por sua boa conduta benefícios como saídas e mais atividades. Contudo, o que elas percebem como um privilégio, para as meninas “de baixo” constitui uma injustiça ou uma fonte de frustração.

-Los miércoles juntan los grupos dependiendo del comportamiento para la salida al parque.

-Pero no todas salimos, y no nos gustan esos comentarios, nos sentimos mal.

-Resérvense los comentarios porque nosotras no salimos como ustedes salen. Eso da malgenio.

-Nos causa malestar. Las mismas del grupo “A” dicen que son mejor cuando no es así. Cuando están arriba levitan, pero cuando las bajan lloran. (Depoimentos, ICBF)

6.4 III Momento

6.4.1 A experiência pessoal como horizonte de compreensão e de ação

Na formulação dos instrumentos de pesquisa consideraremos como essencial a máxima sob a qual não existem pessoas boas ou ruins, mas pessoas atuando em

circunstâncias específicas a partir de um acúmulo de experiências e aprendizados ao longo da sua trajetória biográfica que os têm levado a um relativo autocontrole -ou não- dos instintos agressivos.

Ainda mais, em termos de Norbert Elias, entenderíamos que as estruturas das funções psíquicas - os modos habituais de orientar o comportamento - estão relacionados com a estrutura das funções sociais, com a mudança nas relações humanas. (Bolivar, 2004) Relações em constante mudança, onde a articulação entre as necessidades e inclinações pessoais e as exigências da existência social dão margem à liberdade individual, dependendo da posição que ocupa dentro da estrutura social na qual participa.

Não podemos pensar essa estrutura social em termos absolutos e estáticos, pelo contrário, o que podemos ver, de fato, são diversos cenários onde o indivíduo assume posições diferentes de poder. Em consequência, e visto de fora, dia a dia nos deparamos com situações que nos levam a assumir posições diferentes, podendo ser vítimas, mas ao mesmo tempo, podendo exercer violência nos inúmeros cenários da experiência social. Pensando nisto, convidamos a nossos jovens a pensarem como pessoas que têm exercido e recebido violências.

Sobre isto, o primeiro elemento que chamou nossa atenção foi que, quando indagadas, as meninas do ICBF não reconheceram ter sido testemunhas de violência, embora seus relatos sobre o ingresso na casa tenham relatado de reiteradas formas de violência no interior do lar a que estiveram expostas; no mesmo sentido, ao perguntar-lhes se tinham sido vítimas de violência associavam, diretamente, com o estupro, desconhecendo outras formas de vitimização.

De outro lado, no LF os estudantes reconheceram amplamente as violências das quais são testemunhas diariamente, mas tinham dificuldade ao se pensar como vítimas. Assim, responderam nunca ter sido vítimas de violência, embora nos seus relatos falaram ser vítimas de roubos, de “correteadas callejeras” ou de pressão psicológica.

Por outra parte, quando lhes perguntamos por seu papel exercendo violência, se estabeleceram duas tendências: os que têm exercido violência verbal por meio de piadas e insultos, e aqueles que expressam ter sentido a necessidade de descarregar a ira contida na efervescência do momento, como se fosse uma espécie de uma luta entre o instinto e a razão, entre o dever ser e o sentimento do momento. Mas em qualquer dos casos, se

ênfatiza na não intenção violenta, e, portanto, o não autorreconhecimento como uma pessoa violenta.

No, de pronto lo que pasa es que yo verbalmente soy como muy agresiva. Pero no lo hago con ánimo de ofender, sino gracioso y todo eso. Pero a muchas personas les puede incomodar eso, pero violenta no soy. (Entrevista, LF)

He sido violenta indirectamente, como más psicológica, o bueno, también física. Pero es como que algo no me agrada y voy y pego o voy y trato mal. Pero no es con la intención de ser violenta. Por eso digo que la violencia es ya como muy normal en toda la sociedad, pero no es con la intención de hacer sentir mal, sino porque sí, porque sale. (Entrevista, LF)

De que he ejercido sí. Tú sabes que a veces te dan esos arrebatos de que a veces te da mucha rabia, esa fue la única vez que ejercí violencia. Lancé un golpe contra mi compañero aquí en el colegio. Él ya me estaba molestando mucho y yo no le encontraba razón. La verdad ya no me acuerdo mucho, eso fue en primaria. Mi objetivo era como liberarme de tanta rabia que tenía, como desahogarme. Y también para hacer como justicia, podría decir, justicia por cuenta propia. (Entrevista, LF)

Yo casi no tengo problemas, pero de tres veces que las he contado, yo no puedo resolverlo hablando.

La primera vez fue porque me estaban robando y pues yo me di cuenta, y yo intenté hablarle y ella se negó, ella me calló la cara, y pues no, tampoco le voy a poner el otro cachete, entonces se solucionó así, a golpes.

El otro fue pues por mi hermana, porque otra niña la empujó al césped, y yo le dije que no la empujara, que fuera a empujar la abuela y pues también se lanzó y mi hermana y yo le empezamos a dar reduro. (Entrevista, ICBF)

Finalmente, quero ressaltar o papel da história familiar e da própria trajetória vital como elementos que nos constituem como pessoas e nos levam a atuar de formas determinadas, mas, revalidando o caráter ativo do sujeito, essa ação pode se dar tanto por reprodução como por oposição. O seguinte depoimento é um exemplo de como uma trajetória de violência não nos define nem determina como violentos, nem muito menos, nos impossibilita de atuar de forma contrária.

Pues el mero hecho de vivir en Colombia es atestiguar la violencia, la violencia nos ha afectado a todos. Por ejemplo, en mi caso, yo soy de una familia que hizo violencia, que mis ancestros fueron actores específicos de la violencia. Yo tuve familia un poco pesada en el ámbito del sicariato.

Colombia ha sido un país lleno de violencia, y mi familia era de orígenes humildes y se les presentó como una oportunidad, lo cual no me enorgullece. Pero la gracia es ver qué acciones voy a hacer para que eso nunca vuelva a pasar, para que nunca se vuelva a cometer un asesinato o se vuelva a establecer el sicariato. Son acciones que alientan al colombiano, y a mí en mi caso, a ser mejor persona y que nunca se promueva esa cultura de violencia. (Entrevista, LF)

6.4.1.1 Resolução de conflitos

Como temos visto ao longo deste capítulo, conflitos podem aparecer em qualquer cenário da vida social, mas como temos argumentado, a gestão dos mesmos pode ser a origem de violências. Por este motivo, e tendo em conta que um dos objetivos principais da educação para a paz é a educação em conflitos, exploramos a forma na qual os jovens resolvem ou procuram resolver seus próprios conflitos, e até que ponto a instituição educativa tem contribuído na sua boa compreensão e resolução.

O primeiro que encontramos é uma visão negativa do conflito, pois não se mencionou em nenhum dos casos como um potencial de enriquecimento ou mudança positiva. Pelo contrário, em alguns casos o reconheceram como um elemento a ser evitado. Perspectiva que muda em relação aos três níveis de conflitos que os mesmos jovens reconheceram: os internos, os que são produto de relações diretas com iguais, e os sociais.

Yo no intento resolver los conflictos que se presentan en la calle porque pueden violentar a alguien. En ese sentido tú eres más egoísta. O sea, yo intento hablar, decir como no lo hagas, pero no intento meterme mucho porque muchas veces las personas cuando son violentadas no buscan esa ayuda o reaccionan mal cuando la obtienen, o puedes salir agredido tú, y pues nadie quiere eso. (Entrevista, LF)

Yo intento ser como callada. Cuando a mí me molesta algo, puede que me dé mucha impotencia, pero yo no exploto con las personas que debo, intento como guardármelo y yo misma resolverlos sin meter a nadie. (Entrevista, LF)

Yo los soluciono hablando, o en lo posible, tratando de hablar lo mínimo para no desencadenar otros problemas. (Entrevista, LF)

O primeiro a fazer ante um conflito, segundo os estudantes, é se acalmar, pensar e tentar controlar o instinto, não deixando-se levar pela efervescência do momento.

Yo creo que todo uso de violencia se puede evitar. Primero pensando, utilizando la razón y no dejarse llevar por las emociones, porque a veces uno se deja llevar por el instinto. Siempre por negociación. Como entender lo que la otra persona quiere hacer y yo mis prioridades, lo que yo estoy buscando. (Entrevista, LF)

Hay que ser pasivo, uno tiene que madurar y mirarse dentro de sí mismo, uno no puede explotar y dar golpes y eso. Primero porque te daña a ti mismo; segundo, no tiene lógica ir hasta ese punto. Resolverlo en sí mismo es ver, analizar el problema, y ahí sí, cuando tú veas la solución correcta, ir hacia la persona con quien tengas el conflicto y eso, y presentar tu opinión. (Entrevista, LF)

Yo intento pensar en los pros y en los contras, como en las consecuencias y en las causas, o lo que puede llegar a pasar si yo actúo bien o mal según la justicia que yo pueda encontrar en ese problema. (Entrevista, LF)

Quando falamos da sua resolução, o diálogo e a negociação. apareceram como os mecanismos mais utilizados. Mas, esse diálogo pode ser entendido como um mecanismo para evitar danos a si mesmo, para persuadir e convencer, ou para tentar compreender pontos de vista diferente.

Hablado mejor con esa persona, en vez de recurrir de una vez al golpe o a la mala palabra. Porque debes como ver lo positivo de todo lo que te dicen y tener como más el concepto de que yo lo puedo violentar y para qué lo voy a hacer si no gano nada con eso. Y bueno, es un pensamiento egoísta porque estás pensando en ti y qué beneficio tengo de tal cosa, pero igual beneficias a la otra persona porque no la violentas. (Entrevista, LF)

Con dialogo y que lleve a una resolución justa. Que sea desde un punto de vista objetivo, que no sea para beneficiar a una de las partes del conflicto. (Entrevista, LF)

Yo creo que todo tiene una forma de seguir, y la mayoría de cosas se pueden resolver mediante el dialogo. O sea, se empieza por el dialogo y después se toman acciones para la resolución de estos conflictos. Por ejemplo, en vez de pegarse, pueden hablar y resolver sus diferencias hablando y tomar acciones dependiendo de qué es lo mejor que puede resolver ese conflicto. (Entrevista, LF)

Manejarlos hablando, si tienen una idea diferente pues hablo. Si quedamos de diferencias pues listo, pero no lo intento llevar a mayores. Si piensa diferente que yo, pues listo, todos pueden pensar diferente. (Entrevista, LF)

Sobre o diálogo para convencer, chamou nossa atenção o uso da informação como uma ferramenta de persuasão, mais que de resolução, quer dizer, se colocando em uma posição de portador da verdade, que em casos práticos não permite o diálogo efetivo.

Tú puedes expresar tu punto de vista, decir que no estás conforme con algo, pero no se trasciende esa barrera. Yo te puedo hacer cambiar de opinión con mis argumentos, pero si tú ya no quieres cambiar de opinión pues ya toca con otras maneras. (Entrevista, LF)

Me gusta darles herramientas como ok, investiguen, por qué, quién ha estudiado que eso pasa, o por qué es así, darles herramientas para que puedan discernir. (Entrevista, LF)

Entre mis potenciales, la negociación y la persuasión. La capacidad de hacer cambiar la perspectiva y la idea que tiene la otra persona de una forma en que ella no se sienta menos, de que no se sienta inferior frente a mi o así. (Entrevista, LF)

Por outro lado, quando falamos dos conflitos no interior das instituições, vimos o uso dos mecanismos de resolução de conflitos oferecidos. Assim, encontramos o conduto

regular estipulado no manual de convivência no caso do LF, e os círculos de palavra no caso do ICBF. O primeiro trata de expor a problemática às autoridades escolares, e em caso de não obter uma resolução satisfatória, ir subindo no ranking de autoridade. No segundo, se busca a uma figura de autoridade com o propósito de citar um círculo -ou triângulo- de palavra, onde as partes implicadas falem de forma direta com o apoio de um intermediário.

-Cuando tenemos un problema acudimos a la figura de autoridad, él siempre se da cuenta. Y cita al círculo y todos opinamos.

-O a veces nos sientan en la mesa con la persona que tenemos un inconveniente y hablamos solo entre los tres para no recurrir al círculo.

-Yo creo que es chévere porque así se solucionan las cosas (Depoimentos, ICBF)

Porém, os jovens preferem resolver seus conflitos sozinhos, e só em casos considerados de maior gravidade, recorrem a terceiros como professores, orientadores ou adultos de modo geral.

Busco ayuda de terceros si veo que la situación ya es muy grande, como personas con agresiones físicas o que es muy latente llegar a esa situación. Ahí si ya llamaría a terceros pues porque en número me ganarían, y sería contradictorio. Si estoy en la calle llamaría a gente de por ahí o llamaría a autoridades directamente responsables del hecho. (Depoimentos, LF)

Si es un conflicto que yo creo que estoy en la capacidad de resolverlo, pues no busco a nadie. Pero si ya es un conflicto mayor, digamos como que una persona está agrediendo a otra persona y yo no puedo interactuar ahí, tengo que llamar a otra persona. (Depoimentos, LF)

Hay muchos problemas que no puedo controlar. Ahí si busco ayuda porque sé que hay personas con más experiencia o que sí pueden hacer algo por mi para ayudarme. O algunas veces no es tanto como físicamente sino como de consejo y eso. (Depoimentos, LF)

O autocontrole dos impulsos é uma tarefa difícil que requer ser aprendida, não só por meio do discurso, mas da mesma prática do que vemos como aceitável no nosso meio social. Em consequência, uma pessoa que tem visto e tem sentido na própria carne as consequências da má resolução dos conflitos, quer dizer, que tem sido constante testemunha e vítima de violência, vai ter uma maior dificuldade no controle das suas próprias emoções e impulsos violentos. Já vimos como este fato nos leva ao exercício da violência, mas não necessariamente é o fim, pelo contrário, às vezes, ressignificando e restabelecendo relações de outro tipo, pode ser entendido como um novo início.

Yo por ejemplo la semana pasada me agarré dos veces con un pelado y entonces duramos una semana sin hablarnos. Nos agarramos por un chisme, que él supuestamente le estaba conversando a mi novia. Y pues yo no soy celoso, otra cosa es que me raye. Pero después diciendo que le gusta mucho mi novia, entonces a mí me da rabia, y pues ahí comenzamos a pelearnos a golpes. Después yo le dije: -Bueno, a usted le gusta ella, pero acuérdesse que yo soy el que le gusta a ella, entonces él dijo: Sí, eso yo lo sé y tal cosa ... Y ya, entonces ahí comenzamos a ser amigos, nos disculpamos y ya ... (Entrevista, ICBF)

6.4.2 O aprendizado e o papel da escola

Ao longo deste capítulo temos percorrido diferentes questões que preocupam aos jovens do LF e do ICBF. A forma como veem, se representam e refletem sobre violência e paz no marco da realidade do país, suas histórias, suas diferenças sociais e suas problemáticas. Também vimos os cenários sob os quais se sentem mais vulneráveis, as formas como têm sido vulnerabilizados e como têm vulnerabilizado a outros nos conflitos que se lhes apresentam no cotidiano e a forma como os resolvem. Todo isto fala do processo de subjetivação, quer dizer, da conformação social dos indivíduos, da forma como em pluralidade constituem e se constituem a partir da sociedade. Mas, quais tem sido os aportes específicos da instituição educativa nessa configuração? E como esses elementos nos falam da concepção da paz com horizonte civilizatório? Em suma, quais são os resultados da educação para a paz nos casos apresentados?

6.4.2.1 Reconhecimento do conflito armado:

Sem dúvida, um dos principais ganhos da educação para a paz tem sido levar às escolas uma compreensão do conflito armado, suas causas, seus atores, suas vítimas e suas consequências. Tarefa que pelas circunstâncias e os próprios objetivos de cada uma das instituições nas quais trabalhamos só se tem desenvolvido no LF. Contudo, os depoimentos dos estudantes falam da importância deste elemento na criação da consciência nacional.

Yo creo que, para enseñar la paz, primero se tienen que enseñar las consecuencias de la violencia, y cómo en el pasado afectó la violencia, las consecuencias que conlleva una vida violenta en el país -como persona, como individuo- para luego, entender por qué es necesaria la paz, y por qué es necesario el respeto para crecer y desarrollarse como persona de una comunidad que va hacia el futuro. (Entrevista, LF)

He aprendido la historia del país. He aprendido cómo la violencia puede tornar un problema pequeño y transformarlo en un problema gigantesco que puede

terminar en un conflicto de más de 50 años de existencia. He aprendido que en muchas zonas del país hay muchas personas que la sufren debido al desplazamiento, debido a la toma forzada de pueblos. Y también he aprendido cómo establecer las pautas para poder llegar a una cultura de paz, para poder resolver todos los conflictos que tengamos en nuestra sociedad y mejorar cada día. (Entrevista, LF)

A partir dos depoimentos, também vemos como a concepção de paz positiva, e a perspectiva mesma de pensar a questão desde a construção de paz e não desde a guerra, se consolida como um elemento essencial, presente nos discursos educativos colombianos, assim como uma mudança de paradigma do “somos violentos” ao “somos construtores de paz”.

En general el problema que tiene Latinoamérica no es solo la diferencia política, las diferencias sociales y culturales; sino es la imposibilidad de un manejo correcto del dialogo y de lo que es un conflicto sin llegar a una violencia, que es en lo que fallan en la mayoría de países, y es la razón por la que los conflictos llegan a ser armados y por lo que se desemboca tanta muerte, tantos homicidios. Es por lo que no se saben controlar las cosas desde un conflicto positivo que se manejaría mediante el dialogo. (Depoimento, LF)

Por ejemplo, en lo de la independencia tú puedes buscar lo que no se muestra, lo más violento. Pero tú puedes decidir si seguir con eso: “Colombia siempre ha sido violento” y pues no podemos hacer nada al respecto porque ya tenemos esa cultura, o puedes decir que no, que hay que crecer, hay que cambiar. (Depoimento, LF)

No hay que rescatar solo la violencia, sino también las cosas buenas que tiene cada sociedad y cada cultura. Colombia ha sufrido bastante durante todos estos años, pero no hay que quedarnos con eso, hay que explorar todas las alternativas, hay que ir más allá, hay que aprender y progresar. Tampoco quiero crear ese estigma de que Colombia es mala y no vayan. Colombia es un país hermoso, llena de gente erudita y con un sinfín de maravillas, pero hay que trabajar, todo eso es un proceso y el proceso inicia con cada uno. Los frutos se verán después, pero hay que hacer primero el proceso. (Entrevista, LF)

6.4.2.2 Convivência, diálogo e resolução de conflitos:

Tanto a casa do ICBF como o LF são espaços de convivência por definição. No LF se aprende no diálogo com a diferença de ideias e posturas que são alimentadas nas atividades escolares.

El colegio es un espacio donde tú convives con muchas personas y hace que tú tiendas a abrirte a ellas, puedes formar lazos. Entonces el colegio hace eso, te hace socializar y te construye. De alguna manera te brinda principios y valores. Eso es prácticamente lo que hace el colegio. Ellos te enseñan una forma de cómo ser persona, por decirlo así, y tú miras si es correcta o no. (Entrevista, LF)

He aprendido a dialogar más, a respetar más las diferencias. Porque esas clases te ayudan como a ver todo en general, y viendo todo en general, tienes como

más conocimiento de lo que las otras personas piensan. Igual en las clases también se hacen foros y se hacen debates, entonces ahí puedes opinar y conocer otras opiniones, y así se crece el conocimiento en sí, y puedes cambiar tu opinión. (Entrevista, LF)

Na casa de acolhimento, uma das funções principais no trabalho com as meninas é mediar nos seus conflitos familiares e ensinar pautas de conduta que permitam a boa gestão dos mesmos, o que leva necessariamente a uma maior ênfase em uma terapia no controle de impulsos violentos.

-El comportamiento. Soy más respetuosa, era muy grosera y todo eso, y he cambiado un poquito. Y soy honesta, ahora si digo la verdad.

-Como que si te dicen algo, tú no vas a responder con 3 piedras sino vas a hablar de buena manera, sin necesidad de ser grosero o altanero.

-Es que muchas veces el ser humano no piensa antes de actuar, sino actúa y después piensa.

-Es que hay momentos en los que uno se carga de todo lo que estaba pasando y uno explota, no piensa lo que hace, y de pronto se entrega, y bueno... Toca aprender a manejar los impulsos.

-Conocer a los que viven con uno. Voy a ser más receptivo, hacerle caso a mi mamá y a mi padrastro.

-Con mi mamá la relación ya ha mejorado, estamos asistiendo a terapias y pues bien, del tiempo que llevo, pues bien. (Depoimentos, ICBF)

No mesmo sentido, a educação para a paz tem ensinado elementos básicos para pensar os conflitos a partir de uma perspectiva estrutural, quer dizer, procurando sempre o porquê, o como, suas consequências, seus atores, e ainda mais, suas possíveis soluções. Elementos que, segundo os depoimentos dos estudantes do LF, têm cumprido o objetivo ao se fazer efetivos para pensar tanto os conflitos internacionais como os locais e os pessoais.

-Si vemos la violencia, toda tiene una causa y un efecto. Y para resolver esa violencia tenemos que ver la causa, si es una causa política, si es una causa social, un conflicto de intereses... Y ahí nos damos cuenta cuáles son los pasos que tenemos que hacer.

-Yo he aprendido sobre los tipos de conflictos y de cómo se resuelven. De los conflictos históricos que ha tenido Colombia y el mundo, todo eso.

-Yo he aprendido cómo lidiar ante un problema, qué hay que hacer, cuáles son los terceros a los que hay que acudir, como implantar esa conciencia ciudadana que debemos tener, y cómo identificar los aspectos críticos para abordarlos de una manera pacífica y cordial.

-Prepararme a mí mismo, buscar diferentes puntos de vista, para ver qué tan subjetivo puede ser un tema y no atacarlo de manera tan populista de está bien o está mal. Porque eso es lo que se infiere de estos temas sociológicos, no existe bien y mal.

-Cuando son mis problemas yo intento pensar en los pros y en los contras; como en las consecuencias y en las causas, o lo que puede llegar a pasar si yo actúo bien o mal según la justicia que yo pueda encontrar en ese problema. (Depoimentos de entrevistas LF)

Refletir sobre os conflitos a partir dessa perspectiva tem levado a se pensar como um coletivo e a partir da empatia, se colocar no lugar do outro, como marco inicial de ação para as melhoras sociais.

-Siempre hay que buscar otra alternativa, porque en realidad nosotros ya no somos la misma especie de hace dos mil años que buscábamos la comida mediante la violencia y en que el más fuerte es el que gana, sino que lo debemos actuar de una forma racional, esa es la mejor manera de cambiar el mundo.

-Nos han vendido mucho el cuento de que para lograr un cambio hay que hacer muchas cosas grandes, hay que llegar al poder; pero no nos damos cuenta que con nuestras acciones del día a día también lo podemos hacer. O sea, llegar a un acuerdo. Y si vemos que mi compañero es así, no vamos a olvidarlo, a dejarlo, sino que vamos ayudarlo para que mejore.

-Yo creo que el colegio nos enseña a ser mejores personas. Ser personas críticas y constructivas para la sociedad que aporte al país la cultura que necesitamos ejercer en todos los aspectos posible que es la paz. Es la resolución de conflictos sin violencia. (Depoimentos, LF)

Por sua vez, as meninas do ICBF consideravam sua própria experiência como ferramenta na construção de paz.

Yo le ayudaría a otros contándole sobre todos los casos, sobre todo eso que ha habido de violencia. Contándole sobre el pasado de mi vida, como fue y tal cosa; para que comprendan y lo pongan de enseñanza todo lo que le he estado diciendo. (Entrevista, ICBF)

Dar como cátedras para la paz, la resolución de conflictos, y pues que también la gente sepa de donde viene tanto conflicto. Pues porque las personas son conflictivas porque viene desde la base, o sea, bases desde la casa, desde que el papá le pegaba a la mamá o era machista. Pero pues pienso que en el colegio si debe haber como espacios de reflexión, como digamos: Eso pasaba, pero usted no tiene que ser así porque... o sea, uno tiene que ser mejor persona. (Entrevista, ICBF)

(Sobre a Venezuela) Yo he vivido o visto un modelo económico, social y político que se destruyó. Y cuando uno está tan cerca de esas cosas, le empieza a afectar, y cuando te afecta tu vida, tú quieres que no le afecte a nadie más. Entonces es cuando uno toma la decisión de hacer algo para que en el futuro no pase lo mismo, para que alguien no pase lo mismo que tu pasaste. Por eso me gustaría ser política o algo así, ayudarle a la gente. (Entrevista, ICBF)

Finalmente, quando falamos com nossos jovens sobre o papel que cumpre a educação nesse aprender a conviver, resolver conflitos e fazer paz, a primeira explicação dada por eles é que a educação não é algo exclusivo da escola e da educação formal, mas que também nos educamos a partir do contexto social e familiar.

-Pero uno no puede pensar la educación como lo que le dicen los padres y lo que le dice el colegio, uno puede pensar eso como el círculo del ámbito social, o sea, todo tiene que ver. Si tú estás en un salón y todos los niños están hablando de un tema y todos piensan lo mismo, eso te hace adquirir una posición frente a algo. O sea, la educación viene de muchas partes.

-Son lo que forman nuestra identidad. Yo creo que todo tiene que ver con la educación que uno recibe en el entorno social. Eso contribuye a los factores que nos hacen pensar estos temas.

-Sí, por ejemplo, mi familia es católica, pero nunca vamos a la iglesia. Y nunca he escuchado en mi casa que no puede hacer esto porque la biblia dice que está mal, jamás. Y eso ha contribuido a que yo piense diferente al resto del salón. Todo esto tiene que ver en torno a la educación que uno recibe cuando uno se está formando como persona. (Depoimentos, LF)

Falando especificamente do contexto da educação formal, nossos jovens foram críticos na forma como às vezes se tenta abordar os temas de paz.

Te digo la verdad, en el colegio nos dan cosas muy técnicas, como tipo valores, que tenemos que respetarnos... Pero realmente en la práctica no se ejerce. Haz de cuenta que se queda ahí en el aula de clase, y no se hace una pedagogía con todos los estudiantes, sino que se vuelve como un programa, y si el programa se cumple se supone que ya todo el mundo aprendió, pero en realidad no aprendió nada. El colegio tiene un gran potencial, pero se está desaprovechando, no cambia como el mundo cambia, no va acorde.

Lo que pasa con la escuela y el colegio es que obvio, es un sistema que ha estado por más de 100 años, y específicamente se estableció para la revolución industrial, para que las personas trabajaran sistemáticamente y no pensarán, para que no se dieran cuenta de lo que estaban haciendo. (Entrevista, LF)

Es que algunas veces esos talleres y eso si son re-aburridos. Porque solo hablan y hablan y hablan, a veces a uno no se le queda nada de lo que hablan. (Depoimento, LF)

Em contraposição, propõem que a escola alimente o sentido crítico, sem valorações morais, dando ferramentas mais que fórmulas ou “dever ser”, que se alimente da diversidade e que apresente metodologias mais práticas e participativas.

-Yo pienso que la educación no nos debería decir qué está mal y que no, e no quedarse en los conceptos; sino darnos las herramientas para que uno pueda discernir, para que sea coherente con lo que piensa, que nos dé opciones, que nos diga: ok muchachos utilicen su criterio, que nos enseñen a ver todo el panorama, a tener un pensamiento crítico.

-Yo creo que la escuela debe darte unas herramientas para resolver conflictos, más que imponerte leyes. Debe como aprender en ese aspecto, mientras los estudiantes aprenden, porque para crecer mediante el dialogo y la resolución de conflictos se necesitan bases que puede brindar el colegio, y claro, primero comenzando con nosotros.

-Yo creo que un colegio que esté educado para la paz, tiene que ser un colegio donde se dé la diversidad, donde no todo tenga una uniformidad. Donde se compartan todas las ideas, pero con respeto. Entender que somos diferentes, pero, aun así, todos tenemos que estar juntos y estar en paz, sin importar cómo luzca la otra persona. O sea, entender que en la sociedad hay muchas personas

diversas y no siempre vas a estar con las mismas personas porque vas cambiando. Y pues eso es chévere. Llegar a un punto donde ya no importen esas diferencias en la educación, ni en la vida, o sea, en la sociedad como un todo. (Depoimentos, LF)

Cambiar los métodos, la ideología. Crear una mentalidad correcta, que enseñe equidad, respeto, amor. Sobre todo, amor por el prójimo. Y no solo que los preparen para la vida adulta, sino que les enseñen a vivir su infancia. Porque muchos niños no viven su infancia, o no tienen la oportunidad porque los obligan a crecer antes de tiempo. (Entrevista, ICBF)

Ouvir os nossos jovens foi uma experiência sumamente enriquecedora e, em um contexto como o nosso, controvertido e complexo por suas múltiplas tensões e incertezas, faz parte das ações mínimas para levar a cabo uma educação para a paz. No mesmo sentido, a formação de uma consciência social e moral é imperante, pois as crianças e jovens de hoje são a alma e o motor do fazer educativo, assim como do relevo geracional do amanhã.

A MODO DE CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procuramos elucidar, a partir de uma perspectiva eliasiana, o desenvolvimento da educação para a paz e sua relação com os indivíduos, dando ênfase no caso colombiano. Assim, partimos da premissa de que à medida que se desenvolvem novas e mais complexas interconexões vão se configurando novos centros de poder, agora interestaduais, que requerem - e se beneficiam - de uma maior pacificação das sociedades. Desta forma, no sistema mundial capitalista globalizado, as coerções por meio da guerra e dos conflitos bélicos, mudam para outras de tipo econômico⁷¹. Essa mudança envolve também um câmbio nos discursos que se replicam e se reproduzem a partir das normas e das leis, que, por sua vez, também adquirem um caráter global, e que tentamos analisar a partir do conceito de regulação transnacional.

Em consequência, e considerando a educação para a paz como uma proposta educativa heterogênea e em permanente construção, traçamos o caminho do seu

⁷¹ A propósito de este asunto, solo basta ver como las sanciones de tipo económico a Venezuela por parte de Estados Unidos son el mecanismo imperante, y no una intervención militar, como lo hubiera sido hace menos de un siglo. En el mismo sentido, podríamos analizar desde esta perspectiva, el papel del miedo ante dicha incursión militar, como elemento coercitivo en la psiquis social.

desenvolvimento, reconhecendo como, na pacificação -e a tentativa de não repetição das guerras em grande escala-, foram emergindo pesquisas sobre paz, ao tempo que, a maior proximidade por meio da globalização, conceitos como identidade e diversidade foram se consolidando como máximas civilizatórias para posteriormente ser recolhidos nos direitos humanos de terceira geração.

A partir deste processo, e em comunhão com a extensa agenda de propagação da cultura de paz, efetuada principalmente pela Unesco a partir dos anos 80, as pesquisas sobre paz, e mais especificamente em educação para a paz, entraram nos discursos latino-americanos. Embora as diversas experiências, contextos históricos, sociais e culturais, assim como seus elementos conjunturais e demandas sociais específicas, já tinham um forte trabalho a partir de organizações civis e movimentos sociais na construção de paz no meio das contradições próprias de cada campo. Assim, e com maior força em contextos de pós-ditaduras, pós-guerras civis, e conflitos armados, a educação para a paz vai ganhando vida por meio de duas tendências: as experiências a partir da Educação Popular e a Teologia da Libertação; e os trabalhos de Memória Histórica e Políticas de Convivência Escolar; as quais se ligam por meio dos direitos humanos.

Nesta via, entramos no caso colombiano, onde a partir de três contextos explicativos: conflito armado, educação e pesquisa social, vimos que no decorrer da história colombiana o modo como a interrelação entre as condições estruturais e os processos conjunturais permitiram a gênese e o desenvolvimento da educação para a paz. Assim, reconhecemos uma linha de rupturas e continuidades na complexidade da violência no país, onde ao mesmo tempo que se desenvolvem relações conflituosas heterogêneas, vão emergindo reflexões sobre a construção de paz e formas alternativas de resistência à violência, seja a partir dos grupos de base, das reflexões acadêmicas, das experiências nos processos de paz ou dos centros de poder político. Tudo isso configura e vai moldando o que se entende como educação para a paz no país, trabalho que entra com maior força na educação formal a partir da Carta Magna de 1991, integrando elementos de convivência, democracia, valores, participação e compromisso social, entre outros, e que mostra sua face mais clara nas Cátedras de Paz no marco das negociações de paz entre o Estado colombiano e as FARC.

Posteriormente, e para rastrear este processo no plano individual, conversamos com os jovens de dois centros educativos, não sem antes expor um pouco do caráter subjetivo da pesquisadora, cuja experiência vital, assim como a experiência de todos os

colombianos, está cheia de imagens dessa Colômbia violenta, mas ao mesmo tempo, construtora de paz.

No caso dos jovens com os quais conversamos, vimos visões e posições heterogêneas e em constante construção. Sendo que no caso do Liceo Fesan se falava mais desde o dever ser e o discurso a partir do plano acadêmico. E na casa do ICBF, pelo contrário, se falava mais desde o sentir, expondo abertamente a próprias experiências.

Assim, passando por diferentes reflexões que os mesmos jovens iam dirigindo, vimos uma tensão entre a violência que absorvem através da mídia e os discursos de paz que se reproduzem na instituição. Entendemos a questão venezuelana como um elemento que, dada a conjuntura, precisa ser trabalhado, pois a tendência entre “La culpa es de los venezolanos” e “ahora todo es para los venezolanos” está levando a novas bolhas de violências e xenofobia generalizada nas zonas urbanas. Exploramos como se reproduzem ideias estereotipadas da pobreza e da marginalidade, entendidas como sobrevivência, infantilismo e ação racional desde os olhares do LF, mas sentimos as formas como afetam as vidas das meninas do ICBF. Falamos sobre o conflito armado, esse que não viveram, mas do qual sabem pela reflexão histórica na escola -caso do LF-, ou quase nada sabem por meio da tv -caso do ICBF-. Ouvimos da visão negativa que têm da política, porém não de uma forma definitiva. Nos adentramos nos imaginários que têm construído ao redor dos papéis de gênero, marcados por exigências sociais, estéticas, masculinidades violentas e visões negativas do feminismo. Assistimos, também, ao que reconhecemos como conflitos geracionais entre jovens e professores.

Em um segundo bloco, exploramos os espaços de vulnerabilidade, sendo que a rua, a casa e a escola são os cenários de maior vulnerabilidade ou conflitualidade para nossos jovens por diferentes motivos. E, no terceiro bloco, abordamos as formas como eles e elas se posicionam enquanto testemunhas, receptores ou agentes da violência, na forma como resolvem seus conflitos, como entendem o dever ser do fazer educativo, e o que tem aprendido da experiência escolar ou na passagem pela casa de acolhimento: compreensão da história e do conflito armado, além de ferramentas de diálogo, convivência e resolução de conflitos.

Em suma, ouvimos e procuramos analisar as diferentes formas em que a violência permeia as representações e subjetividades de jovens com trajetórias de vida muito diferentes, ao tempo que indagamos pela forma como vem se incorporando conceitos

próprios da educação para a paz, sobretudo por meio do trabalho educativo. Contudo, como forma de autoavaliação, e pelas dificuldades mesmas que implicou fazer uma pesquisa no meio da pandemia do coronavírus, reconhecemos que dois elementos essenciais nos postulados da educação para a paz não foram explorados: A questão ambiental e a participação social ativa.

Finalmente, apesar do otimismo depositado neste trabalho, temos que reconhecer que as cifras de violência na Colômbia, e no continente, continuam sendo alarmantes. E sobre este ponto, temos que entender que a história – e o processo civilizatório- não é uma linha reta com um ponto final demarcado, nem um processo em que todos os grupos humanos vão na mesma velocidade ou direção, aliás, o mesmo Norbert Elias, a propósito do caso alemão, expõe que *“al igual que en la evolución de un individuo, en el presente de una nación siguen vivas las experiencias de tiempos anteriores”*. Experiências que se devem conciliar a sanar, e é precisamente nesse processo no qual se encontra a Colômbia após os acordos de paz firmados em 2016.

No mesmo sentido, e contribuindo com mais um elemento para o debate que vai além desta pesquisa, o processo de paz entre o Estado colombiano e as FARC deixou abertos cenários de poder territorial e economias ilegais que o Estado colombiano - seja por incapacidade ou falta de vontade política - não tem conseguido ocupar. Consequentemente, parte dos massacres e os assassinatos seletivos de líderes sociais nos últimos anos na Colômbia revelam uma luta entre vários grupos armados pelo monopólio da violência nessas regiões.

Ainda nos falta muito caminho por percorrer para efetivamente falar de sociedades pacificadas, mas ter consciência da violência como problemática e começar a nos educar pelo caminho da paz já é um primeiro elemento de esperança em um longo projeto de nação que faça justiça às vítimas, compense os erros e cure as feridas do passado, faça efetiva a verdade, cimente as bases de mudanças estruturais e defenda a vida como máxima universal, por cima de bandeiras políticas. Projeto no qual a educação é essencial como direito e pré-requisito na participação da cidadania plena e nas decisões que afetam o desenvolvimento econômico, social, cultural e político da Colômbia. Demonstrando assim, que tal vez, *“sí, podemos nacer pa´ semilla”*⁷².

⁷² Em português: Podermos sim, nascer para semente. A frase faz referência ao livro de Alfonso Salazar, “No nacimos pa’ semilla”, onde apresenta o mundo dos jovens pertencentes as gangues colombianas, suas

REFERÊNCIAS

ACUÑA, A; BERNAL, P; MARTINEZ A. Análisis de experiencias de educación para la paz en América Latina. Tesis de maestría, Facultad de Educación. Pontificia Universidad Javeriana, 2009.

ADAMS, D. Cultura de paz y algunos consejos para Colombia. González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

ADARVE, P; GONZALEZ, S; GUERRERO, M. Pedagogias para la paz en Colombia: un primer acercamiento. (pp. 61-71) V. 11 n. 2. Ciudad Paz-ando. Bogotá: 2018.

AGUIRRE LEÓN, CA. Educación para la paz y políticas educativas en América Latina. No. 1 Vol. 2. Revista Inclusión y Desarrollo. Bogotá: Uniminuto, 2016.

ARCE GONZALEZ, C; GONZALEZ RUBIO, J. Convivencia en los centros de educación básica y media en Colombia. En: La convivencia en los centros de educación básica en Iberoamérica. Red de Apoyo a la Gestión Educativa. Santiago de Chile: 2014.

ARENDRT, H. **Sobre la violencia.** Madrid: Alianza, 2005.

ARIAS, C. La educación para la paz: retos de las universidades en el posconflicto armado. Educación para la paz (pp.13-26) Bogotá, Colombia, Universidad de la Salle, Zapata ed: 2016

ARIAS, R. Reflexiones sobre la educación para la paz en el contexto actual de Colombia. Em: González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

BARROSO, J. ORG. **A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e atores.** Lisboa: Educa, 2006.

BONILLA, M; RESTREPO, N. Colombia: Entre los vaivenes de la seguridad nacional y la seguridad ciudadana. Em: Atlas de la violencia en América Latina. Universidad Autónoma de San Luis de Potosí. San Luis de Potosí: 2018

BOLIVAR, I. Violencia y subjetividad: ¿De cuánta verdad somos capaces? Em: Debates sobre el sujeto: Perspectivas contemporáneas. Siglo del hombre editores. Bogotá: 2004.

BOTERO, C. La formación de valores en la historia de la educación colombiana. (pp. 3-24) V. 3, n.12. Revista electrónica de estudios latinoamericanos. Buenos Aires: 2005.

raízes históricas e culturais, assim como a criação de uma subcultura com formas características de religiosidade, linguagens próprias, e uma atitude desafiante da morte. Quando invertemos a expressão, invertemos sua ideia definitiva, passamos da concepção fatalista e fazemos um elogio à esperança.

CABEZUDO, A. Educación para la paz: Una construcción de la memoria, la verdad y la justicia. Desafío pedagógico de nuestro tiempo em América Latina. Vol. 48, N. 2. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, 2012.

_____,. Acerca de la identidad y la particularidad de la educación para la construcción de cultura de paz en Colombia. Em: González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

CAIRETA, M. Reflexiones sobre el encuentro nacional de educación para la paz en Colombia. Em: González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

CALDERON ROJAS, J. Etapas del conflicto armado em Colombia: Hacia el posconflicto. (pp. 227-257) n.62. Revista de estudios latinoamericanos. México DF: 2016.

CARTAGENA, C. Los estudios de la violencia en Colombia antes de la violentología. (pp.63-88) V. 17, n. 1. Diálogos Revista electrónica de historia. San Pedro de Montes de Oca: 2016.

CASAS-CASAS, A. ¿Cambiando mentes? La educación para la paz en perspectiva analítica. Em Las Prácticas de la resolución de conflictos en América Latina. Universidad de Deusto, Bilbao: 2008.

COMINS MINGOL, I. La ética del cuidado como educación para la paz. Tesis de doutorado Universitat Jaume I, Castellón, 2003.

CRUZ, J. Los estudios de paz latinoamericanos en la encrucijada. (pp.9-21) Revista CoPaLa, Bogotá: 2018.

CRUZ, J. e FONTAN, V. Una mirada subalterna y desde abajo de la cultura de paz, (pp. 135-152). Vol. 10 No. 2. Ra Ximhai, El Fuerte: 2014.

DE ALMEIDA, ST. Poder, controle e violência em Norbert Elias. XII Simposio internacional O processo civilizador, 2009.

DE GREIFF, P. Una concepción normativa de la justicia transicional. Em Rangel A ed. Justicia y paz. ¿Cuál es el precio que debemos pagar? Intermedio, Bogotá: 2009.

DE PAZ ABRIL, D. **Escuelas y educación para la ciudadanía global. Una mirada transformadora.** Barcelona: Intermón Oxfam, 2007.

DE SOUSA SANTOS, B. **A Crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, ed, 2013.

_____, Seis razões para pensar. N. 54. Revista Luna Nova, 2002.

DELORS, J. Los cuatro pilares de la educación, em: La educación encierra un tesoro. (pp. 91-103) Informe de la Unesco de la Comisión internacional sobre la educación para el siglo XXI. Recuperado de: http://uom.uib.cat/digitalAssets/221/221918_9.pdf. 1996.

DUARTE VILLA, R e DE SOUSA PIMENTA, M. A Longa paz na América do Sul: questionamentos as teses da paz negativa da região. Vol. 21. No. 2. Julio -Diciembre, pp. 435-468. Papiro Político, 2016.

ELIAS, N. Civilización y violencia. Em: Revista Española de Investigaciones Sociológicas REIS, No. 65. CIS. Madrid: 1994.

_____, **Mi trayectoria individual**. Península. Barcelona: 1995.

_____, **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____, **El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas e psicogenéticas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

FERREIRA CARNEIRO, D. Norbet Elias e a historia da violencia no Brasil. V. 19 No. 34. Uberlandia: Art. Cultura, 2017.

FISAS, V. **Introducción al estudio de la paz y los conflictos**. Barcelona: Lerna, 1987.

FOLADORI, H. Las Caras de la violencia. Vol. VI No. 17, Julio-Diciembre. Revista mexicana de orientación educativa. México D.F: 2009.

FRANCO, S. Momento y contexto de la violencia en Colombia. (pp. 18-36) Revista cubana de salud pública. La Habana: 2003.

FREIRE, P. **La Pedagogía del Oprimido**. México D.F: Siglo XXI Editores, 1973.

GALTUNG, J, Y HÖLVIK, T. Structural and direct violence: A note on operationalization. pp. 73-6 Journal of Peace Research 8, 1971.

GALTUNG, J. **Transcender e transformar: Uma introdução ao trabalho de conflitos**. São Paulo: Palas Athena, 2006.

_____, **Investigaciones teóricas: sociedad y cultura contemporáneas**, Madrid: Tecnos, 1995.

_____. Violence, Peace, and Peace Research. pp. 167–191. Journal of Peace Research 6, 1969.

_____, Three approaches to peace: Peacekeeping, peacemaking, peacebuilding. Volume 2, pp. 297-298. Peace, War and Defense: Essays in Peace Research, 1976.

_____, **Educación para la paz: Desafío de nuestros tiempos**. Palestra no Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Monterrey. Monterrey, 2011.

GERSON, J. La educación para la paz y la construcción de paz. Em: González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz**. Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

GOMEZ AREVALO, AP. Teoria de la educación para la paz em América Latina. Vol 1. No.3. Revista de Ciencias de la educación Academicus. Oaxacam, Mexico, 2013.

GONZALEZ, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

GUTIERREZ, F. El poema punk de los sin futuro. The lighting mind, 2016.

GUZMÁN CAMPOS, G; FALS BORDA, O; UMAÑA LUNA, E. **La Violencia en Colombia. Vol. I.** Bogotá: Taurus, 2005.

HERRERA, MC; PINILLA D, A; INFANTE, R. Conflicto educativo y cultura política en Colombia. (pp. 40-49) n. 15. Revista Nómadas. Bogotá: 2001.

HUESO GARCÍA, V. (2000). Johan Galtung. La transformación de los conflictos por medios pacíficos. pp. 125-159. Cuadernos de estrategia No. 111. Ministerio de defensa de España, 2000.

JARAMILLO, J. Las comisiones de estudio sobre la violencia en Colombia: tramas narrativas y ofertas de sentido temporal para comprender la violencia. (Tesis de Doctorado en Ciencias Sociales). Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, México: 2011

JARES, XR. **Educar para a paz em tempos difíceis.** São Paulo: Palas Athena, 2007.

JIMENEZ, J. **Rompecabezas de la memoria ¿Aportes a una comisión de la verdad?** Centro de memoria, paz y reconciliación. Bogotá: 2014.

KAPLAN, C, V. Las preguntas por la subjetividad social: Aportes desde Norbert Elias. Em: Simposio internacional Processo civilizador, 11. Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: 2008.

KLAINER, R. Estudio para el análisis de experiencias de Educación en Derechos Humanos en Argentina. En R. Cuéllar (Ed.) (2000). Experiencias de Educación en Derechos Humanos en América Latina. San José: LIHSSA, 2000.

LEDERACH, J. **ABC de la paz y los conflictos.** Madrid: La Catarata, 2000.

LEÓN, C; RUIZ, A. Subjetividades en los discursos gubernamentales de educación para la paz en Colombia durante el periodo de 2010-2017. Tesis de maestría, Facultad de educación. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá: 2017.

LEQUERICA, A; QUIROGA, AM. Significaciones sobre violencia y paz en niños de diferentes estratos socioeconómicos. Trabajo de grado, Facultad de psicología. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá: 2018.

MAGENDZO, A. Pensamiento e ideas-fuerza de la educación en Derechos Humanos en Iberoamérica. Recuperado de <http://unescopaz.uprrp.edu/documentos/ideasfuerza.pdf>, 2009.

MARTINEZ, C. ¿Qué es y qué supone una educación para la paz? Em: González, L. coord. **Pensar en educación para la paz. Apuestas del encuentro nacional de educación para la paz.** Agencia del gobierno de Estados Unidos para el desarrollo internacional USAID; Organización Internacional para las Migraciones OIM: 2016.

MARTÍNEZ GUZMÁN, V. Deconstruir la guerra, reconstruir la paz. Benet, V. J. Y V. Sánchez-biosca (eds.), 2001.

MONTEIRO, A; SANTI, A; AZEVEDO, NYRMA orgs. **Educação, violência e contemporaneidade**. Editora da UFF, Niterói: 2013.

MORALES, M. LÓPEZ, V. Políticas de Convivencia escolar em América Latina: Cuatro perspectivas de comprensión y acción. Archivos analíticos de políticas educativas. Universidad de San Andres e Arizona State University. Tempe, 2019.

MORENO, E. Educación, conflicto y posconflicto en Colombia. (pp. 125-142) n. 46. Revista diálogos de saberes. Bogotá: 2017.

MUÑOZ, F. **Manual de paz y conflictos**. Recuperado de: <http://wdb.ugr.es/~eirene/coleccion-eirene/manual-de-paz-y-conflictos/> 2004

NOVAES, R. Os direitos da juventude no panorama das políticas públicas no Brasil: conquistas e controvérsias. Secretaria da juventude. UNESCO, 2011.

OBREGÓN TORRES, D. Sociología: de la palabra al concepto. Una hipótesis sobre la constitución de la sociología como ciencia en Colombia. Revista Colombiana de Sociología, Bogotá: 1987. Recuperado em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/recs/article/view/8656/9300>

ORTEGA, P; HERRERA, MC. Memorias de la violencia política y formación ético-política de jóvenes y maestros en Colombia. (pp. 89-115) n. 62 Revista Colombiana de educación. Bogotá: 2012.

ORTIZ, C. Historiografía de la Violencia, (pp. 371-423). Em B. Tovar (Comp.) La historia al final del milenio. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá: 1994.

PABIS, NA; DE SOUZA MARTINS, M. Educação e diversidade cultural. Proposta Curricular de Pedagogia. Paraná: Unicentro, 2014.

PALACIOS, M. **Entre la legitimidad y la violencia en Colombia 1875-1994**. Editorial Norma, Bogotá: 2003.

_____. Una radiografía de Colombia. Em La Revista de El Espectador. Domingo 21 de septiembre. Bogotá: 2001.

PÉCAUT, D. **Guerra contra la sociedad**. Espasa Hoy. Bogotá: 2001.

PEÑARANDA, R. (2007). La guerra en papel. Balance de la producción sobre la violencia en los años noventa, (pp. 33-46). Em G. Sánchez y R. Peñaranda (Comps.), Pasado y Presente de la Violencia en Colombia. La Carreta Editores, Medellín: 2007.

PÉREZ P, T. H. Colombia: de la educación en emergencia hacia una educación para el posconflicto y la paz. V. 7, n. 2 Rev. Revista Interamericana de Investigación, Educación y pedagogía. Bogotá: 2014.

PÉREZ PÉREZ, C. Estrategias para la solución de conflictos en el aula. Año LIX. No. 218. Enero-abril, pp. 143-156. Revista española de pedagogía, 2001.

PINO A. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o brasil contemporâneo. vol. 28, n. 100. Educ. Soc. Campinas, 2007.

RAMÍREZ, W. ¿Guerra civil en Colombia? (pp. 151-163). No. 46. Análisis Político, Bogotá: 2002.

RAMOS, E. **Paz transformadora (e participativa) Teoría y método de la paz y el conflicto desde la perspectiva sociopráctica.** Recuperado em: [https://www.academia.edu/29379283/Paz Transformadora y Participativa . Teor%C3%ADa y m%C3%A9todo de la paz y el conflicto desde la perspectiva sociopr%C3%A1ctica](https://www.academia.edu/29379283/Paz_Transformadora_y_Participativa_.Teor%C3%ADa_y_m%C3%A9todo_de_la_paz_y_el_conflicto_desde_la_perspectiva_sociopr%C3%A1ctica). 2015.

REIMANN, C. Hacia la transformación de conflictos: evaluación de los enfoques recientes de gestión de conflictos. pp 2-13. Berghof Handbook for Conflict Transformation, 2000.

ROMERO, A. Prisionización: estructura y dinámica del fenómeno en cárceles estatales del sistema penal chileno. No. 24. Pp. 42-58. URVIO. Revista latinoamericana de estudios de seguridad; 2019. Recuperado em: <https://revistas.flacsoandes.edu.ec/urvio/article/view/3791/2635>

SÁNCHEZ, G. (2007). Los estudios sobre la violencia: balance y perspectivas. (pp. 17-32) Em G. Sánchez y R. Peñaranda (Comps.) Pasado y Presente de la Violencia en Colombia. La Carreta Editores, Medellín: 2007

SANDOVAL, F. Educación, paz integral, estable y duradera. Vol, 10 No. 2 pp. 115-13 Ra Ximhai, enero-junio, 2014.

SOLIS, M; MORICONI, M Coord. **Atlas de la Violencia en América Latina.** Universidad Autónoma de San Luis de Potosí. San Luis de Potosí:2018

TUVILLA, J. Educación en Derechos Humanos. En M. López Martínez (Dir.) (2004) Enciclopedia de Paz y Conflicto. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2004.

URIBE, M. Las guerras civiles y la negociación política: Colombia, primera mitad del siglo XIX. No. 16. (pp.29-41). Revista de Estudios Sociales, Bogotá: 2003.

URREGO, M. A. **Intelectuales, estado y nación en Colombia: de la guerra de los mil días a la constitución de 1991.** Siglo del Hombre Editores, Bogotá: 2002.

VALENCIA, I; CORREDOR, O; JIMENEZ, A; DE LOS RIOS, J; SALCEDO, L. Pedagogía, educación y paz em escenarios de posconflicto e inclusión social. (pp. 126-140) V. 3, n.13. Revista Lasallista de investigación. Antioquia: 2016.

VIDAL, C. La sociedad que aprende paz... La sociedad que enseña paz. Palabras de apertura del encuentro nacional de educación para la paz realizado el 1 y 2 de octubre de 2015.

WEBER, M. **Economía y sociedad.** México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

ZAVALETA BETANCOURT, J. Elementos para la construcción de concepto del campo de la violencia. Año 33. No. 93. Enero – Abril, pp. 151-179. Sociológica, 2018.

ZULETA, M. La violencia en Colombia. Avatares de la construcción de un objeto de estudio, (pp.54-69). Revista Nómadas. Bogotá: 2016.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ACUERDO FINAL PARA LA TERMINACIÓN DEL CONFLICTO Y LA CONSTRUCCIÓN DE UNA PAZ ESTABLE Y DURADERA. 2016. Recuperado em: https://www.jep.gov.co/Marco%20Normativo/Normativa_v2/01%20ACUERDOS/N01.pdf

Encuesta de percepción y victimización de Bogotá 2020. Cámara de Comercio de Bogotá: 2021. Recuperado em: <https://img.lalr.co/cms/2021/02/03152925/1Encuesta-Percepci%C3%B3n-Final.pdf>

Estándares básicos de competencias en Ciencias Sociales y Ciencias Naturales. Recuperado em: https://www.mineducacion.gov.co/1621/articles-116042_archivo_pdf3.pdf

La reintegración. Logros en medio de desarmes y dificultades no resueltas. II Informe de la comisión nacional de reparación y reconciliación. Bogotá: 2010. Recuperado em: <http://www.ideaspaz.org/tools/download/52283>

Informe general Centro de Memória histórica. **¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad.** Bogotá:2013. Recuperado em: <https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll2/id/37/>

Rompecabezas de la memoria ¿Aportes a una comisión de la verdad? Centro de Memoria Paz y reconciliación. Bogotá: 2014.

FARC-EP (2019). Anuncio de continuación de la lucha armada. Resgatado em: <https://www.youtube.com/watch?v=bomPG8jMIV4>

ONU. Declaración y Programa de Acción sobre una Cultura de Paz, Resolución 53/243, 6 de octubre de 1999

Plan Nacional Decenal de Educación 2006 – 2016. Recuperado em: [pnde 2006 2016 compendio.pdf](http://pnde.2006.2016.compendio.pdf) (plandecenal.edu.co)

PNUD. Informe sobre desarrollo humano 2005. La cooperación internacional ante una encrucijada.

UNESCO. Programa de Acción sobre una Cultura de Paz. En Cultura de Paz, n°22, 2000.

_____.Una “Cultura de paz” para América Latina. Fuentes Unesco No. 86, 1997.

JEP: 6402 falsos positivos entre 2002-2008. Indepaz. Instituto de estudios para el desarrollo y la paz: 2020. Recuperado em: <http://www.indepaz.org.co/jep-6-402-falsos-positivos-entre-2002-2008/>

La Pandemia antes del covid 19. Violencias hacia las mujeres y niñas en Colombia durante 2019 y 2020. Boletín No.22. Diakonia y Corporación Sisma Mujer: 2020. Recuperado em: <https://www.sismamujer.org/wp-content/uploads/2021/01/Boleti%CC%81n-22-3.pdf>

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

CONSTITUCION POLITICA DE COLOMBIA, 1991. Recuperado em:
<https://www.corteconstitucional.gov.co/inicio/Constitucion%20politica%20de%20Colombia.pdf>

DECRETO 1860 DE AGOSTO 3 DE 1994. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL DE COLOMBIA. Recuperado em:
https://www.mineduccion.gov.co/1621/articles-86240_archivo_pdf.pdf

RESOLUCIÓN NÚMERO 4210 DE 12 DE SEPTIEMBRE DE 1996. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL DE EDUCACIÓN DE COLOMBIA. Recuperado em:
<https://www.mineduccion.gov.co/1759/w3-article-96032.html?noredirect=1>

LEY 975 DE 2005. FISCALIA GENERAL DE LA NACION. RELATORIA UNIDAD DE JUSTICIA Y PAZ. Recuperado em: <https://www.fiscalia.gov.co/colombia/wp-content/uploads/2013/04/Ley-975-del-25-de-julio-de-2005-concordada-con-decretos-y-sentencias-de-constitucionalidad.pdf>

Ley de víctimas y restitución de tierras. Recuperado em:
http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/descargas/ley_victimas/ley_victimas_completa_web.pdf

RESOLUCIÓN NÚMERO 00001058 DE 2010. MINISTERIO DE PROTECCIÓN SOCIAL. Recuperado em:
https://issuu.com/scpbogota/docs/resolucion_1058_servicio_social_obligatorio

REFERÊNCIAS JORNALÍSTICAS

El proceso de paz con las FARC-EP. CIDOB. Barcelona Centre for International Affairs. Recuperado em:
https://www.cidob.org/es/publicaciones/documentacion/dossiers/dossier_proceso_de_paz_en_colombia/dossier_proceso_de_paz_en_colombia/el_proceso_de_paz_con_las_farc_ep

La desmovilización: el proceso de paz (2003-2006). Verdad abierta.com. 11 de enero 2008. Recuperado em:
<https://verdadabierta.com/periodo4/#:~:text=Las%20desmovilizaciones%20de%20las%20autodefensas,integrantes%20de%20los%20grupos%20irregulares.>

Las estrategias que marcaron el ocaso del grupo guerrillero. Diario El Tiempo. 26 de septiembre de 2016. Recuperado em: <https://www.eltiempo.com/politica/proceso-de-paz/plan-colombia-y-plan-patriota-49654#:~:text=El%20Plan%20Patriota%2C%20que%20inici%C3%B3,la%20influencia%20de%20esta%20guerrilla.>

A fin de año, más de 1,8 millones de venezolanos estarían en Colombia. Diario El Tiempo. 15 de septiembre de 2019. Recuperado em:
<https://www.eltiempo.com/politica/gobierno/mas-de-1-8-millones-de-venezolanos-podrian-estar-en-colombia-a-finales-de-2019-412468>

Migrantes venezolanos en Colombia: qué derechos tendrán cuando regularicen su situación. BBC Mundo. 11 de febrero de 2021. Recuperado em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56019820>

Corte Suprema adelanta 28 procesos contra Álvaro Uribe. RCN Radio. 20 de febrero de 2018. Recuperado em: <https://www.rcnradio.com/judicial/corte-suprema-adelanta-28-procesos-contralvaro-uribe>

GUTIERREZ, J. ¿Venezolanos son los responsables del aumento del crimen en Colombia? Efecto Cocuyo, 27 de noviembre de 2020. Recuperado em: <https://efectococuyo.com/cocuyo-chequea/venezolanos-crimen-colombia/>

Líderes sociales, defensores de dd.hh y firmantes de acuerdo asesinados en 2021. Indepaz. Instituto de estudios para el desarrollo y la paz: 2021. Recuperado em: <http://www.indepaz.org.co/lideres-sociales-y-defensores-de-derechos-humanos-asesinados-en-2021/>

Son 34. Política y sociedad. Universidad de los Andes: 2019. Recuperado em: <https://cerosetenta.uniandes.edu.co/son-34-muertes-esmad/>

Segunda noche de protestas en Colombia contra la brutalidad policial. France 24. 11 de septiembre de 2020. Recuperado em: <https://www.france24.com/es/20200911-segunda-noche-de-protestas-en-colombia-contrala-brutalidad-policial>

Advierten sobre resurgimiento de las guerrillas EPL en Colombia. Primer Informe. Octubre de 2020. Recuperado em: <https://primerinforme.com/2020/10/16/advierten-sobre-resurgimiento-de-las-guerrillas-epl-en-colombia/>

Etiqueta M-19. Centro Nacional de Memoria Histórica. Recuperado em: <https://centrodehistoriahistorica.gov.co/tag/m19/#:~:text=El%209%20de%20marzo%20de,el%20gobierno%20de%20Virgilio%20Barco.>

La tasa de homicidios en Colombia según los datos es la más baja de los últimos 44 años. Asuntos: Legales. Marzo del 2020. Recuperado em: <https://www.asuntoslegales.com.co/consumidor/la-tasa-de-homicidios-en-colombia-segun-unos-datos-es-la-mas-baja-de-los-ultimos-44-anos-2980186>

La violencia intrafamiliar en Colombia. Una pandemia silenciosa. ACIS. Asociación Colombiana de Ingenieros de Sistemas: 2020. Recuperado em: <https://acis.org.co/portal/content/noticiasdeinteres/la-violencia-intrafamiliar-en-colombia-una-pandemia-silenciosa>

ANEXO A – INSTRUMENTOS DE PESQUISA**DADOS DEMOGRÁFICOS / PARTICIPANTES RODAS DE CONVERSA**

Edad: _____

Estrato socioeconómico: _____

Género: Femenino __ Masculino __ Otro __ ¿Cuál? _____

Se reconoce como: Indígena __ Rom __ Raizal __ Negro, mulato, afrocolombiano __ Ninguno de los anteriores __

Profesa alguna religión: Sí __ No __ ¿Cuál? _____

Desenvuelve algún tipo de actividad económica: Sí __ No __ ¿Cuál? _____

Observaciones: _____

IMAGENS RODAS DE CONVERSA

		
<p>NOS RESERVAMOS EL DERECHO DE ADMISIÓN</p>		
		
		
		

MODELO RODAS DE CONVERSA

Pensando sobre la violencia

Cierren los ojos y piensen en violencia

- ¿Podrían relacionarlo con un color, un olor un sabor...?
- ¿Qué imágenes vinieron a su mente?
- ¿Qué sensaciones les produce?

Conceptualicemos

- ¿Qué es la violencia? (Lluvia de ideas)
- ¿Qué tipo de manifestaciones violentas encontramos en nuestro entorno?

Más allá de la violencia directa

Se presentarán una serie de imágenes, entre ellas, algunas que representen otros tipos de violencia (Estructural y cultural)

- ¿Qué sensaciones les producen las imágenes?
- ¿Les parecen familiares esas escenas? ¿Dónde las han visto?
- ¿Considera que algunas tienen elementos violentos? ¿Cuáles? ¿De qué tipo?

Conflicto

- ¿Qué es un conflicto? (Lluvia de ideas)
- ¿Pueden ser evitados o resueltos?
- ¿De qué forma pueden ser resueltos?

Justicia

- ¿Qué es justicia? (Lluvia de ideas)
- ¿Quién representa la justicia en los diferentes niveles? ¿En qué casos debe actuar? ¿De qué forma?

Paz

Cierren los ojos y piensen en paz

- ¿Podrían relacionarlo con un color, un olor un sabor...?
- ¿Qué imágenes vinieron a su mente?
- ¿Qué sensaciones les produce?

Conceptualicemos

- ¿Qué es la paz? (Lluvia de ideas)
- ¿Cuáles espacios identifican como más pacíficos?
- ¿Cuáles espacios reconocen como más abiertos y respetuosos por las diferencias?
- ¿Conocen procesos, iniciativas, proyectos o manifestaciones de paz? ¿De qué tipo?

Expectativas y aportes:

- ¿Consideran importante reflexionar sobre temas de violencia y paz?
- ¿De qué forma abordarían el tema? ¿Qué tipo de actividades? ¿En qué espacios? ¿Con la participación de quién?
- ¿Qué elementos consideran indispensables para la construcción de una cultura de paz?
- ¿Cómo aportarían su “granito de arena” a la construcción de sociedades más pacíficas?

MODELO DE ENTREVISTA

Sintiendo

¿Ha sido testigo de algún tipo de acto violento? ¿Podría contarnos?

¿Cree que pudo haberlo evitado? ¿De qué forma?

¿Existen lugares en los que se sienta más propenso a ser víctima de violencia que en otros? ¿En cuáles? ¿Por qué?

¿Ha sido víctima de algún tipo de violencia?

¿Quién la ejerció?

¿Cuál cree que era el objetivo o la intención de esa persona?

Ejerciendo

En términos generales, ¿Se considera una persona violenta?

¿Ha ejercido algún tipo de violencia frente a otro ser vivo? ¿De qué forma?

¿Qué pretendía con ese acto?

¿Cómo cree que pudo haberlo evitado?

Si pudiera devolver el tiempo... ¿Qué hubiera hecho diferente?

Conflictos cotidianos

¿Qué tipo de conflictos se presentan en su día a día?

¿Intenta resolverlos? ¿Cómo?

¿Intenta resolverlos solo o busca ayuda? ¿Qué tipo de ayuda? ¿De quién o de qué?

¿Cuáles de sus características o capacidades cree que le permiten resolver de mejor forma los conflictos cotidianos?

¿Cuál cree que es la forma ideal de resolver los conflictos del día a día?

¿Cuál cree que es el papel de la escuela en ese proceso?

ANEXO B – TABLA CATEGORIAS E TRANSCRIPCIONES

Género	Midia	Venezuela	Desigualdad Pobreza y violencia	Conflicto Armado	Edu-Paz	Política y participación política	Otros:
Liceo Fesan							
<p>--- En la imagen que yo tengo vemos que lo que ha pasado. El señalar a la mujer por su vestimenta y callarla. Que no tenga el derecho sobre sí misma, y esto hace que... Las mujeres también pueden tener un punto de vista sobre todo lo que está pasando y ellas también pueden tener su poder de decir y decidir qué es lo que eligen y qué es lo correcto para hacer. Entonces en nuestra sociedad todavía existen los señalamientos y la desigualdad sobre este género.</p> <p>--- La mía tiene un estereotipo, de cómo la sociedad dice que tiene que ser la mujer. -11 reglas para mantener a tu marido feliz-. Y es algo como muy</p>	<p>Digamos que nosotros los colombianos no es que seamos intolerantes, lo que pasa es que nosotros tenemos unos medios de comunicación amarillistas también. El día que nosotros no escuchamos violencia decimos: Las noticias no estuvieron buenas; y resulta que no es así. Todos los países tienen violencia y quizá peor que la de nosotros</p> <p>Pues no sé si se han dado cuenta, pero de todo lo que hemos hablado, los medios de comunicación son los que tienen la principal influencia en nuestras decisiones. Y nuestro entorno, en el que crecemos, es lo que nos puede llevar a tomar una decisión. Entonces lo que dice él, si yo crecí en las afueras del</p>	<p>Es lo mismo que estamos haciendo en lo de los países. Por ejemplo, nosotros decimos ayy si, lo que tenemos ahora por ejemplo con Venezuela. ¿Qué está pasando? Nosotros decimos: Bueno, ¿Qué está haciendo el gobierno? ¿Qué estamos haciendo nosotros mismos para controlar eso? Y nosotros ahora tenemos violencia y decimos: Ah no es que son los venezolanos, les echamos la culpa, y sí, en algunos casos decimos bueno, qué está pasando con la economía de todo el país, el desempleo; eso también genera violencia. Porque si el mismo gobierno no controla esa migración, pues Colombia se va a hacer internamente más violento.</p>	<p>El surgimiento de la desigualdad social que desemboca en la violencia. Aquí se nota que la sociedad marginal en base a la necesidad, desemboca en violencia para sobrevivir</p> <p>Yo tomo esa imagen como las consecuencias que trae la violencia en sí. Digamos los grupos armados, el desplazamiento, lo de Venezuela que llegan acá. Eso también genera desigualdad de derechos.</p> <p>Y al ver que es un problema social que lo generan grupos armados y todo eso, yo digo que el gobierno o la política debe recaer sobre esas personas que son afectadas. Y hay muchas veces, muchas situaciones, muchos casos que no dan una solución. Las</p>	<p>Yo recordé ahorita con los muchachos que yo estaba en 11 en un pueblo, y en ese momento la guerrilla se tomaba los pueblos. Un día cualquiera llaman, se entra la guerrilla, destruye el pueblo totalmente, eee..., ellos bombardeaban con cilindros. Muchachos que hasta ahora iniciaban su proceso en la policía... Uno salía a la calle y... A uno eso nunca se le va a olvidar, porque era joven también; entonces en ese momento uno encontraba los pedazos de policías destruidos completamente. Ellos bajaban la bandera de la policía de Colombia y subían la de ellos, izar la bandera para ellos era un honor acabar con los pueblos. Entonces en ese momento uno vivió la violencia y dice uno: es</p>	<p>Por ejemplo, en lo de la independencia, tú puedes buscar lo que no se muestra de la independencia, lo más violento. Pero tú puedes decidir si seguir con eso, como hay sí, Colombia siempre ha sido violento, y pues no podemos hacer nada al respecto porque ya tenemos esa cultura, o puedes decir no, hay que crecer, hay que cambiar. Tú decides y eso va con la paz que tú tienes interiormente.</p> <p>Yo no diría tanto como paz interior, sino un razonamiento lógico; que uno sepa si lo que estoy viendo es de un medio amarillista, si es falso, si es correcto. Yo creo que ahí deberíamos empezar para educar a la gente, a tener un pensamiento crítico.</p>	<p>Es el populismo que tienen los actores políticos con respecto a esto, que hay que ser como el cabildo, ese representante que quiere salvarlos a todos, y pues, esto en ciertos aspectos es bueno porque las personas tienen un representante importante, pero el problema es que eso también puede desembocar en más violencia</p> <p>y, por ejemplo, Jorge Eliecer Gaitán, él era un caudillo importante, pero entonces quiso que si lo mataran, vengaran su muerte; entonces me parece un poco contradictorio que el mero hecho de que se quiera paz, se quiera un cambio, pero se quiera que venga su muerte.</p>	<p>No soy racista, pero...</p> <p>En general se dice: Yo no soy ... algo, pero ... Eso de por si hace que seas machista, que seas lo que sea, porque si tienes un "pero" significa que tienes algo en común o tienes algo de lo que propone el machismo, lo consideras bueno.</p> <p>Por ejemplo: Yo no soy homofóbico, pero no me gusta que dos mujeres se besen en la calle, eso es homofóbico. Pero la gente piensa que por decir que no es homofóbico deja de ser homofóbico, aunque esté diciendo algo que afecta. Eso es un tipo de violencia social.</p> <p>Conf. Intergeneracional</p> <p>--Es algo que con el tiempo se ha intentado sacar, como esa concepción tan conservadora que se ha tenido a lo largo del tiempo, pero ha sido muy complicado porque muchas personas ya</p>

<p>estúpido, es decir, tienes que hacer esto que está bien, no puedes hacer nada más aparte de esto; y si no lo haces no eres una mujer buena.</p> <p>-No hay una forma de ser mujer, no hay una forma de ser hombre.</p> <p>De hecho, el mismo concepto de hombre y mujer es un error, de una imposición social.</p> <p>Pero a fin de cuentas lo que nos muestra esa novela, fue que tuvo que cambiar su imagen para ser aceptada por el hombre que amaba. Ya es algo muy normalizado en la sociedad colombiana, porque es una novela que ven niños, que veíamos, que vemos, y que tal vez, seguirán viendo, y es algo que ya se normalizó mucho, y lo hacen ver que tiene que ser así para que sea correcto.</p> <p>Esta novela se parece mucho a la que era de Argentina, y dese cuenta que nosotros nos apropiamos de eso. Y a los niños sí que les gustaba esa canción.</p>	<p>país y vi que el M-19 hacía cosas buenas por nosotros, pues obviamente voy a tener una buena opinión. Pero si yo me quedo en lo que muestran los medios, de que el palacio, de que todas las muertes, pues probablemente voy a tener esas ganas de venganza, por así decirlo, y de hacer justicia por mano propia. Porque son los medios de comunicación los que nos hacen como ver un punto específico, y es el punto que ellos quieren hacer ver, no lo que se debe mostrar.</p> <p>Es que los medios de comunicación tienen un gran poder que a veces la gente ignora, y ahorita se está diversificando. Ahorita la gente no se informa por noticias por el televisor, sino por Facebook y otros medios digitales.</p> <p>El problema es que nosotros adquirimos una información que fue puesta desde un contexto, y nosotros la interpretamos desde el contexto en el que</p>	<p>Hace unos días había unas colas interminables para empleo que hicieron en Corferias, y uno decía: La mayoría de empleos fueron para venezolanos, y qué pasa con la gente colombiana. Hay mucha gente que está... Nosotros veíamos por ejemplo anoche en la guajira tienen campamentos de todos los venezolanos, y qué pasa con los niños de la Guajira que se están muriendo de hambre. Entonces todo eso es lo que genera internamente también violencia.</p> <p>Sí, nosotros le echamos la culpa de la violencia a la guerrilla y la violencia no es únicamente de ellos, es de nosotros mismos también.</p> <p>Bueno, la xenofobia es como hemos visto, otra forma de discriminación.</p> <p>-Más como en Estados Unidos, -No, como en Europa -Con los africanos -Con los árabes</p>	<p>dejan ahí en vano, en la calle.</p> <p>Igual ahí se ve la desigualdad, una familia viviendo en un basurero. Y de por sí eso ya conlleva a que sea discriminada, excluida o marginada de una sociedad, porque no tiene recursos o está en extrema pobreza.</p> <p>Lo que pasa es que acá en Colombia hay mucha diferencia de clases sociales. Y nosotros como sociedad vemos muy normal ver a una señora en la calle con un niño pidiendo monedas. Lo vemos muy normal, puede que le demos la moneda, pero no buscamos la manera de decirle mira: puedes venir a esto para que te ayuden, para que te den comida, podemos darles ropa que ya no utilizamos... Muchos beneficios que poderlos darles a ellos; pero nosotros como sociedad lo vemos muy normal.</p> <p>El problema de la marginalidad es la facilidad como estas</p>	<p>que en ese momento le echamos la culpa al gobierno, pero el gobierno... Sí, de todas maneras, en algunos momentos tienen culpa, pero en otros momentos somos nosotros mismos, el pueblo. Nosotros empezamos desde la casa, si no hay tolerancia, si no hay respeto, si no hay valores, pues nos va a dar lo mismo. Y nosotros vemos y... en la actualidad hay muchachos que todavía de pronto les gusta ver pelear a otros, les place ver pelear a otros. Entonces si nosotros motivamos a eso, la violencia somos nosotros mismos, y nosotros tenemos que empezar desde el interior, desde tener paz conmigo mismo, de no estar pendiente del otro, de hablar del otro, de criticar lo que hace mal el otro.</p> <p>Por ejemplo, la razón de ser de las guerrillas, la razón de ser de los paramilitares, o sea, todo eso tiene un motivo, tiene un conflicto surgente de una necesidad que se</p>	<p>Nos han vendido mucho el cuento de que para lograr un cambio hay que hacer muchas cosas grandes, hay que llegar al poder; pero no nos damos cuenta que con nuestras acciones del día a día también lo podemos hacer. O sea. No sé, con el simple hecho de que no me gustan las ideas de Villalba, entonces voy a pegarle. Sino de que voy a llegar a un acuerdo.</p> <p>Y es también como el ambiente en que nos criamos. Si vemos que mi compañero es así, no vamos a olvidarlo, a dejarlo, sino que vamos ayudarlo para que mejore.</p> <p>En general Latinoamérica, el problema que tiene no es solo la diferencia política, como las diferencias sociales y culturales; sino es la imposibilidad de un manejo correcto del dialogo y de lo que es un conflicto sin llegar a una violencia, que es</p>	<p>Y aquí por ejemplo respecto a un líder social, que es una persona del común, que quiere hacer algo en pro de la comunidad, y si hace bien esa acción, la misma comunidad, no importa que maten al líder social -que es una pérdida importante para la comunidad-, esa comunidad va a seguir por el mismo camino del cambio. Entonces la gracia no es tomar como un cabildo, o una persona que diga que yo los voy a salvar de todo; sino que la misma comunidad intente salvarse, o sea, que cada uno intente hacer algo, no que todo se lo dejamos a él.</p> <p>Yo creo que algo por lo que nos destacamos los colombianos es porque criticamos mucho pero no tratamos de hacer algo al respecto. O sea, no buscamos una solución, sino que criticamos para que otros busquen una solución.</p> <p>Lo que pasa es que nuestra sociedad es un poco cobarde también, porque nos quedamos</p>	<p>tienen ese concepto, entonces se queda muy arraigado.</p> <p>--No están dispuestos a escuchar nuevas ideas, y no te escuchan, van a decir que tú no sabes nada...</p> <p>--Tienen una perspectiva acerca de dichos conceptos</p> <p>Música:</p> <p>yo pensaba, por ejemplo, la música del reggaetón, diferentes tipos de música que denigran a la mujer, y usted ve en un concierto las mujeres se enloquecen cantando esa música, sabiendo que la están maltratando. Y uno no escucha tanto a los hombres, cantar esas canciones de esas personas que denigran tanto a la mujer. Entonces nosotras decimos bueno, la violencia, me gusta que hablen mal de mí, me gusta que me digan cosas inadecuadas; entonces uno dice bueno, yo exijo el respeto; pero ¿cómo de doy a respetar? Nosotros tenemos que saber, ser conscientes, pensar en lo que estamos expresando, en lo que estamos diciendo. La música la cantan las niñas a voz populi, pero no se han sentado a decir: Oiga cómo es que me están diciendo tanta grosería, me están maltratando tanto... y</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>Por ejemplo, la violencia está en la música también. Y resulta que las niñas les cantaban esa música a las otras niñas y despreciaban a las niñas.</p> <p>Digamos que nosotros los colombianos nos apropiamos de esas cosas que son tan banas y que miramos a ver como discriminamos al otro.</p> <p>Pero yo creo que esto ha venido desde siempre, la cultura de decir que las mujeres son delicadas, tiene que ser así, tal cosa. Y nosotros somos "la generación que va a cambiar el futuro", nosotros tenemos que empezar a cambiar esas ideas, a no influir en estereotipos: -Tú tienes que plancharte el cabello, -Tú tienes que maquillarte para verte bonita. Uno tiene que sentirse bien consigo misma para mostrar el bienestar a los demás, si uno no está bien consigo misma, obviamente las otras personas van a recaer en ti y van a sentir tu energía, por decirlo así.</p>	<p>nacimos, crecimos y de donde somos. Nosotros podemos hablar desde el contexto histórico que nosotros podemos dar sin haber vivido la violencia, por ejemplo, como la profesora</p> <p>Las noticias también nos distraen de todo lo que está pasando realmente, y nosotros como sociedades, podemos llegar a ser ignorantes, nos falta es como cultura y educación.</p> <p>Sí, me parece una falta de criterio; porque respecto a los medios de comunicación: En esta época es masiva, entonces muchas personas son influenciadas a eso. Y lo que decía mi compañera, deciden que mostrarnos a cada uno. Porque seamos sinceros, si investigamos más a fondo, nos damos cuenta que lo que vemos es la respectiva que ellos deciden, no la que nosotros queramos; de por sí no gozamos de un libre albedrío con respecto a la tecnología; entonces pues en Colombia se ve</p>	<p>O sea, por ejemplo, con los venezolanos. Yo creo que el gobierno y los medios de comunicación se han encargado de que los colombianos le cojan cierto odio o fastidio a los venezolanos, por lo que dijo la profesora ahorita: que más trabajo para los venezolanos.</p> <p>Yo creo que eso es un poco racista porque los trabajos están ahí y esos trabajos son para quien los quiera y que los busque. Y si es apto pues bueno, chévere, pero si no es apto ...</p> <p>No, porque lo que pasa es que hubo muchos años en los que el desempleo fue alto porcentaje y ¿cuándo un presidente hizo una marcha o eso que está haciendo eso con los venezolanos? -No, sí, eso lo hacen- Lo que pasa es que ahorita el presidente se está centrando más en la sociedad que está llegando, los venezolanos, que en los colombianos. Y le están prestando más beneficios a ellos que a esos beneficios que les</p>	<p>personas pueden ser manipuladas y conducidas a hacer malos actos y malas decisiones en torno de una posibilidad de cambiar.</p> <p>La gran mayoría de personas reclutadas en una guerrilla, probablemente ni siquiera entiendan el concepto de guerrilla, o por lo que están peleando, a ellos les hicieron pensar que es una forma de salir de la marginalidad.</p> <p>Las personas que nacen en condición de pobreza, piensan que cuando llega un ente, sea malo o bueno, porque ellos no saben distinguir lo malo, o sea... una persona que les diga que los puede sacar de la pobreza; ellos no van a entender, no van a ponerse a pensar si lo que están haciendo está bien, si lo que les propone estos entes es bueno o no, sino que están pensando en los beneficios que pueda llevar tener o contribuir a esta causa de los entes.</p>	<p>quiere suplir, o de la falta de algo que se cree necesario. Por ejemplo, poder, comida, que el gobierno haga más intervenciones con los campesinos...</p> <p>Digamos en los puntos del acuerdo de paz, hay un punto dedicado exclusivamente para el campo, y se centra en un desarrollo estructural y todo. Y haz de cuenta, ¿Eso por qué tiene que estar ahí? Uno se pregunta, y te das cuenta que ellos peleaban era por eso, porque los campesinos tuvieran sus derechos, tuvieran todo en sus buenas condiciones; porque antes... bueno, ahora también, el campo está básicamente abandonado; el campesino no puede competir con las grandes multinacionales. O sea, básicamente la guerrilla tiene como motivo eso, y uno básicamente lo ignora.</p> <p>El problema de esas guerrillas es que cuando fueron creadas</p>	<p>creo que en lo que fallan en la mayoría de países, que es la razón por la que los conflictos llegan a ser armados y por lo que se desemboca tanta muerte, tantos homicidios, es por lo que no se saben controlar las cosas desde un conflicto positivo que se manejaría mediante el dialogo.</p> <p>Yo creo que también depende mucho del factor educativo, de las instituciones como colegios y universidades sobre el tema de la violencia. O sea, si es algo que se aborda o básicamente no se tiene en cuenta.</p> <p>Quería retomar el punto de lo que decía mi compañera, el punto de cómo históricamente uno vive la violencia, y pues quería hacer énfasis en dos factores:</p> <p>-En Colombia la violencia es parte de una tendencia histórica. Ya hemos habituado tanto el conflicto que nuestras fundaciones... el mero hecho de crear</p>	<p>con lo superficial, y no tomamos por decisión propia... investigar, o tomarnos a pecho lo que está pasando en el momento, no solo en los conflictos armados, y todo eso. A nosotros nos pueden mostrar muchas cosas, pero también pueden estar confabulados para mostrar esas cosas. Digamos, los políticos quieren mostrar su lado bueno, tampoco nosotros sabemos si está haciendo algo malo en el momento.</p> <p>La gente cuando está en ese tipo de necesidad no piensa qué es correcto y qué es malo. Sino que piensa en salir de ahí. Por ejemplo, cuando los políticos están haciendo campaña y le ofrecen plata por votos, la gente que está sufriendo hambre no se va a poner a pensar en el mañana sino qué puede comer ese día. Pero no debería ser así.</p>	<p>nosotros alabamos a esos cantantes.</p> <p>Lo que pasa es que eso ya se hace como normal en nosotros, es un problema. Pero también es la forma como nos hacen ver las cosas. Digamos en una canción de reggaetón que tenga esas letras, uno no se pone a analizar la letra, sino uno solamente la disfruta; eso es un problema, pero también lo hace ver normal ese tipo de producción. O sea, no toda la música es fea, no todo el reggaetón es feo, pero nosotros lo hacemos ver normal, porque si vemos, con el paso del tiempo, todo tipo de reggaetón tiene letra fea, pero pues es chévere, y esa es la manera, hacen ver que el reggaetón es chévere para ganar ese beneficio ellos.</p> <p>Ya que no está la profesora. La verdad no lo quería decir porque no sé, no quería decir eso. Creo que el concepto que ella uso es muy feminista, ya que ella dijo que el reggaetón básicamente ofende el concepto que se tiene de una mujer, no sé, al hablar de una manera extrovertida y eso. Pero yo personalmente, creo y considero que no tiene que ser así, eso depende del</p>
---	--	---	--	---	---	---	---

<p>No solo las mujeres, también a muchos hombres. Si visten rosado son gays, si caminan de cierta forma también tienen que ser así. Y son ciertos miedos que se les han enseñado a las personas, de tener que ser de una forma para formar parte de la sociedad</p> <p>Y yo creo que las mismas mujeres crean estereotipos entre mujeres y los mismos hombres entre los hombres. Digamos la fuerza de las mujeres no es la misma que la de los hombres, y bueno sí, se tiene el concepto biológico que es verdad, pero las mujeres tienden a decir: Yo no puedo hacer esto entonces hazlo tu porque tú eres hombre y tú puedes.</p> <p>Pero feminista no es algo malo, o bueno, no como se tiene pensado, planeado y como son las bases, no es algo malo. El problema es cuando tergiversamos el concepto de feminismo con las mujeres que se pintan</p>	<p>muy relevante eso, la ignorancia y la falta de carácter con respecto a muchos temas.</p> <p>Igual yo creo que es como tu tomes cada noticia, o sea, tu puedes verla y tu puedes investigar sobre eso, pero es mas como tu la tomes.</p> <p>Yo creo que todos deberíamos entender, saber la historia de todos, como implementar un razonamiento para todo lo que hagamos y saber todo. Por ejemplo, respecto a cómo se formó Colombia, deberíamos saber qué fue lo malo y lo bueno, y tu tomar la decisión de con qué quedarte; no solamente lo bueno, no solamente los medios de comunicación, sino tú también informarte, y con esa información tu formarte para bien, para fomentar la paz.</p>	<p>hacen falta a los colombianos. Y no es malo, o sea, no es malo que quieran ayudar a gente externa del país, pero nos están quitando beneficios, y pues los venezolanos tienen el... tienen los mismos derechos que los venezolanos, pero se está mostrando que hay preferencia por ellos cuando por los colombianos no se está haciendo lo mismo.</p> <p>Obviamente el hecho de que el gobierno se preocupe por los venezolanos, no solo por el hecho de que sean venezolanos sino por un trasfondo internacional. Porque estas noticias que estamos viendo de "apoyo a los venezolanos" en el exterior lo muestran el doble, porque eso beneficia al país. Parece que el gobierno se interesara más por la visión que tiene el mundo del país que por arreglar la situación del país.</p> <p>Ese es el problema, el problema es cuando nosotros tenemos un problema social</p>	<p>Para buscar su bienestar.</p> <p>Sí, con tal de salir de ese entorno, ellos se arreglan a lo que sea, cualquier opción de salir de esa pobreza inminente.</p> <p>Yo diría que es en sí el instinto de supervivencia, salir de ahí y cambiar de vida, no se toman buenas decisiones.</p> <p>Y pues las decisiones ahí no se toman porque sean buenas o malas, de ahí surge también el crimen. Son personas pobres que buscan... tienen necesidades.</p> <p>Pero eso no pasa siempre, o sea, esas personas sí saben lo que están haciendo. Por ejemplo, si la mafia o la guerrilla los invita, obviamente si saben que van a poder matar, que van a poder hacer un montón de males a las personas y a la sociedad a futuro, pero yo pienso que más que en ese momento poder comer, es como salir de la pobreza del modo mas fácil.</p>	<p>tenían una razón de ser, esa razón ha sido tergiversada en diferentes motivos. Porque ellos estaban peleando por unos ideales que se fueron transformando en otra cosa. O sea, se fue transformando esa necesidad, no porque se haya acabado esa necesidad sino porque ellos encontraron otra necesidad, otro trasfondo de hacer las cosas. Por ejemplo, las rutas del narcotráfico. ¿Qué tiene que ver eso con los campesinos y con los derechos de los campesinos? Nada. Pero ellos tenían ese trasfondo por debajo, la necesidad del control del poder, y con una imagen que sea positiva, no solo para reclutar más personas, sino para hacerse como algo diferente.</p> <p>Es básicamente lo que hizo el gobierno Santos, que mostró, y se trató de demostrar los procesos de paz; eso fue noticias internacionales, amarillistas internacionales que utilizaron no solo para darle crédito a un</p>	<p>algo lleva mucha guerra. Por ejemplo, para fundar nuestra nación hubo varios factores de conflicto, y había intereses políticos que se conflictuaban. Por ejemplo, la guerra de los mil días, el frente nacional. Todos esos fueron factores que no normalizaron, sino que regularon, que dijeron que los colombianos podíamos ser violentos.</p> <p>De hecho, hay una concepción social de que si usted no está de acuerdo conmigo tenemos que irnos a los golpes, o yo soy más barón que usted. Y pues la única manera de evitar eso es educando a la gente; ahí ya veríamos las soluciones que serían intervenciones educativas o planes de acción para abordar esas problemáticas.</p> <p>Yo creo que eso ha cambiado ya con el tiempo y la implementación de la educación para la paz, con la implementación de diálogos, con la implementación de investigaciones acerca</p>	<p>punto de vista de la persona que lo analice, porque si todas las mujeres tuvieran ese estereotipo, no existirían cantantes mujeres de reggaetón que puede que hablen igual o utilicen diferentes expresiones, pero al fin y al cabo llegan al mismo punto. O sea, creo que ese es un estereotipo más que se está creando en la sociedad.</p> <p>Libertad de expresión o vandalismo</p> <p>Esa persona quería manifestar algo por medio de un arte, por medio de un muro, y le están vulnerando un derecho por el mero hecho de borrar el muro.</p> <p>Lo que yo pienso sobre el grafitero es que bueno, si el muro es público, por lo tanto, le pertenece al Estado y es de todos, pero si tu estás digamos manchando un muro, sería vandalismo, y ya estaría quitando un derecho.</p> <p>Es que lo que importa es en dónde y qué es el grafiti, porque hay muchos grafitis que son un rallón diciendo un nombre; en cambio hay otros que piden permiso en las paredes, son un dibujo que tiene que ver con una crítica social o algo así, que principalmente es de lo que</p>
--	--	--	---	--	---	--

<p>de verde y salen desnudas a correr por la calle. Eso no es feminismo. No es feminismo la mujer que dice: Yo odio a los hombres. Eso es otro tipo de violencia utilizada de fondo para supuestamente la liberación femenina, que no es cierto. Ninguna forma de odio ante el otro genero puede ser justificada para...</p> <p>O sea, es cierto que la mujer a través de los anos ha tenido una escala diferente en la sociedad a lo que era por ejemplo una mujer hace 100 anos era dedicada a tener niños, a cuidar la casa, no sé qué. Cuando la sociedad se da cuenta que la mujer tiene ciertas limitaciones sociales, entonces utilizan esa razón para hacer violencia contra el otro genero con el fin de acabar con esas limitaciones sociales que no es cierto. O sea, no es necesario el odio entre géneros para destruir la limitación social, la limitación que tenemos como género que no debería existir</p>		<p>grandísimo y el gobierno utiliza otro problema social que es más amarillista, solo por quedar mejor en un sector social.</p> <p>Porque es verdad, hay muchos niños en la guajira que están sufriendo, inclusive acá en Bogotá, en ciudad bolívar que no tienen qué comer, y aun así se ha intentado mostrar más resguardos a los venezolanos. Pero esas decisiones son tomadas en torno a lo que es mejor para el país para mostrar.</p> <p>Yo quiero hablar sobre lo que dijo x, yo diría que no es culpa de los venezolanos que el gobierno le esté dando la mayoría a ellos; es culpa del gobierno, porque no sabe poner prioridades. Y bueno sí, puede que esté cambiando la imagen, pero está solo cambiando lo que dicen los demás países sobre nosotros, pero acá la desigualdad sigue igual.</p>	<p>Yo pienso que la sociedad colombiana tiende a ser más facilista, por ejemplo, la gente en condición de calle tiende a ser mas facilista en sí porque busca la primera opción que se le presente. A pesar de que sea malo, porque ya como que normalizan eso.</p> <p>Pero digamos cuando una persona de esas no tiene trabajo y llega a tu empresa y te presenta una carta. ¿Tú vas a dejarlo trabajar con esa presencia que tiene? Tú no lo vas a hacer.</p> <p>Pero es que estas personas no tienen como la facilidad o la condición de salir de la pobreza, como una forma en que se eduquen o el Estado las ayude, como educación publica gratis... En ese sentido no tienen. Y obviamente cuando no tengo esta posibilidad, no tengo más alternativas, obviamente voy a recurrir como a lo más fácil y lo mas rápido.</p>	<p>presidente y a una rama de personas que estaban con él, de un proceso histórico, dentro de un contexto histórico gigante, que fue lo que terminó con Santos con el novel.</p> <p>El M-19 tiene un fuerte contraste, ya que fue el grupo que hizo la toma del palacio de justicia, y bajo ese nombre se creó mucho dolor y mucho sufrimiento. Pero si nosotros nos vamos a las periferias del país, o en Bogotá, ciudad bolívar y que tales, podemos ver que para ellos ese grupo no es malo, los ayudaban, entonces tienen como un buen punto de referencia. Entonces esa ambigüedad de que fuimos violentos, pero hacemos algo bien y ya. Es esa ambigüedad que podemos tener con esas ideas.</p> <p>Nosotros, o pues en general yo creo que nadie de acá ha vivido como que, no sé... ver la guerrilla pasar, como que lo recluten. Digamos nosotros no tuvimos que vivir esa época de los carros bomba acá en Bogotá, y</p>	<p>del tema, de cómo nos ha afectado a nosotros, en especial a las zonas rurales y a las zonas más olvidadas de Colombia</p> <p>Yo creo que el colegio nos enseña a ser mejores personas. Ser personas críticas y constructivas para la sociedad que aporte al país la cultura que necesitamos ejercer en todos los aspectos posible que es la paz. Es la resolución de conflictos sin violencia. (E1)</p> <p>El mero hecho de educarse ya es potenciarse, porque ya tengo más herramientas. Si ya tienes las herramientas como el contexto histórico, el contexto cultural, cómo discernir, hasta lógica, entonces eso te ayuda a hacer por ejemplo una silla (usando un ejemplo), una silla bien estructurada, bien</p>	<p>se hacen los grafitis. Pero si es un rallón sin sentido es vandalismo.</p> <p>Exclusión social</p> <p>Uno ve eso por ejemplo en establecimientos más que todo, o por ejemplo en las discotecas, (en la... en la... en todo lado) Significa que las personas evalúan tu apariencia física - tu formación, tu conocimiento-, no, el contexto cultural en el que vives, y de acuerdo a eso deciden si tu entras o no tienes el derecho a estar allá. -el estatus- Por ejemplo, hay muchos bares que, si tú no te ves bien, si tú no te ves top, no entras.</p> <p>Por ejemplo, en la costa hay unos restaurantes que... Es que una vez nos pasó. Nosotros fuimos y estábamos en la playa y estábamos mojados, entonces nos dijeron: Nos reservamos el derecho de su admisión. Y no nos dejaron entrar 1. Por estar en pantaloneta y en chancas, y 2. Por estar mojados. Y entonces nos tocó buscar otro restaurante. Porque ellos consideran que andar en un día como de 30 grados centígrados en</p>
---	--	---	--	---	---	--

<p>tampoco. Es muy referente a los puntos de vista y el contexto desde el que los tomamos.</p> <p>El feminismo, es bueno en el sentido en que, si busca igualdad, y no que busca denigrar al hombre, al otro género. Porque digamos a una mujer... en muchos casos no contratan mujeres porque si quedan embarazadas tienen que pagarle la esta de maternidad. Ahí está el punto, se tienen que buscar que quiten esas cosas, que cambie esa diferencia social, no que tengan que diferenciar un homicidio o un feminicidio, cosas así, eso es sexista. ¿Porque qué diferencia hay entre matar a un hombre y matar a una mujer? No debería haber ninguna. Diferente de la licencia de maternidad de una mujer que acabó de dar a luz. ¡Un proceso biológico que casi la mata! ¿Si me entiende?</p> <p>Considero, o así lo he visto en diferentes puntos. Si yo como esposo mato a mi</p>			<p>Pero depende, porque a veces puede tener las posibilidades, pero ya se acostumbró a eso. -Ajá, eso es lo que yo digo.</p>	<p>eso hizo que nosotros tuviéramos una posición frente al contexto histórico de la violencia en Colombia. Entonces nosotros entendemos la violencia y los procesos que ha pasado Colombia, desde nuestra posición social, nuestra posición económica y cultural, que hemos vivido a través del tiempo, a través del cambio... Una persona por ejemplo que venga de un pueblo a Bogotá, que venga a hablar de sus experiencias frente a lo que ha vivido en otras partes de nuestra misma Colombia.</p> <p>Entonces estos medios de difusión como Twitter, Facebook, ellos también tienen cierto punto que hacen ver las noticias desde su punto de vista, amarillista, a favor de ellos. Por ejemplo, la información que da una persona que se nota que ha apoyado, o bueno, que se ha sabido que apoya a los paramilitares; él va a dar su versión de la historia en torno a favorecer primero a los grupos paramilitares y</p>	<p>hecha y más estética. (E2)</p> <p>Lo que pasa con la escuela y el colegio es que obvio, es un sistema que ha estado por más de 100 años, y específicamente se estableció para la revolución industrial, para que las personas trabajaran sistemáticamente y no pensarán, para que no se dieran cuenta de lo que estaban haciendo.</p> <p>Yo creo que el colegio tiene un papel muy interesante y fundamental en la sociedad, pero también la familia.</p> <p>El colegio yo lo veo más bien como donde te enseñan más a pensar y no a sistematizar y a repetir y memorizar, que son cosas que ya no se necesitan. Por ejemplo, tú ves el mundo actual y ya no se necesita memorizar una cosa porque lo puedes buscar inmediatamente en internet, y te das cuenta si es algo verídico, o es falso.</p>		<p>pantalóneta y chancas está mal. Entonces sí, ellos te juzgan, es una forma de violencia, pues una forma de violencia pasiva.</p> <p>Nos reservamos el derecho de admisión y porque eres morenito no entras</p> <p>Eso pasa porque en la costa se tiende a tener una etiqueta para todo. Los hombres tienen que ser puros machos, las mujeres tienen que ser muy femeninas, no se pueden poner ciertas cosas. Y se reservan el derecho de admisión en casi todos los restaurantes, en todos los lugares; porque no les parece que tu tienes ese color de piel, que no; o porque te vistes así, entonces no. Y por eso estoy de acuerdo con Juan, porque eso no debe pasar, porque tú tienes la libertad de vestirte como tú quieras, como tu dispongas, y reservarse el derecho de admisión, es como excluir a alguien por nada, por cuestiones de etiqueta.</p> <p>Muchas de las conversaciones u opiniones que hemos dado han sido</p>
--	--	--	--	---	---	--	---

<p>mujer yo quedo mal, si mi mujer me mata a mi yo...</p> <p>Aja, tú mal porque la provocaste a que te matara ella.</p> <p>Yo creo que el concepto de feminicidio se le ha dado para darle un poco más de popularidad entre la gente. Para que la gente tenga más empatía frente a eso porque ya se ha vuelto un caso que ha pasado a mayores. Yo no estoy diciendo que esté bien, pero estoy diciendo que lo hicieron para hacerlo un hecho más popular, para que la gente sienta más empatía frente a eso.</p> <p>El problema del feminicidio es que es una mujer que fue asesinada por ser mujer.</p> <p>Es que ese es el problema, un esposo mata a la mujer por un ataque de celos. Ese mismo personaje no va a hacer lo mismo con un hombre, ¿Si me entiendes?</p>				<p>desfavorecer a las FARC. Eso es igual con las personas de derecha; o las personas que piensas que la razón de ser de una guerrilla es válida, van a invalidar cualquier acción que haga el gobierno o los paramilitares a favor de hacer ver su versión de la historia como si fuera la correcta; sabiendo que por parte y parte ha sido un montón de errores, por parte y parte han tenido razones que los han llevado a acciones equivocadas. Sí, el concepto que tenemos de violencia.</p>	<p>Yo creo que el colegio tiene un papel muy importante en el conflicto, puede tanto generarlos como resolverlos. (E3)</p> <p>Yo creo que la escuela debe darte unas herramientas para resolver conflictos, más que imponerte leyes, imponerte cosas. Debe como aprender en sí en ese aspecto, mientras los estudiantes aprenden, porque... pues para crecer mediante el dialogo y la resolución de conflictos se necesitan bases que puede brindar el colegio, pero no imponerte las cosas. (E4)</p> <p>La manera en que inculcan valores. Aunque en la escuela motiven como la competencia y eso, mientras se pueda inculcar los valores necesarios para llegar a ello, al dialogo. (E5)</p>		<p>así: No es por quitarle derechos a los venezolanos, pero... No es por ser homofóbico, pero... No es por decir que el grafiti está mal, pero... O sea, nosotros tomamos la violencia y la transformamos en nuestras opiniones e ideas</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>Por ejemplo, una noticia que sea: Una mujer fue violada y fue matada, y se considera feminicidio porque la razón de que haya sido matada y violada es porque fue mujer</p> <p>Sí, es como no darles más superioridad a las mujeres que a los hombres, sino que pasó un homicidio y tiene que ser resuelto.</p> <p>Exacto, que se le dé la misma importancia, que no nos enfocemos en el nombre sino en el hecho, y cómo se hace... para la justicia, que ese hecho no sea en vano, que justicia.</p> <p>No, pero si hay distinción. Porque digamos el ejemplo más claro es cuando el marido golpea a su mujer. El tipo es un desgraciado, es una mala persona. Pero si es al revés, el hombre es un tonto porque se dejó pegar.</p>					<p>El colegio es un espacio donde tu convives con muchas personas y hace que tú tengas a abrirte a ellas, puedes formar lazos. Entonces el colegio hace eso, te hace socializar y te construye, de alguna manera te brinda principios y valores. Eso es prácticamente lo que hace el colegio. Ellos te enseñan una forma de cómo ser persona, por decirlo así, y tú miras si es correcta o no. Entonces ahí es donde influye en la manera en que tu actúes.</p> <p>Paz no va a haber si tú tienes venganza y odio dentro de ti. Debes ser una persona pacífica y tranquila contigo misma para brindar eso a la sociedad. (E6)</p>		
<p>LGBTI</p> <p>-Pero también ellos tienen que brindar que... ellos también</p>	<p>Imagen Internacional</p> <p>Porque ya Colombia de por sí, ha tenido fama de narcos, ha tenido</p>		<p>El grafiti.</p> <p>Porque normalmente ese tipo de manifestaciones</p>		<p>Educación</p> <p>Yo creo que todo tiene que ver con la educación, con la</p>		

<p>están frente a una sociedad que tiene una idea diferente respecto a ellos... Tú no puedes venir y digamos que yo venga con mi novio y me bese al frente de ellos, puede que de pronto para ellos también es mal visto, pero a mi tampoco me va a gustar que una mujer con otra mujer se bese al frente mío, porque no.</p> <p>-Es que es eso, es la capacidad que ti tienes para manejarlo para tolerarlo.</p> <p>-Si tu puedes besarte con tu novio al frente de muchas personas por qué ellos no pueden? Pero también comprendo lo que dice ella que no solo con el beso, sino decir: No, tú eres homofóbica porque me estás mirando mal, o tu eres homofóbico porque no sé qué, a pesar de que tu no seas homofóbico y simplemente no te gusta que las otras personas se besen al frente tuyo.</p> <p>Adopción de homosexuales. Toca verlo más desde esa parte.</p>	<p>fama de violencia... Y así haya pasado hace mucho tiempo, tu vas y le preguntas a un extranjero y qué dice: o narcos o café. Lo que yo pienso es que el gobierno está tratando de limpiar esa imagen como un país violento, como un país que impulsa la paz, e impulsa el apoyo a los países vecinos; aun así, la situación del país no sea favorable, optima, para hacer este tipo de cosas.</p> <p>Es que el gobierno no hace eso porque ya se sabe que como nos vemos en el exterior es muy importante, tanto en el aspecto económico como social. Entonces hace unos años la visa se eliminó en casi todos los países de Europa, por ejemplo, puedes ir a Francia y no te piden visa, y es por la imagen que hemos dado; y también en el aspecto económico hay muchas empresas, muchos inversores que quieren invertir en Colombia. Ven como una oportunidad de inversión por ejemplo el proceso de paz;</p>		<p>artísticas se ven realizadas por comunidades vulneradas o comunidades de índole... de pobres. Usualmente.</p>		<p>educación que uno recibe en el entorno social, en el colegio... Entonces eso contribuye a los factores que nos hacen pensar estos temas. Por ejemplo, mi familia es católica, pero nunca vamos a la iglesia. Y nunca he escuchado en mi casa que no puede hacer esto porque la biblia dice que está mal, jamás. Y eso ha contribuido a que yo piense diferente al resto del salón. Todo esto tiene que ver en torno a la educación que uno recibe cuando uno se está formando como persona.</p> <p>Pero yo creo que, en cierto porcentaje, no debemos cobijarnos en generalizar que la educación que nos han implantado nos va a definir. -Que es lo que tu piensas, lo que tu crees-</p> <p>-Pero uno no puede pensar la educación como lo que le dicen los padres y lo que le dice el colegio, uno puede pensar eso como el círculo del ámbito social, o sea, todo tiene que ver. Si tu estás en</p>		
---	---	--	--	--	---	--	--

<p>Digamos que eres huérfana y te adopta una pareja gay, tu en ese punto comenzarías a ver que lo normal es lo homosexual, y si ves a dos... -eso depende de los padres- eso cambiaría la idea. No estoy diciendo que esté mal, sino que como que cada uno tome las cosas.</p> <p>Pero desde ese punto de vista también estaría mal que una pareja heterosexual adopte un niño.</p> <p>Yo creo que uno tiene derecho a criticar eso si ve que la crianza de un niño llevo a un resultado negativo, o sea, -sea homosexual o no-, yo creo que todos van a un bien común que es formar mejores seres humanos, a lo cual no veo porque alguien debe oponerse a esa idea.</p>	<p>cuando se firmó el acuerdo las inversiones en Colombia aumentaron drásticamente, y fue por esa imagen que dio el gobierno.</p> <p>Lo que pasa es que los países, y sobre todo Brasil, tiene un control en los medios de comunicación, Venezuela tiene control en los medios de comunicación. Ellos no sacan todo lo que es la violencia porque ellos se cuidan internacionalmente, nosotros no. Nosotros los colombianos contamos todo, nosotros contamos y por eso tenemos una fama de narcotraficantes, fama de violadores, de todo. Y lo bonito, lo cultural, no se muestra. Se muestra todo lo que ha sido violencia como tal.</p> <p>Pero también... no hay que solo rescatar la violencia, sino también las cosas buenas que tiene cada sociedad y cada cultura de los países.</p>				<p>un salón y todos los niños están hablando de un tema y todos piensan lo mismo, eso te hace adquirir una posición frente a algo depende de eso. O sea, la educación viene de muchas partes. Son lo que forman nuestra identidad.</p> <p>De hecho, yo pienso que la educación no nos debería decir qué está mal y que no, sino darnos las herramientas para que uno pueda discernir, - que nos dé opciones-, que nos diga: ok muchachos utilicen su criterio, que nos enseñen cosas lógicas, para que veamos todo el panorama. No solo que eso está bien o está mal, sino que veamos todo el panorama que históricamente... -Pero eso también depende mucho de nosotros- Que te dé las herramientas, ya depende si tu las quieres usar o no.</p> <p>-Pero que tengas un criterio sobre esto, y no que te dejes llevar por una mayoría</p>		
---	---	--	--	--	--	--	--

	<p>, Colombia ha sufrido bastante durante todos estos años, pero no hay que quedarnos con eso, hay que explorar todas las alternativas, hay que ir más allá, hay que aprender y progresar. Tampoco quiero crear ese estigma de que Colombia es mala y no vayan. Colombia es un país hermoso, llena de gente erudita y con un sinfín de maravillas, pero hay que trabajar, todo eso es un proceso y el proceso inicia con cada uno. Los frutos se verán después, pero hay que hacer primero el proceso.</p>				<p>-Que tu puedas discernir, pero que te den las herramientas para discernir, y decir esto está bien o está mal, pero por esto, no por un ente cosmológico (...) o que esto está mal por osmosis o algo así.</p>		
					<p>Deber ser:</p> <p>-Diverso</p> <p>-Yo creo que un espacio educativo coherente sería donde tu puedas elegir qué hacer. O sea, desde nuestra infancia, desde cuando estamos pequeños, tengamos aulas, entonces puedas convivir con las personas de tu agrado. Entonces un aula de danza, un aula de matemáticas, así... Y que tu elijas a donde ir, y como cada persona está de acuerdo con tu decisión vas a sentirte</p>		

					<p>bien, y de pronto te encuentres con personas que hagan de tu ambiente ... mejor.</p> <p>-Yo no veo necesaria la idea de poner segmentos, diferentes grupos. Porque en sí eso es convivir, aceptar las ideas de las demás personas, mas no seguirlas.</p> <p>-Yo creo que en el contexto educativo, seria donde se compartan todas las ideas, pero se respeten a sí mismos, o sea, no importa lo que piense pero lo respeto.</p> <p>-Yo creo que un colegio que este educado para la paz, tiene que ser un colegio donde se de la diversidad, donde no todo tenga una uniformidad. En primera instancia podríamos entender que somos diferentes pero aún así, todos tenemos que estar juntos y estar en paz, sin importar cómo luzca la otra persona, como actúa esa persona... O sea, entender que en la sociedad hay muchas personas diversas, hay mucha diversidad en las</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>sociedades y no por eso sea malo, o no porque yo piense que sea malo o que no esta correcto, significa que lo desvalido, sino que aprendamos a manejar esas diferencias y llegar a un punto donde ya no importen esas diferencias en la educación, ni en la vida, o sea, en la sociedad como un todo.</p> <p>Es como una universidad, en la universidad se presentan diferentes personas y todo eso. Y tu aprendes a convivir con ellas, y no siempre vas a estar con las mismas personas porque vas cambiando. Y pues eso es chévere.</p>		
					<p>Aportes para una EPP:</p> <p>-Ensenar a pensar. Intentar darle las herramientas a una persona para que sea coherente con lo que piensa.</p> <p>-No solo dar los conceptos, sino las herramientas para que yo pueda distinguir si esto está bien o está mal</p> <p>-Yo creo que más que eso, no es cambiar el pensamiento de los</p>		

					<p>demás, sino comenzar con nosotros. O sea, ser nosotros los que primero cambiemos, cambiar nuestro pensamiento y estar abiertos a todas las comunidades, todo eso. Buscar las maneras correctas para solucionar los conflictos, aprender sobre el dialogo. Primero comenzando con nosotros, antes de enseñarle a los demás, sabiendo que digamos a algunos aquí no les gustan algunas cosas que... sean un poco homofóbicas, que... cosas así, que sean un poco racistas, o xenófobas, cosas así. Es como primero educarnos a nosotros mismos para poder ayudar a los demás.</p> <p>-Es como aprender a convivir, es cómo manejar todo ese tipo de diferencias para unirlos y formarnos nosotros mismos como sociedad. O sea, primero tendríamos que definir qué es una sociedad para poder formárnosla.</p> <p>-Yo creo que, para enseñar la paz, primero</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>se tienen que enseñar las consecuencias de la violencia, y cómo en el pasado afectó la violencia, las consecuencias que conlleva llevar una vida violenta en el país, como persona, como individuo; para luego entender por qué es necesaria la paz, y por qué es necesario el respeto para crecer y desarrollarse como persona de una comunidad que va hacia el futuro.</p> <p>Pero yo creo que antes que hablar de una sociedad de paz, es empezar por nosotros y aclarar nuestros principios y ver y analizar qué es lo que está bien. Y así mostrarle a los demás que actuar bien no significa complacer a todo el mundo, pero le estás brindando un bien a ellos.</p>		
ICBF							
<p>Abuso sexual. Hombres y mujeres por igual. Mujer habla, los hombres se callan.</p> <p>Las mujeres también tienen que ser felices,</p>	<p>-Una vez pasó eso, pero por racismo, un moreno iba a entrar, pero no lo dejan entrar, eso pasó hace poquito. Lo vi en noticias, en tv.</p>	<p>Cuando los echan de ... lo qué pasó en Venezuela ... por ese Maduro ... ¿Cómo se llama? ¿Emigraciones?</p> <p>V -No, pueden ser personas de cualquier</p>	<p>Desplazados. Aguantando hambre</p> <p>-No, porque los que están parados les están ofreciendo comida</p>	<p>----El tratado de paz ... pero jum...</p> <p>---- Como lo de la ONU o la OEA</p> <p>---- ¿Lo de la JEP de qué es? ¿Eso es de otra parte?</p> <p>Proceso de paz</p>	<p>-Debe haber dialogo, convivencia, amor, resolución de conflictos, la diferencia. A ellos no les importa la diferencia, a mi me molesta que me digan:</p>	<p>El hombre gordo es como el presidente, está comiéndose el mundo.</p> <p>-Prometen, pero no cumplen. Todos dicen un poco de cosas pa</p>	<p>Lo de la ciudadanía, violencia ciudadana. Que no quieren arreglar los semáforos, las calles</p> <p>-Este país es más chirri.</p>

<p>- Discriminación a la mujer - Violencia laboral- Betty</p> <p>- La están abusando y ella está callando todo</p> <p>Uno no tiene que tener reglas para tener a alguien feliz.</p> <p>Etiquetan mucho a las mujeres porque tienen que ser un tipo ... Un trofeo ... Lo que el hombre diga. – Lo que la sociedad diga, porque el machismo también se ve entre mujeres.</p> <p>Pero no es así, porque antes había más, pero ahora las mujeres se han rebelado, y hay muchas organizaciones y grupos de feminismo y todo eso.</p> <p>Ha disminuido, pero sigue existiendo.</p> <p>Ideal de la mujer según la sociedad: -Femenina -Delicada -Limpia -Pulcra -No tiene que trabajar, tiene que estar en casa y cuidar a los niños y</p>	<p>-¿No se vio esa, la de colmenares? -Sí, muchas cosas quedan impunes - O pagan para poder salir de la prisión</p> <p>-¿Se acuerda lo que le conté del violador que lo cogieron y le dieron duro? Por televisión Es que en noticias salió un señor que había violando un perrito y fue la policía y lo saco y casi lo matan.</p> <p>-Vemos televisión todo el tiempo. Novelas, noticias, caricaturas, películas en Netflix. Podemos ver casi todo. Por ejemplo, nos dejan ver acapulco shore, pero no mucho</p> <p>-Nos tienen todo el día sentadas frente al televisor.</p> <p>-Hacemos clase de 2 a 5, después volvemos a la sala a ver televisión, después comer, y a veces nos mandan a dormir temprano. Es que muchas veces nos dan espacios libres y los hemos desaprovechado</p>	<p>país porque la migración se ve en todos lados.</p> <p>La gente que le niegan la entrada a un país y hasta los humillan o los golpean</p> <p>Maduro hambriento ese Es el presidente de Venezuela. --- No solo el de Venezuela, porque muchos presidentes son así. Hasta el de acá es así. Sí, pero el de Venezuela es el que es más descarado -Todos son corruptos</p>	<p>-Es violencia porque están en la calle, y si están en la calle es por algo. Porque tuvieron violencia en algo lado y terminaron donde están -Hay personas que son empáticas, pero otras que son humillativas</p> <p>-A veces no se dejan ayudar. Por el miedo, se sienten amenazados, de que les hagan daño o les echen en cara ... Los menosprecian</p> <p>Nino en la calle. Abandono. Machismo también. - Yo me imagino por ejemplo que el niño tenía a sus papás, pero digamos el papá le pego a la mamá y la mamá por no dejarse pegar se fue de la casa y no tuvo ya con que mantener al hijo. Y el hijo está en la calle porque como el papá no dejo trabajar a la mamá, no tiene ni los recursos para cuidar al hijo y por eso está en la calle -No, yo pienso que digamos los desplazaron y quizás el papá pues no... O</p>	<p>--- Pero eso parece un proceso de guerra que está pasando en Colombia. Las noticias y todo lo que está pasando. Pasa de todo ... Los venezolanos con los niños en las manos ©, que ya los llevan a trabajar. ---El proceso fue entre las FARC, bueno los actores armados de Colombia y pues el gobierno. ---¿Por qué se agarraron? jum... es que eso fue hace rato. ¿Eso no fue por un conflicto armado? Porque tenían mucha gente secuestrada y ellos querían. Es que ... ¿cómo se llama la otra parte? Es como las FARC, no sé... Las FARC tiene mucha gente secuestrada, y la parte de acá quiere hacer la paz para que los suelten. ¿Por qué tenían secuestrada gente? Pues porqué ... -Yo no entiendo lo de la guerrilla y eso, yo no entiendo eso. -Ellos secuestraban a la gente para ponerlos a trabajar en el monte ¿no? Para que fueran</p>	<p>Usted tiene que ser como yo. Talleres. Yo pensaría que mostrar algo que si haya pasado en la vida real para ver si sientan cabeza, Digamos las guerras, o que discriminó... Digamos que alguien me discriminó por ser negra, y a mi me mataron. Entonces es como algo para que la gente de verdad se de cuenta que le está haciendo dano a la sociedad, y tiene que haber una paz. Yo sé por ejemplo que han matado a mucha gente por muchas cosas, por discriminación, por maltrato, por de todo, y siguen pasando... Así les hayan mostrado. Hasta con noticias, ven todo lo que sigue pasando, y sin embargo, siguen y siguen habiendo ... Eso va una cosa a otra ... -Hablándoles, con talleres ... Digamos, esto es un taller, y ustedes como que nos están enseñando, pues entre nosotras nos estamos enseñando a poner en práctica algo.</p>	<p>que uno vote, pero no hacen nada. -Es que yo creo que eso es de una familia. El alcalde es hijo de alcande. Eso es una familia de corruptos -La política es muy sucia -Alianzas. Manipulan todo o tienen preferencias. Lo único que quieren es plata. -Los empresarios, los senadores. Hasta los que no somos nadie. Todos somos así. -Yo no porque no tengo plata Eso es del gobierno. Pero entonces, si eso conlleva de una cosa a otra, si me entiendes. Entonces si eso es del gobierno, eso también tiene que ver con la policía, con el ESMAD, con todo eso. Entonces una cosa conlleva a la otra. Entonces ahí es cuando yo digo que es como el circulo vicioso que todo está como manipulado. Entonces he visto que corren los carritos que es el único sustento</p>	<p>No tienen tolerancia, saben que hay trancón, pero todos se pasan No hay empatía tampoco. Pero también es culpa de los gobernantes. Digamos también en la calle, pasan y lo empujan a uno y no les importa tratar a la mujer como se les da la gana y se van En Transmilenio también pasa que muchas veces ven una mujer embarazada pero no le dan la silla. --Pero yo también entiendo a los hombres porque ellos a veces también vienen cansados del trabajo Nos reservamos el derecho de admisión. Eso no es algo que ponen siempre en las entradas de ... por ejemplo los hospitales; bueno no hospitales, pero en administraciones. En los CAIs. Que la entrada es solo para ciertas personas, preferencias. Muchas veces los dejan entrar, pero con sobornos, con cierta cantidad de plata O como que tiene que ir bien vestido, si no, no lo dejan entrar.</p>
---	--	--	--	--	--	---	--

<p>hacer las labores del hogar -No pueden estudiar -Algunas veces las tapan de pies a cabeza. (musulmanes)</p> <p>Ideal Propio: -Las que salieron adelante sin que un hombre las mantuviera -Las que son mas independientes y autosuficientes</p> <p>Ideal del hombre según la sociedad: -No tienen que estar a cada rato encima de la mujer. Lo digo porque yo, por ejemplo, no me gustaría tener a mi mujer y estar todo el tiempo encima de ella haciéndole cosas malas, se me haría feo. -Yo la trataría como debe ser, dejarla libre, no tengo que estar reclamándole cosas (Si porque es la mujer no la hija)</p> <p>---Y los papás -Eso también va desde la casa. Porque si usted como hombre ve desde pequeño a su papá que es machista con su mamá, usted va a hacer lo mismo. El niño va a ser igual al papá, porque uno casi</p>	<p>Seria chévere que nos dejaran estar en los cuartos.</p> <p>Cuando nos hacen talleres son de amor propio, resolución de conflictos, violencia, lo de las enfermedades sexuales, del medio ambiente. Todo eso es chévere.</p> <p>-Nada de redes sociales, estamos bajo protección, no podemos. A escondidas todo se puede.</p> <p>Nos acuestan a las 8 de la noche y a esa hora empiezan todas las novelas. -A mi me gusta la vendedora de rosas porque refleja la realidad. -Nosotras hemos querido ver muchas cosas de Discovery y eso, pero a ellas no les gusta, siempre quieren ver lo mismo, y es fastidioso. -Sin senos ... La rosa de Guadalupe.</p>		<p>quizás el también está abandonado. Los desplazaron de la ciudad, o del pueblo o la finca. Sí él está en la basura. O de pronto no es la mamá sino una señora que le ayuda O quizás si le desplazaron la familia Desplazar. Pues que lo sacan, digamos, llegan muchos paramilitares y empiezan a desplazar a la gente, se llevan a veces a los niños que ya están más grandes. ¿Eso sucedió en el valle del Cauca no? -En muchas partes sucede</p>	<p>rehenes, y pues si se mueren, se mueren y ya. Y pues digamos como que los secuestraron, y las familias de esas personas estaban buscando la paz para que se los pudieran devolver; y ellos pedían que plata ¿no? Pedían cierta cantidad de dinero para que les hiciera de vuelta de las personas. O les tenían que pagar para que les devolvieran a los cadáveres si ya estaban muertos.</p> <p>Es que aún hay muchos grupos armados. Por ejemplo, la vez pasada vi en el periódico que acá también, en ciudad bolívar ... Hay como muchas cosas de esas armadas, pero digamos como que una vez negociaron con alguien, creo que fue un presidente, ese man... ¿Santrich? Es el que mas hace esas cosas de las fuerzas armadas y todo eso... Y creo que él había dicho que para que soltara a toda la gente le tenían que dar una cierta cantidad de dinero pero que tenían que cerrar esa</p>	<p>-Escuchar las opiniones y lo que piensa cada persona, para ponernos de acuerdo. -Hacer una organización, como alquilar un lugar y hacer folletos, y así, como que ven y aquí te enseñamos lo de paz. Que lleven a la gente a un lugar donde les enseñen qué es lo de la paz y todo eso. Como la casa de justicia y todo eso. -Depende de la propaganda, si es aburrida no. Pero cuando entra y conoce... Es como cuando uno conoce a una persona y dice que le cae mal, pero hasta que no conoce a la persona no se da cuenta bien de como es. -Es como el edificio de la paz y todo eso. Uno al principio lo ve en las noticias y piensa que aburrido todo eso... pero hasta que uno no entra y ve como es ... -Como un comercial, yo me doy cuenta que la gente entiende mas con comerciales de niños, lo animado. Escuchan más a los niños. Si, lo que es más animado le gusta más.</p>	<p>que tiene la persona para darle a la familia</p> <p>-Pero eso es lo que el gobierno no ve, porque hay mucho desempleo y ellos tienen que hacer eso.</p> <p>-Los adultos votan muy mal</p> <p>-Por ejemplo, yo no estaba de acuerdo con que duque ganara la presidencia.</p> <p>Estaba mejor Santos – Noooo - Por una parte Petroskiii</p> <p>-Santos era muy corrupto, pero tenía algunas partes ... Nunca hubo descubiertas. Todos cometemos errores</p> <p>-Pero es que ellos ya se pasan -¿Por qué votan tan mal?</p> <p>-Yo me aseguraría de que la persona que sea bien, o por las propuestas.</p> <p>-Pero es que a veces las propuestas no vienen de ellos mismos, vienen</p>	<p>Discriminación.</p> <p>O con los tatuajes y eso. Antes decían que uno no podía estar tatuado, porque si iba a pedir empleo en una empresa no lo recibían por tener tatuajes.</p> <p>Eso también es discriminación. Y ahora creo que existe una ley donde ya no pueden discriminar a la gente por tener tatuajes.</p> <p>Graffiti. Libre expresión.</p> <p>Están tapando lo que hizo para expresarse por medio de una pared. No se pueden expresar. Si no lo pueden hacer hablando, lo pueden hacer pintando o dibujando, o haciendo graffitis</p> <p>No está violando ningún derecho. ¿Por qué es negro?</p> <p>Si va a pintar la pared tiene que pedir permiso... Vandalismo. --- Yo sé porque</p> <p>La de los policías. Porque no hay libre expresión, para mi eso es violencia, no los están dejando expresar cómo son. Al igual que esa de donde se están besando. Creo que son iguales.</p> <p>---Mi hermano es grafitero y a nosotros muchas veces la</p>
---	---	--	--	---	---	---	---

<p>siempre toma los ejemplos de los papás.</p> <p>Trabajar, sacar la cara por la casa. Pero eso no pasa. Muchas veces las mujeres pasan a hacer el lugar de los hombres.</p> <p>©--A veces cuando están en drogas comienzan a decir que uno tiene que trabajar, que uno tiene que cuidar, que cocinar, que limpiar la casa. - No solo cuando están en drogas.</p> <p>--Muchas veces se dedican a trabajar y no a dejar trabajar a las mujeres y a tenerla de manteca en la casa. -- Como se debe comportar en la casa. En una casa deben aportar los dos. Con respeto, con responsabilidad. --- La sociedad no dice nada jaja</p> <p>--Muchas personas ven la figura de un hombre como machista porque se han visto muchos casos. Ya las personas están acostumbradas a ver así las cosas. Ver al papá como un machista, entonces no</p>				<p>organización, pero él no acepto.</p> <p>-Pero del ELN creo que era</p> <p>-Pero él perteneció a un grupo que estaban buscando para hacer ese dialogo.</p> <p>---¿Cómo podríamos solucionar el conflicto armado?</p> <p>-Es que eso es lo que yo estoy diciendo. Que se sentaran los de las fuerzas armadas y...</p> <p>¿Cómo es que son los buenos? O sea, ellos son lo malo, porque ellos son los que reclutan a la gente y todo eso. ¿Pero entonces nuestra parte cómo es que se llama? El gobierno, por así decirlo. Bueno la JEP y todo eso.</p> <p>Creo que hubo un acuerdo de aquí y de allá para un acuerdo que ellos entregaban toda la gente que tenían de rehenes y se les daba cierta cantidad de dinero, pero si nos devolvían a la cantidad de personas que habían secuestrado, y ellos tenían que cerrar toda la banda, que cerraran esa cadena de estar secuestrando mas</p>	<p>O un comercial donde estén discriminando a alguien y la gente se sienta uff. Dolido, que le duela. Y que si tu no estás de acuerdo con eso puedes venir al proyecto de paz, y tal y tal.</p> <p>Entonces ahí ve la gente que le están haciendo daño a más gente, y van para colaborar y que la paz crezca en el mundo, en la sociedad y todo eso.</p> <p>--Yo no, es que algunas veces esos talleres y eso si son re-aburridos. Porque solo hablan y hablan y hablan, a veces a uno no se le queda nada de lo que hablan.</p> <p>-Como hacer actividades, que le muestren digamos lo que está pasando afuera, ¿si me hago entender?</p> <p>Digamos todas esas imágenes que vimos acá, hacer obras de que es lo que estamos pasando a ver si la gente reacciona. Que sea dinámico, con actividades, recreativo.</p> <hr/> <p>E 1</p>	<p>de otras personas. Por eso hacen una junta</p> <p>-De la familia, de lo que yo decía</p> <p>- No, yo siempre he dicho que eso es manipulación. Porque por ejemplo esas votaciones yo no creo que las hagan como la misma gente ... Digamos como es el voto.</p> <p>- No se dio cuenta digamos por el petrosqui y con el Duque (ushh ese Duque me cae tan mal, que es que ese es más corrupto) digamos, hicieron las votaciones y Petro tenía buenas propuestas, y ¿por qué escogieron a Duque?</p> <p>©- Hubo un tiempo donde disque hubo un presidente que era muy bueno</p> <p>-Nuestras opiniones no cuentan. Ellos no cumplen</p> <p>-Compra de votos. Eso lo hacen calladitos. Porque digamos antes de la votación, siempre hacen una junta para decidir qué opciones</p>	<p>policía iba y nos corría de allá. Entonces como que no nos dejan expresar como somos.</p> <p>Policías:</p> <p>Animales, corruptos. Animales porque no tienen ni cabeza para pensar</p> <p>- Los animales si piensan</p> <p>© Es que ustedes dicen que no piensan porque no los entienden. Donde los entenderíamos créame que todo cambiaria. Porque ellos también buscan métodos, y ...</p> <p>- Y si ellos también piensan en nosotros. O sea, ellos también cambiar con nosotros. No nosotros hablar con ellos para que ellos cambien.</p> <p>-Es que ellos no siempre tienen la culpa.</p> <p>-Pues como no los entendemos que creo juzgamos mucho las partes así, porque nosotros también lo juzgamos.</p> <p>-Es que usted dice que ellos no siempre tienen la culpa porque nosotros no los entendemos, pero por qué ellos no nos entienden a nosotros.</p>
--	--	--	--	--	--	---	--

<p>todos lo ven con buena forma.</p> <p>--- Hombres cercanos. Machistas. No tratan bien a las mujeres. Hay hombres machistas porque en su infancia los maltrataron y por eso de grandes son así con las mujeres. Muchas veces llega y me pega un puno y no ve que la mujer es mas delicada, sino Yo le pego porque se me da la gana porque es usted.</p> <p>Digamos mi padrastro es muy respetuoso con nosotros. Digamos mi padrastro trabaja y también deja que mi mamá trabaje y no nos dice por ejemplo vístase así o así porque el no lo hace. Solo que cuando digamos uno ya está muy mostrona, el le dice vaya y póngase otra cosa.</p> <p>-A mi también, me dejan crecer libremente, si yo me visto cortico no me dicen nada. Pero para qué, son muy respetuosos.</p>				<p>gente, que dejaran todo eso ahí. Y no lo quisieron hacer, y es que eso fue hace mucho, y entregaron solo como dos rehenes que tenían y eso se veía cuando bajaban del avioncito y ...</p> <p>--- Lo mínimo para solucionarlo.</p> <p>-Ellos lo que tienen es plata y gente que les ayude a matar gente.</p> <p>-¿Por qué el ejército casi nunca los coge a ellos? O sea, casi nunca se ve "Capturamos a un grupo de FARC"</p> <p>-Yo creo que les tienen miedo</p> <p>---- Buenos y malos. Hay malos porque les toca, no porque quieran ser... Digamos cuando los reclutan, muchas veces los ponen a matar y ellos no quieren, y lo hacen obligados.</p> <p>--Que sería lo bueno. Que ellos entregaran a la gente sin pedir nada a cambio, porque están afectando es a familias y la persona que metieron en eso. Lo bueno sería soltar a toda esa gente porque no solo se están perjudicando ellos sino</p>	<p>Yo le ayudaría contándole sobre todos los casos, sobre todo eso que ha habido de violencia y todo. Contándole sobre el pasado de mi vida, como fue y tal cosa; para que comprenda y lo ponga de enseñanza todo lo que le he estado diciendo.</p> <p>-En el colegio, el colegio se encarga de enseñar, de enseñar muchas cosas. Educación y todo. Y pues en el colegio, tanto como en la casa y en varias partes.</p> <p>Porque digamos yo entro en la casa de mi novia y tengo que tener en cuenta que no voy a pelear delante de la mamá de mi novia, porque sé que mi novia lo va a tomar mal al igual que la mamá. La mamá va y dice que es mal ejemplo para la hija. Entonces es mejor evitar eso antes de hacer un acto.</p> <p>E2.</p> <p>Tendrían que reunirse entre sus equipos o entre sus grupos para</p>	<p>poner. Entonces no siempre viene del presidente todo. ©</p> <p>Conexión violencia – mal votar</p> <p>Todo, porque en cada votación violan muchos derechos y prometen cambio que no hacen. Por ejemplo, violan el derecho al trabajo porque hay mucho desempleo.</p> <p>(E3) Yo pienso que la política es perfecta, pero también creo que es muy sucia. A mí me gusta mucho la política.</p> <p>Yo he vivido o visto un modelo económico, social y político que se destruyó. Y cuando uno está tan cerca de esas cosas, le empieza a afectar, y cuando te afecta tu vida, tú quieres que no le afecte a nadie más. Entonces cuando uno toma la decisión de hacer algo para que en el futuro no pase lo mismo, para que alguien no pase lo mismo que tu pasaste.</p>	<p>©- De pronto porque también les mostramos el maltrato y no el cariño a la persona.</p> <p>-No estoy de acuerdo, porque digamos llega un policía y ... Uno está en el parque... Y yo lo digo porque uno está sentado en el parque tranquilo, hablando con sus amigos. Y digamos, bueno, en ciertas veces uno está tranquilo en el parque y ya llega la policía a correrlo a uno de ahí, sabiendo que uno no está haciendo nada.</p> <p>© Entonces eso ya es un error de él, no de nosotros.</p> <p>-Exactamente, entonces si llega un policía y le dice a usted váyase de acá y lo empieza a tratar a uno mal, entonces, uno tampoco le va a responder diciéndole: Sí señor agente, ya me voy...</p> <p>-Bueno, muchas veces corren a las personas injustamente, pero a veces justamente porque... Digamos nosotros somos adolescentes, y muchas veces comentemos errores en la calle. Y obviamente, como uno es menor de edad, a los que les toca pagar es a los papás, ¿si me entiende?</p>
--	--	--	--	---	--	---	---

<p>Ideal propio. -Equidad. Lo que cada uno ... Diferente a igualdad- lo mismo para todos -Libres.</p> <p>-Digamos en algunos trabajos no reciben mujeres porque disque es muy fuerte el trabajo. Eso también es discriminación.</p> <p>--Digamos si quieren entrar al ejercito porque quieren yo no veo el problema desde que quiera</p> <p>--Las mujeres deberíamos prestar servicio.</p> <p>-Yo quiero ser militar - Yo quiero estudiar ingeniería –© Yo quiero ser policía -Yo quiero ser arqueóloga</p> <p>-Pero mire que las mujeres policías no son corruptas. Entienden los problemas y son mas justas. Yo me he dado cuenta</p>				<p>familias, y hasta la misma persona que tienen de rehén.</p>	<p>realmente solucionar algo, porque si no sé, hay un conflicto en ese colegio y el docente no lo sabe solucionar, pues pide ayuda a su equipo para que le puedan ayudar a resolverlo. Deberían enseñar... como en sociales, no sé, unas reglas para agrandar la paz y resolver conflictos pasivamente.</p> <hr/> <p>E3.</p> <p>Todo empieza con lo que tú le enseñas a un niño. Y como ellos han vivido mucho la violencia, se vuelven violentos, por eso.</p> <p>Cambiar los métodos, la ideología, todo se basa en la mentalidad. Si ellos cambian su mentalidad y la ideología que tienen, puede que la generación que creen sea una generación distinta a esta.</p> <p>Una mentalidad correcta, que les enseñen equidad, respeto amor. Sobre todo, amor por el prójimo. No solo que los preparen para la</p>		<p>Ya si es mayor de edad, uno puede hacer con su vida lo que quiera, entre comillas.</p> <p>Pero sí, a veces ellos también son muy... Pero, hay unos que son muy respetuosos y a veces uno también, pues los entiende porque es el trabajo de ellos, cuidarnos.</p> <p>Aunque a veces yo también los he visto, sacando a los vendedores ambulantes, lo que no tienen más recurso.</p> <p>Maltrato animal</p> <p>-El maltrato animal. Nosotros mismos los maltratamos. Los encierran como si fueran presos, ay no pobrecitos Los maltratan en la calle. O cuando los matan y nosotros nos los comemos.</p> <p>-Eso también es violencia, porque ellos también tienen el derecho de vivir. No supuestamente dice en la biblia que el animal fue creado para cuando nosotros ya no tengamos nada que comer</p> <p>-Aunque cuando comemos pollo, yo creo que ninguna pensamos en eso.</p> <p>-A mi antes me daba asco. – Disque el salchichón se hace con las sobras del burro -Son mitos</p>
--	--	--	--	--	---	--	---

					<p>vida de ellos, para la vida adulta; sino que les enseñen a vivir su infancia. Porque muchos niños no viven su infancia, o no tienen la oportunidad porque los obligan a crecer antes de tiempo</p> <p>E4. Del colegio, no me parece que tenga educación. Porque en los colegios hay más ñeros que en la calle, ¿no ha visto? Y pues las actividades no todas las tomas a conciencia.</p> <p>E5. Dar como cátedras para la paz, la resolución de conflictos, y pues que también la gente sepa de donde viene tanto conflicto. Pues porque las personas son conflictivas porque viene desde la base, o sea, bases desde la casa, desde que el papá le pegaba a la mamá, o el papá era machista. Pero pues pienso que en el colegio si debe haber como espacios de reflexión, como digamos, eso pasaba, pero usted no tiene que</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					ser así porque... o sea, uno tiene que ser mejor persona. Pienso que es como eso.	
<p>LGBT</p> <p>Yo creo que los están apoyando a... Es que no sé si es la palabra... Apoyando el genero Los antepasados decían que eso no era de Dios, que se metieran hombre con hombre y mujer con mujer; o si no están casados Pero yo creo que es normal porque son humanos y ellos también se merecen una familia, y estar casados.</p> <p>Por ejemplo, el género, si ven a un hombre besándose con otro hombre ya lo están discriminando porque ... Desde la iglesia</p> <p>¿Qué tiene de malo besarse? O sea, la sociedad dice que los hombres tienen que ser hombres... La rosa de Guadalupe es un claro ejemplo. El hombre ya decide su género, entonces el</p>						<p>Buenos y malos</p> <p>--Alguien malo Que no puede solucionar algo, que no tenga corazón, sin escrúpulos, que no sea honesto, que no tenga valores, que no tenga nada... Sin valores, importaculista, no le importa lo que el otro sienta, el dolor ajeno. -Hay gente que ve a otra muriéndose allá en la esquina y les da igual, son importaculistas.</p> <p>--Alguien bueno Todo lo contrario</p> <p>--Hay personas neutrales, que hacen las dos. Es bueno y malo a la vez, a veces quiere ser bueno y a veces quiere ser malo a la vez. - O es conveniente, que hace las cosas bien cuando le conviene hacerlas -O a veces es malo y quiere volverse bueno</p> <p>Si mata sigue siendo malo. Es que digamos acá: Oiga estúpido, y después me cae bien. ((Expresión de sorpresa ante el insulto)) Seria bueno y malo a la vez, yo lo digo en</p>

<p>papá dice que eso no debe ser así, que tiene que ser hombre, no esta de acuerdo porque quiere que su hijo sea hombre, barón. Y para la sociedad ser barón es que no le gusten los hombres, sino las mujeres. Y eso es lo que están haciendo. Discriminando también. --- Y también disque para ser barón tiene que ser fuerte, mandar en la casa.</p>							<p>términos bajitos, no que hoy te mato y mañana ya digo que ay no. Aunque esos ya son en términos de justicia y todo eso, pero digamos en términos de Dios. Pues sí, Dios castiga al hombre y matar es malo, pero Dios siempre lo va a querer como es. Y si se arrepiente - Como se consideran -Buenas -Buena porque nunca he matado a nadie, o nunca he sentido que le he hecho tanto daño a una persona para que ... -De pronto las personas piensan que uno es malo por cómo actúa con las demás, pero no, uno tiene el corazón bien bonito. -Puro, puro</p>
---	--	--	--	--	--	--	--

	Liceo Fesan	ICBF
Violencia	Guerra, sangre, rojo. Negro Olor desagradable. Sentir el dolor, la rabia de la gente. Armas, impotencia, tristeza, discusiones, maltrato.	Rojo, verde, negro Armas, sangre, dolor, olor a picho, fuego, humo, miedo, llorando, muertos, familias corriendo.

	<p>La violencia es un mecanismo de defensa, solo que lo hemos sabido controlar con el pasar del tiempo. O más que sobrevivencia es como egoísmo, como que todas las personas tienden a ser egoístas para llegar a un fin, por beneficio propio.</p>	<p>Tristeza, mal genio, rabia, “se revuelve todo”, lástima, nauseas, exclusión</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hay muchos tipos de violencia Discriminación No saber resolver problemas Violación de derechos Abusos Mal trato Obligación a algo Despojo de tierras Violencia laboral --- pagar menos del mínimo, no dan salud, Lo hacen sentir a uno menos – insultos Bullyng – violencia escolar Negación del estudio Despojar de pertenencias Violencia intrafamiliar ---- “Es la que más... ¿En Brasil también hay bienestar familiar? --- Violencia física, verbal, psicológica Exclusión <p>Difícil la definición porque está presente de muchas formas, toma muchos disfraces Las que más: Violencia sexual, intrafamiliar y de los derechos // Discriminación, bullyng // Todas</p>
<p>Justicia</p>	<p>Unificar los ideales de todas las personas y buscar algo común entre todas las ideas. Pero seamos sinceros, no todas las personas van a estar de acuerdo. Hacer una síntesis.</p> <p>Algunas personas se tienen que someter a esa idea, y ahí sale la justicia, entonces es como unificar toda esa cantidad de ideas.</p> <p>Yo creo que la justicia es algo muy imparcial, por eso la imagen que se representa de ella es ciega. Porque tiene que ser muy objetiva, no es favoritista, en las decisiones que se toman. Tendría que ser así.</p> <p>Yo creo que la justicia en las decisiones que se toman debe darles beneficios a todas las personas. Es difícil que todo el mundo llegue a un acuerdo, es difícil que todo el mundo esté conforme con lo que se presenta; pero pues es que acá en Colombia yo creo que es muy difícil llegar a una justicia absoluta.</p>	<p>Hacer cumplir la palabra. Porque digamos cuando violan un derecho ... (silencio)</p> <p>La casa de la justicia. Es una cosa del gobierno, como del distrito y uno va allá y es como ir a la policía. Yo una vez fui allá porque me robaron el perrito que tenía y fui a un CAI de policía y me dijeron que tenía que ir allá a poner una denuncia. Y pues allá la puse y pusieron una querrela y pusieron un acuerdo... Citaron a la persona para que se hiciera un acuerdo, una conciliación. Y va gente que no tiene trabajo, y van allá y hacen como papeles para que les ayuden a conseguir un trabajo, cosas así. -No se hizo justicia, me quedé sin perrito</p> <p>----La representan los defensores o los jueces.</p>

	<p>Yo creo que no hay justicia por el mismo hecho, es muy subjetiva; entonces, siempre va a haber algo injusto en lo justo, porque nunca va a haber un equilibrio total para todo el mundo. Entonces digamos que encontrar una moneda, eso puede ser justo si la usas para el bien, pero puede ser injusto con la persona que la perdió.</p> <p>La justicia es plausible pero no factible. La justicia depende de quién lo mire. Por ejemplo, eso me parece injusto, pero desde un punto de vista global es justo.</p> <p>No, la justicia es juzgar los hechos. Porque si nosotros nos ponemos a juzgar nuestras convicciones, ahí es cuando fallamos y lo hacemos injusto; por eso es que está la balanza y la persona ciega, que representa la objetividad, la balanza se mueve con relación a lo más pesado, así funcionan los hechos sin basarse en las convicciones personales de nadie.</p> <p>Yo creo que la justicia se crea con las acciones que uno realiza, por ejemplo, si uno actúa bien y sabe que está actuando bien, no debe recaer la justicia en ti. Pero si hay malos hábitos y malas acciones, obviamente la justicia va a estar ahí.</p>	<p>-Es como acá, acá el que aboga por nosotros es el defensor de familia, y él es el que dice si nos vamos o no nos vamos. Siempre tienen que escuchar las dos opiniones, la de su mamá y la suya</p> <p>-También cuando estamos afuera también hace justicia la familia. Bueno, algunas personas. Igual ellos también piden reportes.</p> <p>-En el caso de un niño al que han violado, debería haber justicia. -Es que por ejemplo aquí hay casos de niños que han abusado. – Y se quedan callados -Y son las que más duelen – Y ellos son los que están acá, y los que hicieron el daño están afuera como si nada, cuando debería ser al revés, la persona que les hizo daño estar en la cárcel como una condena, no el niño estar acá.</p> <p>-Es que hay niños que están acá sin que ellos tengan la culpa. -Y lo peor es que a los abusadores solo los dejan por años. Deberían darles cadena perpetua, o como los años antiguos que los electrocutaban ahí. – Eso todavía pasa en USA -Deberían extraditarlos</p> <p>- Solo contentan a los ciudadanos diciendo que cogieron a la persona, pero en 5 años vuelve a salir y vuelven a violar</p> <p>Justicia por cuenta propia:</p> <p>-Sí, los que vinimos por comportamiento que estamos acá si somos culpables. Porque digamos, cómo van a encerrar a su papá si por ejemplo su papá lo está dando todo, lo estaba educando. Y usted no quiso usted solo...</p> <p>-O cuando matan ... Por ejemplo, en Cali se ve mucho eso. © Por ejemplo en una cuadra está el que manda, el que pone el pecho con el amigo. El que manda en toda una cuadra mata, o golpea, o agrede física o verbalmente. Eso es por territorios, si usted está en el territorio de la otra persona o se enoja o hace otra cosa ... algunos, no todos son así.</p> <p>-Por eso mucha gente toma la justicia en las manos. Porque a veces los policías, o ni siquiera los policías sino la fiscalía... De qué le sirve a la policía cogerlos si la fiscalía o el juez no lo va a condenar.</p> <p>--Es que es por eso, porque la justicia no hace nada, entonces la sociedad toma y vuelve a hacerlo.</p>
--	---	--

		<p>--La sociedad está cansada de que no hagan nada, por eso ellos mismos lo hacen ---Pero es peligroso, porque tiene consecuencias legales y pueden hacerle daño a las personas que toman la justicia por sus manos. --Pero digamos piense en la persona a la que mataron, debe ser duro.</p>
<p>Paz</p>	<p>Blanco, amarillo, paloma. Felicidad, tranquilidad, armonía, color esperanza. Plenitud, cambio. Café- humildad- el campo. -Sociedad que puede convivir en paz, el campo. Colombia</p> <p>-Conseguir satisfacción en la sociedad, tranquilidad y felicidad en cada uno de las personas. -Llegar a un acuerdo donde todos se sientan cómodos. -El estado donde haya carencia de conflictos. -Nooo, porque siempre van a haber conflictos. - Sería la buena resolución de conflictos.</p> <p>-Yo diría no tanto la ausencia de conflictos sino la ausencia de violencia para resolver conflictos.</p> <p>No porque puede existir violencia, pero para llegar a la paz es como tú lo soluciones, no necesariamente...</p> <p>-No porque entonces nos estamos matando, pero no hay guerra, entonces hay paz.</p> <p>-Es que siempre va a haber violencia, es como evitar la violencia, pero siempre va a haber.</p> <p>Paz como civilización: Como el cambio de algo más arcaico a algo más moderno. Por ejemplo, la civilización, que el simple hecho de pelearse entre tribus, empezaron el intercambio de mercancías y así; o sea, es como de un paso arcaico a un paso un poco más civilizado. Ya se utilizó ese pensamiento arcaico y ahora hay que formar unas ideas.</p>	<p>Paloma branca, letreros: La paz en Colombia, felicidad, entusiasmo. Tranquilidad, resolución de problemas, seguridad, una comida tranquila, un día tranquilo, Transmilenio sin peleas, un día tranquilo en el trabajo (sin discordias), libertad. Blanco con azul clarito, nubes, cielo. – Si las nubes fueran de colores ¿Se imaginan?</p> <p>Sí, hablamos de eso frecuentemente. Es importante porque soluciona muchos problemas, nos ayuda a solucionar nuestros problemas adentro y afuera. Diálogo, escucha.</p> <p>Granito de arena...</p> <p>-Pelear. Cuando no hacen cumplir algo, aquí pelan y cumplen. Aquí en la fundación. No pelear, sino hablar. O sea, cuando se habla se llega a un acuerdo; y eso todas lo tenemos claro. Y digamos para hacer la paz en todo el mundo sería hablando... Ser más tolerantes. Porque eso es lo que nos afecta. Comprensivos. Porque cuando lo pisan a uno, uhmmm... lo tratan re mal, empáticos, amistosos.</p> <p>-Pero es que, si yo coloco y la otra parte no, si no colaboramos todos, no va a funcionar nada Por ejemplo, cuando piden silencio y todas se callan y dos o tres siguen hablando. ¿Cómo nos va beneficiar a todas si ellas no ponen de su parte? Entonces la idea sería aportar y colaborar todas porque el beneficio no es para una sola, sino para todas. Y la idea no es quedar una bien, sino todas. Es igual que afuera, si unos quieren la paz y otros no; si no todos no están de acuerdo, obviamente nunca va a haber una paz.</p>

	<p>Asi mismo como va progresando una sociedad, van progresando los métodos para solucionar los problemas lo mejor posible. Entonces yo creo que uno como humanidad cambia su concepto de solucionar y puede ver varios caminos para llegar a un fin que uno tenga.</p>	
<p>Espacios pacíficos</p>	<p>Ahorita mismo puede ser como un espacio abierto, porque estamos compartiendo nuestra opinión, nuestras ideas, sin violentarnos.</p> <p>Espacios educativos, nooo. Jamás.</p> <p>Yo diría que un espacio educativo donde se brinde a cada uno el derecho de expresar su opinión, no como los de ahora que es todo tan estricto...</p> <p>Es que el espacio educativo en este momento tiene personas muy diferentes, y las personas que se presentan, nosotros estamos creciendo, estamos tomando nuestro camino, eso hace que estemos en constante ... confundidos ... muy confundidos ... entonces fácilmente uno tiende a estar en puntos de vida diferentes a otros; y cualquier cosa choca, choca, y choca. Y en un espacio educativo no puede haber paz, jamás.</p> <p>Yo creo que el sistema educativo jamás pretendió que cada persona fuera diferente, sino que querían llevarnos a todos por el mismo objetivo, entonces es imposible. Y están como pretendiendo que todos sean iguales, cuando eso no se puede.</p> <p>En el futuro tal vez, pero en el actual no.</p>	

	Fesan	ICBF
<p>Yo testigo</p>	<p>(E1) Física, psicológica, verbal. Violencia de enfrentamiento de armas, una vez.</p>	<p>E2. A varias personas, a varias compañeras de Medellín, les ha pasado que el propio papá, o sea, las mamás también son como cómplices, porque ellas las venden a sus papás. Les da como igual sus hijas, y</p>

	<p>La más fuerte. Fue una vez que estaba visitando a unos parientes en Medellín. Estábamos en una comuna y dos grupos de personas en la calle empezaron a dar balaceras uno a otro. Era un enfrentamiento de bandas por control territorial del narcotráfico, de los problemas sociales que hay por ahí, por ese tipo de zonas en la ciudad de Medellín.</p> <p>He visto violencia física, por ejemplo, acá en el colegio se han presentado varias peleas físicas entre dos niños, dos niñas, entre una niña y un niño. Se han presentado varios tipos de violencia por conflictos personales que han tenido a través del tiempo.</p> <p>También he visto como utilizan la violencia verbal contra una persona o contra un grupo de personas, lo he visto por ejemplo en la calle, en las marchas; lo he visto por ejemplo en las protestas, como las personas tratan mal a las personas protestantes, como los protestantes utilizan ese mismo método de violencia para tratar mal a las personas que no están a favor de las protestas...</p> <hr/> <p>(E2) Pues el mero hecho de vivir en Colombia es atestiguar la violencia; la violencia ha afectado a todos. Por ejemplo, en mi caso, yo soy de una familia que hizo violencia, que mis ancestros fueron actores específicos de la violencia, lo cual no me enorgullece, pero la gracia es qué acciones voy a hacer para que eso nunca vuelva a pasar, para que nunca se vuelva a cometer un asesinato, o se vuelva a establecer el sicariato.</p> <p>Son acciones que alientan al colombiano, y a mí en mi caso, a ser mejor persona y que nunca se promueva esa cultura de violencia.</p> <p>Para proteger la identidad de mi familia y así, pero actores de sicariato. Yo tuve familia un poco pesada en ese ámbito. Porque la violencia en el país se gestó para que pasara eso.</p> <p>Colombia ha sido un país lleno de violencia. Mi familia era de orígenes humildes y se les presentó como una oportunidad. Pero la cuestión es cómo se les pudo educar para evitar esa situación.</p>	<p>pues ellas han pasado por maltrato, por violencia, por ... por estudiar...</p> <p>A veces el padrastro les decía que no podían estudiar porque se tenían que quedar en la casa haciendo aseo y tenían que cuidar de los niños; o a veces las violaban y las dejaban embarazadas, les pegaban por no hacer las cosas.</p> <hr/> <p>E3. Social, verbal y laboral. -Laboral porque cuando estaba en el colegio yo veía como a los profesores algunas veces no les pagaban, pero en Venezuela, o no podían renunciar -Verbal, acá o en cualquier parte insultan a las personas, y uno piensa que las palabras no son importantes, pero son lo que más hieren. Las palabras pueden cambiar a una persona de un día a otro.</p> <hr/> <p>E4. Profesora Yo tenía 8 años. Yo le dije que yo sentía que le estaba haciendo algo a mi hermana. Porque todos los días la llamaba y la llevaba a la cama, pero yo no sabía que era. Entonces ella me empezó a decir que si mi papá la tocaba o algo y yo le decía que cuando él la llamaba por las noches a mí me mandaba a acostar y que cuando yo me entraba a bañar a Natalia la llevaban otra vez al cuarto. Y que cuando Natalia se entraba a bañar mi papá entraba, pero yo no sabía. Fue cuando me empezó a explicar y llamaron a mi hermana. Mi hermana habló y pues nos llevaron. Con mi hermana si fue más de una vez, pero mi papá, que es lo peor.</p>
--	--	---

	<p>(E3) Pues yo diría que casi todas. En internet tú puedes encontrar una gran variedad. Hay desde... lo que sea. De hecho, hay una parte de internet especializada en eso, donde te muestran contenido violento. Y hay gente que compra para que hagan eso, o sea, es como un servicio, como tipo un Netflix.</p> <p>-Yo los he visto, pero muy superficial, porque es inevitable, incluso cuando estoy en Facebook, que casi nunca estoy, tú puedes ver videos, así como gore, se llama así.</p> <p>Maltrato animal, cuando azotaban el caballo para que anduviera. Estaba en Cartagena, y estaban los caballos que llevan a las personas, ahí. Animales</p> <hr/> <p>(E4)</p> <p>Sí, intrafamiliar, educativa, psicológica, de todo tipo de violencia he sido testigo.</p> <p>Porque es como muy común, se ve en la calle, en el colegio, en la casa, entonces... Pues sí, he visto todo tipo de violencia.</p> <p>-Cuando dos estudiantes se agreden físicamente aquí en el colegio.</p> <p>-En casa cuando también se agreden... fisi... psicológicamente</p> <p>-Y aquí, ya sea de juego o como sea, son violencia.</p> <p>Aquí es más directa, y en casa supongo que es más indirecta, más hablada, más como: No, tú no puedes, tú eres bruta. Y eso también es violencia.</p> <p>O como no mostrar afecto, no es una violencia como muy directa, pero igual es violencia porque se supone que es alguien importante para ti que debe mostrarte afecto, entonces... No lo vivo yo, pero sé que se vive, jajaja.</p> <p>Porque hemos normalizado la violencia, o hemos justificado la violencia para muchas otras cosas. Por ejemplo, como aceptar que tú eres violento por no aceptar tu culpa, y por falta de tolerancia, de no entender las diferencias de las personas.</p> <hr/>	
--	---	--

	<p>(E5) Sí, claro. En la gran mayoría de lugares uno puede observar violencia de diferentes maneras, psicológica, física, hasta por la calle uno ve personas peleando, no a diario, pero sí con frecuencia. Una experiencia, yo iba en un Uber, yo iba tranquilo, entonces por el lado del hospital de suba había un trancón, y hay unos indigentes que paran los carros para que otros pasen. Entonces yo estaba ahí, y el man le pagó feo al espejo del carro, y se bajaron y se comenzaron a dar y yo estaba ahí tranquilo en el carrito. Era el carro en el que yo iba.</p> <hr/> <p>(E6) Social no. Pero en mi familia se puede decir que sí, pero más que todo por el alcohol. Pero así violencia, violencia no. Lo que pasa es que el alcohol te altera mucho, y puede haber muchas diferencias, entonces tú no estás consciente de lo que haces. Entonces... se puede decir que... es plenamente por el alcohol. O sea, que como no estás consiente de lo que haces, puedes decir cualquier cosa y les molesta a otros, y puede llegar a un conflicto. Violencia física y verbal.</p> <p>Como ha pasado repetitivamente -no tanto, pero en varias ocasiones- entonces uno ya sabe el factor que hace que eso se genere, y dejar de consumir alcohol puede ser una solución a eso.</p>	
<p>Yo recibiendo</p>	<p>(E1) jamás han ejercido violencia física contra mi porque a mi en general no me gustan los conflictos de ningún tipo.</p> <hr/> <p>(E2) Pues de violencia urbana solo una vez, que dos sujetos estaban jugando con un arma cortopunzante y decidieron corretearme, como dicen ellos. Pero más allá no. De hecho, agradezco mi situación, porque no fue más allá, no trascendió a un apuñalamiento o como se ve en las periferias del país. Entonces me gustaría recalcar que hay un problema, y la gracia es pensar cómo resolver, cómo educar, cómo crear esa conciencia de que vamos a ser más de lo que éramos antes.</p> <p>El objetivo no está muy específico, no puedo inducir el cómo se sienten ellos por el mero hecho de corretear, pero me imagino que</p>	<p>E1. Víctima de abuso. -Por parte de un educador en un centro de bienestar -Su objetivo era hacerme daño. Después de un tiempo unos compañeros me contaron lo mismo, que no habían dicho. Al hablar, otras víctimas hablaron. -Cómo evitarlo. No entrando a bienestar o hablando con alguien, que alguien me quería hacer daño. -Ahora está en la cárcel, le dieron 18 años de condena Antes sentía un peso horrible, sentía mucho coraje, sentía miedo; pero ya después del tiempo me fueron haciendo pruebas de ... y me ha funcionado.</p> <hr/> <p>E2. Sí, pero a mí me pasó por un tío. El esposo de mi tía. Pero solo fueron tocamientos. No fue penetración.</p>

	<p>tenían la idea de: Yo soy macho y ese chino me corre. Pero no le veo un trasfondo significativo.</p> <hr/> <p>(E4)</p> <p>Creo que he sido víctima de violencia indirecta, creo que todos hemos sido víctimas de violencia indirecta. Como que te digan algo que no te gusta, o que te agredan, pero que tú lo veas muy normal porque ah sí, ya normalizas eso.</p> <p>No sé si cuente, creo que sí. Me hicieron violencia psicológica, entonces yo cambié y me dio depresión y todo ese tipo de cosas. Y fue por parte de mi familia, entonces fue una violencia indirecta pero que yo lo tomé directamente para mí.</p> <p>Fue más como... no como tú no puedes, sino como te falta esto, te falta tal cosa y aja, y así, o como estás gorda y así. No me lo decían constantemente, pero si me decían como no comas tal cosa, baja de peso, jajaja. Entonces eso me afectó directamente a pesar de que ellos no lo hicieran con esa intención.</p> <p>Dialogo. No intente buscar un culpable porque yo misma me culpaba porque yo lo había tomado a mal. Porque digamos que yo soy de las que aprendí con eso que tú debes quererte a ti mismo para quererte a los demás y para tener paz con los demás, entonces tú debes comenzar por un dialogo con ti mismo. O sea, como una introspectiva de todo lo que haces y pensar más allá de lo que te dicen y tomar criterio propio.</p> <hr/> <p>(E5)</p> <p>Pues siempre va a haber algún cruce de palabras, pero violencia física, física, no. Sí he peleado, pero tranquilo, como Qué le pasa y así, pero no.</p> <p>Me han robado varias veces y feo, eso no lo había pensado.</p>	<p>Bueno, también me estaba comportando mal por eso, porque yo le conté a mi tía la verdad. Ellas tenían cierta razón por haberse puesto molestas porque yo lo conté como 5 meses después. Porque primero, realmente yo tenía miedo de que no me creyeran o me dijeran eso es mentiras, o algo así. Y segundo, no sé, porque no quería que mi hermano escuchara, no me gustaría que mi hermano escuchara que yo fui ... Porque mi hermano me defiende muchísimo.</p> <p>Después de 5 meses mi tía se enteró por mi primo, fue por lo que yo le conté y mi primo le dijo a mi tía, y mi tía me dijo que sí era cierto, y yo le conté lo que había pasado. Y ellas me decían que no sabían a quién creerle, si a él o a mí.</p> <p>Eso fue en los cumpleaños de mi tía, él estaba borracho. Y pues él dijo que nunca había hecho eso; y yo dije que era mentira. Y bueno, se suponía que ellas no sabían a quién creerle. Pues porque ellas ya desconfiaban de mi porque yo era muy mentirosa, y pues no sabían a quién creerle.</p> <p>Y ya después, solo fue eso.</p> <p>- La intención del tío.</p> <p>No sé, él estaba borracho, estaba ebrio. Pero independientemente de que estaba borracho no era el hecho, o sea, yo realmente cuando él me hablaba, yo le hablaba muy grosero, ni siquiera le hablaba.</p> <p>Realmente todas dicen, cuando las violan y así, dejan como de luchar. O sea, dicen que ya no puedo más y tal y tal ... Pues realmente eso es de la mente, si usted dice que no va a luchar pues eso va a pasar. Por ejemplo, a mí me dijeron que, si me daban asco los hombres, yo les dije que no, cuando los veo a ellos si me dan asco, pero por qué otras personas me tienen que dar asco si no tienen la culpa. Y yo les dije no, el único que me da asco es él, por el simple hecho de que me haya tocado.</p> <p>- Como evitarlo</p> <p>Para que a una niña la violen no tiene que tener una justificación, pero en la mía no hubo ni siquiera una justificación coherente porque realmente yo estaba durmiendo, estaba quieta, no estaba haciendo nada para insinuar. Además, realmente por qué lo tienen que hacer, no sé qué se les pasa por la cabeza si ellos saben que eso</p>
--	---	--

	<p>Me han robado... Una vez me cogieron tres manes, y fue feo. Aquí cerquita al Refus, un más me cogió por detrás con una navaja, un puñal, y me sacaron todo, y otros dos casi me pegan.</p> <p>Otra fue por pinar, que me llegaron dos venezolanos y me cogieron contra una reja y me pegaron y que les diera todo, fue chistoso, y ya.</p> <p>La segunda vez que me robaron fue más como para satisfacer la necesidad que tienen ellos, y la primera yo pienso que era más como para venderlo y gastarlo en vicio, porque no se veía que fueran gente tan necesitada. Sino que se veían que fueran más como del vicio.</p> <hr/> <p>No, de pronto verbal. De pronto acá en el colegio los compañeros y eso. Y cuando uno no hace cosas que debería hacer, hasta los papás pueden llegar a tal punto.</p> <p>Objetivo Satisfacerse a sí mismas. Muchos toman la violencia como generar tranquilidad en su interior, como el sentido de venganza y odio genera que tu hagas actos violentos. Pero no es que quieras hacerlo, sino el instinto, el odio, la venganza. (E6)</p>	<p>realmente está mal por qué lo hacen. Y tanto que critican a las otras personas que lo hacen.</p> <p>Había más personas, estaba mi tía, pero mi tía tenía una discapacidad, estaba en silla de ruedas, ella era un vegetal. A ella la tenían que cuidar, la tenían que bañar. Y pues yo le dije a ella. Y realmente ellas no me creyeron. Pero el que nada debe nada teme. Y pues si él no hizo nada por qué lo negaba. Él decía que estaba lavando la ropa, otras veces decía que la estaba secando, o sea, se contradecía mucho. Pero realmente nunca hay una justificación. Mis primos, uno de ellos, decía que yo me vestía cortico era para insinuarle a ellos. Realmente no era así porque a mí me gustaba vestirme así, me gusta; pero no hay justificación para eso. Por el simple hecho de que usted se coloqué un chore o un vestido cortico o se ponga labial, no es una insinuación.</p> <hr/> <p>E3. -De violencia verbal. Pero las personas no son prudentes al hablar ni al actuar y cuando hablan destruyen a otras personas, destruyen la vida de otras personas. -Conmigo ha sido violenta mucha gente Su intención ha sido dañarme</p> <p>Yo tuve una buena infancia, pero tuve una adolescencia muy difícil. He tenido una adolescencia difícil. Por todo, por las personas que he tenido que conocer, por el entorno en el que me he tenido que rodear, por... no sé, por muchas cosas, por las circunstancias que me han tocado. Porque a pesar de que uno hace todo lo que está en sus manos, siempre hay cosas que no encajan, y uno trata de estar bien, pero hay cosas que siguen estando mal. Es que uno tiene que cuidarse mucho de las personas, no hay nada más destructivo en el mundo que las personas. Eso es lo que yo pienso. Uno tiene que cuidarse de las personas porque las personas son crueles, el mundo está envenenado. La gente está enfriándose, la gente antes no era así, porque uno mira las películas de antes y las cosas eran más bonitas, ahora no, ahora la gente se ha vuelto más fría, más inhumanas.</p>
--	--	--

	<p>Hay muchas personas que han sido inhumanas conmigo. Lo que me han hecho y me han dicho. Cosas fuertes, cosas que para ellos no son fuertes, pero todos somos diferentes, todos tenemos un sentir diferente porque puede que ellos le digan lo mismo que me dicen a mí a otra persona, y que a esa otra persona no le vaya a soler, pero puede que a mi si me duela.</p> <p>Cositas así, cositas pequeñas se van acumulando y se van volviendo cosas grandes.</p> <hr/> <p>E4.</p> <p>- Mi papá y un señor abusaron de mí. También fue violento con mi hermana, ella fue la primera, y después fui yo.</p> <p>No sé, es que mi papá en esas estaba borracho, y el señor yo tenía tres años.</p> <p>Es algo ilógico, pero vive en la esquina de la casa de mi abuela, todos los días lo veía. Yo no lo recordaba. Una vez tuvimos un problema, no sé por qué con ese señor, y mi tío Enrique se peleó con él y a mi hermana la subió a patadas a la casa; entonces mi mamá, mi abuela, nos comenzó a pegar, pues a reganar, y pues yo le contesté ahí todo feo, y ella comenzó a decir que yo era una desagradecida porque ella fue la que me defendió de ese señor cuando abusó de mí, y pues fue cuando yo... pues cuando supe, porque yo no sabía.</p> <p>Si mi papá y mi mamá hubieran estado juntos. Pero si estuvieran juntos mi mamá sufriría de maltrato por él, porque mi papá le pegaba mucho, a nosotras también nos pegaba mucho.</p> <p>Pero ¿si ha visto que hay mamás que se van, pero siempre se van con sus hijos? Mi mamá no, mi mamá nos dejó tiradas, a mi hermana la vendió y a mí me entregó a bienestar.</p> <p>Ella está en otra (otro centro) pero por los problemas que mi papá le hizo por eso, pues ella tiene cuatro diagnósticos. Cosas psicológicas.</p>
--	--

		<p>Solo como un mes vivimos con mi abuela, pero después no volvió a echar.</p> <p>Yo vivía con mi papá y con mi hermana, pero mi abuela nos echó de la casa y pues nos tocó buscar apto.</p> <p>Estoy aquí porque mi mamá me echo de la casa, y yo me fui a la casa de... Es que mire, no es mi mamá, es mi abuelita, pero yo le digo mamá, me echó de la casa, entonces yo me fui a la casa de mi supuesta mamá, y pues ella no me recibió, me entregó al CAI. Mi abuelita me echó porque yo mantenía mucho en la calle y pues me pedía un favor y yo no se lo hacía y así.</p> <p>-Yo a mi mamá la conozco hace menos de un año.</p> <p>Si pudiera devolver el tiempo sería no haber dicho ninguna mentira y estaría ahorita con mi papá.</p> <p>-Porque yo sé que, a pesar de eso, él no lo hizo porque él quería, sino porque... es que mi papá es vicioso, de todo... Él es alcohólico, fuma cigarrillo y echa de todo, y pues yo digo que fue eso.</p> <p>Fue solo una vez. Pero... yo no culpo a mi papá de eso, pero yo tuve el error de decirle a la profesora. Eso es lo malo de algunas personas que se quedan calladas y cuando hablan ya es tarde, y pues yo me quedé callada y cuando hablé pues ya se fue, y pues yo no veo a mi papá hace 6 años.</p> <p>En ese instante yo le dije a la profesora y ella llamó a infancia y adolescencia, a la policía, y nos llevaron al centro de emergencia de san Gabriel. Y allá nos dijeron que mi papá nos iba a recoger a los tres días, pero jum... quién sabe qué tercer día será.</p> <p>Si le escuché la voz y todo, porque si nos llamó y todo, pero... dijo que se iba a olvidar que tenía hijas. Es como mi mamá, mi mamá se fue cuando yo tenía 4 años, por lo que le dije que vendió a mi hermana y a mi ... Ella tenía año y medio y yo cuatro años.</p> <p>Mi abuelita dice que ella la vendió por una lavadora. Mi mamá la entregó a la señora de la supuesta lavadora, y pues... llamaron a mi abuelita que por qué no llegaba mi mamá a recogerla, entonces ella dijo que ella no sabía. Entonces la señora de la lavadora y eso, le</p>
--	--	---

		<p>dijo que ella se había ido y que la había dejado encerrada, entonces hicieron todo lo posible para sacarla porque ya se estaba ahogando, y pues la sacaron. Ella estaba en un cuarto pero encerrada y se estaba ahogando. Es que... uff... me gustaría matar a mi mamá.</p> <p>-Mira que yo la conocí el año pasado y me da más rabia porque ella dijo que se iba a hacer cargo de nosotras, que, o sea, que ella iba a hacer un poco de cosas para recuperarnos, y al contrario, lo único que ha hecho es hacernos la vida imposible. Me entregó al bienestar.</p> <p>-Ella tiene otros hijos, somos seis. Pero yo solo conozco a una de ella. Ella se hace cargo de ellos, pues porque lleva más con ellos, en cambio como nosotras no llevamos nada con ella, pues le da igual.</p> <hr/> <p>E5. Llegué por maltrato por parte de mi mamá Mi papá expuso el caso y por eso estoy acá. (separados) -Los conflictos en mi casa eran más que nada porque mi mamá a veces llegaba brava, entonces no sabíamos cómo resolverlos de una buena manera. Mi mamá llegaba al acto de pegarme o gritarme y maltratarme. -Peleábamos por cosas bobas. Mi mamá llegaba peleando que porque había desorden o que no se hacía cualquier cosa. O a veces sencillamente ella sacaba problemas de cualquier cosa para pelear. Yo le conté a mi papá lo que pasaba, porque él no sabía nada de lo que pasaba, yo le dije que me sentía aburrida, y él fue y expuso el caso, mi mamá está demandada también. Él puso el caso en la comisaría y me trajeron acá desde un centro zonal.</p>
<p>Yo ejerciendo</p>	<p>(E1) Yo para nada soy violento. Siempre me he caracterizado por ser muy alegre, ser muy positivo para todos los momentos, en todas las ocasiones. Yo siempre evito los conflictos tratando de ser una persona muy positiva, tratando de ser muy tolerante a todas las opiniones sean buenas o sean malas, para no desencadenar ningún tipo de conflicto que pueda llevarse más allá, ni ningún tipo de energías negativas</p>	<p>(E1) No me considero violento Me describiría ... En unas cosas soy muy paciente, ya cuando me sacan el mal genio comienzo a hablar mucho, a tratar mal. Ya cuando alguien me pega, por ejemplo, una niña me pega; yo la grito, la grito mas no alzarle la mano, eso no, solamente así no más.</p> <hr/> <p>(E2) No me considero violenta.</p>

	<p>que yo considero que son malas para uno, para nosotros y para todas las personas. Jamás he ejercido violencia contra alguien.</p> <hr/> <p>(E2) No, por el mero hecho de que me gusta dialogar, buscar los diferentes puntos de vista, para no generar más eso, esa violencia que tanto hemos vivido. Pero siempre es eso, buscar métodos, herramientas, para nunca llegar a un conflicto físico.</p> <p>Sí, por el hecho de ser hombre, ciudadano, he ejercido violencia. Como confrontaciones a voz alta, pero nunca he llegado a la agresión física, y nunca quiero hacerlo, porque no lo veo justificado.</p> <hr/> <p>(E3) Yo más bien me considero una persona calmada y racional antes que todo, no me dejo llevar mucho de mis emociones.</p> <p>De que he ejercido sí. Tú sabes que a veces te dan esos arrebatos de que a veces te da mucha rabia, esa fue la única vez que ejercí violencia.</p> <p>Lancé un golpe contra mi compañero aquí en el colegio. Mi objetivo era como liberarme de tanta rabia que tenía, como desahogarme. Y también para hacer como justicia, podría decir, justicia por cuenta propia.</p> <p>Él ya me estaba molestando mucho y yo no le encontraba razón. La verdad ya no me acuerdo mucho, eso fue en primaria.</p> <hr/> <p>E4.</p> <p>Yo creo que no, porque intento siempre solucionar todo hablando, y ser más tolerante, y no buscarle lo malo a las personas sino rescatar lo bueno. Suena como muy pacífico, pero es lo que intento hacer a pesar de que muchas veces no lo consigo porque no se puede.</p> <p>He sido violenta indirectamente, como decir... o sea, como más psicológica, o bueno, también física, pero es como que algo no me agrada y voy y pego o voy y trato mal; pero no es con la intención de ser violenta.</p>	<p>Cuando voy a hablar con alguien y tengo mal genio, como que me tranquilizo, me calmo y después si hablo con la persona, dialogando. La verdad no me gusta pelar, no se pelear y no me gustaría.</p> <hr/> <p>(E3) Creo que sí, tal vez, verbalmente o egoísta. El egoísmo también es un tipo de violencia.</p> <p>He sido egoísta con mucha gente. Tal vez yo también me he violentado a mí misma porque me he callado cuando no tengo que callarme, pero si hablamos también corremos riesgo.</p> <p>Cosas que por ejemplo a uno le hieren, uno se las calla porque estamos en una institución y sabemos que si hablamos vamos a tener problemas, por eso nos callamos.</p> <p>-Acá, ellos nos inculcan miedo, la ley. La ley me da miedo, porque sobre la ley no pasa nadie y la ley es correcta, la ley es inquebrantable, es... perfecta, no hay nada que pueda pasar por sobre la ley. Ayuda, pero destruye. Por ejemplo, en este país un menos de edad no puede trabajar, no puede hacer muchas cosas. A mí me gustaría trabajar y estudiar.</p> <hr/> <p>(E4) Cuando me peleó con alguien no me controlo. Por ejemplo, cuando peleaba con mi hermana nos dábamos muy duro. No era como cualquier peleíta que se dicen cosas ilógicas, no, con mi hermana era distinto. Y a pesar de eso la quiero mucho, yo sin ella es como una arena desboronada. -Hermana menor. Tiene 11, pero en mentalidad y todo es más madura que yo, por lo que ha vivido.</p> <p>Sí, pero para mí no. Normal. De pronto cuando solo me saquen la rabia, pero de resto no.</p> <hr/> <p>(E5)</p>
--	--	---

	<p>Por eso digo que la violencia es ya como muy normal en toda la sociedad. Pero no es con la intención de hacer sentir mal, sino porque sí, porque sale.</p> <hr/> <p>E5.</p> <p>En términos generales, violento no. De que puedo chocar con el pensamiento de otras personas sí, pero violento no.</p> <p>He ejercido violencia. Con mi hermano, pero pues entre hermanos. Pero violencia que yo pegarle a alguien por un conflicto o algo así, no.</p> <hr/> <p>E6.</p> <p>No, de pronto... Lo que pasa es que yo verbalmente soy como muy agresiva; pero no lo hago con ánimo de ofender, sino gracioso y todo eso. Pero a muchas personas les puede incomodar eso, pero violenta no. -Nunca he ejercido violencia</p>	<p>-Nunca he sido violenta, ni con mi mamá, ni nunca le alcé la voz, ni tampoco nunca intenté pegarle. Con nadie.</p>
<p>Lugares/Personas Vulnerabilidad</p>	<p>(E1) En la calle, en las marchas por las protestas. De pronto personas hacen comentarios fuera de lugar que uno, depende de la manera como lo tome puede desencadenar conflictos bélicos, conflictos de violencia.</p> <p>(E1) Personas de la fuerza pública. Con las personas que hacen parte de grupos armados. Son esos dos los grupos con los que me siento vulnerable de alguna manera.</p> <hr/> <p>(E2) El mero hecho de vivir en Bogotá. Uno puede sentirse víctima o victimario de la violencia en nuestras acciones cotidianas, como puede ser en el transporte público, no sé, el diario vivir y que una persona se acerque. Pero eso viene influido porque somos inseguros, por nuestro pasado.</p>	<p>E1</p> <p>-En la calle, en un parque, casa de desconocido Una amenaza, la muerte, hacer daño en la casa, violarlo.</p> <hr/> <p>E2</p> <p>- Si voy acompañada no, pero si estoy sola sí. Digamos si de aquí no me sacan, de aquí nunca me voy. Porque primero, no conozco Bogotá, y me da mucho miedo porque hay muchos peligros. Me sentiría muy insegura de salir. Y cuando me saquen, yo saldría con alguien acompañado porque me daría mucho miedo, porque me sentiría muy insegura. Porque hay mucho</p>

	<p>Pero me siento más propenso a ser vulnerado en las periferias, o en las zonas donde se presente el consumo de sustancias psicoactivas.</p> <hr/> <p>(E4) En todos se vive una diversidad de aspectos. Tanto en el hogar, porque cada uno tiene un pensamiento, como en el colegio porque cada uno tiene una cultura, su ética, su moral, entonces creo que no. En todos los aspectos se vive.</p> <hr/> <p>(E5) El colegio. No por el hecho de que me vayan a hacer bullying o algo así, sino porque es un lugar donde chocan muchos pensamientos. Entonces puede haber muchos conflictos de diferentes maneras. No he sido víctima, pero si he visto como hacen mucha violencia, por decirlo así. Molestando a alguien, no sé, que se pelean dos, que se tratan mal, cosas así.</p> <hr/> <p>(E6) Donde ves como habitantes de la calle, o donde... Uno no tiene que juzgar por la vestimenta ni nada, pero digamos uno si se siente como limitado, o como nervioso al ver personas mal vestidas o que tienen un aspecto no... Y ahí es donde yo digo: uyyy que miedo</p>	<p>robo, las personas ... A veces los hombres cogen a las niñas para prostituirlas...</p> <p>--Me gustaría volver a Medellín, me encantaría. Cuando salga, voy a Medellín porque le dije a mi tía que me llevara a Medellín. Pienso que Bogotá tiene muchas cosas que realmente nadie las ve. Las ven, pero se quedan callados por el simple hecho de que les hagan algo. Bogotá no tiene... o sea, a ustedes les da miedo ser libres porque realmente cuando les pasa algo se quedan callados. En cambio, en Medellín si pasa algo usted lo va a decir, o hay justicia realmente. Y aquí ... Yo me llevo algo de Bogotá porque las personas aquí son muy groseras, tienen muchas mañas, como por ejemplo robar... Digamos, pelearse en algún sentido. Tienen cosas que uno dice...es algo feo. Por eso me quiero ir de Bogotá. Bogotá trae mala suerte porque me entraron aquí.</p> <hr/> <p>E3. En mi país, y aquí también. Este no es un buen país para vivir. Tiene muchos problemas, y problemas que nunca se resuelven y que quizá no se vayan a resolver en mucho tiempo. Yo acá veo características de acá que antes veía allá. Y esos problemas los pueden llevar a un colapso y que terminen igual o peor que nosotros. Yo no me quiero quedar en este país. A Venezuela tampoco volvería, pero tampoco me quiero quedar acá.</p>
<p>Conflictos</p>	<p>(E1) Tergo conflictos personales con personas que piensan diferente a mí; conflictos a veces con los profesores que de pronto puede haber una mala interpretación de los términos, cosas así.</p> <hr/> <p>(E2) La ignorancia. Y que yo intento decir: No coman entero, busque, lea esto. Entonces el conflicto que más veo en mi cotidianidad es la ignorancia.</p>	<p>Pobreza, violencia sexual</p> <p>Con la mamá, con la profesora ... En la familia la convivencia y la comunicación. Digamos su mamá le dice que no salga, y usted mete la pata y se sale. Ahí no hay comunicación, hay como un choque. Y al otro día las mentiras. Comunicación es que tu te sientes con la persona y le preguntas por qué hiciste eso, yo te dije que no lo hicieras... O que digamos estés</p>

	<p>(E3) Yo no diría tanto conflictos sino desacuerdos. Por ejemplo, que estas en clase y tú tienes una idea y el otro compañero tiene otra idea. Pero eso yo no lo considero como un conflicto muy ... De resto no he considerado más conflictos así.</p> <hr/> <p>(E4) Psicológico, verbal. Muchas veces porque no estamos de acuerdo con las opiniones de otra persona. Entonces muchas veces tiendes a violentarla para que utilice tu misma idea, o se guie de tu misma idea para crecer, o para decir algo.</p> <hr/> <p>(E5) Con mi hermano por bobadas, por cosas simples y como ¡Quítese! Pero entre hermanos normal y todo bien. Acá en el colegio, por ejemplo, yo conflicto de ideas sí, pero cosas a mayores no. En mi casa alguna vez con mi mamá porque no hago oficio o cosas así pero ya, nada más. -Yo le digo: Ya voy mami, y ya.</p> <hr/> <p>(E6) Robo, apuñaladas, el maltrato físico. Creo que esos son los más cotidianos. De robos y eso sí -he sido víctima-, a un familiar saliendo del 24 de diciembre le robaron el celular, y bueno, todo lo que tenía, apuñalándolo, le dañaron la mano. Es muy difícil resolverlos, pero puedes intentar primar tu seguridad ante los demás, y puedes como... Muchos de los que hacen estos actos son como por falta de una compañía, o por simple necesidad.</p>	<p>peleando con tu mamá y te diga que eres “yo no sé que cuantas”, “no hace nada en la casa”, y pues yo le respondo. Entonces ahí no hay comunicación. Y eso tampoco es convivencia, entonces eso es un conflicto porque nunca van a solucionar nada. Si hubiera una solución yo como hija no me saldría a la calle cuando mi mamá me dice que no salga, y si me dice que no salga es por algo. Por los peligros de la noche.</p> <p>--Entre nosotras La tolerancia, hasta por una silla, por un tapete, por el horario de televisión. //Recursos escasos//</p> <p>Nos tratamos mal, con groserías, ofendiéndonos.</p> <p>Tapetes para sentarnos. Cuando alguna se queda sin tapetes comenzamos a pelearnos. Es que ya hay como un monopolio, un mando de todas. Entonces ya es como si las cosas fueran de una, lo manejamos como si fuera una cárcel y no debería ser así. Entonces peleamos. Yo digo que debemos pensar en las demás y un día me respondieron: Ah, pero ellas tampoco piensan en nosotras. Pero uno no paga con la misma moneda. Deberíamos ser mas compañeritas, mas empáticas con las demás. -Intentamos ser así, antes éramos peores.</p> <p>El problema es que el grupo de abajo se queda en el problema y no sale del problema. Así le demos solución a algo, como que ya nos cargamos y nos llenamos de rencores con la otra persona y nos quedamos así, botándole como la mala a tal persona</p> <p>A veces bailamos, a veces nos sacan al parque, hacemos ejercicio, hacemos compartir. Juntan los grupos depende el comportamiento. Los miércoles, para la salida al parque.</p> <p>Pero no todas salimos, y no nos gustan esos comentarios, nos sentimos mal. Resérvense los comentarios porque nosotras no salimos como ustedes salen. Eso da malgenio.</p>
--	---	---

	<p>Entonces yo digo que las personas no son malas, las personas solo intentan satisfacerse a sí mismas. Y yo digo que para resolver ese problema sería como hablar con ellos y ayudarles en cualquier aspecto que necesiten.</p>	<p>-Disputa entre grupos arriba-abajo. Nos causa malestar. Las mismas del grupo A dicen que son mejor cuando no es así. Cuando están arriba levitan, no todas. Pero cuando las bajan lloran.</p> <p>-Para subir el equipo psicosocial las sube. Las suben por estrategia y comportamiento.</p> <hr/> <p>E1. Hubo un tiempo en que hubo un conflicto con mi padrastro y mi mamá, que le pegaba; que mi padrastro le pego un día a mi mamá. Y entonces eso me dio mucha rabia, que yo fui a defender a mi mamá y no pude porque mi padrastro también me pegó a mí. Entonces no pude hacer nada ahí. Se presentó varias veces. Ahora que mi mamá está con mi padrastro (otro hombre). Como le diría yo ... Él es muy bueno con nosotros, él nos da consejos y todo; y sobre el machismo, a él no le gusta eso. Antes él me da consejos de que nunca le vaya a pegar a una mujer, que tal cosa. Mi padrastro me dice que no hay que tratar mal a la mujer, que, si yo llego a tratar mal a una mujer, es como si estuviera tratando mal a mi mamá.</p> <p>-Lo resolvió separándose. No lo hacía por miedo. -Yo le decía: mami por qué no lo deja, nos vamos a otra parte. No quiero que le siga pegando. Y bueno, paso el tiempo y mi mamá, bueno, ya se encontró con mi padrastro, entonces se fueron hablando, fueron amigos; entre los dos se contaban muchas cosas. Y entonces llegó un tiempo donde mi mamá fue hablando, que dejaran las cosas así, y bueno, el señor ya dejó ir a mi mamá, fuimos a la casa de mi otro padrastro y ahí llegamos, y todo reconciliado.</p> <p>Mi hermana entro por comportamiento y yo entré por evasión de casa. Yo me fui de la casa porque estaba aburrido de tantos gritos de mi mamá y todo, por peleas con mi mamá. Y entonces me fui de la casa, entonces el centro de infancia me encontró y yo dije que tenía 16 y entonces me trajeron para acá. Por el centro de emergencia es que pasé a acá. Fue infancia y adolescencia que me recogió y me llevó a un centro zonal, pues a un centro de emergencia.</p>
--	--	--

	<p>Yo me fui a la casa de un amigo, y salí y ahí fue donde me cogieron. Llamaron para que fueran a la casa de mi amigo.</p> <p>Yo por ejemplo la semana pasada me agarré con un pelado y entonces duramos una semana sin hablarnos, o sea, al empiezo de la semana nos agarramos, y a la mitad de la semana, otra vez nos agarramos. Y ya después, desde ayer, comenzamos a hablarnos. Nos agarramos por un chisme, que él supuestamente le estaba conversando a mi novia. Y pues yo no soy celoso, otra cosa es que me raye, pero de celos no. Entonces yo dejé así. Pero después diciendo que le gusta mucho mi novia, entonces a mí me da rabia, y pues ahí comenzamos a pelearnos; entonces ayer él me dijo que qué piensa de eso. Y yo le dije, bueno, a usted le gusta ella, pero acuérdesese que yo soy el que le gusta a ella, entonces él dijo: Sí, eso yo lo sé y tal cosa ... Entonces voy a buscar entonces a alguien para no meterme con lo suyo. Y ya, entonces ahí comenzamos a ser amigos, nos disculpamos y ya ...</p> <hr/> <p>E2.</p> <p>-Mal comportamiento. Porque me comportaba mal, no acataba normas, era muy grosera, era desobediente, le contestaba a las figuras de autoridad.</p> <p>Y digamos que no sabía ni siquiera qué era una regla, no sabía fijar reglas.</p> <p>-Vivía con mi tía, mi hermano y mi primo</p> <p>Mi tía ya estaba cansada de mi comportamiento, que por qué me comportaba así con ella. Y pues yo vivía mucho mi hermano. La mejor convivencia que había ahí era mi hermano y yo, éramos muy bien.</p> <p>Pero después que me separaron de mi hermano porque mi tía supuestamente, no supuestamente, mi tía ... le apareció un trabajo acá en Bogotá; y digamos que mi tía hizo una estrategia para alejarme de mi hermano, para ver si yo me comportaba bien, y no. Empeoró, empeoró y me volví a poner más grosera. Lo que decía mi tía que era más raro es que yo en el colegio era juiciosa, pero en la casa era muy grosera. Y pues dure como un mes afuera, y mi tía me decía que ya estaba cansada, que me iba a entregar; pero ella no</p>
--	---

		<p>me decía que me iba a entregar a bienestar. O sea, yo no sabía que era un bienestar.</p> <p>Ella decía que me iba a entregar a un internado de monjas Es que cuando le apareció el trabajo, yo me empecé a comportar peor de lo que estaba, por lo que me habían separado de mi hermano, me comporté mucho peor, y mi tía me dijo que ya estaba cansada y que yo tenía que comportarme sí o sí. Y pues no sabía cómo, y me dijo que me iba a entregar a un internado, pero no sabía que era de bienestar. O sea, para mi bienestar era una cosa muy fea, porque yo me choqué, no sabía qué era esto. Esta es mi primera vez y me duele mucho porque es muy feo, y pues yo pensé que era para un internado de monjas, y pues ya sabía cómo era, me habían contado, pero no había ido, y pues yo decía: Si me dicen algo lo voy a hacer y ya. Y pensé que era un internado de monjas y llegué a acá y pues bueno ... Solo niñas y yo, aquí no hay monjas.</p> <p>-Esto es muy feo porque la convivencia con mujeres es muy fea, es muy pésima. Aunque es chévere porque a uno le ayuda a cambiar muchísimas cosas, demasiadas cosas. Como que de tanto chocarse, uno uff no espere, ya me estoy chocando mucho, tengo que cambiar. Y pues he cambiado demasiado, muchísimo. Me dio duro cuando llegué a acá.</p> <p>Afuera por mi comportamiento Aquí adentro la convivencia, la tolerancia, uhm... Por ejemplo, usted me cae mal, y a usted le hacen hasta lo imposible para que... se puede armar el boroló. Y la convivencia, porque realmente no sabemos convivir, o sea, la convivencia es muy pésima. Si a mi me miraron tu vas a decir, oyee por qué me estás mirando ... La convivencia es muy pésima. -Si a mi se me quedan mirando yo digo: ¿Qué mira? Y ya, pero yo evito.</p> <hr/> <p>E3.</p> <p>-Yo me vine de Venezuela y llegué acá a Bogotá, y estaba en la terminal de autobuses sola y ya era de noche. Y la policía me</p>
--	--	---

	<p>preguntó qué edad tenía y con quién andaba, y me llevaron a un centro de emergencia porque vieron que no tenía dónde quedarme y estaba sola y eso, y era peligroso y eso.</p> <p>-Vine sola.</p> <p>La verdad no me quiero quedar en Colombia, la verdad yo me quiero ir a otro país, pero es difícil porque lo haría ilegalmente, es peligroso, pero lo voy a hacer.</p> <p>Aquí en Colombia hay una ciudad donde hay una ruta y la gente toma esa ruta para llegar a EU por mar.</p> <p>Yo no sé, yo me enteré porque uno se pone a pensar en lo que uno puede hacer para hacer lo que quiere hacer, se pone a pensar en el plan que tiene que armar y vas apareciendo las cositas que uno tiene que hacer poco a poco. Investiga.</p> <p>-Yo salí de Venezuela por todo, por los conflictos sociales, políticos, económicos. Porque yo sabía que nunca iba a tener la vida que yo quiero estando en Venezuela; y tampoco la voy a tener si me quedo en Colombia.</p> <p>-Me gustaría tener una vida agradable, una vida donde yo pueda estar tranquila, donde no tenga que lidiar con violencia, que no tenga que salir a la calle y ver cómo la gente se agrede, se vulneran sus derechos, es racista, es intolerante. Pero está en todo el mundo, pero hay una parte del mundo donde no es así. Una vida donde lo que yo gane, me alcance para vivir bien, para darme los gustos que yo quiero.</p> <hr/> <p>E4.</p> <p>Acá hay mucho problema. Acá es muy bueno porque no todo el mundo tiene un techo, una comida todos los días, pero es que la comunicación aquí es muy mala.</p> <p>Digamos, a mí no me importa cuánto tiempo me dejen encerrada, pero sin mi hermana yo no puedo. Y es lo único que me da la fuerza de levantarme todos los días y mire.</p> <p>Dijeron que de pronto la vería en 7 meses, pero es que eso es mucho, pues para mí.</p> <hr/> <p>E5.</p>
--	---

		<p>Acá, lo que ellas hablaban, de digamos si alguien me miró mal, yo digo vea me miró mal, entonces voy a hacer pelea; porque pues muchas son así acá. Pero pues digamos yo sé que me mira mal, pero pues no le pongo como mucha atención.</p> <p>Y acá que las palabras, que ella me dijo que tenía que hablarle bien, si no, no le hablara. O sea, si hay unas que como que buscan... llegan por unas cosas que ... llegan ya a buscar como conflicto; entonces chocan demasiado con eso.</p> <p>Afuera pues con lo de mi mamá.</p>
<p>Evitar y resolver conflictos</p>	<p>E1.</p> <p>Yo los soluciono hablando, o en lo posible, tratando de hablar lo mínimo para no desencadenar otros problemas.</p> <p>Yo creo que todo tiene una forma de seguir, y la mayoría de cosas se pueden resolver mediante el dialogo. O sea, se empieza por el dialogo y después se toman acciones para la resolución de estos conflictos. Por ejemplo, en vez de pegarse, pueden hablar y resolver sus diferencias hablando y tomar acciones dependiendo a qué es lo mejor que puede resolver ese conflicto.</p> <hr/> <p>E2.</p> <p>En ese contexto se hubiera podido educar de otra manera y plantear una cultura de trabajo honrado; que de hecho se hizo, se hizo por parte de mi padre. Entonces eso fue un cambio positivo, porque se implantó la cultura de hacer las cosas de manera correcta.</p> <p>Al irme criando con esta concepción de que la violencia no se puede gestar de ninguna manera, o sea, no es ni factible ni plausible, toca es hablar y por medio del dialogo. Pero sí, hay que hablar, y la transformación que se ha hecho es de manera positiva</p>	<p>2do. Grupo. Grupo de arriba Es como un privilegio, salimos, hay mas actividades, hacemos mas cosas Hay más convivencia. Si hay un problema se soluciona de una vez y se le da solución al problema. Se resuelve haciendo un círculo y pensando, con una figura de autoridad. Todos opinan hasta que se llega a un acuerdo, o solo se habla y se soluciona individual.</p> <p>-Cuando tenemos un problema acudimos a la figura de autoridad, él siempre se da cuenta. Y la cita al círculo y todos opinamos. O a veces nos sientan en la mesa con la persona que tenemos un inconveniente y hablamos solo entre los tres para no recurrir al círculo.</p> <p>-Yo creo que es chévere porque así se solucionan las cosas</p> <p>Lo mismo funcionaria abajo si todas tuvieran la misma comunicación y forma de expresarse</p> <p>Si los adultos también dieran ejemplo. Entre ellos no se ayudan, solo una persona hace el trabajo y la otra como que no y tal. Es evidente, uno se da cuenta.</p> <p>En el grupo de arriba no hay niñas pequeñas, todas son grandes Hay niñas que colaboran y aportan y otras que no</p> <p>Nuestra relación con los trabajadores es chévere.</p>

	<p>Prepararme a mí mismo, buscar diferentes puntos de vista, para ver qué tan subjetivo puede ser un tema y no atacarlo de manera tan populista de está bien o está mal. Porque eso es lo que se infiere de estos temas sociológicos, no existe bien y mal.</p> <p>En las ciencias duras existe el 1 y el 0, pero aquí no existe, entonces es muy ambiguo eso; entonces me gusta darles herramientas como ok, investiguen, por qué, quién ha estudiado que eso pasa, o por qué es así, darles herramientas para que puedan discernir.</p> <p>Busco ayuda de terceros. Si hay un conflicto entre varias personas, llego y: Bueno muchachos ¿qué pasa?, ¡Hermano cálmese!, pero si veo que la situación ya es muy grande, busco terceros.</p> <p>-Situación muy grande. Personas con agresiones físicas o que es muy latente llegar a esa situación. Ahí si ya llamaría a terceros pues porque en número me ganarían, y sería contradictorio.</p> <p>-Terceros. Gente que esté por ahí. Si estoy en la calle llamaría a gente de por ahí o llamaría a autoridades directamente responsables del hecho.</p> <p>Forma ideal De una manera casi utópica, sería el dialogo. El dialogo para mí porque tú puedes expresar tu punto de vista, decir que no estás conforme con algo; pero no se trasciende esa barrera. Yo te puedo hacer cambiar de opinión con mis argumentos, pero si tú ya no quieres cambiar de opinión pues ya toca con otras maneras. Y si yo puedo cambiarlo, pues bien, pero eso ya depende de cómo tu seas, tu trasfondo, tu situación, todo. Yo creo que el dialogo que sea en forma ya perfecta y de manera ecuánime, es una herramienta brutal.</p> <hr/> <p>(E3) Si vemos la violencia, casi toda tiene una causa y un efecto, obviamente, y para resolver esa violencia tenemos que ver la causa, si es una causa política, si es una causa social, un conflicto de</p>	<p>Las peleas son bobas, pero siempre nos quedamos en el problema.</p> <hr/> <p>E1. Yo a veces me peleo, me agarro y todo. Pero ya después empezamos a hablar qué por qué fue todo... Qué fue un chisme, entonces que cuál chisme, que quién le contó eso y tal cosa. Entonces siempre buscamos a la persona así. Yo resuelvo los problemas solo. Acá los niños si nos resolvemos los problemas solos. Las niñas se agarran, la retoman y al otro día ya se están hablando, como si no hubiera pasado nada.</p> <hr/> <p>E2. Busco ayuda. Pero si puedo sola, lo hago sola. Si digamos yo me estoy peleando con mi primo porque me cogió algo sin permiso, pero... eso lo puedo controlar. Pero digamos, si está mi tía, mi primo y yo, y mi primo dice... digamos me pega ... Yo le digo, tía, mi primo me está pegando, haga esto o esto para que hable con él.</p> <hr/> <p>E3. Con empatía. Intento resolverlo sola, pero a veces se salen de las manos y hay que buscar ayuda de alguien más.</p> <hr/> <p>E4. Yo casi no tengo problemas, pero de tres veces que las he contado, yo no puedo resolverlo hablando. La primera vez fue porque me estaban robando y pues yo me di cuenta, y yo intenté hablarle y ella se negó, ella me calló la cara, y pues no, tampoco le voy a poner el otro cachete, entonces se solucionó así, a golpes. El otro fue pues por mi hermana, porque otra niña la empujó al césped, y yo le dije que no la empujara, que fuera a empujar la abuela y pues también se lanzó y mi hermana y yo le empezamos a dar reduro.</p>
--	---	---

	<p>intereses... Y ahí nos damos cuenta cuáles son los pasos que tenemos que hacer.</p> <p>Siempre hay que buscar otra alternativa, porque en realidad nosotros ya no somos la misma especie de hace dos mil años que buscábamos la comida mediante la violencia y en más fuerte es el que gana, sino que lo debemos hacer de una forma racional y esa es la mejor manera de cambiar el mundo.</p> <p>Yo creo que todo uso de violencia se puede evitar. Primero pensando, utilizando la razón y no dejarse llevar por las emociones; porque uno se deja llevar por el instinto de que tengo que hacer esto y siento que es lo correcto, cuando no es así, y luego te das cuenta que no era eso.</p> <p>Yo</p> <p>Siempre por negociación. Como entender lo que la otra persona quiere hacer y yo mis prioridades, lo que yo estoy buscando.</p> <p>Depende de qué conflicto es, si es como un conflicto que yo creo que estoy en la capacidad de resolverlo, pues no busco a nadie. Pero si ya es un conflicto mayor, digamos como que una persona está agrediendo a otra persona y yo no puedo interactuar ahí, tengo que llamar a otra persona a más.</p> <p>Negociación, la persuasión, la capacidad de hacerme cambiar la perspectiva y la idea que tiene la otra persona de una forma de que ella no se sienta menos, de que no se sienta inferior frente a mi o así.</p> <hr/> <p>E4.</p> <p>No sé, yo creo que, hablando mejor con esa persona, en vez de recurrir de una vez al golpe o a la mala palabra, o algo así. Porque debes como ver lo positivo de todo lo que te dicen y tener como más el concepto de que yo lo puedo violentar y para qué lo voy a hacer si no gano nada con eso. Y bueno, es un pensamiento egoísta porque estás pensando en ti y qué beneficio tengo de tal cosa, pero igual beneficias a la otra persona porque no la violentas.</p>	<p>El otro fue acá, pero no. Ahí sí se pudo hablar, pero no... Una niña... Es que no... Es que fue una ridiculez lo que yo dije. Es que algunas veces no creo o si creo en Dios, y dije... y pues todas estaban orando y me dicen: ayy Britney por qué se pone a decir eso. -Y yo: ayy no, pues mátenme ahora. Y pues Carol, una niña, me dijo: Se pone a decir unas estupideces, y por eso es que estará acá. Y yo me paré y le dije: Usted por qué habla si no sabe yo por qué estoy acá, y pues se iba a lanzar y yo le dije: Deje de ser tonta niña, métase con alguien de su tamaño y ya, no pasó nada. Y la sigo llevando en la mala y ya. Prefiero aislarme y ya.</p> <hr/> <p>E5. Hablando, diciendo mira: pasa esto, no me gusta esto, así. Cuando el problema ya es muy grande busco de otro, de lo contrario no. O sea, lo que esté a mi alcance.</p>
--	---	--

	<p>Yo no intento resolver los conflictos que se presentan porque digamos pueden violentar a alguien en la calle, pero en ese sentido tu eres más egoísta. O sea, yo intento hablar, decir como no lo hagas, pero no intento meterme mucho porque muchas veces las personas cuando son violentadas no buscan esa ayuda o reaccionan mal cuando la obtienen; e igualmente es egoísta porque pueden salir agredido tú, y pues nadie quiere eso.</p> <p>Entonces supongo que las personas no intentan hacer nada por lo que les pueda pasar a ellas y porque los otros no quieren.</p> <p>Cuando son mis problemas yo intento pensar en los pros y en los contras; como en las consecuencias y en las causas, o lo que puede llegar a pasar si yo actúo bien o mal según la justicia que yo pueda encontrar en ese problema.</p> <p>-No, bueno depende. Porque hay muchos problemas que no puedo controlar. Ahí sí busco ayuda porque sé que hay personas con más experiencia o que sí pueden hacer algo por mi para ayudarme. O algunas veces no es tanto como físicamente sino como de consejo y eso.</p> <hr/> <p>E5.</p> <p>Primero, las personas que paran el tráfico ahí no deberían estar ahí. Pues es algo innecesario y que genera más embotellamiento.</p> <p>Segundo, con dialogo. El man del uber se bajó de una a pegar, entonces tenía que decir como ¡Oiga! Tenga cuidado, o algo así.</p> <p>-Manejarlos hablando, si tienen una idea diferente pues hablo. Si quedamos de diferencias pues listo, pero no lo intento llevar a mayores. Si piensa diferente que yo pues listo, todos pueden pensar diferente.</p> <p>Resolver hablando</p>	
--	--	--

	<p>Depende del conflicto, pero la mayoría de veces solo. Yo tuve un problema aquí con la profesora de informática, que se perdió mi cuaderno. Y ahí yo intenté hablar con la profesora, pero no llegamos a nada, entonces me tocó ir con el director de curso, y el conducto regular que le enseñan acá. Pero nada así mayor, de que le voy a decir a mis papás y así, no. Ahí como el conducto regular.</p> <p>-Dialogo mucho, no intento buscar golpes. Siempre es hablando, si me buscan golpes yo digo: No, yo no voy a pelear</p> <p>Con dialogo y que lleve a una resolución justa. Que sea desde un punto de vista objetivo, que no sea para beneficiar a una de las partes del conflicto.</p> <hr/> <p>E6.</p> <p>Yo intento ser como callada. Cuando a mí me molesta algo, puede que me dé mucha impotencia, pero yo no exploto con las personas que debo, e intento como guardármelo y yo misma resolverlos sin meter a nadie. Intento ser como muy independiente en ese tema</p> <p>--De mis características. El ser independiente y no resolverlos de una manera que no debería.</p> <p>---Forma ideal Ser pasivo totalmente. Porque al ser pasivo... O sea, uno tiene que madurar y mirarse dentro de sí mismo, uno no puede explotar y dar golpes y eso; primero porque te daña a ti mismo; segundo, no tiene lógica ir hasta ese punto. Para resolver un problema uno tiene que ser pasivo, ni en el momento ser como ven y hablamos, porque uno está alterado. Resolverlo en sí mismo, ver, analizar el problema, y ahí sí, cuando tu veas la solución correcta, ir hacia la persona con quien tengas el conflicto y eso, y presentar tu opinión</p>	
--	--	--

<p>Cambio a partir de la experiencia</p> <p>Cátedras</p>	<p>(E1)</p> <p>He aprendido la historia del país. He aprendido como la violencia puede tornar un problema pequeño, o bueno, un problema de magnitud pequeña, transformarlo en un problema gigantesco que puede terminar en un conflicto de más de 50 años de existencia. He aprendido que, en muchas zonas del país, de nuestro mismo país en el que estamos habitando, hay muchas personas que la sufren muy mal debido al desplazamiento, debido a la toma forzada de pueblos. Y también como llegar a las pautas para poder llegar a una cultura de paz para poder resolver todos los conflictos que tengamos en nuestra sociedad y mejorar cada día.</p> <hr/> <p>(E2)</p> <p>Yo he aprendido cómo lidiar ante un problema, qué hay que hacer, cuáles son los terceros a los que hay que acudir, como implantar esa conciencia ciudadana que debemos tener, y cómo identificar los aspectos críticos para abordarlos de una manera pacífica y cordial.</p> <hr/> <p>(E3)</p> <p>Te digo la verdad, en el colegio nos dan cosas muy técnicas, como tipo valores, que tenemos que respetarnos... Pero realmente en la práctica no se ejerce, haz de cuenta que se queda ahí en el aula de clase, y no se hace una pedagogía con todos los estudiantes, sino que se vuelve como un programa, y si el programa se cumple se supone que ya todo el mundo aprendió, pero en realidad no aprendió nada. El colegio tiene un gran potencial, pero se está desaprovechando, no cambia como el mundo cambia, no va acorde.</p> <hr/> <p>(E4)</p>	<p>El comportamiento. Soy mas respetuosa, era muy grosera y todo eso, y he cambiado un poquito, no todo. Y soy honesta, ahora si digo la verdad. –Ella tiene familia -Es que como dicen, uno mismo se hace el ambiente -La manera de ... como que si te dicen algo tu no vas a responder con 3 piedras sino vas a hablar de buena manera, sin necesidad de ser grosero o altanero. -Yo digo de mi... porque yo salí de bienestar y volví, pero fue por mi misma. Porque entre bien y salí peor, porque aprendí muchas manas y todo eso. Ojalá no vuelva a entrar a bienestar -Es que también depende de nosotros. Si nosotros sabemos que está mal por qué lo hacemos. Si sabemos que vamos a hacer algo, sabemos la consecuencia que van a traer esos actos. -Es que muchas veces por ser humano, no piensa antes de actuar, sino actúa y después piensa. -No, pero usted ya sabe que tenia una experiencia antes y no le gusto, va a hacer algo para mejorarlo. -Pero si ya estuvo en encierro -Es que hay momentos en los que uno se carga de todo lo que estaba pasando y uno explota, no piensa lo que hace, y de pronto se entrega, o bueno, cuando llegué acá otra vez. -Manejar los impulsos. -Conocer a los que viven con uno. Muchas veces no lo conocen y lo tratan de lo peor.</p> <p>E1. Mis planes son salir, estudiar, terminar mis estudios. Ya no ser el mismo de antes, ya voy a ser más receptivo, hacerle caso a mi mamá y a mi padraastro.</p> <p>E2. Después de salir, terminar el estudio, entrar al Sena y hacer un técnico de enfermería o de belleza. Me gustaría estudiar enfermería, u hotelería y turismo, ingeniería civil. Me gustaría enfermera, profesora, tengo muchas carreras ...</p> <p>E3. Estudiar para tener la vida que uno quiere tener, es la forma en la que tenemos para defendernos de los problemas futuros, de personas que nos quieran vulnerar y eso. Por ejemplo, es bueno estudiar derecho porque la ley es muy buena y se saben muchas cosas, también la política es muy buena.</p>
--	--	---

	<p>He aprendido a dialogar más, a respetar más las diferencias. Porque esas clases te ayudan como a ver todo en general, y viendo todo en general, tienes como más conocimiento de lo que las otras personas piensan. Igual en las clases también se hacen foros y se hacen debates, entonces ahí puedes opinar y conocer otras opiniones, y así se crece el conocimiento en sí, y puedes cambiar tu opinión.</p> <hr/> <p>(E5) He aprendido sobre los tipos de conflictos, de cómo se resuelven los conflictos; de los conflictos históricos que ha tenido Colombia y el mundo, como la segunda guerra mundial, todo eso. He aprendido sobre el código de policía, sobre todo eso.</p> <hr/> <p>(E6) Para conocer principalmente lo que ha pasado en el país. Nos enseñan como el derecho, las cooperativas, la convivencia, la sociedad en sí, lo que se ha presentado en la sociedad. Lo que nos enseñan hace que... Simplemente te lo presentan, te presentan cada tema por decirlo así, tú miras qué coges para ti y qué aprendes de cada tema.</p>	<p>E4. A mí me gustaría salir de acá, no más el otro domingo tengo 15 años y no quiero estar acá.</p> <p>Por parte me gustaría buscar a mi papá, pero por parte no. Sí él no nos busca, ¿por qué nosotras lo vamos a buscar?</p> <p>-Cuando salga... Primero terminar el estudio, y pues ayudar a mi abuelita, si aún estoy con ella. Me gustaría estar con ella, pero ella ya es de tercera edad, entonces de pronto no nos dejan ni estar con ella.</p> <p>-Me gusta mucho la arqueología. A todos los países me gustaría ir</p> <p>No sé, lo único que quiero, así me dejen encerrada por dos años, es estar con mi hermana. Y eso se lo he repetido a la psicóloga y es como si yo le hablara a la pared.</p> <p>Es que yo cuando llegué, me dijeron que yo tenía el derecho de llamar a un familiar. Y yo les dije que yo tenía a mi abuelita y a mi hermana, pero que a la que quería llamar era a mi hermana, pero ni siquiera me dieron la llamada.</p> <p>Ella está en psiquiatría. Es como un hospital, pero es interna.</p> <p>-Me gustaría aprender muchos idiomas y viajar.</p> <p>E5. Al principio me dio como duro porque nunca había estado lejos de mi mamá, ni de mi papá, ni de nadie de mi familia. Lo alejan a uno de todo, y al principio me dio duro como eso. Digamos por mi mamá si me dio duro pues, aunque me pegara y todo eso, pero pues todo sea por un buen cambio.</p> <p>Con mi mamá la relación ya ha mejorado, estamos asistiendo a terapias y pues bien, del tiempo que llevo, pues bien.</p>
--	--	---